

O NOVO FENÓMENO DO THRILLER PSICOLÓGICO

# MARK EDWARDS

Mark Edwards leva os leitores num excitante passeio de *suspense*. LISA UNGER

Para  
leitores de  
**ROBERT  
BRYNDZA**

O PASSADO ENCONTRA SEMPRE  
UMA FORMA DE TE ASSOMBRAR...

# NA TUA SOMBRA



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

O NOVO FENÓMENO DO THRILLER PSICOLÓGICO

# MARK EDWARDS

Mark Edwards leva os leitores num excitante passeio de *suspense*. LISA UNGER

Para  
leitores de  
**ROBERT  
BRYNDZA**

O PASSADO ENCONTRA SEMPRE  
UMA FORMA DE TE ASSOMBRAR...

# NA TUA SOMBRA



# FICHA TÉCNICA



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**

livros para fugir da rotina

Título: *Na Tua Sombra*

Autoria: *Mark Edwards*

Editora: *Célia Almeida Nogueira*

*Esta edição © 2023 Edições Saída de Emergência*

*Título original Follow You Home © 2015 Mark Edwards. Edição publicada por acordo com Amazon Publishing, [www.apub.com](http://www.apub.com), em colaboração com Sandra Bruna Agência Literária.*

Tradução: *Fernanda Semedo*

Revisão: *Idalina Morgado*

Design da capa: *Ana Nascimento Botta*

Data de Edição E-Book: *março, 2024*

isbn: 978-989-773-552-3

Edições Saída de Emergência

*Apartado 35*

*Loja CTT S.P. Estoril*

*2766-501 S. Pedro do Estoril*

Acompanhe as nossas novidades em

[www.sde.pt](http://www.sde.pt)

[facebook](#)

[instagram](#)

e [twitter](#)



## DEDICATÓRIA



*Em memória de Philip Davies, 1971–1990*

## NOTA DO AUTOR



Partes deste romance passam-se na Roménia. Tomei algumas liberdades com a geografia desse país, incluindo o percurso do comboio da noite de Budapeste para Sighisoara. A cidade de Breva é ficcional, assim como a Ponte de Thornberry em Londres.

## **PARTE UM**



**HUNGRIA-ROMÉIA**

**Agosto de 2013**

## CAPÍTULO 1



O comboio da noite para Sighisoara, com horário de partida de

Budapeste às onze horas, atrasara-se. A estação estava silenciosa e inóspita, bares e lojas já fechados, figuras escondidas nas sombras, depois da esquina do edifício. Sentámo-nos no chão duro, cansados após um dia a perambular pela cidade sob o calor estival com as nossas mochilas. Um bando de adolescentes ali perto gritava, armava-se e importunava os transeuntes, cravando cigarros. Um homem de meia-idade abordou-nos, perguntando se precisávamos de uma refeição quente e de um sítio onde pernoitar, o seu sorriso melífluo desvanecendo-se quando corremos com ele. Polícias armados patrulhavam aos pares, escrutinando-nos com desconfiança ao passarem.



Por isso, ficámos aliviados quando o comboio finalmente parou na plataforma e mais viajantes, embora menos do que esperava, apareceram como que vindos de nenhures.

Quando estávamos prestes a embarcar, puxei a Laura para mim e disse:

— Amo-te.

Ela beijou-me.

— Também te amo, Daniel. Apesar de seres um forreta.

— Eh... — comecei, mas ela virou-se, içando a sua mochila para o comboio e lançando um sorrisinho por cima do ombro, que me mostrou que não estava realmente zangada comigo. Segui-a.

Ao passar pelos acolhedores compartimentos-cama privados, perguntei-me se teria cometido um erro. Tinha sido a minha vez de comprar bilhetes e, em vez de reservar um compartimento privado, decidira, no último momento, comprar lugares sentados a metade do preço.

A Laura reparou que eu olhava pela janela do compartimento-cama e juntou-se a mim.

— É uma pena, de facto — disse ela.

— O quê?

— Bem, estava mesmo ansiosa por ter sexo num comboio. Nunca fiz isso. Dei uma palmada na testa.

— Achas que é demasiado tarde para trocar os bilhetes?

Mas ela riu-se e avançou do luxo relativo das carruagens-cama para as normais. Examinou a carruagem vazia e escolheu um par de lugares ao fundo. Tirou o seu *Kindle* e uma garrafa de água do saco e instalou-se no assento duplo, estofado há muito tempo com veludo cinzento, tentando pôr-se confortável. Eu sentei-me à janela, esperando que o comboio tivesse um ar condicionado com potência suficiente para combater a humidade da noite. Tirei os óculos para limpar o suor da cara e voltei a pô-los a tempo de ver um casal jovem correr ao longo da plataforma. Entraram mesmo antes de o comboio estremecer e começar a andar. Um anúncio estalou pelo altifalante e estávamos a caminho.

O casal que vira correr para o comboio quase caiu para a nossa carruagem, ofegando, o homem rindo enquanto a sua companheira feminina parecia danada. Carregavam sacos de viagem que içaram para a prateleira da bagagem antes de se sentarem no banco paralelo ao nosso, do outro lado do corredor. Sorri-lhes e depois desviei os olhos. Embora tivéssemos feito amizades transitórias com uma série de casais na nossa viagem pela Europa, trocando endereços e *usernames* do *Twitter*, preferia observar as pessoas primeiro, certificar-me de que não eram malucas, antes de iniciar uma conversa.

A julgar puramente pelas aparências, era um casal curioso, que não condizia. Tinham ambos vinte e poucos anos, mas eu nunca os teria juntado. Ele era baixo e entroncado, com cabelos louros, curtos, e usava uma *t-shirt* caqui e calças militares. Um tipo de aparência normal que, claramente, passava muito tempo no ginásio. Em contraste, a rapariga estava toda vestida de preto, com um blusão de cabedal por cima de uma *t-shirt* dos Stranglers, além de *jeans* justos e botas de motociclista. Tinha o cabelo preto a condizer com as roupas, com madeixas carmesim. Sob pálpebras descaídas, pesadamente maquilhadas, tinha os olhos cor de café *noir*. A um tom de distância do preto. Era vários centímetros mais alta do que ele, cerca de um metro e setenta e oito, por isso, de pé, faziam-me lembrar a Olívia Palito e o Popeye.

Falavam um com o outro na sua própria língua. Leste-europeu, obviamente, embora eu fosse incapaz de dizer se eram da Hungria, da Roménia, ou de qualquer outra parte deste meio-continente.

Quando o comboio saía da cidade, mais um passageiro entrou pelo outro lado da carruagem. Tinha cerca de quarenta anos, era entroncado e o rosto estava marcado pela acne. Não trazia bagagem. Apesar de a maior parte dos assentos da carruagem estarem vazios, sentou-se no lugar diagonalmente oposto a mim e à Laura. Avaliou-nos, obviamente não lhe agradando o que viu, depois fechou os olhos e abanou-se com um jornal.

Observei Budapeste a passar, as luzes da cidade apagando-se enquanto a viagem progredia.

— Preciso de uma bebida — disse eu após algum tempo. — Deve haver uma carruagem-bar aberta algures no comboio.

— Só depois de atravessar a fronteira.

Levantei os olhos. Era o tipo do outro lado do corredor. Encolheu os ombros amigavelmente e disse:

— A carruagem-restaurant só abre quando chegarmos à Roménia. Dentro de... — viu as horas — ...cerca de duas horas e meia.

— Eu sabia que devíamos ter comprado mantimentos em Budapeste.

— Não se preocupem — disse ele, pondo-se de pé de um salto. — Temos muitos. — Tirou um saco de viagem do meio da bagagem e atravessou o corredor para se sentar à nossa frente. Após um momento, a companhia seguiu-o, sentando-se ao lado dele e cruzando as pernas. Ele abriu duas latas de cerveja húngara e pô-las nas nossas mãos antes de termos tempo de protestar.

— Sou o Ion — disse, abrindo mais duas latas. — E ela é a Alina.

## CAPÍTULO 2



**A**s janelas do comboio estavam preto-mate, a escuridão quebrada apenas pelo vislumbre ocasional de luzes à distância. Olhei para o meu reflexo, a minha cara esticada como plástico derretido por qualquer defeito no vidro. Era sinistro. Desviei o olhar e foquei a atenção nos nossos novos companheiros.

O Ion pousou a mão no joelho da Alina, acariciando-o. Então, eles *eram* um casal.

— O que é que vos traz à Roménia? — perguntou ele com um grande sorriso. Ao seu lado, a Alina tinha um sorriso mais discreto, parecendo enfadada.

A Laura respondeu antes de eu poder fazê-lo.

— Estamos a viajar pela Europa. Passámos as últimas semanas estendidos em praias...

— Que bom.

— ...mas queríamos visitar a Europa de Leste, absorver alguma cultura e não só raios solares.

O Ion assentiu com a cabeça.

— Boa escolha. A Roménia é um país muito bonito. Claro que há muitos problemas, com a pobreza, os ciganos romani e isso. — Abanou a mão, como se fosse um tema aborrecido. — Mas esta é a Europa real. Muito mais interessante do que uma praia espanhola.

Notei que a Alina revirou os olhos quase impercetivelmente.

— Então vocês são da Roménia? — perguntou a Laura à Alina, tentando puxá-la para a conversa.

— Sim.

A Laura esperou, mas não foram ditas mais palavras.

— Ela é de Sibiu — disse o Ion. — É para onde vamos agora, visitar a família dela. Estou ansioso por ver se a mãe da Alina é tão boazona como a filha.

Sorri.

— Falas um excelente inglês. Espero que isto não pareça condescendência...

— Não, nada disso. Foi onde eu e a Alina nos conhecemos, nas aulas de Inglês. — Subiu mais a mão na perna da namorada. Ela permaneceu de rosto fechado. — Então, onde é que estiveram na vossa volta pela Europa? — perguntou ele, olhando da Laura para mim.

Respirei fundo.

— Começámos em Bruxelas, depois descemos para França, a seguir Espanha, uma semana em Ibiza, e depois Itália — Roma e a costa de Amalfi —, seguimos para a Grécia e subimos pela Croácia até à Hungria.

E era isto. Dois meses gloriosos condensados numa lista de mercearia. Os pormenores, as memórias, eram preciosos para mim e para a Laura. A viagem, o nosso *Grand Tour*, como lhe chamávamos brincando connosco próprios, tinha sido transformacional. Sendo turistas típicos na Torre Eiffel e no Louvre, observando as pessoas e vendo todos os nós dos nossos músculos desatarem-se ao, finalmente, relaxarmos depois do que tinha sido um período intenso em casa. Fazendo a vida louca em Espanha, dançando e bebendo no festival de música de Benicassim, passando noites inteiras nas discotecas e dormindo todo o dia em Ibiza. Fazendo compras e alugando *scooters* e fazendo mais compras em Roma. Fazendo amor numa praia na costa de

Amalfi, dormindo sob as estrelas e falando sobre os filhos que teríamos quando voltássemos a Inglaterra. Fazendo *snorkelling* entre um arco-íris de peixes ao largo de Santorini. Posando para tantas fotografias no Plitvice Lakes National Park que comecei a sentir que a minha alma estava a ser afetada.

Isto era a vida, realmente vivida, realmente experienciada, um momento de magia que passaria rapidamente diante dos nossos olhos antes de morrermos. E partilhá-lo, viver estas experiências juntos, significava que eu e a Laura estávamos mais próximos do que nunca.

Falar com o Ion e a Alina, fazer-lhes este resumo esquemático da nossa viagem, deu-me saudades do meu melhor amigo em Inglaterra, Jake. Ele era a única pessoa, além da Laura, com quem eu podia ser completamente aberto e honesto. Sempre que tinha oportunidade, enviava-lhe *e-mails* com longos relatos do que eu e a Laura tínhamos feito, como se lhe mandasse páginas do meu diário. Em troca, ele contava-me todas as coisas empolgantes que estavam a acontecer-lhe em Londres, enquanto continuava a tentar singrar como músico.

Fiz uma pausa, perguntando-me que mais havia de contar a estes estranhos, não desejando entrar em detalhes de como, nos últimos dias, em Dubrovnik e Budapeste, o cansaço tomara conta de nós. Talvez tivéssemos saudades de casa, apesar de estarmos a passar um tempo maravilhoso, ou sentíssemos a urgência humana de assentar, de passar um período no mesmo sítio. Na verdade as nossas pernas pareciam mais pesadas e foi difícil sentir muito entusiasmo por essas duas magníficas cidades. A Laura sugerira voltarmos a Itália ou a Espanha, alugarmos um apartamento e ficarmos durante algum tempo, mas eu insisti em que continuássemos a *Tour*. Que mantivéssemos os planos. Depois da Roménia iríamos novamente para norte: Rússia, Alemanha e a seguir a Escandinávia. O fim da *Tour* estava programado para o dia do meu aniversário dos trinta e cinco anos em Estocolmo. Depois regressaríamos a casa, em Londres.

Para casarmos. Começarmos uma família. Não necessariamente por esta ordem. A melhor amiga da Laura, Erin, estava grávida, e eu sabia que assim que a Laura visse o seu bebé, ia querer engravidar o mais depressa possível. E para mim estava tudo bem.

— E são só vocês os dois? — perguntou o Ion.

— Exatamente.

— Parece que passaram um tempo fantástico.

— Tem sido...

— Demasiado bom para pôr em palavras?

— Isso mesmo.

Antes de eu poder dizer mais alguma coisa, reparei que o Ion fazia uma

expressão de surpresa em relação à Laura, por isso virei-me para ela. Parecia desconfortável.

O Ion disse:

— Ouçam, peço desculpa se estamos a ser intrusivos. Podemos voltar para os nossos lugares...

— Não, não, não são vocês. — Ela inclinou-se para a frente e eu e o Ion fizemos o mesmo, ficando quase abraçados. A Alina permaneceu direita. — Não olhem — disse a Laura. — Mas aquele tipo não para de olhar para mim.

Não consegui não olhar. O homem de cabelo curto que entrara na carruagem depois do Ion e da Alina tinha agora os olhos abertos e estava a ler o jornal.

— Tens a certeza? — perguntei.

— Sim... — sussurrou ela. — Estava a... olhar para as minhas pernas. Está a olhar agora.

Voltei a olhar e o homem levantou os olhos ao encontro dos meus. A sua expressão era inescrutável, mas manteve o contacto visual de uma maneira que poucas pessoas em Inglaterra fariam. Finalmente, com um sorriso sem humor nos lábios, voltou ao jornal.

— Vamos trocar — disse para a Laura, e ela mudou para o lado da janela, ficando fora da linha de visão direta do estranho. De certa forma, eu compreendia porque é que ele olhava para ela, com o seu cabelo louro-avermelhado, olhos azuis e pernas que eram a oitava maravilha do mundo natural. Esta noite usava calções porque estava calor, não por gostar que olhassem para ela.

Ela devia ser areia a mais para a minha camioneta. Felizmente para mim, sentia-se atraída por cromos altos e com óculos. O meu cabelo é de um tom de castanho normal, sou demasiado magro e pareço um bocadinho o tipo que era ridicularizado nos anúncios antigos. Felizmente, há mulheres por aí que gostam mais dos tipos como eu do que dos que os ridicularizam.

Enquanto a Laura mudava de lugar, a Alina virou-se e olhou diretamente para o homem, que estava outra vez a observar-nos. Ele acabou por desviar o olhar, com um sorriso desdenhoso.

— Apanham-se muitos gajos assim, que acham normal olhar para uma mulher como se vissem uma montra. Está sempre a acontecer à Alina.

Ela assentiu com a cabeça uma vez.

Peguei na mão da Laura e dei-lhe um apertão rápido. Sabia que ela devia estar a sentir-se embaraçada, por isso disse:

— Vamos mudar de assunto.

— Boa ideia — disse o Ion. — Então, o que é que vocês fazem? Quando não estão a viajar?



— A Laura trabalha em *marketing* — expliquei. — Para uma instituição social de crianças.

— Interessante.

— Na verdade, não é — disse a minha namorada.

— Mas estás a fazer uma coisa boa.

A Laura bebeu um pouco da sua cerveja. Sendo a pessoa mais leve que já conheci, estaria com um grão na asa quando a terminasse.

— É melhor do que vender *Coca* — disse ela.

O Ion arregalou os olhos.

— Quero dizer *Coca-Cola*.

Rimo-nos os três. A Alina ainda lançava olhares hostis ao outro tipo.

— Suponho que não tenham filhos? — perguntou o Ion.

— Não — disse a Laura, ao mesmo tempo que eu respondia: — Ainda não.

Ele olhou de um para o outro com curiosidade.

— Esta é a nossa grande viagem antes de começarmos uma família — disse eu.

— De *tentarmos* começar uma família — corrigiu a Laura. — Não se pode dar nada como garantido. Pelo menos, na minha idade.

— Só tens trinta e quatro anos.

Tínhamos tido esta conversa muitas vezes. Era uma das razões de estarmos a fazer esta viagem agora. O relógio biológico da Laura estava a tiquetaquear cada vez mais alto — ela dizia sentir-se como o crocodilo em *Peter Pan*, com um relógio dentro dela, e eu também estava preparado. Porém, depois de vermos os nossos amigos com filhos limitados a cansativas férias de família, sugerira à Laura que fizéssemos uma última grande viagem antes de começarmos a construir o ninho. E esta viagem fora possível graças a um golpe de sorte — ou, melhor, ao resultado de um longo período de trabalho intenso.

— E tu? — perguntou-me o Ion.

— Sou programador — respondi. — Criei uma aplicação para *iPhones* e *iPads* e vendi-a a uma das grandes tecnológicas. — Como sempre, eu queria parecer modesto e não gabarola ao falar disto.

— Foi por isso que pudemos pagar esta viagem — acrescentou a Laura.

— Que tecnológica? — perguntou o Ion. — Deixa-me adivinhar... *Google? Facebook?*

— Não, a *Skittle*. — A *Skittle* era uma das maiores da nova colheita de empresas tecnológicas que crescera nos últimos dois anos, especializando-se em aplicações móveis.

— Ena, isso é mais que fantástico. Ouviste, Alina?

Ela arrancou a atenção da janela e acenou para mim.

— Fantástico — disse.

— Então és famoso em Inglaterra? — perguntou o Ion, com os olhos a brilhar.

— Não! Quase não sou famoso no meu próprio apartamento. O que é que vocês os dois fazem? — Eu não tinha permissão para falar da minha *app* antes de esta ser oficialmente anunciada; tinha assinado um acordo de confidencialidade. Deliberadamente, dirigi a pergunta a Alina, cujas reticências estavam a deixar-me desconfortável. Mas o Ion falou antes de a namorada ter hipótese.

— A Alina é ilustradora.

— A sério? De que género de coisas?

— Banda desenhada — respondeu ela, encontrando os meus olhos. Pela primeira vez, vi uma faísca de algo que não era enfado. Orgulho, e um vestígio de desafio, como se esperasse ser ridicularizada.

— Isso é fixe — disse eu, genuinamente impressionado.

— Sim — disse o Ion. — Vamos fazer uma coisa em conjunto, não é? — Acariciou-lhe o joelho.

— Então, quê, és escritor? — perguntei.

Antes de ele poder responder, a Alina disse:

— Ele não faz nada.

O volume do sorriso dele desceu um pouco.

— Isso é um bocadinho injusto.

Isto era interessante: o súbito estalar de tensão entre eles.

O sorriso do Ian voltou a crescer, mas tirou a mão do joelho dela.

— Pronto, estou entre empregos neste momento. Mas estou a escrever um livro. Além de... estão a ver, a cena com a Alina.

— É acerca de quê? O livro?

— Oh, é só, tipo, a minha filosofia pessoal. Pensamentos que tenho sobre... cenas.

A Laura tinha ido à casa de banho. Fiz uma nota mental para lhe falar do livro do Ion, sabendo que ela acharia divertido.

Quando o Ion ia começar a elaborar acerca do seu trabalho em progresso, o comboio parou numa estação. Estava quase deserta, apenas um homem na casa dos sessenta anos com uma enorme mala de viagem.

A Alina, para minha surpresa, deu um salto e atravessou a porta, ajudando o homem a entrar na carruagem. O velhote, que parecia forte e bastante em forma para carregar sozinho a mala, agradeceu-lhe na sua língua e dirigiu-se a um lugar no outro extremo da carruagem.

Conversámos os quatro durante a hora seguinte. O Ion queria saber tudo acerca da aplicação que eu tinha desenvolvido e falámos algum tempo acerca disso, enquanto a Laura e a Alina, que saíra do seu casulo depois de ajudar o homem mais velho, conversavam acerca da viagem. Lisonjeado por o Ion parecer tão interessado e impressionado — estava habituado a que os meus amigos revirassem os olhos quando eu dizia fosse o que fosse acerca da *app* —, esqueci-me temporariamente do meu acordo de confidencialidade.

Quase no final da conversa, os guardas de fronteira húngaros, com casacos azuis e coletes amarelos refletores, entraram no comboio e verificaram os passaportes. Examinaram o de Alina durante muito tempo antes de finalmente passarem ao passageiro seguinte. Tal como os polícias na estação, tinham armas nas ancas.

Depois de eles se irem embora e eu voltar a guardar os nossos passaportes e bilhetes na mochila, a Laura sussurrou-me ao ouvido:

— Aquele gajo está outra vez a olhar para mim.

— Quê?

— Está a olhar para o meu reflexo no vidro.

— Tens a certeza de que não estás a ser paranoica?

— Talvez. Não sei. — Ela fletiu os ombros e arqueou o pescoço. — Estou tão cansada.

— Eu sei. Eu também. — Bocejei. — Mas este banco é demasiado desconfortável.

O Ion, que acabava de voltar da casa de banho, ouviu-me.

— Olhem, há um compartimento-cama vazio ao fundo do corredor. Porque é que não vão lá dormir um pouco? — A sua voz era baixa, conspirativa. — Os guardas romenos só virão daqui a umas duas horas, e podemos estar atentos e ir acordar-vos assim que atravessarmos a fronteira.

— Não sei — disse a Laura.

— Não haverá problema — garantiu o Ion.

— Penso que é uma boa ideia — respondi a Laura.

Ela fez uma careta, dividida entre o desejo de dormir e a sua relutância em infringir regras.

— Vai lá, Laura — disse a Alina. — Prometo que vos acordamos.

— Anda — disse eu. — Também vou pôr o alarme no meu telefone. A que horas atravessaremos a fronteira?

O Ion olhou para o relógio.

— Saímos de Budapeste com 40 minutos de atraso. Têm um pouco menos de duas horas.

— Oh, está bem — disse a Laura. — Obrigada.

Relanceou a carruagem e eu percebi o que a fez decidir-se. O homem

estava outra vez a olhar para ela, a ponta da língua entre os dentes, uma perna a subir e a descer. Lentamente, desviou os olhos, com um sorriso na cara.

### CAPÍTULO 3



O compartimento-cama era minúsculo, contendo duas tarimbas estreitas com um intervalo de menos de um metro entre ambas. Do outro lado da janela: escuridão. Estávamos agora bem embrenhados na zona rural húngara. Não conseguia sequer imaginar como seria a paisagem. Florestas? Planícies? Encostei a cara ao vidro. Nem estrelas avistava. Se não fosse o brilho ocasional de um edifício isolado, o comboio podia estar a atravessar o espaço. Podíamos estar em qualquer sítio. Podíamos estar no fim do mundo.

A Laura descalçou as botas e afundou-se numa das tarimbas. Eu sentei-me em frente dela e tirei o telemóvel da bolsa da mochila. A bateria estava quase morta — a maldita coisa estava *sempre* quase morta —, mas liguei o alarme, esperando que durasse até lá.

— Então, o que achas dos nossos dois novos amigos? — perguntei.

— Não sei bem. Ele está um bocadinho apaixonado por si próprio. Estou ansiosa por ler o seu livro. — Ergueu os olhos para o teto. — Mas a banda

desenhada da Alina parece interessante. Ela disse-me que é sobre o poder feminino, uma espécie de *twist* feminista na história típica do super-herói. Prometeu enviar-me um exemplar.

— Fixe. — Aproximei-me da tarimba dela e inclinei-me para a beijar. — Disseste que sempre tinhas desejado ter sexo num comboio.

— És impagável. Bem, se tivesses comprado um compartimento destes para a noite toda, talvez fosse diferente. Mas o propósito de vir aqui é dormir um bocado.

— Vá lá, vai ser excitante. Será que consigo... — baixei-me para a beijar — ...persuadir-te?

— Hum... talvez. — Ela devolveu-me o beijo. Deslizei a mão pela sua coxa macia e a respiração dela ficou mais pesada; podia sentir o seu coração a disparar ao encostar-se a mim. — Tranca a porta — disse ela, interrompendo o beijo. A pele que lhe cobria a clavícula estava ruborizada.

Levantei-me o melhor que consegui e tentei trancar a porta.

— Oh, com um carças. Está avariada. Não fecha. — Devia ser por isso que o compartimento estava vazio.

— Nesse caso, é melhor tomares um duche frio.

Deu-me mais um daqueles sorrisinhos que eu adorava e virou-se para a parede. Não pude deixar de rir. Derrotado por uma tranca. Deitei-me na outra tarimba e observei a respiração dela a mudar. Minutos depois, tinha adormecido.

Estava decidido a manter-me acordado e voltei a pegar no telefone para jogar, apesar de isso gastar a bateria. Tinha um conversor de tomada algures na mochila, mas não consegui reunir a energia para me levantar da tarimba e procurá-lo. Ficaria acordado, de qualquer forma, para o caso de alguém tentar atravessar a porta destrancada, por isso não fazia mal ficar sem bateria. Carregá-lo-ia antes de chegarmos ao destino, caso conseguisse encontrar uma tomada.

Tinha deixado cair o telefone em Itália e o ecrã partira-se. Joguei por um bocado, espregando através da teia de aranha de fissuras, consciente do peso crescente das minhas pálpebras. Disse a mim mesmo que pararia de jogar num minuto e mexer-me-ia, beberia um pouco de água. O comboio matraqueava e fazia-me balançar na tarimba. Precisava de me manter acordado.

Fechando os olhos, decidi que não faria mal descansá-los.

Sentei-me muito direito. Estava frio e suado e a minha boca sabia ao interior de um túmulo. O telefone caiu ao chão com um estrondo. Tinha sonhado que estava num caixão e alguém batia na tampa.

BANG BANG BANG.

A Laura virou-se e abriu os olhos, exatamente quando a porta se abriu completamente e uma voz com um forte sotaque disse:

— Passaportes.

## CAPÍTULO 4



Pestanejei para os guardas, o meu cérebro inundado de sono recusando-se a funcionar.

O que estava à minha frente tinha o braço estendido.

— Passaportes.

A Laura pôs-se em ação antes de mim, agachando-se no chão e abrindo a bolsa da frente da minha mochila.

Os guardas observaram-na. O da frente andava na casa dos trinta, com excesso de peso, careca e uma barba rala no queixo. O colega era um pouco mais jovem, com uma barba bem aparada e intensos olhos azuis. Tinham ambos a mesma expressão impaciente e aborrecida, como se tivessem



acabado de saber que iam sofrer um corte salarial. O guia de viagem dizia que os guardas fronteiriços romenos eram acolhedores e amigáveis, por isso sorri e acenei-lhes. Não me sorriram de volta.

A Laura olhou-me por cima do ombro com uma expressão ansiosa e abriu o fecho da bolsa da frente da mochila dela. Procurou lá dentro, depois virou-se para mim, com o rosto pálido.

— Não estão aqui — disse-me.

— O quê?

Os guardas observaram enquanto eu me baixava junto dela, enfiando a mão no bolso da frente onde guardava sempre os passaportes, bilhetes e dinheiro.

— Estavam aqui — disse baixinho. — De certeza. Voltei a pôr aqui os passaportes depois de os guardas húngaros os verem.

— Tens a certeza? — sussurrou a Laura.

— Sim. — Tinha noção de que a minha voz tremia ligeiramente. — Não me viste fazê-lo?

— Não sei. — Os olhos dela estavam enormes, com o pânico a instalar-se. — Não estava a olhar.

— Rápido — bradou o guarda.

Levantei as mãos.

— Desculpe, só um momento.

Ele bateu o pé metronomicamente, um som oco que reverberou através do compartimento, enquanto eu procurava nos bolsos laterais da mochila, não encontrando nada além de bocados de pastilha elástica e vários bilhetes e panfletos amarrotados. Enquanto Laura procurava na sua própria mochila, meti a mão no compartimento principal. A minha mão tocou em algo que parecia um passaporte e o meu coração saltou por um momento, mas era apenas um panfleto que tinha trazido de um museu em Barcelona.

Pensei intensamente. Tinha mesmo voltado a guardar os passaportes? Talvez, por distração, os tivesse deixado no banco onde estivéramos sentados com a Alina e o Ion. Não. Lembrava-me de ter aberto a mochila porque o fecho encravara e exigira alguns puxões antes de voltar a fechar. Sem dúvida que os tinha posto na bolsa da frente.

O pé do guarda continuava a bater. Relanceei a Laura. Ela tinha ficado ainda mais pálida.

— Desapareceram — disse eu, a palavra ficando-me presa na garganta.

O Guarda Careca disse qualquer coisa em romeno ao colega, a sua voz baixa e maldisposta.

Levantei-me.

— Os nossos passaportes, os nossos bilhetes... foram roubados.

O guarda fitou-me, depois à Laura, que estava ao meu lado. Procurei a mão dela e apertei-a. Ele reparou e riu-se desdenhosamente.

— Somos ingleses — disse eu, como se isso pudesse fazer alguma diferença, e agora ambos ostentavam sorrisos desdenhosos. Uma parte de mim estava tentada a transformar o meu comentário ridículo numa piada, mencionar a Rainha, o Harry Potter, o Manchester United. Mordi a língua.

— Como é que se chamam? — perguntou o Guarda Careca.

Dissemos-lhes. Daniel Sullivan, Laura Mackenzie.

Eu estava confiante de que isto podia ser resolvido. Eles estariam do nosso lado. Nós éramos vítimas de um crime, e o ladrão ainda devia estar no comboio. Será que este tinha parado por um momento para os polícias entrarem? Eu não tinha dado por isso. Fosse como fosse, nós éramos as vítimas e estes homens, estas figuras da autoridade, poderiam ajudar-nos. Certo, não devíamos estar no compartimento-cama, mas encontrava-se vazio. Em Inglaterra, se viajássemos na parte errada de um comboio ou sem bilhete, exigiam-nos que pagássemos o excesso ou uma multa. Ia ficar tudo bem.

— Alguém deve ter entrado no compartimento enquanto dormíamos — disse eu. — E roubou-nos as coisas.

Não fazia ideia se os polícias me percebiam. Olhavam-me com expressões vazias. Depois, o Guarda Careca, que parecia ser mais sénior, disse qualquer coisa ao Guarda Barbudo, que saiu do compartimento e seguiu pelo corredor.

O Guarda Careca pegou na minha mochila e começou a tirar as coisas. As minhas *t-shirts* lavadas, o guia *Europa de Comboio*, os meus óculos de sol. Havia um saco cheio de roupa suja no fundo da mochila. Vi-o levantá-lo e abri-lo, depois fazer uma careta e recuar. Atirou-o para cima da tarimba com o resto dos artigos que tinha retirado e resmungou, depois pegou na mochila da Laura. Abriu-a e espreitou lá para dentro, atirando o saco de maquilhagem dela para o chão.

— Ei — disse eu. — Não pode fazer isso.

Ignorando-me, ele vasculhou na mochila da Laura, retirando o seu saco de roupa suja e lançando-o de novo lá para dentro imediatamente. Depois tirou um sutiã preto e cor-de-rosa lavado, estendeu a mão com ele e olhou diretamente para o peito da Laura. Eu pus-me em frente dela e ele riu-se, atirando o sutiã para a pequena pilha das nossas posses e a mochila para o lado da minha.

A Laura sentou-se na tarimba e recomeçou a meter as nossas coisas nas duas mochilas. Estava a tremer e a única coisa que eu queria era confortá-la, melhorar a situação. Fazer isto parar.

Senti necessidade de dizer alguma coisa ao polícia, de lhe fazer um apelo,

de o fazer compreender, mas antes de poder pensar em algo de útil para dizer, o Guarda Barbudo voltou. Com ele estava outro homem, alto, magro, de rosto macilento. Usava um uniforme da empresa ferroviária. Tinha na mão uma comprida folha de papel contendo o que supus ser a lista de reservas. Passou o dedo pela lista e abanou a cabeça.

O revisor ferroviário e os dois guardas fronteiriços trocaram algumas frases rapidamente.

O Guarda Careca apontou para mim, procurando na memória as palavras inglesas de que precisava, no momento em que a Alina chegou.

— Graças a Deus — disse eu. Alguém que falava romeno. Ela seria capaz de lhes explicar tudo. Nunca me tinha sentido tão feliz por ver uma pessoa. — Alina, roubaram-nos os passaportes, os bilhetes e todo o nosso dinheiro. Podes explicar-lhes isto? Acho que não compreendem.

Eu queria que a Alina parecesse profissional, calma, mas ela parecia nervosa, inquieta. Falou aos homens na sua língua materna, as palavras rápidas e duras.

O Guarda Careca abanou a cabeça, apontando para nós e depois para a lista do guarda ferroviário.

A Aline ouviu, depois virou-se para nós.

— Eles dizem que não deviam estar aqui. Este compartimento devia estar vazio.

*Pois, certo, queria eu dizer-lhe. Talvez possas explicar-lhes que a ideia foi do teu namorado?* Mas de que é que isso me servia?

O homem com o uniforme da companhia ferroviária falou. A sua voz era fraca, roufenha.

— Eles acusam-vos de serem... — A Alina procurou as palavras e lembrou-se de algo que devia conhecer dos filmes. — Clandestinos?

— Penduras — disse eu. — Mas nós tínhamos bilhetes. Bilhetes normais. Foram roubados. Por favor, diz-lhes que pedimos desculpa, sabemos que não devíamos ter ocupado o compartimento-cama. Mas comprámos bilhetes. Somos vítimas de um crime.

Ela assentiu com a cabeça e, supus, transmitiu isto aos homens.

O guarda careca emitiu uma exclamação universal:

— Ah!

A Alina voltou a falar-lhe, levantando a voz, o seu nervosismo dando lugar à ira. Percebi, pela forma como eles a olhavam — o blusão de cabedal, as botas, o cabelo e a maquilhagem —, que a achavam estranha. Se ela estivesse vestida com elegância, fosse mais velha, com uma aparência mais conservadora, talvez tudo tivesse sido diferente. Ou talvez fossem os seus modos. A Alina, percebi demasiado tarde, não era a melhor embaixadora, e

em breve estavam a discutir, ela e o Guarda Careca, o volume de ambas as vozes crescendo, as palavras sobrepondo-se, sem nenhum deles ouvir o outro.

Um homem no compartimento adjacente espreitou para fora e o Guarda Barbudo gritou-lhe, o que o fez fechar rapidamente a porta.

A discussão entre a Alina e o guarda escalou, ambos disparando palavras duras para o outro. De repente, o guarda levantou a mão e cuspiu uma única sílaba — «Para» ou «Basta»? — e disse algo ao guarda ferroviário, que assentiu com a cabeça e se foi embora.

O Guarda Careca apontou para mim e para a Laura e disse:

— Venham.

A Alina protestou e ele empurrou-a, impelindo-a ao longo do corredor. Ela fez várias tentativas de se virar para trás, ainda a discutir, mas ele pôs-lhe as mãos entre os ombros e empurrou-a.

— Que está a acontecer? — perguntei, seguindo-a. — Alina?

Ela não respondeu, apenas continuou a debitar uma torrente de romeno.

— O comboio está a abrandar — disse a Laura, com a voz abafada.

Tinha razão. Estávamos a abrandar, como se entrássemos numa estação, os freios a guincharem. O guarda abriu a porta que dava para a passagem entre as carruagens e empurrou a Alina para lá, enquanto ordenava: — Venham, venham —, para mim e para a Laura.

O comboio continuou a abrandar, a vasta escuridão lá fora pontuada por algumas luzes débeis. O comboio abrandou mais e parou, os freios emitindo um gemido agudo, e eu cambaleei para trás, batendo com o ombro na parede. O comboio imobilizou-se, as portas silvaram e abriram. Olhei por cima do guarda e da Alina para um pequeno apeadeiro ao ar livre, a plataforma trinta centímetros abaixo de nós.

Só então percebi o que estava a acontecer. Disse: — Não! —, mas o guarda ignorou-me. Empurrou a Alina do comboio, fazendo-a cair de joelhos na plataforma escura, e depois pegou no braço da Laura, atirando-a também para fora do comboio. Ela deu um grito enquanto meio caía, meio saltava, aterrando de pés e conseguindo ficar direita. Finalmente, atirou-me também do comboio. Virei-me para lhe gritar, suplicar, e ele atirou as nossas mochilas para junto de nós. Caíram com um estrondo.

— Não pode fazer isto! — gritei, mas ele só ficou ali, bloqueando a saída até as portas se fecharem, os olhos frios e duros. Momentos depois, o comboio pôs-se em movimento e enquanto estávamos ali, perplexos, alguém apareceu à janela onde estivéramos sentados inicialmente, antes de tomarmos a decisão idiota de mudar: o Ion, uma expressão chocada no rosto.

O comboio afastou-se, ganhando velocidade, saindo da estação. Vi-o deslizar para a escuridão, deixando-nos para trás, na obscuridade, numa

plataforma no meio de nenhures.

## CAPÍTULO 5



**F**iquei petrificado por um minuto, quase incapaz de processar ou acreditar no que acabara de acontecer. Fitei o espaço onde estivera o comboio até a noite o engolir e já nem conseguir ouvi-lo. A lua cheia tornou-se visível, banhando de luz fraca o ponto onde nos encontrávamos. Havia salpicos de estrelas aqui e ali. Depois de o comboio partir, tudo ficou silencioso. Nem as cigarras vibravam na relva. Nenhum barulho de trânsito em estradas próximas. Só conseguia ouvir a minha própria respiração pesada.

Lentamente, os meus olhos ajustaram-se à escuridão. Estávamos na zona rural, algures não muito longe, pensei, da fronteira romena, embora fosse impossível estimar quanto terreno fora coberto pelo comboio antes de os

guardas nos expulsarem. E eu não conhecia bem a geografia romena. Só sabia que era uma paisagem desconhecida e que estávamos muito longe de casa.

À minha esquerda (sem uma bússola, eu não tinha maneira de saber para que direção estava virado), o terreno ondeava e alargava-se, uma paisagem ondulante de colinas e vales, árvores agarradas a declives íngremes, uma extensão de água à distância, com um brilho prateado quando a Lua se mostrava. Mais além, sobranceiras às colinas, como mais velhos cuidando dos seus filhos, havia montanhas, denteadas e agoirentas. Fizeram-me lembrar os livros de Tolkien que tinha lido quando era adolescente, os *hobbits* partindo para uma viagem arriscada em busca do Anel.

Na outra direção o terreno era plano e estava coberto por uma floresta densa que se estendia por quilómetros. À distância, mais além da floresta, outra fila de montanhas denteadas formava o horizonte. Várias aves silenciosas, pretas na obscuridade, erguiam-se das árvores no limiar da floresta antes de descerem a pique e desaparecerem. Durante o dia, com o Sol a brilhar, seria lindo, sem dúvida. Mas não agora. Não numa noite como esta.

A estação era minúscula, apenas com duas plataformas ligadas por uma estreita passagem superior. Não havia luzes; parecia estar desativada. Via-se um pequeno edifício em madeira com a pintura desbotada e a lascar, que noutros tempos devia ter sido a bilheteira. Virei-me num círculo lento. Detetei alguns edifícios escuros e com o mesmo aspeto abandonado ali perto. Parecia uma aldeia, ou, mais propriamente, uma povoação, que morrera a certa altura, num passado não muito remoto.

— Daniel?

Virei-me lentamente para a Laura, que abraçava o próprio corpo na plataforma mal iluminada.

— Daniel — disse ela de novo, com mais urgência.

Avancei para a minha namorada e puxei-a para um abraço, sentindo o seu cabelo macio na minha cara. A temperatura descera significativamente e ela tremia com os calções e a *t-shirt*. Tinha os braços em pele de galinha e batia os dentes. Olhei em volta até encontrar a minha mochila, que estava no chão, com o conteúdo a transbordar como vísceras. Tirei uma camisola com capuz, que passei à Laura. Ela ficou a olhá-la, como se não soubesse o que era.

— Vá lá, querida — disse. — Veste-a.

Ela fitou-me com os olhos muito abertos, virando subitamente a cabeça ao aperceber-se de um movimento numa árvore por cima dela. Um pássaro, a sua silhueta mal visível entre os ramos escuros.

— Vamos ficar bem — disse eu, mas parecia estar a tentar assegurar-me mais a mim mesmo do que a ela.

De facto, ela parecia estar a recuperar do choque mais depressa que eu,

porque conseguiu fazer uma pequena piada.

— Quando eu disse que não queria ir pelo caminho mais percorrido, não me referia a ir tão longe dele.

A Alina estava a pouca distância, olhando ao longo dos carris, parecendo em transe.

— Sabes onde estamos? — perguntei.

Ela não respondeu.

— Alina? — Fui ter com ela e ela, finalmente, saiu do transe. Repeti a pergunta.

Ela olhou em volta e abanou a cabeça.

— Mas que porra acabou de acontecer? — perguntei. — Onde estava o Ion? E porque é que não nos acordaram, como disseram que fariam?

Ela esfregou os olhos e abanou-se para despertar.

— Eu... eu adormeci.

— E o Ion?

— Foi à carruagem-restaurante buscar qualquer coisa para comer. Eu devo... acho que só dormi uns cinco minutos, talvez dez. Quando vi o guarda fronteiriço e o revisor irem na vossa direção, segui-os imediatamente, para vos ajudar.

— E correu mesmo bem.

Ela baixou a cabeça.

— Peço muita desculpa. — Depois os seus olhos iluminaram-se. — Aquele guarda... que cabrão. Se voltar a vê-lo, dou cabo dele.

— Tenho frio.

Virámo-nos ambos. A Laura ainda estava abraçada a si própria, os olhos tão redondos e abertos como o Sol que brilhara intensamente na primeira parte da nossa viagem. As praias de Itália e de Espanha pareciam agora muito distantes.

Tentei abraçá-la, mas desta vez ela afastou-se.

— Se, antes de tudo, tivesses reservado um compartimento-cama, se não fosses tão forreta!

Protestei.

— Podíamos ter sido roubados na mesma.

— Não, não podíamos. — Passou as mãos pelo cabelo e suspirou. — Não devia ter concordado em ir para o compartimento. Sabia que era má ideia.

— Eu pensei que não haveria problema... — interrompi-me. — Desculpa.

A Alina virou as costas para nos dar privacidade e tirou um maço de tabaco amarrotado do bolso. Acendeu um cigarro e deu uma passa faminta, depois olhou por cima do ombro.



— Pelo menos vocês ainda têm as vossas coisas. As minhas estão todas na merda do comboio.

— Tens um telefone? — perguntei.

Ela verificou os bolsos das calças de ganga, tirou o passaporte, relanceando-o, e suspirou.

— Não. Estava no meu saco.

— E o meu não tem bateria. — A bateria tinha dado o seu último suspiro quando eu estava a dormir. — Laura?

— Está na minha mochila. — Ajoelhou-se e procurou na mochila, depois ergueu o rosto para o céu. — Não está aqui. Devem tê-lo roubado juntamente com as outras coisas.

Praguejei.

— Alguém deve ter espreitado para o compartimento, viu-nos a dormir e decidiu tentar a sua sorte. Ei, se calhar foi aquele gajo. O que estava sempre a olhar para ti. Viste-o, Alina? Ele saiu da carruagem?

— Não sei. Não vi. — Deu uma longa passa no cigarro.

— Não importa, pois não? — disse a Laura. — Foi-se tudo. Nunca saberemos quem foi. — Olhou em volta. — Não gosto deste sítio. Parece... assombrado. De uma maneira má.

A Alina ergueu uma sobrancelha.

— Assombrado? Acreditas em fantasmas?

— Sim. — Para meu alívio, ela não disse mais nada. Há muito tempo que aceitara a crença da Laura no sobrenatural, mas sentia-me ligeiramente embaraçado quando ela falava disso a outras pessoas. E também não me apetecia falar de fantasmas, neste sítio e neste momento.

A Alina devia ter-me visto a olhar para o cigarro, porque o ergueu e disse:

— Queres um?

— Não, obrigado.

Ela encolheu os ombros e aproximou-se da bilheteira, espreitando pelo vidro sujo.

— Há um mapa — disse.

Aproximei-me da janela com ela. A Laura também veio ver. Um mapa de tamanho A2, mostrando o que supus ser a área local, estava pendurado na parede em frente da janela. Apenas era possível distinguir uma seta vermelha, indicando onde estávamos, mas na obscuridade não se conseguia perceber o nome de nenhum lugar.

— Consegues ler? — perguntei à Alina.

— Mais ou menos... acho que aquela área verde é o Parque Natural de Apusení. Por isso estamos naquela área de floresta mesmo abaixo. —

Semicerrou os olhos. — Há uma cidade, não muito longe.

Escrutinei o ponto negro a que ela se referia. O nome era curto mas eu não conseguia lê-lo. Não que isso importasse. Só precisávamos de saber que havia uma cidade. Pessoas. Civilização.

— Reparaste se passámos de comboio por uma cidade antes de chegarmos aqui?

— Acho que sim. Sim, tenho quase a certeza.

Virámo-nos todos e olhámos para os carris que levavam na direção de onde tínhamos vindo. Quem construía a linha cortara um vasto caminho entre as árvores, dividindo a floresta em duas. Havia espaço suficiente para duas linhas, com mais dois metros de terreno livre de cada lado dos carris. Apenas os primeiros metros deste caminho eram visíveis. Mais além, escuro como breu.

— A que distância pensas que fica?

— Hum. Não sei. Nove ou dez quilómetros.

— Então são o quê, seis ou sete milhas?

A Laura pôs a mão no meu braço.

— Não estás a pensar ir até lá a pé, pois não? Não seria melhor sairmos da estação e tentarmos encontrar uma estrada?

— Não sei — disse a Alina. — Pode-se ver aqui, no mapa: a linha do comboio vai direita à cidade. A estrada também segue pela floresta, mas é muito mais longa.

Quando disse isto, veio um barulho da escuridão ao fundo da plataforma. A Laura apertou-me o braço com mais força, as pontas dos seus dedos enterrando-se na minha carne.

— Que raio foi isto? — disse ela, a sua voz subindo um tom.

Algo rosnou.

A Alina deu alguns passos hesitantes ao longo da plataforma, em direção ao barulho.

— É um cão — disse baixinho.

Ouviu-se novamente o rosnido e o cão surgiu perante nós, à esquerda, ao fundo da plataforma, as montanhas atrás dele. Depois, enquanto a Alina recuava, surgiu outro. Dois cães pretos. Pareciam-se um pouco com *Dobermanns*, mas ligeiramente mais pequenos e completamente pretos. Olharam-nos, agora silenciosos, mas com os beiços recuados mostrando dois conjuntos de dentes aguçados e amarelos.

A Laura recuou para trás de mim. Sempre tivera medo de cães. Os meus pais tinham um *Labrador* preto, uma criatura dócil mas barulhenta, e sempre que a Laura os visitava, o cão tinha de ser fechado na cozinha porque ela o achava assustador. O medo vinha-lhe da mãe, que fora atacada por um cão

quando era pequena e transmitira o seu medo de uma vida à filha.

A Alina recuou lentamente, até ficar junto da janela. A Laura segurava-me o braço com tanta força que no dia seguinte eu teria nódoas negras.

Um dos cães deu um passo em frente e voltou a rosnar, baixo e ameaçador. Uma palavra saltou na minha cabeça. Raiva. Com esta, vieram imagens de bocas a espumar, corpos a tremer, calor, dor e morte.

— Parece-me — sussurrou a Alina — que prefiro ir a pé para a cidade mais próxima do que ficar aqui com eles. Se formos ao longo dos carris, devem ser só um par de horas.

— Que horas são? — perguntou a Laura.

Verifiquei o meu relógio.

— Passam uns minutos das três.

— Então chegamos lá à hora do pequeno-almoço — disse a Alina.

Assenti com a cabeça.

— Laura, concordas com este plano?

Ela olhou para os cães, depois virou a cabeça para olhar ao longo dos carris.

— Está demasiado escuro. Como raio vamos encontrar o caminho?

— Seguimos os carris. E tenho a lanterna, lembraste?

Tinha enfiado a estreita *Maglite* na mochila no último minuto quando estava a fazer as malas em casa, pensando que podia dar jeito. Não trouxera um canivete suíço, mas só porque não tinha nenhum.

A Laura olhou para os cães e depois para os carris e novamente para os cães, que deram ambos outro passo em frente, com os dentes à mostra.

— OK — disse a Laura, a sua voz mal se ouvindo por cima do rosnar dos dois cães.

Recuámos lentamente para longe dos animais, com o cuidado de não fazer movimentos bruscos. Baixei-me e peguei nas duas mochilas, passando à Laura a dela, e pusemo-las às costas, mas só depois de eu ter encontrado a lanterna, que acendi, aliviado ao ver que funcionava. Fomos até ao fim da plataforma, passando por baixo da passagem superior. Alguém tinha grafitado uma imagem grosseira de um homem cujos genitais enormes apontavam para uma figura feminina mais pequena. Ao lado havia o desenho de um diabo, o rosto contorcido num grito.

Desviando os olhos e esperando que a minha namorada não tivesse visto o grafíti, segui a Alina pela linha, com o cuidado de evitar os carris, caso dessem choque. Segurei a mão da Laura e começámos a caminhar para as árvores e para a via que atravessava a floresta.

## CAPÍTULO 6



Caminhâmos ao lado dos carris, a floresta à nossa esquerda, a linha

à direita. As árvores formavam uma barreira ao nosso lado, quietas como sentinelas. Em alguns sítios as árvores mais altas vergavam para formar um dossel esburacado, as suas pontas tocando as copas das suas companheiras do outro lado dos carris, como se tentassem alcançá-las para preencher o espaço vazio que as separava. Eu tentava não olhar muito para elas, concentrando-me no terreno debaixo dos meus pés, nos poucos metros à frente que eram iluminados pela lanterna. O espaço plano entre o limite da floresta e os carris era seco e estaladiço, sementes e folhas espalhadas, juntamente com um sinal ocasional de vida humana: uma lata de cerveja enferrujada ou um pacote de

batatas fritas atirado de um comboio em movimento. A Alina acendeu outro cigarro e, quando acabou de o fumar, parou para o pisar.

Estava tudo tão quieto que eu comecei a tagarelar quase assim que saímos da estação, ansioso por preencher o silêncio opressivo.

— Estou cheio de fome — disse. — Gostava de saber o que vamos arranjar para o pequeno-almoço na cidade.

— Não temos dinheiro — respondeu a Laura. Ela trocara os calções por umas calças de ganga e parara de tremer.

— Eu tenho algum no bolso — disse eu.

— Calculo que não tenhas aí também uma garrafa de *gin*?

— Não, mas tenho água na mochila. Espera. — Encontrei a garrafa meio vazia de água mineral e passei-lha. Ela deu um gole e ofereceu-a à Alina, que abanou a mão para dizer não, obrigada.

Procurei mais alguma coisa para dizer.

— Isto parece um bocado um filme — disse. — Sabem, aquele com o River Phoenix, em que aqueles rapazes fazem uma expedição nos bosques ao longo da via-férrea.

— *Conta Comigo* — disse a Laura. — No final encontram um cadáver.

— Isto não é nada como esse filme com o River Phoenix — disse eu.

Ela riu-se. À medida que avançávamos, ela parecia relaxar um pouco, especialmente quando as nuvens mudaram e revelaram uma Lua brilhante. Esta ajudou a iluminar o caminho, por isso pude apagar a lanterna. Apertei a mão da Laura e ela apertou a minha.

— Aposto que o Ion ficou em choque quando percebeu que tinhas sido atirada para fora do comboio — disse à Alina.

— Provavelmente, ficou satisfeito.

— Porque dizes isso?

Ela olhou-nos de esguelha.

— Tivemos uma discussão. Por isso é que ele foi para a carruagem-restaurante. Para escapar.

— Estão juntos há muito tempo? — perguntou a Laura.

— Hum.

Eu e a Laura trocámos um olhar, mas a Alina não disse mais nada.

— Já foste a Inglaterra? — perguntei, tentando manter a conversa a fluir. Sempre que o silêncio caía, conseguia ouvir os barulhos da floresta: algo a restolhar, silvos, coisas invisíveis a mexerem-se no escuro.

— Não.

— Devias ir — disse eu. — Tenho a certeza de que gostarás de Londres, se és uma artista. O meu melhor amigo é músico, um cantor. Ele considera Londres a cidade mais criativa da Europa.

Perguntei-me o que diria o Jake quando lhe falasse desta aventura. Confortava-me pensar que podia transformar esta experiência numa história divertida, apesar de saber que o Jake a contaria a toda a gente que conhecemos.

— Acho que no próximo ano os Romenos terão liberdade para irem trabalhar para o Reino Unido — continuei. — A ala da Direita tem feito barulho por causa disso como se estivéssemos prestes a ser invadidos.

A Alina emitiu um som que não era sim nem não, depois perguntou:

— Então, o que é que estão a achar da Roménia até agora?

Eu e a Laura rimo-nos. A Laura disse:

— Oh, vou recomendá-la a todos os meus amigos. Gosto particularmente das florestas, e os guardas fronteiriços são amorosos. Muito acolhedores.

Eu não conseguia ver bem a cara da Alina e não tinha a certeza se a pergunta fora sarcástica ou sincera. A primeira hipótese, pensei, mas não queria arriscar-me a ofendê-la, por isso disse:

— De certeza que, quando tivermos tudo resolvido e voltarmos à civilização, vamos adorar.

— Se eu fosse a vocês — disse a Alina —, depois disto, metia-me no primeiro avião para fora daqui.

Eu ia dizer algo sobre estar ansioso por ver Sighisoara quando a Laura me segurou no braço e disse:

— Ouviste?

Parei.

— O quê?

— Um estalido. Como garras de um animal. — Fez um gesto com os dedos, como se fossem as patas de uma aranha.

— Oh, meu Deus — disse eu. — Talvez os cães estejam a seguir-nos?

Voltei a ligar a lanterna e iluminei o espaço atrás de nós. Só uma extensão de linha férrea. Dei alguns passos em frente mas não havia sinal dos cães nem de coisa nenhuma.

— Está tudo bem — disse a Alina quando voltei a juntar-me a elas. — De certeza que são só os ramos das árvores. É natural sentir medo em sítios como este. Vamos só continuar a andar em linha reta. *OK?*

— *OK* — disse eu.

A Laura não respondeu.

— *OK?* — disse-lhe, o mais gentilmente que consegui.

— Há animais na floresta? — perguntou ela, dirigindo-se à Alina.

— Suponho que sim...

A Laura arregalou os olhos.

— Que género de animais? Lobos? *Ursos*?

— Não sei.

Interrompi rapidamente.

— Acho que dizia no meu guia que todos os lobos e ursos foram caçados até à extinção nesta região.

A Laura olhou-me como se eu fosse o pior mentiroso do mundo.

— Só quero sair daqui o mais depressa possível. — A voz dela falhou no fim da frase.

— Chegaremos à cidade em breve — disse eu. — Tomamos o pequeno-almoço. E quando tudo isto estiver terminado, olharemos para trás e...

Ela começou a avançar com uma nova determinação, como se a mochila nas suas costas estivesse cheia de penas. Eu olhei, cautelosamente, na direção da floresta. *Tinha* mentido acerca dos ursos. Tanto quanto sabia, ainda havia ursos castanhos a viver em liberdade nesta parte da Roménia. Contudo, para ser franco, estava mais preocupado com a Laura do que com a vida selvagem local. Ela culpava-me mesmo pelo que tinha acontecido? Era verdade que se eu tivesse reservado um compartimento-cama, teríamos estado aconchegados em segurança nas nossas tarimbas, com a porta trancada. Ninguém nos teria roubado as coisas. Não teríamos conhecido a Alina nem nos teriam atirado para fora do comboio. Estaria tudo bem.

Quer a Laura me considerasse responsável quer não, eu lamentava a decisão que tinha tomado. Se pudesse voltar o relógio atrás... Infelizmente, a vida real não tem botão de apagar. Não havia nada que eu pudesse fazer acerca disso. Só tínhamos de sair daqui e então, eu acreditava mesmo, havíamos de nos rir disto.

Acelerei o passo para acompanhar a Laura, e a Alina fez o mesmo.

Esperei que a Laura falasse, apesar de o silêncio ser angustiante. Finalmente, ela disse:

— Suponho que quisesse mesmo aventura.

— Laura, desculpa não ter reservado um compartimento. Se eu soubesse...

Ela levantou uma mão.

— Daniel, não faz mal. Não te culpo. Claro que não sabias que isto ia acontecer. Sabes que não sou o género de pessoa de amuar ou guardar ressentimentos. Só tenho frio e fome e *medo*, e quero sair daqui. Está bem?

Assenti com a cabeça.

— Está bem.

Depois de mais trinta minutos a caminhar sobretudo em silêncio, com os olhos fixos à frente, concentrando-nos em pôr um pé à frente do outro, a Alina disse:

— Malta. — Parámos. — Preciso de ir à casa de banho.

— Claro. Nós viramos as costas — disse eu.

— Vou para trás das árvores — disse ela. — Não gosto de ter pessoas a ver quando...

Era estranho esta mulher *punk* e confiante mostrar-se tão tímida. Ia dar-lhe a lanterna, mas ela disse:

— Não é preciso. Não vou para longe.

Olhei para o céu enquanto ela caminhava para o meio das árvores, entrando por entre dois troncos grossos e desaparecendo de vista. Vi as horas. Agora eram quase quatro da manhã. Esperava que não demorasse muito a começar a amanhecer.

— Estás bem? — perguntei à Laura, puxando-a para junto de mim. O corpo dela estava tenso, os músculos do ombro rígidos. Esfreguei-os através do tecido da camisola com capuz que lhe tinha dado.

— Não quero ser *drama queen*... — As lágrimas chegaram-lhe aos olhos. — Mas está tudo lixado, não está? A nossa grande viagem. Que vamos fazer sem os nossos passaportes? Onde é que vamos arranjar dinheiro?

— Vai ficar tudo bem. Assim que chegarmos a uma cidade, resolvemos tudo.

— Não sei. Uma amiga minha do trabalho perdeu o passaporte no estrangeiro e teve de voltar para casa para arranjar um novo. Não podia atravessar fronteiras sem ele. O consulado britânico arranjou-lhe um documento de regresso, mas mais nada. Teremos de voltar para casa.

Tentei um sorriso.

— Talvez isso não seja assim tão mau.

— Mas planeámos esta viagem durante tanto tempo, e ainda nos falta ver tanta coisa.

— Talvez possamos ir a Inglaterra, renovar os passaportes e voltar.

— Mas não para a Roménia.

— Bem, tenho a certeza de que não é...

— Daniel.

— Está bem. A Roménia não. — Dei-lhe outro abraço. — Apesar de ser tão agradável.

Ela não se riu.

— Por favor, não escrevas sobre isto no *Facebook*, tentando torná-lo numa história divertida, Daniel.

Dei um passo atrás.

— Claro que não. — No entanto, minutos antes tinha estado a pensar exatamente isso: como, pelo menos, conseguiria uma atualização de estado divertida com esta situação.

— Porque não tem graça — disse a Laura. — Não quero ser recordada



disto. Não quero que toda a gente saiba. Por favor, Daniel, prometes-me?

Prometi, tentando esconder a decepção na voz.

— Obrigada.

A Laura olhou para a floresta, para as árvores por onde a Alina se introduzira.

— Está a demorar um bocadinho. — Deu alguns passos na direção da linha de árvores. Um par de latas de cerveja meio esmagadas estavam aos seus pés. — Alina? — chamou. — Estás bem?

Esperámos que ela respondesse. Mas não houve resposta. Só silêncio.

## CAPÍTULO 7



— **A**lina? — Desta vez fui eu a chamá-la. Depois outra vez.

Nada.

Eu e a Laura entreolhámo-nos e eu avancei, segurando-me à casca fria da árvore mais próxima e inclinando-me para o espaço escuro.

— Alina? — chamei. — Estás bem?

A Laura estava atrás de mim, respirando pesadamente, audivelmente. O meu próprio coração batia-me com força no peito, uma bolha fria de ar espalhando-se-me no corpo.

— Onde raio está ela? — perguntei, sem saber se estava a perguntar à minha namorada ou à própria floresta.

A Laura também chamou o nome dela, e a sua voz trémula ecoou nas árvores, sem resposta.

— Ela não pode ter ido muito longe para fazer chichi, pois não? — disse eu.

A Laura fitou-me.

— E se tropeçou em alguma coisa? Pode ter batido com a cabeça. Ou... quem sabe... caído num fosso, ou algo assim.

— Temos de ir ver.

A Laura inalou uma respiração áspera. Neste momento, a beira dos carris parecia um sítio seguro. Mas a floresta... O espaço negro além da linha de árvores. Todo o meu corpo ficou tenso com a ideia de entrar ali.

Mas não tínhamos escolha.

Acendi a lanterna e penetrei nas árvores, exatamente no ponto onde a Alina entrara. A Laura seguiu-me, agarrada ao meu braço.

Mesmo aqui, tendo apenas dado alguns passos, a atmosfera já era muito diferente da segurança relativa da linha férrea. Os ramos baixos e afiados das árvores estendiam-se para nós; arbustos pareciam agarrar-se aos nossos pés. A lanterna incindia sobre cores baças, verdes e castanhos opacos, entre as formas pretas e recortadas das árvores. Cada espaço negro parecia ameaçador, como se contivesse e ocultasse algo de horrível. A minha imaginação preenchia os detalhes que os meus olhos não conseguiam ver, não apenas memórias de uma centena de filmes e livros de terror, mas algo mais fundo no meu cérebro, uma linha que recuava milhares de anos, medo dos bosques escuros programado dentro de mim.

Virei a lanterna para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, tentando penetrar na escuridão, obliterá-la com a luz. Tentei dar mais um passo em frente mas as minhas pernas não se mexeram. Ao invés, puxei a Laura na direção dos carris.

— Não podemos deixá-la. Temos de ir procurá-la — disse a Laura.

Eu estava a suar, apesar do ar frio. Voltei a olhar para a floresta. Não queria ir para ali. O meu cérebro de réptil gritava-me: *Foge, não lutes. Não vás para ali. Foge.*

— E se foi um urso? — sussurrei. — Se calhar, foi isso que aconteceu.

— Disseste-me que estavam extintos.

— Não exatamente extintos. Mas raros.

Olhámos ambos para a linha das árvores.

— Teríamos ouvido alguma coisa — disse ela. — Um grito, um rosnido...

— Como sabes qual é o som de ataque de um urso? Ou podia não ser um urso, podia ser... — Não consegui dizer a palavra que me chegou à cabeça.

*Um monstro.*

— Podia ser o quê?

Eu estava desesperado para não voltar à floresta, sentia-me quase paralisado por uma fobia que não sabia que tinha. Nunca tinha acampado na floresta. Crescera numa cidade, fora criado entre cimento e luzes.

Mas a forma como a Laura me olhava agora era ainda pior do que o meu medo da floresta. Deceção.

— Devíamos ir arranjar ajuda — disse eu.

— Ajuda? Isso vai demorar horas. Precisamos de fazer alguma coisa agora.

— Ou podemos esperar até que haja luz.

Ela olhou para o céu, a Lua diretamente por cima de nós, projetando uma luz maravilhosa e reconfortante na linha de comboio — luz que se desvaneceria assim que penetrássemos na floresta.

— Quanto tempo faltará? Ela pode estar ali, inconsciente, a precisar de ajuda médica urgente. Ou pode estar presa. Ter torcido o tornozelo. E se pisou uma armadilha?

Tal como a minha, a imaginação da Laura estava cheia de imagens de filmes.

— Então porque é que não grita? — perguntei. — Porque não pede ajuda?

— Não sei! Mas temos de tentar encontrá-la. Não conseguiria viver comigo própria se simplesmente a deixássemos, Daniel. Dá-me isso. — Tirou-me a lanterna. — Se tens demasiado medo — cuspiu a palavra —, vou sozinha.

— Não, Laura.

Ela avançou para as árvores.

— Volta aqui.

Fui atrás dela e segurei-a pelo ombro. Ela virou-se.

— Muito bem — disse eu. — Desculpa. Iremos juntos. Dá-me a lanterna.

— Porque é que tu...?

— Por favor, dá-ma. — Não suportava a ideia de não ser eu a controlar a luz.

Segurando a lanterna, com a Laura a agarrar-me a mão livre, enfrentei os meus medos. Sabia que estava a ser estúpido. Durante o dia, teria corrido alegremente para a floresta. Só precisávamos de ter cuidado, de ver para onde nos dirigíamos. Ficaríamos bem. Repeti as palavras silenciosamente. *Bem, bem, bem.*

— Há um caminho — disse a Laura quando atravessámos a primeira linha de arbustos, seguindo o feixe da lanterna. Tinha razão: havia um carreiro

natural entre as árvores, com cerca de um metro de largura. Talvez a Alina o tivesse descoberto imediatamente e decidisse andar um pouco mais até encontrar um bom sítio para responder ao apelo da natureza. Se bem que, porque é que se afastara mais de uma dúzia de passos, eu não conseguia perceber. Embora estivesse preocupado com ela, também não conseguia deixar de me sentir zangado, por nos fazer passar por isto. Parte de mim perguntava-se se ela estaria a tentar assustar-nos. Ou talvez quisesse ver-se livre de nós, tendo decidido não querer passar mais tempo na nossa companhia. Podia ter-se encurvado ao longo da linha de árvores e reemergido mais abaixo no carreiro. Nós não a conhecíamos. Talvez ela achasse divertido assustar-nos e estivesse à espera na cidade com um sorriso maléfico no rosto.

— Se não a encontrarmos daqui a dez minutos, voltamos para trás, marcamos o sítio e vamos buscar ajuda. Não quero que fiquemos aqui perdidos — disse eu. — Concordas?

Algo restolhou na folhagem à nossa esquerda e a Laura gritou e agarrou-me, quase me fazendo largar a lanterna.

— Laura!

— Sim, concordo. Dez minutos.

Apontei a lanterna para o caminho. Podíamos ver cerca de dez metros à nossa frente; para lá disso, o desconhecido. Exceto, claro, recordou-me o meu cérebro racional, que seria apenas mais carreiro e mais floresta. Nada mais. Imagina que é um dia de verão, pensei, que uma viva luz do Sol escorre através da folhagem, dançando no carreiro. Animais engraçados espreitam dos ramos, flores adornam com beleza o caminho. É só um grande bosque. Mas não resultou. Em vez da luz do Sol dançante, via sombras assustadoras. Não havia animais engraçados, apenas os olhos amarelos de predadores famintos. As flores bonitas eram venenosas: beladona e dedaleira. Bagas caídas salpicavam o chão aqui e ali, e imaginei que também fossem venenosas.

Respirei fundo, acalmando-me, e continuámos a andar.

— Alina — chamou a Laura. Eu fiz eco dela, sentindo-me um bocado tolo, preocupando-me também que, caso houvesse ursos aqui, as nossas vozes os atraíssem. Algo correu pelo caminho diante de nós, apanhado pela luz da lanterna, e ambos saltámos.

— Caraças! — disse a Laura em tom baixo.

— Uma ratazana — disse eu. — Acho.

Olhei para trás de mim, virando a lanterna, tentando memorizar o ponto em que entrámos no carreiro. Virei os olhos para cima, esperando ver a Lua, ou o brilho de uma estrela, mas as folhas sobre nós eram demasiado densas. Enquanto andávamos, ouvia barulhos nas sombras, pequenos animais e aves, o estalar de uma árvore antiga batida pelo vento. A mão da Laura era quente e

húmida na minha, mas todo o meu corpo estava frio, em pele de galinha. Tentei falar mas a minha boca encontrava-se demasiado seca. O meu peito parecia prestes a rebentar.

— Acho que descrevemos um círculo — disse eu. — Já passámos por aqui.

— Não é possível.

Mas eu tinha a certeza de reconhecer o sítio onde nos encontrávamos, e que o limite da floresta ficava muito próximo. A urgência de fugir, de me virar e abandonar aquela busca louca, era quase impossível de resistir. Talvez ela se tivesse perdido, tivesse voltado a encontrar o caminho para a linha férrea e estivesse agora lá à nossa espera.

Estava prestes a sugerir que voltássemos para trás para confirmar quando a Laura disse, num sussurro urgente:

— Olha!

Havia algo no caminho à nossa frente. Tornou-se imediatamente óbvio o que era, mas tive de me inclinar para ter a certeza, peguei-lhe e mostrei à Laura.

Era uma bota da Alina. Preta, de pele, o fecho meio aberto.

— Oh, meu Deus.

Virei a lanterna num círculo em torno de nós, procurando a outra bota, mas não a vi em lado nenhum. Abri a boca para dizer que precisávamos mesmo de ir buscar ajuda, quando a Laura me segurou a mão.

— Ouviste isto?

— Não...

Mas então o som veio novamente, débil mas inconfundível. Um grito humano.

— Oh, merda — disse a Laura.

— Temos de voltar para trás... — Mas a Laura já estava a avançar, correndo pelo caminho, e eu soltei os pés e segui-a, ambos correndo quando o grito se repetiu, desta vez mais perto. Enquanto corríamos, tomando um caminho mais irregular em direção à origem do barulho, a floresta parecia fechar-se sobre nós, e agora, nos meus pesadelos, quando revivo esta cena, vejo rostos nas árvores, bocas rindo e olhos cruéis gravados na cortiça, troçando e escarnecendo, enquanto corremos em câmara lenta.

E então, sem aviso, o carreiro terminou e emergimos numa enorme clareira. O terreno era plano, estendendo-se até ao tamanho de um campo de futebol, uma ou outra árvore aqui e ali. Todas as árvores estavam encurvadas, sem folhas. Mortas. E no centro da clareira, fazendo-me pestanejar e olhar estupidamente, meio convencido de estar a alucinar, estava uma casa.

— Que raio? — disse. Eu e a Laura virámo-nos e olhámos um para o

outro.

A casa tinha três andares e telhado plano, janelas escuras e uma porta de madeira. Era impossível dizer que idade tinha, mas a palavra que vinha à mente era «antiga». Tão antiga quanto a própria floresta. E, tal como as árvores negras que se encurvavam na clareira, o terreno em volta da casa parecia morto, a relva tingida de cinzento pelo luar débil.

Brilhavam luzes nas janelas. Velas, percebi. Tal como a luz que brilhava no côncavo de uma abóbora de Halloween.

Eu sabia, com todos os meus instintos, cada pedacinho de conhecimento herdado e aprendido, que era um sítio mau. Que precisávamos de virar as costas, neste momento, e irmo-nos embora. Que não devíamos dar nem mais um passo em direção àquele edifício, que não devíamos atravessar aquela porta, não devíamos entrar.

Mas então ouvimos outro grito, um soluço estrangulado vindo do interior das paredes de pedra e, quando o silêncio voltou a abater-se, eu e a Laura caminhámos para a casa, para a porta, como se as nossas pernas tivessem vontade própria.

## CAPÍTULO 8



**E** saímos, irrompendo de entre as árvores, de volta ao carreiro, tropeçando à meia-luz, quase a cair, um de nós segurando o outro, parando apenas para pegar nas nossas mochilas no limite da floresta.

Corremos todo o caminho até à cidade.

Não falámos.

Não olhámos para trás.



## **PARTE DOIS**



**LONDRES**

**Novembro de 2013**

## CAPÍTULO 9



**E**stava sentado na cadeira no canto do quarto e olhava para a cama vazia. O quarto encontrava-se húmido, bafiento, cheirava a suor alcoólico e à roupa suja que transbordava do cesto. Canecas usadas, embalagens de analgésicos e livros por ler ameaçavam empurrar-se uns aos outros da mesa de cabeceira.

Por vezes, à noite, ouvia algo arranhar e correr nas paredes. Ratos, atraídos pela imundície crescente? Precisava de deixar entrar algum ar fresco, mas o esforço de o fazer, de atravessar o quarto, destrancar a janela e forçar a abertura, era demasiado. Tudo me parecia demasiado esforço.

A única coisa que queria era dormir. Estava exausto, permanentemente

em *jet lag*, com os olhos a arder e a inépcia que vem do excesso de cansaço. Estava sempre a esbarrar em coisas, a deixar cair o telefone, a partir loiça. Há três meses que não conseguia dormir bem.

A colcha estava dobrada de maneira a parecer que alguém dormia na cama. Não apenas *alguém*. A Laura. Quase conseguia vê-la e ouvir a sua respiração suave, os barulhinhos fanhosos que ela fazia no sono. Se eu me arrastasse desta cadeira desconfortável de madeira e deslizesse a mão sob o edredão, poderia sentir a sua pele quente, afagar o seu cabelo.

Mas a forma da cama não era a da Laura. Era um espaço vazio. Um fantasma.

Porque a Laura já não estava aqui.

\* \* \*

Ela partira a meio de outubro, seis semanas antes. No dia em que ela partiu, eu estive numa reunião que não consegui evitar. Nunca esquecerei a forma como a Camilla e o Damien da *Skittle* me tinham olhado, como que perguntando-se se o verdadeiro Daniel fora arrancado do seu corpo, se a pessoa que estava sentada diante deles, com as unhas roídas e incapaz de formar uma frase coerente, era um impostor. Disse-lhes que tinha apanhado um vírus mau nas minhas viagens, que ainda tentava combatê-lo, o que era uma versão deturpada da verdade. Eu queria dizer-lhes que o velho Daniel, a pessoa que eles conheciam, não regressara da Roménia. Este era a nova versão, diminuída.

Felizmente, não se esperava que eu fizesse muito além de cooperar com os seus esforços de RP. Tinha sido entrevistado por um par de jornalistas da *Wired* e algumas outras revistas de tecnologia, que me fizeram montes de perguntas sobre a aplicação que eu criara e o negócio que fizera. A minha *app*, *Heatseeker*, seria lançada na primavera. Até lá, tinha pouco que fazer, embora continuasse a dizer a mim próprio que precisava de começar a trabalhar noutra coisa. Estava à espera de que me chegasse a inspiração.

Quando cheguei a casa, a Laura estava ao lado de um táxi preto, o motorista levantando a sua mala de viagem do solo.

— Que... que estás a fazer? — perguntei.

A Laura pestanejou para mim e entrou no táxi.

— Está tudo bem, linda? — perguntou o taxista.

Ela acenou que sim e ele sentou-se atrás do volante.

— Aonde vais? — perguntei, inclinando-me na janela, segurando o caixilho com os dedos.

Ela fez uma inalação longa, muito longa.

— Vou ficar com a Erin e o Rob.

Eram amigos nossos que viviam em Camden.

Eu mal conseguia falar.

— Porquê?

Ela abanou a cabeça, com tristeza.

— Tu sabes porquê, Daniel.

E então foi-se embora, o táxi acelerando através das poças de água, encharcando uma velhota do outro lado da rua e desaparecendo depois da esquina.

Fiquei na rua por muito tempo, sem consciência da chuva até esta me escorrer para os olhos e eu só poder ver um véu aguado que, por fim, embora isso não fosse realmente importante, me escondeu as lágrimas.

Icei-me para fora da cadeira e fui à sala, tropeçando na caixa de reciclagem que deixara junto da porta, todas as garrafas de vinho vazias lá dentro matraqueando e tinindo umas de encontro às outras. Isto recordou-me de que precisava de fazer uma lista de compras de mercearia. Só me sobravam duas garrafas de álcool no apartamento, uma das quais era uma garrafa de litro de *Ouzo* que o Jake me trouxera de umas férias na Grécia há um ano. O pobre Jake tinha sido forçado a suportar várias noites sentado junto de mim enquanto eu me embebedava e fazia abertamente o luto pela minha relação. Era particularmente frustrante para ele porque eu não lhe contava o que criara a fratura que me separara da Laura.

— Não faz sentido — repetia ele. — Vocês estavam tão bem um para o outro.

— Eu *sei*.

— Ela anda com outra pessoa? Queres que mate o canalha em teu nome? Ou que faça uma canção acerca dele?

— Não há mais ninguém.

— Então, só há uma explicação. Vocês os dois enlouqueceram completamente. — Esperou que eu respondesse. Quando não disse nada, continuou: — Vá lá, podes contar-me. Sei guardar um segredo.

— Ah! Deixa-te disso, Jake. És o maior coscuvilheiro que já conheci.

Não resistes a partilhar uma boa história.

— Estou ofendido, Dan. Se me disseses que é um segredo, guardo-o aqui.  
— Pôs uma mão sobre o coração. — Sou capaz de guardar segredos, sabes?

Tinha chovido tanto nas últimas semanas que eu começara a olhar pela janela à espera de ver corpos passarem a flutuar. Embora não seja tão egocêntrico que julgue que o tempo está relacionado com a minha vida, decerto que parecia apropriado. Tinha passado muitos dias sentado no meu apartamento a ver a chuva bater nas janelas, as pessoas a correrem para fora dos carros na rua lá em baixo, os miúdos a chapinhar em poças enquanto os pais ensopados tentavam arrastá-los para casa. Queria que a chuva levasse a memória do que tínhamos visto e feito. Mas a única coisa que ela causou foi que a mancha de humidade por baixo da janela da cozinha florescesse e se espalhasse, e dar-me uma boa desculpa para ficar em casa.

Entrei na cozinha estreita. Uma das três lâmpadas estava fundida mas eu não me tinha dado ao trabalho de a mudar. Tinha a sensação de que, quando a última lâmpada finalmente morresse, eu dependeria da luz do frigorífico.

Olhei para o telefone, para ver as horas. Um quarto para o meio-dia. Era demasiado cedo para abrir o *Merlot* que restava. Mas podia beber um copo ao almoço. Uma da tarde era uma hora mais civilizada para almoçar, mas meio-dia era aceitável. Ocupei-me durante quinze minutos a ver um programa de televisão acerca de uma mulher que acreditava ter tido um encontro sexual com um fantasma, e depois voltei à cozinha. Não tinha fome e o pão tinha uma penugem verde. Podia beber um copo de vinho sem comer? Sabia que não devia, mas já sentia o seu sabor, antecipando a sua espessura sanguinolenta na minha língua.

Servi meio copo de vinho, hesitei, e depois enchi-o. Levei-o para o sofá e afundei-me diante da televisão. Apareceu uma rubrica sobre Center Parcs: uma família a passear numa floresta. Peguei no comando e mudei de canal.

Se eu conseguisse dormir, se conseguisse ter pelo menos uma noite de descanso decente, tinha a certeza de que me sentiria melhor, que poderia voltar a funcionar. Era um dos meus pretextos para beber, porque depois de duas garrafas, desmaiava. Mas, uma hora ou duas depois, acordava sobressaltado, sentindo que uma bomba nuclear se detonara no meu crânio. O resto da noite passava numa série de alucinações inconstantes, algumas inventadas, algumas recordadas, e eu tentava desesperadamente fechar a porta das minhas memórias.

Por vezes elas conseguiam escapar-se, como que reveladas por uma câmara a piscar no escuro.

*Flash.* A minha mão na porta de madeira empenada.

*Flash.* Um rosto branco como osso, retorcido de dor.

*Flash.* A Laura a tropeçar na escada torta.

Dei uma golada de vinho tinto. Enquanto este me descia pela garganta, pude ver uma imagem da minha mãe, a abanar a cabeça e a dizer: «Assim não pode ser, pois não, Daniel? Isto não pode continuar.»

Gritei e atirei o copo para o outro lado do quarto. Este despedaçou-se de encontro à lareira, vinho escuro a salpicar as paredes como jorros de sangue numa cena de crime, estilhaços de vidro a cair na alcatifa.

*Isto não pode continuar.*

Quando me levantei, sabendo que tinha de limpar o vinho e os vidros, uma exaustão terrível tolhendo-me os membros enquanto os contemplava, o meu telemóvel tocou.

No ecrã lia-se LAURA.

Ansiosamente, premi «Atender» e disse:

— Estou?

— Daniel? Estás bem? Pareces... esquisito.

— Sim, eu só... — Ri-me. — Deixei cair um copo. De sumo de laranja.

— Oh. Queres que ligue mais tarde?

— Não! Quero dizer, não, agora está bem. Agora está ótimo. Que se passa? — Precisei de todas as minhas capacidades de representação para soar normal.

Porque é que ela hesitava? Iria dizer-me que queria voltar para casa? A esperança inchou no meu peito.

— Há uma coisa que preciso de te dizer — disse ela.

— O quê?

A voz dela vacilou.

— Preciso de to dizer pessoalmente.

## CAPÍTULO 10



A Erin e o Rob Tranham viviam numa rua secundária arborizada em Camden, uma das zonas mais caras do Norte de Londres, uma zona onde eu e a Laura tínhamos passado muitos fins de semana no início da nossa relação. Costumávamos sair para beber e dançar metade da noite antes de irmos dormir em casa dos nossos amigos, depois vagueávamos, ressacados e aturdidos, pelo meio das multidões junto do mercado antes de irmos para casa. A avó da Erin tinha comprado a casa pelo preço de um *venti latte* do Starbucks nos anos sessenta, legando-o à neta quando se reformara e mudara para França.

Toquei à campainha e perguntei-me se teria uma aparência tão horrível quanto me sentia. Ia na minha terceira pastilha elástica, tentando dissimular o cheiro do *Merlot* que bebera à hora de almoço.

O Rob abriu a porta e fez-me um gesto para entrar. Eu ia negar, mas ele teve uma reação de surpresa ao ver-me melhor, dando-me tempo para notar o

quanto estava em forma e saudável, os tríceps bombeados como se tivesse acabado de chegar do ginásio, e então a Erin apareceu. Tinha o cabelo preso com pauzinhos e aquela pose que as mulheres muito grávidas adotavam frequentemente: uma mão nas costas. Olhei para a sua enorme barriga enquanto o Rob punha um braço orgulhoso e protetor em volta dela.

— Ena — disse eu. — Deve nascer em breve.

— Sim, estou de mais de oito meses. E é um *ele* — disse ela. — Vamos ter um rapaz.

— Um mini-Rob. Parabéns, amigo. — Apertei a mão do Rob. Ele largou-a rapidamente, recuando.

A Erin estava a olhar para mim, com compaixão ou talvez piedade.

— A Laura está na cozinha — disse ela. — Vai lá.

Eu sabia onde era a cozinha, tínhamos feito ali jantares, preparado *cocktails* e aberto cervejas antes de saídas à noite, como dois casais. Mas a Erin estava a agir como se eu fosse, se não um estranho, um mero conhecido. Alguém que ela conhecera há muito tempo.

Talvez, pensei, isso fosse verdade. Porque ela só conhecia o antigo eu. Não esta nova versão. Eu estava a viver a materialização daquela expressão: uma sombra do seu antigo eu.

— Olá, Daniel.

A Laura estava sentada à sólida mesa de carvalho, segurando uma chávena de chá como se fosse uma boia de salvação. Quando a vi, fui percorrido por um arrepio. Estava com uma camisola preta e tinha o cabelo atado atrás, expondo-lhe o rosto. Ainda era Laura, ainda era linda. Mas estas muitas semanas separados permitiram-me ver as mudanças. Tal como eu, estava mais magra, mais pálida; havia uma nova qualidade translúcida na sua pele. Os ossos das faces eram visíveis, a linha do queixo mais afilada. As unhas estavam roídas, como as minhas, algo que ela nunca fizera, repreendendo-me antes pelo mau hábito que deixava as minhas cutículas num estado de desgraça permanente.

Ela também desenvolvera um hábito novo, nos dias a seguir ao nosso regresso, o ato de limpar e esfregar os olhos, como se houvesse ali alguma coisa que a incomodava. Explicou-me que havia uma forma a espreitar na periferia da sua visão. Como quando se olha para uma luz e se vê a impressão na retina depois de se desviar o olhar. Mas esta impressão não se desvanecia.

Sentei-me à frente dela e ela perguntou-me se queria um chá ou um café. Abanei a cabeça e olhei por cima do ombro. A Erin e o Rob tinham ido para a sala, dando-nos privacidade. Não tinha a certeza se era bom sinal ou mau.

— Como vai isso? — perguntou a Laura. Sem esperar que eu respondesse, disse: — Pareces doente.



— Obrigado.

Ela encolheu um ombro.

— Desculpa, mas é verdade. Eu também pareço doente.

— Não, tu pareces... bem.

Noutro tempo, ela ter-se-ia rido.

— Não pareço — disse num tom neutro. Olhou para o seu chá, procurando mais palavras. Detestava este embaraço entre nós. Não era justo, não estava certo. Queria segurá-la, olhá-la nos olhos e dizer: «Laura, sou eu, o Daniel. Ainda sou eu. E tu ainda és tu.»

Mas não o fiz. Não disse nada.

— Então — disse ela. — Que se passa contigo? Estás a trabalhar muito?

— Estou a pensar — disse eu.

Ela acenou com a cabeça, compreendendo. Também tinha tido dificuldades com o trabalho.

— Então, o que é que querias dizer-me? — perguntei.

Ela respirou fundo.

— Vou mudar-me — disse.

— Mudar? Para onde?

Ela não conseguiu olhar-me.

— Perth.

Por um momento, não tinha a certeza de ter ouvido bem.

— Vais mudar para a Escócia?

Ela riu-se, um vestígio da antiga Laura aparecendo e logo desaparecendo.

— Não. Perth na Austrália.

Vacilei, a boca abrindo, fechando e voltando a abrir.

— *Austrália?*

— Sabes que a minha tia vive lá?

Tinha uma vaga memória de ela ter falado disso uma vez.

— Então vais viajar?

— Não. Emigrar.

Abri a boca mas ela interrompeu-me.

— Já falei com uma consultora independente que vai ajudar-me com a candidatura, e ela acha que reunirei pontos suficientes para ir, especialmente com o apoio da minha tia.

Era como levar um murro na cabeça.

— Mas... porquê?

Ela olhou-me.

— Precisas mesmo que explique?

— Sim. Preciso.

Ela inclinou-se sobre a mesa, empurrando a chávena.

- Preciso de um recomeço totalmente novo, longe.
- Bem, mais longe que isso, era difícil.
- Exatamente.
- Não podes ir — disse eu, levantando-me.
- Daniel, só estou a dizer-te por...
- O quê? Educação?

A temperatura na cozinha descera vários graus. A Laura franziu a testa, o olhar fixo no tampo da mesa.

- Só achei que devias saber.

Respirei fundo várias vezes e contei até dez.

- Quanto tempo demora? A candidatura?

- Alguns meses.

- *Meses?* — Eu tinha esperança de que ela dissesse um ano.

- Por favor, sê compreensivo — disse ela. — Sabes como estou infeliz.

Preciso de fazer algo para mudar as coisas, e esta foi a melhor ideia que tive.

Um recomeço totalmente novo. Pela primeira vez desde... — Interrompeu-se.

— Pela primeira vez em muito tempo, sinto-me entusiasmada com uma coisa.

*Sinto* realmente algo... algo que não é horror, remorso ou medo.

- Mas isso é fugir, Laura.

- Não, não é.

- É. Tal como fugiste de mim.

- Daniel, não sou uma criança.

Ocorreu-me uma ideia e voltei para a cadeira diante dela, tentando agarrar-lhe a mão.

— Deixa-me ir contigo. Eu também podia emigrar. Sempre quis ir à Austrália.

Parecia que eu tinha sugerido que fizéssemos sexo em cima da mesa da cozinha da Erin e do Rob.

- Não. Preciso de fazer isto sozinha.

- Não há nada que me prenda aqui...

- Há, sim. O teu trabalho...

- Que posso fazer em qualquer sítio.

— ...e a tua família. A tua mãe. Daniel, a questão fundamental é que eu preciso de uma pausa. Uma pausa completa.

A minha mão, que estivera a batucar na mesa, imobilizou-se.

— Então não é de Inglaterra que queres estar a milhas de distância. É de mim.

Ela levantou-se.

- Se eu soubesse que ias ficar agressivo...

- Não estou a ser agressivo!

— Pensei que compreenderias. És a única outra pessoa que sabe o que eu passei.

— O que *nós* passámos.

Ela levantou-se e atravessou a cozinha até ao lava-loiça, encheu um copo de água e deu um grande gole.

— Por favor, não quero mesmo discutir acerca disto, Daniel.

Foi a minha vez de me levantar.

— Em vez de fugires para a Austrália, se calhar devias fazer o mesmo que eu estou a fazer. Ir a um psicólogo.

Ela quase deixou cair o copo.

— Tens ido a um psicólogo?

— Sim. Uma mulher chamada doutora Sauvage.

— E está a ajudar?

— Ainda não sei.

— Contaste... contaste a essa mulher exatamente o que aconteceu?

— Nem tudo. Não. Ela quer saber como estou a sentir-me agora.

Ela parecia aliviada.

— Não quero ir a um psicólogo. Não quero falar de nada do que aconteceu. Quero esquecer, se me for possível fazê-lo. É por isso que vou para outro país, começar uma vida nova.

Nesse momento, a Erin veio à cozinha, parando embaraçadamente à porta. Tinha estado a ouvir-nos? Tínhamos levantado a voz? A Erin tinha ambas as mãos na sua barriga madura, como se tentasse proteger o seu bebé por nascer de ouvir estes adultos a discutir. Tive uma vontade enorme de dizer ao bebé que ficasse no útero, onde estava seguro, abrigado. *Está tudo lixado cá fora*, queria dizer-lhe. *Está tudo lixado e há monstros. Não acredites nas pessoas quando te disserem que essas coisas não existem.*

— Desculpem — disse a Erin. — Estou a ter uma queda de açúcar e preciso de comer alguma coisa.

A Laura atravessou a cozinha, puxou uma cadeira e fez a amiga sentar-se. Quase com o mesmo gesto, abriu o frigorífico e começou a tirar fruta, queijo e carne embrulhados em folha de alumínio.

— Estás com desejos de quê?

A Erin sentou-se e sorriu-me.

— Não te preocupes, não vou comer ananás com maionese. Uma sandes de fiambre seria ótimo, Laura. Obrigada, querida.

Observei a Laura a fazer a sandes e a passá-la à Erin. Mesmo no meio da sua falta de açúcar, a Erin emanava saúde e vitalidade. Grávida de oito meses. Podia ser a Laura agora. Mas em vez de estar mais próxima de mim do que nunca, ia mudar para o raio do outro lado do mundo.

— O que é que achas de a Laura se mudar para a Austrália? — perguntei à Erin.

A Erin deu uma dentada na sandes e mastigou antes de responder.

— Claro que não quero que ela vá. — Abanou a cabeça. — Não compreendo nada. O que é que vos aconteceu? Pareciam tão felizes. O que é que tu fizeste, Daniel? A Laura não me diz.

— Ele não fez nada!

— Mas nenhum de vocês me diz o que causou a vossa separação. Vá lá, Dan. Podes dizer-me, não podes? Dormiste com outra pessoa?

A Laura lançou-me um olhar suplicante. *Nunca falaremos acerca disto*, dissera ela no caminho de volta da Roménia. *Promete-me*.

*Prometo*.

Eu não precisava de prometer. Também não queria falar daquilo. Só queria esquecer. Se não falasse, podia fingir que nunca tinha acontecido. Nada daquilo. Essa era a única forma de lidar com a situação.

— Ele não dormiu com outra pessoa — disse a Laura.

A Erin suspirou pesadamente.

— Está bem. Mas acho que vos devia bater com a cabeça uma na outra. — Abanou a sandes na direção da Laura. — Contaste-lhe o que te aconteceu ontem?

— Não — disse a Laura, movendo os olhos nervosamente.

— O que foi? — perguntei.

Os olhos da Erin estavam grandes e redondos. A voz dela baixou para um sussurro.

— Diz-lhe, Laura.

Ela olhou para a mesa da cozinha, roendo a unha do polegar, incapaz de me olhar nos olhos.

— Acho que... Acho que alguém tentou matar-me.

— Oh, meu Deus. Onde? Como?

— Na estação de metro de Charing Cross. Vinha para casa, do Consulado da Austrália, sabes, onde se vai fazer o processo de candidatura, e... — Interrompeu-se, ainda fitando a superfície da mesa, depois contou-me o que lhe tinha acontecido na estação no dia anterior.

## CAPÍTULO 11



**L**aura desceu as escadas do Consulado da Austrália, com os documentos bem dobrados no saco que tinha ao ombro, sentindo-se curiosamente leve. Imaginou-se como um balão cheio de hélio, largado pela mão de uma criança descuidada, elevando-se das ruas enevoadas da cidade, passando as janelas dos edifícios imponentes ali na Strand, flutuando em direção às nuvens. *Libertado*. Que sentimento maravilhoso.

Enquanto caminhava em direção a Charing Cross, manteve-se o mais perto possível dos edifícios, sentindo-se protegida pelo cimento sólido. Um homem emergiu de uma das pequenas passagens entre os edifícios e Laura deu um salto, levando a mão ao peito. Baixou a cabeça e estugou o passo.

Na semana anterior tinha sentido que estava a ser observada. Estava sempre a ver uma figura pelo canto do olho, mas quando olhava, a figura desaparecia. Sabia que estava a imaginar, e, como que para o provar, viu a figura novamente, do outro lado da estrada, um vislumbre de roupas pretas e pele branca que se desvaneceu na multidão. Forçou-se a continuar a andar, com os olhos em frente. Queria estar em casa.

Sabia que não devia referir-se à casa de Erin e Rob como casa. Era temporário. Um abrigo temporário. Que era exatamente do que ela precisava naquele momento. Sentia-se culpada por impor a sua presença durante tanto tempo à amiga grávida, mas Erin insistira que estava tudo bem.

— Estiveste lá para mim e o Rob quando passámos por um momento difícil — disse Erin, referindo-se a um período alguns anos antes em que ela descobrira que Rob estivera muito perto de ter um caso. Felizmente, tinham resolvido o assunto. — Além disso, será conveniente ter uma *babysitter* interna quando o pequenino chegar!

Toda a gente estava a ser prestável. A sua diretora, Simone, deixava-a trabalhar em casa. Simone confidenciara a Laura que também sofrera de agorafobia, acreditando no que Laura lhe dissera no dia em que dera por si a chorar ao computador, enquanto os colegas a fitavam embasbacados. «Demora o tempo que precisares», dissera ela naquela voz calmante que fez Laura ter vontade de chorar outra vez.

Por isso, graças a Erin e a Simone, Laura tinha um sítio onde se abrigar durante aquele período. O seu «período tarântula», como secretamente o designava.

Na semana anterior tinha assistido a um documentário acerca dessas aranhas. *A tarântula muda de pele uma vez por ano*, explicara o narrador, *em seguida fecha-se atrás de uma parede de seda até a sua nova pele endurecer. Só depois disso reemerge e recomeça a alimentar-se.*

Laura nunca pensara vir a comparar-se com uma grande e assustadora aranha. Mas era exatamente assim que se sentia. Esperava que a sua nova pele crescesse, endurecesse.

Desde a Roménia, a concha em volta do seu coração, tal como a pele da aranha, fora arrancada, deixando-o exposto. Estava em constante dor, incapaz de suportar a visão do sofrimento dos outros. E percebera que, ali, nunca sararia. Era por isso que precisava de se ir embora.

Receava o momento em que tinha de falar a Daniel dos seus planos, no dia seguinte, mas sabia que precisava de o fazer. Há várias semanas que não falava com ele. Talvez já tivesse outra namorada. Ele nunca tivera problemas em atrair mulheres. Havia um certo tipo de rapariga, como ela, que se sentia atraída pelos cromos *sexy*, que gostavam mais de Clark Kent quando usava os

seus óculos do que quando se transformava em Super-homem. E Daniel detestava estar sozinho, praticamente não passara uma noite sozinho em toda a sua vida. Havia ocasiões em que ela viajava em trabalho e ele contava-lhe que tinha passado a semana a andar de um lado para o outro no apartamento, falando sozinho e dando em doido. Por isso não, ela não o imaginava sozinho por muito tempo.

Não importava que a ideia dele com outra mulher fosse como uma faca no estômago. Não podia mantê-lo preso, suspenso na hipótese de ela voltar. Isso seria cruel. Queria que ele fosse feliz e a melhor maneira de *ele* sarar era encontrar uma pessoa nova, lançar-se numa nova relação. Se ela fosse a sua médica, receitar-lho-ia. Ao mudar-se para o outro lado do mundo, tornar-lhe-ia isso mais fácil.

Conteve a vontade de chorar.

Momentos depois, chegou à estação de Charing Cross. Parou. Tanta gente. Havia ainda mais movimento nessa altura do que antes, quando apanhara o metro em Camden. Tentou não olhar para ninguém. Talvez fosse melhor apanhar um táxi. Mas precisava de poupar todo o dinheiro que pudesse, pois precisaria dele para a grande mudança. Desde que não olhasse para ninguém, estaria bem. Além de que era estúpido ter medo de multidões. Deviam ser os lugares vazios a assustá-la.

Desceu as escadas para a estação, agarrada ao corrimão como uma senhora idosa. As pessoas lá em baixo moviam-se como *zombies*. Teve um vislumbre de um deles a mover-se na sua direção, olhos vagos a revirar, dentes à mostra, agarrando-a e rasgando-lhe a garganta... Sacudiu a imagem e contou até cinco por baixo da respiração.

*Vá lá, incentivou-se. Consegues fazer isto.*

Seguiu as indicações para a plataforma, dirigindo-se ao extremo oposto. O painel mostrava que haveria um comboio dentro de quatro minutos. Nesses quatro minutos, cada vez mais pessoas entraram na plataforma, muitas delas dirigindo-se para o mesmo sítio que Laura. Estava cercada, corpos demasiado perto dela, o cheiro de batatas fritas do *McDonald's* que a mulher ao seu lado tinha na mão dando-lhe vontade de vomitar.

— *Com um caraças* — murmurou ela, semicerrando os olhos para o painel. Então ouviu o rugido do comboio que se aproximava, felizmente, e olhou para a linha. Um rato pequeno e deformado corria entre os carris.

Ela virou a cabeça rapidamente. Não eram só as pessoas que a assustavam nas viagens de comboio. Era a visão da linha. Os carris.

Surgiu-lhe uma imagem: ela e Daniel a correr ao longo da linha em direção à cidade, cambaleando e tropeçando mas mantendo-se de pé, o Sol a nascer, a sua garganta dorida de gritar. E Daniel segurara-lhe o braço e...

Avançou para o extremo da plataforma, sacudindo os braços. Via o rato, petrificado entre os carris, e ela estava a cair, a cair, e um barulho de trovão vinha do túnel, o ar soprando com força ao longo da plataforma, o comboio irrompendo para a luz...

Alguém a agarrou por trás, quase caiu com ela, mas conseguiu afastar os dois da beira da plataforma. Um homem alto, de fato. Tinha-a segurado.

Ela não conseguia respirar normalmente. O homem segurou-a, murmurando-lhe ao ouvido, dizendo-lhe que se acalmasse, está tudo bem, acalme-se, está tudo bem...

Ela soltou-se dele e olhou em volta. Estava toda a gente a olhar para ela, mas agora o comboio parara na gare e as portas abriam-se, por isso as atenções desviaram-se rapidamente.

— Que aconteceu? — perguntou o homem que a segurara. — Tropeçou?

Ela não se lembrava de ter tropeçado, mas disse:

— Deve ter sido. Estou sempre a tropeçar nos meus próprios pés.

Agradeceu-lhe e tentou dar-lhe dinheiro da sua carteira, o que o fez rir. Ele entrou no comboio e ela podia senti-lo a observá-la enquanto as portas apitavam e se fechavam.

Tinha tropeçado... ou alguém a empurrara? Tinha a certeza de sentir as impressões das mãos nas costas.

Olhou em volta. Mais pessoas emergiam na estação. Se alguém a tinha empurrado, já estava muito longe. Fechou os olhos e fez uma inspiração longa e profunda. Devia ter tropeçado. Perdida nos sonhos, colidira com alguém, provavelmente tropeçara numa daquelas irritantes malas com rodinhas. Era tudo. Era ridículo pensar que alguém ali a queria matar.

Entrou no comboio seguinte e encontrou um lugar, uma memória ocorrendo-lhe. Quando se agarrara ao homem que a salvara, tinha visto uma figura a empurrar apressadamente a multidão, afastando-se dela. Não sabia se era um homem ou uma mulher. Não sabia...

Eliminou o pensamento e recordou-se de que era estúpido pensar assim.

Quando chegou à sua estação, estava convencida de ter imaginado tudo.



## CAPÍTULO 12



O consultório da doutora Claudia Sauvage ficava no último piso da sua enorme casa vitoriana de tijolo vermelho em Crouch End. Por vezes, subindo as escadas até à sala nas traseiras da casa onde decorriam as nossas sessões semanais, tinha vislumbres da sua vida fora da sala de terapia. O cheiro de sopa a emanar da cozinha, fotografias da doutora Sauvage e do marido emolduradas e penduradas no corredor, um par de *Pugs* espreitando com os seus focinhos achatados da sala de estar. Mas não tinha permissão para fazer perguntas à Claudia sobre a sua vida: as nossas sessões eram totalmente dedicadas a falar de mim.

A primeira sessão fora para elucidar a Claudia sobre o meu *background*. Não estava certo da pertinência disto, mas ela disse que era importante ter o máximo de informação possível para poder compreender-me e ajudar-me. Então contei-lhe que cresci em Beckenham, nos arrabaldes do Sul de Londres, e era filho único. Os meus pais tinham-se divorciado e não éramos

particularmente próximos. A Claudia queria saber muito mais acerca disto, mas eu estava relutante em falar. Não achava que fosse importante. Ela tomou notas quando lhe contei que agora só os via no Natal e em poucas ocasiões especiais. Ambos tinham voltado a casar e haviam-se lançado em novas vidas com os seus novos parceiros. Normalmente queriam falar acerca do que o outro andava a fazer, como se competissem para ser o mais feliz. Eu não queria ser arrastado para isso.

Passei uma grande parte da minha adolescência no meu quarto a jogar videojogos e a aprender a programar. Era um cromó, até descobrir a música e conhecer o Jake, que me mostrou que a vida fora do meu quarto era muito mais interessante. A partir dessa altura, passei muito tempo a tentar descobrir quem era. Era obviamente matemático e científico, mas ansiava por ser artístico e boémio. Estudei Ciências Informáticas na universidade mas saía e bebia muito e tive uma série de namoradas de curta duração, todas elas estudantes de alguma disciplina artística. Deixei de ler ficção científica e lia livros que essas raparigas me impingiam: Donna Tartt, Douglas Coupland, muitos clássicos Penguin. Experimentei drogas leves. Vi muitos filmes legendados.

Depois da universidade, mudei para o Norte de Londres e trabalhei para uma *start-up* da *internet* alguns anos antes de me dedicar a desenvolver aplicações nos tempos livres. Conheci a Laura através do Jake e apaixonei-me pela primeira e única vez. A Laura era tudo o que eu sempre tinha querido: muito lida, ligada às artes, apaixonada e com princípios. Incentivou-me a abraçar a minha verdadeira natureza, a fazer coisas de que gostava sem me preocupar com a imagem que projetava. Ajudou-me a perceber quem sou. Enchi o nosso apartamento de engenhocas e ela deu-lhe vida com tralha, velas e cores vivas.

— É interessante — disse a doutora Sauvage — que quando lhe pedi para falar de si, tivesse rapidamente começado a falar-me da sua namorada.

Encolhi os ombros.

— A minha vida não tem nada de especial.

Ela sorriu.

— Todas as vidas têm alguma coisa de especial.

A doutora Sauvage andava por meados dos quarenta, era magra e elegante, com pulsos finos e pernas para as quais eu tinha dificuldade em não olhar. Usava óculos modernos e um vestido de *jersey* cinzento-escuro. Durante as nossas sessões, fumava um cigarro eletrónico, enviando nuvens de vapor de água para o ar. Perguntara-me se me incomodava, e não me incomodava nada. «Estou mais viciada nisto do que alguma vez estive nos cigarros verdadeiros», confidenciara-me.

— Então — disse ela agora. — Como se sente, Daniel?

Quando eu não respondi, disse:

— E o seu sono? Melhorou?

Ajeitei a minha posição na poltrona.

— Não. Só dormi duas horas na noite passada, talvez três.

Esperou que eu continuasse.

— Tenho uma coisa nova com que me preocupar.

— Oh?

— A Laura, a minha namorada, *ex-namorada*... — Suspirei. — Vai sair do país. Vai para a Austrália. Para a porra da Austrália. Desculpe. — Um sorrisinho acompanhou o meu pedido de desculpa.

— Pode dizer palavras se precisar, Daniel. E como se sente acerca disso?

— Como me *sinto*? Estou devastado. Não quero que ela vá. Não posso deixá-la ir. Ela está só a tentar fugir, depois do que aconteceu. É uma loucura. Não serei capaz de suportar se ela se for embora.

Ela levantou uma mão, vendo como eu estava a ficar agitado. Fiz cinco respirações lentas e profundas, fechei os olhos, tentei visualizar algo agradável. Mas a única coisa que conseguia ver era a Laura e depois, pior... Abri as pálpebras com força.

— Acha que a Laura estaria interessada em vir a uma sessão consigo? Podia ser útil para ambos. Quando uma família experiencia um trauma em conjunto, é comum tratá-la como unidade. O mesmo com casais.

— Ela não o fará. Tentei falar com ela acerca disto, mas não está interessada. Nem sequer fala comigo acerca do que aconteceu. De certeza que não falará consigo.

— E o Daniel? — perguntou ela com voz gentil. — Falará comigo acerca disso?

Até agora, eu só lhe tinha conseguido contar o que levava à caminhada ao longo da linha do comboio. Passara as primeiras duas sessões a contar-lhe as coisas boas: as nossas primeiras semanas a viajar pela Europa, os tempos divertidos. Também lhe falei dos nossos planos, das nossas razões para irmos. Todas as coisas que se tinham perdido. E na semana passada contara-lhe os acontecimentos no comboio, até nos encontrarmos na estação deserta com os cães ferozes.

Perturbação de stresse pós-traumático. Fora o que o psicólogo do SNS me diagnosticara, algo que eu associava a veteranos de guerra ou aos bombeiros que tinham tentado salvar pessoas no World Trade Center. Porém, quando me descreveram os sintomas, percebi que os tinha praticamente todos. Memórias intrusivas intensas do evento traumático. Pesadelos. Perda de interesse na

vida. Falta de motivação. Insónia. A sensação de estar em constante alerta vermelho. Assustar-me facilmente. Abuso de substâncias — álcool, no meu caso. A lista continuava por páginas.

A doutora Sauvage disse-me que queria tentar o que ela chamava «terapia comportamental cognitiva focada no trauma».

— Quando sofre de PSPT — disse ela na nossa primeira sessão, informando-me de que concordava com a avaliação do psicólogo do SNS —, quer bloquear as memórias do trauma. Fará tudo para evitar confrontá-lo, ou a algo que o recorde. A PSPT é onde o seu cérebro permanece em choque psicológico, incapaz de esquecer ou avançar em relação ao que lhe aconteceu.

— Isso faz sentido.

— Para melhorar, para avançar, precisa de enfrentar as memórias, lidar com elas, o que lhe permitirá recuperar o controlo e sentir-se capaz de enfrentar o futuro. Para que isso aconteça, temos de o expor cuidadosamente a essas memórias, ir retirando as barreiras.

Eu tinha estremecido visivelmente.

— A palavra crucial é «cuidadosamente», Daniel. Não tem nada que temer.

— Não compreende. *Tenho*.

Ela inclinara a cabeça.

— Tem?

— Tenho algo que temer.

Agora estava a olhar para ela, sentada na sua cadeira de marca com o bloco de notas no colo e o cigarro eletrónico na mão, e perguntei-me se alguma vez seria capaz de lhe contar tudo.

— Consigo contar-lhe o que aconteceu depois — disse. — Afinal, faz tudo parte.

— Está bem — respondeu ela. — Isso seria bom. Leve o seu tempo, vá lentamente. E se começar a sentir-se perturbado, pare de falar, está bem?

— Está bem.

Recostei-me e fechei os olhos.

— Não consigo, na verdade, lembrar-me de muito do percurso até à cidade. Tínhamos começado por correr, mas as nossas mochilas eram tão pesadas que tivemos de abrandar. Sei que não falámos muito. Eu estava sempre a abrir a boca para falar, mas a única coisa que me ocorria dizer eram perguntas estúpidas como «Estás bem?», quando, obviamente, sabia que ela estava muito longe de estar bem. E só conseguia pensar em afastar-me o mais possível. — Levantei os olhos para a doutora Sauvage. — Eu estava em

choque. Estávamos ambos. Mas lembro-me das mesmas palavras em *loop* na minha cabeça. *Temos de chegar a casa.*

Fiz uma pausa.

— Na verdade, acho que não era assim tão coerente, que não havia palavras completamente formadas na minha mente. Era mais como gritos. Como ruído branco. Além disso, a Laura disse depois que se lembrava de ter gritado enquanto corríamos para fora da floresta, mas não me lembro disso. Na minha cabeça, ela não produziu um único som.

O consultório estava silencioso, como estivera na floresta. Uma mosca arrastava-se pela janela e pareceu-me conseguir ouvir os seus passos.

— A cidade no fim da linha chamava-se Breva. Quando ali chegámos, começava a amanhecer, mas ainda não havia nada aberto. Se bem que, andando pela cidade, também não parecia que houvesse muita coisa. Não se via ninguém. Vimos um homem a passear um cão, uma criatura enorme, como um lobo, que fez a Laura segurar-me a mão de tal forma que pensei que me ia partir os dedos. Vimos um tipo novo a caminhar com um boné de baseball, de cabeça baixa. Passaram alguns carros. Depois de tudo o que tinha acontecido, o que queríamos ver era uma cidade. Luzes, vida. Não isto. Todo o sítio estava impregnado de uma atmosfera sombria, cheio de janelas fechadas com tábuas e carros que deviam estar num ferro-velho. Muitos sinais de um lugar que devia ter sido próspero e cheio de vida, mas que estava moribundo. Não sei... Tinha essa atmosfera, pronto. Parecia uma cidade fantasma.

Ela esperou que eu continuasse.

— Depois de termos andado cerca de dez minutos, vimos uma velhota a esfregar os degraus da casa. Disse-lhe: «Polícia?», e ela olhou-nos de cima a baixo antes de se aproximar e nos dar direções, apontando para aqui e para ali e tagarelando como se nós compreendêssemos alguma palavra. Mas percebemos a ideia.

Recordei então a velhota, com os seus olhos leitosos, os braços fortes segurando a escova que usava para lavar a entrada.

— Mesmo antes de nos irmos embora, ela levantou a mão e tocou na cara da Laura, murmurando algo em romeno. Pensei que a Laura ia desatar a gritar e tive de a tirar dali.

Omiti um pormenor. A mulher também tocou na barriga da Laura, pousando a palma da mão na barriga da minha namorada e assentindo para si mesma. A Laura deu um salto como se a mulher a tivesse esfaqueado.

— Isto é bom — disse a doutora Sauvage. — Como se sente?

— Bem.

— Capaz de continuar?

— Sim. Eu... eu quero chegar ao fim.

Também queria uma bebida forte.

Contei o resto da história.

## CAPÍTULO 13



**E**u e a Laura avistámos a esquadra cerca de dez minutos depois do

nosso encontro com a velhota, um pequeno edifício onde estava escrito *Polícia* por cima da porta. Respirei fundo antes de experimentar a porta.

Um agente policial estava sentado à secretária na minúscula área de receção, com um *smartphone* numa mão e uma caneca na outra. Olhou-nos, franziu o rosto para mim e depois sorriu à Laura.

— Fala inglês? — perguntei.

Ele encolheu os ombros, apologeticamente.

Mudei imediatamente para o modo Inglês No Estrangeiro, falando lentamente e aumentando o volume.

— Alguém aqui fala inglês?

Ele olhou-me antes de se dirigir para a parte de trás da área de receção e desaparecer por uma porta. Voltou um minuto depois com um homem grande, de bochechas vermelhas e veias rebentadas no nariz. Ele observou o cabelo despenteado da Laura, a sujidade e arranhões na nossa pele. Nesta altura eu ainda não me tinha visto a um espelho e não fazia ideia de como estava maltratado, como a corrida pela floresta me marcara, como os meus olhos estavam selvagens.

— Como podemos ajudar?

Eu não sabia por onde começar. Balbuciei, misturando tudo sem sequência — o comboio, a floresta, Alina, os guardas fronteiriços...

O polícia levantou duas mãos enormes.

— *OK*. Lento, por favor. Não compreendo. — Passou para o outro lado da secretária e fez um gesto para o seguirmos, dizendo algo na sua língua nativa ao colega, que nos lançou um olhar ameaçador que não entendi.

O polícia grande mandou-nos deixar as mochilas atrás da secretária e depois levou-nos por um corredor curto, introduzindo-nos no que supus ser uma sala de interrogatório, onde nos sentámos num par de cadeiras de plástico. A Laura ainda não tinha falado. Estava ali sentada a tremer e a fitar o espaço.

O polícia estava sempre a olhar para ela com desconfiança.

— Como se chamam? — perguntou.

Disse-lhe, e ele escreveu.

— Eu sou Constantin. — Não percebi se era o seu primeiro ou último nome. — *OK*, contem-me. Desde o princípio, sim?

Então contei-lhe o que acontecera no comboio, que tínhamos adormecido no compartimento-cama, que ao acordarmos descobríamos que os nossos passaportes, bilhetes e dinheiro haviam sido roubados. Que tínhamos sido atirados do comboio.

Ele levantou os olhos dos apontamentos.

— Porque é que foram... atirados?

— Porque não tínhamos bilhetes.

— Não tinha bilhete?

A atmosfera na sala mudou. Ele voltou a olhar para a Laura, que agora tremia ainda mais, com os dentes a bater.

— Acho que ela está em choque — disse eu. — Não tem um cobertor? Uma bebida quente, doce?

Ele ignorou o meu pedido, voltando à pergunta anterior.

— Então... estavam no comboio sem bilhete.

— Não! Nós tínhamos bilhetes, mas foram roubados.



Ele abanou a cabeça, como se isso não fizesse sentido. Eu não queria dizer-lhe que tínhamos estado num compartimento privado que não pagáramos, nem que a Alina tinha interferido e enfurecido os guardas. Senti instintivamente que este polícia ficaria do lado de outros homens de uniforme.

Ele apontou para a Laura com o lápis.

— A sua namorada. Toma drogas?

— Não. Já lhe disse. Ela está em choque. Precisa de cuidados médicos. E eu preciso de lhe contar o que vimos na casa da floresta.

A caneta que tinha estado a tamborilar em cima da mesa deteve-se.

— Casa na floresta?

— Sim. É isso que estamos aqui para lhe dizer.

Ele olhou-me.

— Deixe-me ver o seu passaporte.

— Também já lhe disse isso. Foram roubados. — Ao meu lado, a Laura emitiu uma espécie de gemido. — Ouça, ela precisa mesmo de um médico. Ou, por favor, uma bebida doce.

Ele suspirou e levantou-se com grande dramatismo. Saiu da sala e voltou um minuto depois com uma lata tépida de *Coca-Cola*, que colocou diante da Laura. Abri-a e dei-lha. Ela deu um gole e estremeceu.

— Então — disse o polícia. — Não têm identificação?

Abri a boca para responder mas não me saíram palavras.

— Alguém sabe que estão aqui?

— Não, mas... — Tirei o meu *iPhone* morto do bolso. — Deixa-me carregar isto para poder ligar para casa? Ou posso usar o seu?

— Espere.

Ele levantou-se e saiu. Ao meu lado, as tremuras da Laura tinham acalmado um pouco, mas ela ainda parecia prestes a desmaiar. Pus o braço em torno dos seus ombros e tentei puxá-la para mim. Ela parecia feita de pedra.

Isto era enlouquecedor. O Constantin ainda não nos dera uma oportunidade de lhe dizermos o que tinha acontecido na casa da floresta. A visão crescia dentro da minha cabeça e enterrei os punhos nos olhos, como se pudesse esfregar dali a memória. Tinha de lhe contar.

Andei para trás e para diante na sala durante dez minutos, a Laura sentada em silêncio, antes de o Constantin finalmente regressar. Não trazia um telefone consigo. Tinha a atitude de alguém a quem tinham acabado de pedir que tomasse uma decisão difícil.

Antes de ele se poder sentar, atirei:

— Preciso de lhe contar o que aconteceu... Houve um crime.

— Na casa da floresta.

Nessa altura, o polícia que estivera na secretária da receção apareceu à

porta e disse algo ao Constantin em romeno. O Constantin soprou impacientemente.

— Esperem aqui — disse, colocando as mãos nas coxas e pondo-se de pé. Antes de sair da sala, virou-se para trás e disse: — Tem a certeza... que ninguém sabe que estão aqui?

— Não. Tenho a certeza.

Ele saiu da sala e ouvi os seus passos afastarem-se, as vozes tornarem-se mais baixas.

— Temos de ir — disse para a Laura. A expressão dela era vazia. Segurei-lhe no braço e levantei-a. — Vamos. Temos de ir agora.

— Mas...

— Há algo de errado aqui — disse eu. — Porque é que ele está sempre a perguntar se alguém sabe que estamos aqui? Isto não me agrada. — Fui à porta e olhei para fora. Não havia ninguém à vista e também já não ouvia as vozes dos polícias. — Está livre. Vamos.

A Laura pôs-se de pé vacilantemente e eu pus o braço em torno dela. Dei mais uma olhadela para o fundo do corredor. Não via nada mas ouvia gritos. Talvez o Constantin tivesse sido chamado para lidar com um prisioneiro difícil. Fosse o que fosse, tínhamos de aproveitar a oportunidade de sair dali.

Corremos para a saída, chegando à secretária da receção que agora estava vazia.

— As nossas mochilas — disse a Laura em voz baixa. — Onde estão?

— Temos de as deixar — disse-lhe. Estava tão convencido de que o Constantin não era de confiança que deixar as mochilas para trás me parecia um sacrifício necessário. Enquanto saíamos para o que era agora uma manhã quente e ensolarada, senti um ímpeto de alívio. Peguei na mão da Laura e puxei-a comigo, perguntando instruções para a estação de comboios pelo caminho. Atalhámos por um campo em direção à estação e, para meu grande alívio, tinha dinheiro suficiente no bolso para comprar um bilhete para fora da cidade.

— Que aconteceu depois disso? — perguntou a doutora Sauvage, soprando uma nuvem de vapor para o ar.

À distância, ouvia carros, um homem a gritar, uma porta a bater. Mas, por cima disso, podia ouvir o batimento do meu próprio coração, o barulho nos meus ouvidos, como se estivesse debaixo de água.

— Daniel?

Virei-me para ela.

— Os nossos bilhetes apenas nos levaram a outra pequena cidade, que tinha uma loja de penhores onde compraram o meu relógio. Obtive apenas o suficiente para os bilhetes para Bucareste. Quando ali chegámos, encontrámos

a Embaixada Britânica e, após inúmeros telefonemas, deram-nos documentos de viagem temporários e arranjaram-nos um voo.

— Contaram a mais alguém o que aconteceu?

— Não. Não contámos a ninguém.

— Mas...

— Não fomos capazes. Não somos.

A voz dela era calmante.

— Daniel, espero que em breve seja capaz de me contar. Como já lhe disse, só depois disso conseguirá lidar com o que sente.

Havia uma pequena porção das minhas calças onde a ganga estava quase rasgada. Fiquei a olhá-la, incapaz de fitar a doutora Sauvage.

— A senhora não... Não sei se consigo. Talvez da próxima vez. — Tínhamos outra consulta marcada para o fim da semana.

— Que está a ver, Daniel? No seu olho mental?

— Uma exposição de horror em polaroides.

— O quê?

Ergui os olhos para ela.

— Polaroides — repeti.

*Flash.* Um homem agachado, um brilho de metal.

*Flash.* Números garatujados a tinta. 13.8.13.

*Flash. Flash. Flash.*

Levantei-me.

— Tenho de ir.

— Daniel.

— Peço desculpa.

Saí do consultório da doutora Sauvage e desci a rua. Sentia-me nauseado, ainda abalado por ter conseguido partilhar nem que tivesse sido apenas uma parte da história. Pensei no meu relógio na loja de penhores na pequena cidade da Roménia, de cujo nome não me conseguia lembrar agora. Aquele relógio tinha sido um presente da Laura para celebrar o meu contrato com a *Skittle*. Custara meio mês de salário, mas não era isso que importava. Ela mandara-lhe gravar algumas palavras simples: *Até ao fim dos tempos, Laura* xxxx.

Apanhei o autocarro de volta a Angel e fui ao supermercado — leite, pão, paracetamol, vinho tinto, vinho branco — antes de voltar para o meu apartamento.

Ainda me encontrava a subir as escadas quando percebi que algo estava errado. Vivia num antigo edifício vitoriano que tinha sido dividido em

apartamentos. Eu e a Laura há muito que planeávamos mudar-nos para um sítio maior e melhor mas, mesmo com o lucro da venda da minha *app*, não tínhamos dinheiro para isso.

Quase nunca via os meus vizinhos. O meu principal contacto com eles era quando punham avisos na parede do átrio, queixando-se uns dos outros. Festas barulhentas, bicicletas e carrinhos de bebé deixados na entrada, alguém a pôr a reciclagem no contentor errado, outro malfeitor a estacionar no sítio errado... Mas, hoje, a atmosfera era mais silenciosa e vazia do que nunca.

Cheguei ao segundo andar e vi que a minha porta estava danificada em redor da fechadura. Tinha sido forçada.

Hesitantemente, abri a porta.

## CAPÍTULO 14



**N**a sala de estar, as estantes tinham sido esvaziadas, havia livros espalhados pelo chão, como tijolos de um edifício bombardeado. Documentos da secretária estavam dispersos na confusão, as gavetas meio abertas. No quarto, a cómoda tinha sofrido o mesmo destino: havia roupas por todo o lado, juntamente com comprimidos, preservativos e diversos artigos da mesa de cabeceira. Havião tirado caixas debaixo da cama, tinham-nas despejado e espalhado as fotografias, o rosto da Laura a sorrir-me do chão.

Na casa de banho, o lavatório estava cheio de frascos de comprimidos e um tubo de pasta de dentes estava esmagado no linóleo, o seu conteúdo disperso pelo chão depois de alguém o pisar. Voltei ao quarto e olhei em

volta, com a boca seca e o coração a retumbar.

O meu portátil, que estivera a carregar na secretária, desaparecera.

O meu trabalho recente — o que havia dele — fora guardado na nuvem, mas havia outros ficheiros, incluindo a maioria das minhas fotografias, que eu ainda não guardara. Códigos de acesso bancário, contas em redes sociais, *sites* de compras, todos os *websites* que eu usava, estavam guardados também ali, o meu computador programado para fazer *log in* automático na maioria deles. Com esse portátil, qualquer pessoa podia causar o caos na minha vida.

Olhei em volta para ver que mais faltava. A *PlayStation 4*. O meu *iPad*. A coluna *bluetooth* onde eu ouvia música. Pelo que eu podia ver, só tinham levado aparelhos. Tinham feito aquela trapalhada toda só por causa disso? Ou estariam à procura de joias e dinheiro?

Chamei a polícia, depois liguei ao meu banco e pedi para bloquearem temporariamente a minha conta.

Precisava de usar outro computador para poder mudar todas as minhas *passwords*. E não queria estar aqui sozinho, no meio desta confusão, no ambiente corrompido da minha casa violada.

Voltei para o quarto, pisando cuidadosamente por entre os destroços. Sentei-me na cama e peguei numa fotografia da Laura. Era tão bonita. E em breve estaria a quase dez mil quilómetros de distância.

A Erin abriu a porta, parecendo ainda mais grávida do que no dia anterior.

— Olá outra vez — disse ela, beijando-me a bochecha. — A Laura não está.

— Oh.

— Mas podes entrar e esperar, se quiseres. Para ser franca, estou a enlouquecer de tédio. A licença de maternidade é fantástica ao princípio, mas há um limite para a televisão diurna que uma mulher pode ver. Agora só quero que este pestinha chegue.

Sentámo-nos à mesa da cozinha onde eu me tinha sentado no dia anterior. Havia uma caixa de cartão gigante a um lado, cheia de fraldas, biberões e toalhas.

— A Laura foi à loja, mas estou contente por poder falar contigo a sós. — Pôs a mão em cima da minha. A dela estava quente. — Ela matava-me se soubesse que estava a falar dela contigo, mas... bem, eu sei o quanto ainda gostas dela.

— Tem que ver com aquela coisa na estação de metro?

— Não propriamente. Quero dizer, ela agora insiste em que tropeçou, que não podia ter sido empurrada, e eu acredito nela. De facto, quanto mais penso

nisso, mais penso que quando me disse, inicialmente, que tinha sido empurrada, o fez para obter uma reação, como se desejasse compaixão. — Olhou-me nos olhos. — Mas acho que a Laura está a começar a imaginar coisas. Coisas muito estranhas.

— De que género?

— Bem, tenho de me levantar muitas vezes durante a noite porque o bebé está a pressionar-me a bexiga. Umas três vezes por noite, na verdade. Tenho a certeza de que é a forma de a natureza me preparar para todas as noites sem dormir que vêm aí. Adiante. Uma destas noites levantei-me e ouvi um barulho aqui.

— Na cozinha?

— Sim. Desci e a Laura estava à janela. Usava apenas umas cuecas, mais nada. O Rob teria adorado. E estava a fitar o jardim. Chamei o nome dela e não me respondeu, então pensei, merda, está sonâmbula.

O frigorífico emitiu um estalido que me fez saltar.

— Chamei-a outra vez e ela virou-se. Tinha o corpo todo em pele de galinha. Quero dizer, como se estivesse a congelar, apesar de o aquecimento da casa estar ligado. Eu não sabia o que fazer. Não se deve acordar os sonâmbulos, pois não?

— Acho que não.

— Mas pronto, foi aí que ela falou. Disse: «Lá fora. Nas árvores». E apontou para o jardim, para a zona do telheiro.

— Caramba!

Olhei para o jardim atrás da Erin, e este parecia negligenciado, como se a Erin e o Rob tivessem decidido não lhe tocar até à primavera. Havia um pequeno pomar de macieiras ao fundo do relvado, os ramos nus, rodeado por folhas húmidas, a apodrecer. Imaginei como pareceriam à noite, silhuetas assustadoras estendendo os braços para a casa. Estremeci.

— Então ela passou ao meu lado, subiu as escadas e voltou para o quarto. Acordei o Rob para lhe contar e ele ficou sobretudo chateado por ter perdido o espetáculo de nudez.

— Saíram para ver?

— Sim, o Rob saiu. Mas não estava lá nada. Também não esperávamos que estivesse. — Ela franziu a testa. — Estou mesmo preocupada com ela. Acrescentando a isso a cena de quase ter caído para debaixo de um comboio... e agora dizer que vai mudar para o outro lado do mundo. Não consigo decidir se essa é a melhor coisa para ela, se a pior. Podes falar com ela? Tentar persuadi-la a consultar alguém? Ela não me dá ouvidos.

— Também não me ouve a mim, Erin.

Ela levantou-se, passando uma mão sobre a barriga. O bebé lá dentro não

fazia ideia da sorte que tinha por ter esta mulher capaz, cuidadora, como sua mãe.

— Bem, tenta outra vez.

A Erin foi à casa de banho e, quando voltou, contei-lhe do assalto à minha casa. Ela ficou chocada, perguntou porque é que eu não lhe tinha dito imediatamente, e deixou-me usar o seu portátil para entrar em todos os *sites* que uso e mudar as *passwords*.

Duas horas depois, quando estava prestes a desistir de esperar pela Laura e pensava em voltar para o meu apartamento e iniciar a dolorosa tarefa de arrumar, a porta da frente bateu e ela entrou na cozinha. Eram seis da tarde.

— Oh — disse quando me viu.

— Olá.

— Que fazes aqui? — Ela trazia dois sacos de compras, um dos quais, vi com agrado, continha duas garrafas de vinho tinto. Parecia um bocado alheada, distraída. Reparei que usava o seu elástico de cabelo forrado, que eu considerava a sua marca pessoal. O número de vezes que o perdera e que passáramos meias horas a gatinhar pelo apartamento em busca dele!

— Tive um assalto em casa. Vim aqui para usar o computador.

— Um assalto?

Expliquei-lhe o que tinha acontecido e ela mostrou-se apropriadamente horrorizada.

— Parece que estamos amaldiçoados — disse.

— Laura, não sejas tola. Não acreditas nisso, pois não?

— Acho que não. — Tirou o vinho do saco e abriu imediatamente uma das garrafas, servindo um grande copo para ela.

— Não me ofereces um?

— Porquê, vais ficar?

— Quero falar contigo, Laura.

— Acerca da Austrália, não, por favor.

— Não. Só quero conversar. Ainda somos amigos, não somos? E não quero voltar já para o apartamento. Não tenho energia para isso.

Ela serviu-me um copo de vinho e sentou-se à mesa grande e sólida, fez-me perguntas sobre o assalto e conversámos por cerca de uma hora. Enquanto o vinho descia, ela relaxou, a sua má disposição desvaneceu-se, e eu tive o cuidado de me ater a assuntos inócuos. Nenhuma recordação, nenhuma menção da nossa viagem, nada acerca do nosso relacionamento ou do seu plano de mudar para o estrangeiro. Conversámos sobre amigos comuns, programas de televisão que costumávamos ver juntos e música de que ambos



gostávamos. A Erin e o Rob vieram dizer-nos que iam encomendar comida indiana e se também queríamos, a comida veio e comemos, abrindo e bebendo a segunda garrafa de vinho.

Foi maravilhoso. Durante duas horas, esqueci-me de toda a porcaria, todas as coisas de que precisava de tratar. Sentia-me como o meu antigo eu. Era como se fôssemos outra vez um casal, o casal que éramos antes. A única coisa negativa era aquela sensação no fundo da minha cabeça de que tinha de lhe perguntar acerca do incidente do sonambulismo. Mas não queria estragar a disposição. Pela primeira vez em três meses, sentia-me feliz.

— O vinho acabou — disse a Laura com surpresa.

— Como é que isso aconteceu?

Ela riu-se ebriamente.

— Acho que o bebemos.

— Saio para comprar mais?

Ela fitou-me através da franja, com uma expressão no olhar que me fez vibrar. Há algum tempo que a perna dela tinha estado encostada à minha por baixo da mesa. Sabia que ela devia ter consciência do contacto e estava encantado com o facto de não o ter interrompido.

— Por acaso, tenho uma garrafa de *Jack Daniel's* no meu quarto.

— Queres que a vá buscar?

— Não, vamos deixar de açambarcar a cozinha da Erin e do Rob. Podemos bebê-la lá.

Fiz o meu melhor para não parecer excitado quando ela disse isto.

— Vamos — disse ela.

Conduziu-me até ao quarto, no piso de cima, que ocupava. Eu já tinha dormido ali, quando eu e a Laura passávamos lá a noite, e era estranho pensar que agora a Laura vivia aqui, as suas roupas enchendo o roupeiro, as suas posses essenciais empilhadas de encontro às paredes. O quarto não era muito maior do que a cama de casal que o enchia e não havia nenhum sítio para nos sentarmos, por isso empoleirei-me embaraçadamente na ponta da cama enquanto a Laura se sentava de pernas cruzadas no meio e abria a garrafa de *JD*.

Ela só tinha um copo, portanto serviu um pouco de uísque, deu alguns goles e passou-mo, levantando-se para pôr música. Cambaleou e quase caiu na cama, rindo-se e dizendo: — *Ups!* — Estava de calças de ganga e camisola, mas eu via a forma do seu corpo através do tecido e ansiava por tocar-lhe.

— É um bocadinho como ser novamente estudante, não é? — disse eu, passando-lhe novamente o copo.

— Sim. Tirando que eu era uma estudante muito chata. Passava o tempo

todo na biblioteca. Era a Miss Chata.

— Tu nunca foste chata.

— Oh, na universidade, era. E tinha um namorado muito chato.

— O presidente da sociedade de debate?

— O Julian. Nunca era mais feliz do que quando *debatia* em grupo.

Ela sorriu, depois riu-se, depois gargalhou, e eu acompanhei, e em breve as lágrimas corriam pelas faces da Laura e eu estava agarrado à barriga. Não conseguia respirar, não conseguia parar de rir. O trocadilho nem sequer tinha graça, mas era uma libertação de tensão, ou um possível sinal de quão perto ambos estávamos da histeria.

Finalmente controlámo-nos e a Laura limpou a cara à manga da camisola.

— Oh, meu Deus — disse ela. — Dói-me o estômago.

Ergui a garrafa e disse, numa tentativa ridícula de imitar o sotaque americano:

— *Rock and roll, baby.*

— Por favor, não me faças começar outra vez.

Lembrei-me do que a Erin me tinha pedido para fazer.

— Laura, sabes que estou a ver uma psicóloga. Acho que está a ajudar. A Erin disse-me...

Ela levantou uma mão.

— Não quero falar acerca disso. Por favor. — Riu-se. — Consegui beber o suficiente para chegar a um estado de me estar nas tintas, *OK?*

Agora estávamos sentados na cama, muito próximos. A Laura ainda de pernas cruzadas, eu com as pernas estendidas diante do corpo. A minha voz era entaramelada e doíam-me as costelas. Estava embriagado e feliz. Queria dizer algo profundo, algo que fizesse a Laura apaixonar-se novamente por mim, que resolvesse os nossos problemas e a fizesse mudar de ideias acerca de fugir. Mas não conseguia pensar em nada sensato, muito menos profundo. Enquanto procurava através do nevoeiro na minha cabeça, começou uma canção que ambos adorávamos, um piano introdutório, uma guitarra dedilhada suavemente, uma grave voz masculina, e a Laura olhou para mim e disse:

— Sabes que esta música me lembra sempre de ti.

E então começámos a beijar-nos.

Pouco depois, quando nos encontrávamos ambos nus e eu estava dentro dela, emiti um gemido e a Laura mandou-me calar, sussurrando: — A Erin e o Rob —, e eu fiquei surpreendido ao lembrar-me de que eles existiam, que mais alguém existia. A pele dela de encontro à minha, a sua língua nos meus lábios, os dedos nas minhas costas, o peso da sua respiração... estas eram as únicas coisas no mundo. Tenho a certeza de que gritei quando me vim e ela também, e então fluí para a inconsciência, os membros dela enrolados em

torno de mim, o seu suor a secar na minha pele e, enquanto o sono me reclamava, senti-me feliz, curado, vivo.

Até acordar.

## CAPÍTULO 15



**A**inda estava escuro lá fora, e a cama estava fria e cheirava a mofo, o cheiro de sexo e uísque pesado no ar. Encontrei as minhas calças de ganga no chão ao lado da cama e verifiquei o telefone. Eram sete e meia da manhã. Aguardei um minuto, para o caso de a Laura se ter levantado para ir à casa de banho, e quando ela não apareceu, saí da cama, peguei nas minhas roupas amarrotadas numa pilha no chão e descí.

Havia duas chávenas de café separadas na cozinha, mas nenhum sinal da Laura. Parti do princípio de que o Rob tinha ido para o trabalho e a Erin ainda se encontrava deitada.

Onde estava a Laura?

Saí de casa. Sentia-me destróçado. A minha cabeça latejava e o resto do corpo doía-me. Parecia-me ter uns noventa anos. Antes de sair de casa, encontrei uma caixa pequena de analgésicos no armário da casa de banho e engoli dois.

Camden estava a acordar, os madrugadores a dirigir-se para o trabalho, pessoas a fazer fila nas paragens de autocarro. Corredores a fazer *jogging* passaram por mim enquanto seguia na direção do mercado. Tinha uma ideia de onde a Laura podia ter ido. Conhecia o seu lugar favorito nesta parte da cidade.

Ao caminhar, pensava na noite anterior. Embora tivesse sido só há algumas horas, apenas me lembrava de vislumbres de pele contra pele, uma memória dos sentidos. Queria tanto que aquilo significasse alguma coisa e que a Laura sentisse o mesmo. Mas quais eram as hipóteses? Ela estava bêbeda, emotiva. Estávamos ambos. Sexo com o *ex*. Era típico.

Se os meus amigos masculinos pudessem ver o interior da minha cabeça, pensei, tentariam meter-me algum juízo à força, dir-me-iam para desistir e partir para outra. O que não entenderiam, contudo, era que me sentia como que a afogar-me, e a Laura era terra seca. Não sabia como atravessar isto, atravessar tudo, sem ela. Porque é que tínhamos reagido à ressaca da Roménia de maneiras tão diferentes? Um de nós desejando agarrar-se ao que tinha, o outro precisando de fugir. Uma situação mutuamente impossível. Lá no fundo, eu sabia a resposta.

E não sabia o que fazer acerca disso.

Eu estava certo em relação ao paradeiro da Laura.

Camden Lock era um dos seus pontos favoritos, mas só quando estava sossegado, quando as multidões — que afluíam ao mercado, aos bares e às bancas de *noodles*, às butikques góticas e às lojas de discos que ainda restavam — tinham ido para casa ou ainda não haviam descido ao bairro. Lá em baixo, junto da água quieta do canal, estava tranquilo, especialmente a esta hora, com este tempo. Menos alguns graus e a água gelaria.

A Laura estava sentada num muro baixo ao lado do estreito caminho à beira-rio, enrolada na sua *parka* verde. Fitava a água, imóvel. Observei-a do terraço do mercado, lá em cima, hesitante e sem saber se seria bem recebido. Talvez, agora que sabia que ela estava segura, devesse ir para casa e telefonar-lhe mais tarde. Ou seria melhor descer e falar com ela agora, dizer-lhe como me sentia? Debatí-me com a questão. Mas antes de poder tomar uma decisão, vi algo que eliminou o meu dilema.

Alguém estava a observá-la.

Via-o de pé, sob a ponte, meio escondido nas sombras. Por um momento fugaz ele mostrou-se à luz débil da manhã, mas usava um capuz e não lhe vi a cara. Era magro, com constituição atlética. Olhava para a Laura, que ignorava a sua presença.

— Eh! — gritei.

A Laura olhou na minha direção enquanto o homem sob a ponte recuava para a escuridão. Desci os degraus a correr, ignorando o grito de Laura: — Daniel? —, e acelerei ao longo do caminho à beira do canal até chegar debaixo da ponte.

Quando emergi do outro lado, ele subia as escadas para a estrada principal. Como se o tivesse chamado, um autocarro parou e ele subiu. Corri o mais depressa que podia, mas quando cheguei ao autocarro, ofegante e suado, este partiu. Não vi sinal do homem através da janela.

Praguejando, desci os degraus a correr e percorri o caminho para ir ao encontro da Laura.

— Que raio estás a fazer? — disse ela, as palavras brucas, uma pluma de respiração no ar gelado.

— Aquele tipo estava a espiar-te.

— De que falas? *Tu* é que estavas a espiar-me.

Avancei para ela e tentei pôr a mão no seu braço, mas ela afastou-se.

— Laura. Acordei e tinhas saído. Estava preocupado contigo.

— Porquê?

— Ainda gosto de ti, Laura.

O seu longo cabelo louro-avermelhado agitava-se à brisa. Ela tinha o nariz rosado do frio e outras duas manchas de cor ardiam-lhe nas bochechas.

Exalou mais uma nuvem de gelo.

— Daniel. Tens de parar com isto. Ontem à noite estávamos bêbedos. — Olhou-me diretamente. — Não significou nada.

— Não falas a sério.

Ela não me olhou nos olhos.

— Falo.

Antes de eu poder responder, ela virou-me as costas e começou a subir as escadas.

Corri atrás dela.

— Laura, por amor de Deus. Isso não és tu.

— Por favor, Daniel. Não implores. Isso não és tu.

— Não ia implorar. Com um raio, porque estás a ser tão fria? *Isso não és tu.*

— Talvez seja o que sou agora. É o novo eu.

Abanei a cabeça.

— Recuso-me a acreditar nisso.

Sentia os vendedores do mercado, que montavam as bancas, a observarem-nos. Estendi o braço para ela e ela afastou-se.

— Tens de me esquecer. Não devíamos ter dormido juntos na noite passada. Foi um erro. Sei que o deves ter visto como um sinal de que voltaríamos a ficar juntos. Mas já não podemos estar juntos, Daniel. Nunca mais. Nada mudará isso. Vou mudar-me e nunca mais me verás. — Pôs a mão no meu braço. — Tens de me esquecer e avançar.

Abri a boca para discutir mas pensei melhor. Ela tinha razão. Eu estava perto de implorar, ou pelo menos à beira do assédio. As suas palavras feriram-me mas também me deixaram frustrado e zangado. A melhor coisa que eu podia fazer agora era retirar-me, ir para casa e dar-lhe o espaço que ela queria. Mas, antes de ir, havia mais uma coisa que precisava de dizer.

— Laura, aquele homem *estava* a observar-te.

Ela baixou os olhos para a ponte e abanou a cabeça.

— Não. Era só um gajo qualquer. Deves ter-lhe pregado um valente susto.

Hesitei. Ela teria razão?

— Não... Ele estava a observar-te. Especificamente a ti.

A dúvida perpassou-lhe pelo rosto, mas depois abanou novamente a cabeça.

— Não. Não estava. — Afastou-se novamente e eu tentei acompanhá-la.

— Para onde vais? — perguntei.

— Vou voltar para casa da Erin.

Interrompeu o contacto comigo e afastou-se rapidamente, para fora do pátio em direção a High Street, que pululava agora de gente. Eu fiquei ali, petrificado no mesmo lugar, pelo que me pareceu muito tempo. Não foi só a compreensão acutilante de que ela falava a sério, de que a nossa relação estava mesmo acabada. Era mais do que isso. *Pior* do que isso. Eu tinha a certeza de que o homem debaixo da ponte estava ali especificamente para observar a Laura. E agora tinha de voltar para o meu apartamento saqueado. Enquanto me dirigia para a estrada principal, senti um formigueiro nas costas, como se também eu estivesse a ser observado.

## CAPÍTULO 16



**P**assei o dia todo a arrumar o apartamento, aproveitando a oportunidade para reorganizar as minhas posses: colocando os livros nas estantes pelas cores das lombadas, arrumando os DVD por gênero, dobrando e arranjando bem a minha roupa. Enchi três sacos de lixo, livre-me de tudo nas gavetas e armários que não usava ou já não precisava, pus as fotografias soltas em álbuns. Mudei os lençóis, aspirei e limpei todas as superfícies. Quando terminei, o apartamento tinha melhor aspecto do que alguma vez tivera desde que a Laura partira, e eu sentia-me exausto mas calmo. Encontrei uma cerveja fresca no fundo do frigorífico, suada de condensação, e afundei-me com ela no sofá, tentando não pensar em nada.



O intercomunicador soou. Laura? Levantei-me rapidamente e peguei no auscultador.

— Sim?

— Olá, sou eu.

— Oh. Jake.

Abri-lhe a porta. Enquanto entrava, atirando o casaco para as costas de uma cadeira, ele disse:

— Também estou encantado por te ver, Dan.

— Desculpa. Pensei...

— Com um caraças. — Ele estava a girar, de boca aberta. — Tiveste aqui uma equipa de limpeza?

— Na verdade, foi uma equipa de ladrões.

— O quê?

Expliquei-lhe enquanto fazia um café. O Jake não bebia álcool, sobretudo porque a mãe era uma alcoólica que desfizera a família por causa da bebida. Mas bebia uma quantidade exorbitante de café, dez ou doze chávenas por dia, embora afirmasse ser naturalmente cheio de vida e energia, e que a sua hiperatividade inabalável não era induzida pela cafeína.

O Jake era horrendamente bem-parecido, tanto que sair com ele podia ser uma experiência deprimente, os olhos das raparigas deslizando sobre mim e fixando-se nele, aquele tipo musculoso, mestiço, com a sua ilimitada energia e carisma. A mãe era uma antiga modelo de Manchester, o pai um músico de Trinidad, e o Jake herdara a aparência da mãe e o talento do pai.

— Foda-se — disse o Jake de olhos arregalados, depois de eu acabar de lhe contar do assalto. Decidi não lhe contar as outras coisas que tinham acontecido, incluindo dormir com a Laura. Sabia que ele me julgaria um idiota. O Jake tinha-nos apresentado e passara os anos seguintes a dizer que estávamos em dívida para com ele e que tínhamos de dar o nome dele ao nosso primeiro filho. Quando a Laura se foi embora, ele ficara chocado e desapontado, mas embora quisesse que voltássemos a ficar juntos, também assumira o papel de chefe de claqué, dizendo-me que eu precisava de acabar com a apatia e começar a viver outra vez.

— Então, o que é que se passa contigo? — perguntei, terminando a cerveja.

— Como assim? Eu falei-te do meu concerto desta noite. Discutimos isso no outro dia. Não me digas que te esqueceste.

— Eu... — A verdade era que não me lembrava. Tinha uma memória muito vaga de ter falado com o Jake no princípio da semana, mas não me lembrava acerca de quê.

— Mas vais. Não podes ficar aqui a lamber as feridas para o resto da

vida. Estou preocupado contigo, meu.

— Onde é o concerto?

— Nem acredito que te esqueceste... — Ele disse-me outra vez. Era num grande *pub* perto de Euston. — Vai estar lá algum pessoal da A&R. Um tipo contactou-me depois de ver o meu canal de *YouTube* e quer ver-me ao vivo.

Imaginei-me na multidão do concerto, muita gente e muito barulho.

— Não me parece...

— Não digas que não, Dan. Não quero fazer chantagem emocional, mas dava-me mesmo jeito ter o teu apoio. Vá lá, não podes mesmo ficar aqui a apodrecer para sempre. Sai, diverte-te. Vai lá haver raparigas, e isso. Dizes-lhes que me conheces e... — Piscou o olho e deu um estalo com a língua.

Suspirei.

— Está bem. Eu vou. Mas não estou minimamente interessado em conhecer outra mulher.

Ele sorriu e levantou a caneca.

— Saúde! A propósito, precisas mesmo de arranjar um café decente. Esta porcaria sabe a *Nescafé*.

— É *Nescafé*.

— Sabes que eles matam bebés, não sabes?

Por um momento, fiquei à toa.

— A Nestlé? — disse ele. — Eles...

— Sim, sim, eu sei. — Levantei-me, fui ao armário, tirei o frasco do café e atirei-o ao lixo. — Já estás contente?

Ele fitou-me.

— Precisas mesmo de sair mais, Dan. Estás com um aspeto horrível. E estás com um comportamento um pouco louco. Andas esquecido.

— Talvez esteja — disse eu.

— Talvez estejas o quê?

— Louco.

O *pub* estava apinhado, apesar de ser uma gelada quinta-feira de novembro. Sentei-me com o Jake numa salinha minúscula atrás do bar onde ele estava a preparar-se, afinando a guitarra e animando-se, pondo-se no estado mental apropriado. Durante anos, cantara numa série de bandas que não tinham ido a lado nenhum, nunca sendo exatamente o que as empresas discográficas procuravam, vendo com frustração bandas rivais de qualidade inferior obterem contratos e, por vezes, terem sucesso. Havia um tipo chamado Zack Love — não era o seu nome verdadeiro — que a certa altura estivera numa banda com o Jake. O Zack largara a banda para participar no *The X Factor*,

chegara às finais ao vivo e tivera alguns êxitos. Dizia-se que estava prestes a conquistar a América.

O sucesso de Zack pusera Jake num descontrolo de insegurança e infelicidade, mas ele recompusera-se e, incentivado pela rivalidade com o seu antigo amigo, começara a escrever canções muito melhores, a trabalhar a sua imagem e, de uma maneira geral, a transformar-se. O seu canal no *YouTube* ganhara recentemente muitos subscritores, depois de os seus vídeos caseiros se tornarem virais. Quando saí da área atrás do palco, depois de lhe dar um abraço de boa sorte, senti-o. Ele estava prestes a dar um grande passo.

Enquanto atravessava a multidão, ouvi um par de raparigas falarem acerca do Jake.

— Viste o vídeo que ele publicou ontem?

— Bolas, vi. Aqueles bíceps. — Ela gemeu. — Achas que tem namorada?

— Não, a Tara disse que é solteiro. Mas não tenhas muita esperança... Ele é meu.

— Ora, provavelmente é *gay*.

Sorri ao passar por elas, tentado a dar-lhes alguma informação confidencial. No bar comprei duas garrafas de cerveja, para não ter de voltar à fila durante algum tempo, e encontrei um lugar perto do palco, atrás de outro grupo de jovens excitadas. Também havia imensos rapazes, mas muitos pareciam ter sido arrastados pelas namoradas.

Perguntei-me se o Jake ainda falaria comigo se se tornasse realmente famoso. Ou se me trocaria por um novo grupo de amigos estrelas de *rock*-atores-modelos. Então, eu ficaria mesmo sozinho, com a minha namorada a viver na Austrália e o meu melhor amigo não querendo conhecer-me.

Bebi a minha primeira cerveja, afogando a autopiedade incrustada.

Veio um rumor da multidão quando o MC anunciou Jake, e depois as raparigas da multidão, e alguns dos rapazes, estavam a gritar e a agarrar-se uns aos outros quando ele chegou com a sua guitarra e, com um sorrisinho, começou a tocar. Ele era fantástico. Ouvi montes de canções dele ao longo dos anos, enquanto me incentivava a escutar as suas *demos* e a ir aos seus concertos, e sem dúvida esta última fornada era de um campeonato superior aos seus esforços anteriores. A inveja funcionara. Se não tivesse muito azar, ele seria uma estrela.

Enquanto ele tocava, reparei numa jovem de cabelos louros perto de mim. Usava calças de ganga preta, justas, e um *top* púrpura, com muito pouca maquilhagem. Era deslumbrante. Da segunda vez que olhei para ela sorri-me e, quando dei por isso, estava ao meu lado.

— Adoro este tipo — disse ela, com os lábios junto do meu ouvido,

embora a música não fosse tão alta que não pudéssemos conversar. Tinha um sotaque leste-europeu. Lembrei-me imediatamente da Alina e estremei.

— Estás bem? — perguntou a mulher loura. — Parece que viste um fantasma.

Eu queria ir-me embora, mas a multidão à minha volta era demasiado densa. Estava temporariamente preso. Tomei a decisão consciente de relaxar. Esta mulher era linda, e talvez eu precisasse de seguir o conselho do Jake e deixar de ser tão recluso.

Estive quase a dizer-lhe que o Jake era o meu melhor amigo mas mudei de ideias. Podia ver como é que a conversa decorria. Ela ficaria surpreendida e eu tentaria impressioná-la, mas ela só ia querer saber se eu podia apresentar-lhe o Jake. Era assim que a minha vida seria agora? Seria conhecido como o amigo do Jake, uma porta para conhecerem a grande estrela do *rock*.

— Ele é fantástico — disse. — Adoro esta canção.

Ela estendeu-me a mão.

— Sou a Camelia.

— Daniel. De onde és?

Ela sorriu e disse:

— Belsize Park. Gosto do teu nome, Daniel. Faz-me pensar em alguém a escapar do covil do leão.

— Pois, é esse o meu trabalho. Domador de leões. Fugi quando tinha dez anos para me juntar ao circo e tenho dois leões de estimação no meu alpendre.

Ela sorriu generosamente e pousou a mão no meu braço. Engoli em seco.

— Então, de onde és, agora a sério?

— Da Roménia. Mas não te preocupes. Não sou um vampiro.

— Oh.

Ela inclinou a cabeça.

— Querias que eu fosse um vampiro?

— Não. Desculpa, é que... Não importa. — Fiz uma pausa. O facto de ela ser da Roménia deixou-me nervoso. Era estúpido. Londres estava cheia de pessoas de todas as nacionalidades e a Roménia fazia parte da União Europeia, por isso os seus cidadãos podiam vir trabalhar para cá quando quisessem. Não podia ter uma crise de nervos sempre que conhecesse alguém do país onde a minha vida tinha mudado. — O teu inglês é excelente. Oh, desculpa, isto soou condescendente?

— Não, foi um elogio. Por isso, obrigada. Vivo aqui há séculos. Ah, adoro esta.

Ela virou-se para o palco, abanando a cabeça e balançando as ancas ao ritmo da música. Tinha os olhos semicerrados, um sorrisinho na cara bonita. Reparei que outros homens na multidão a olhavam com ar guloso e senti-me

estranhamente protetor em relação a ela, e lisonjeado por me ter escolhido para conversar.

Levei a cerveja aos lábios e descobri que a garrafa estava vazia.

— Queres uma bebida, Camelia?

— Claro. Bebo o mesmo que tu.

Atravessei penosamente a multidão até ao bar, a voz do Jake alta nos meus ouvidos, uma pequena bolsa da audiência cantando com ele. O meu sangue vibrava. Depois de uma longa espera, comprei as nossas bebidas e voltei para o sítio onde estivera com a Camelia.

Ela não estava lá. Olhei em volta, esticando o pescoço, mas não havia sinal dela. Fantástico. Disse a mim mesmo que era uma estupidez sentir-me tão desapontado, mas não conseguia evitar. Havia algo nela: não era só a aparência, mas o seu tom brincalhão, a energia que transmitia...

Oh, meu Deus. A Laura. Fui atingido por uma vaga de culpa, mas depois lembrei-me de como a Laura fora nessa manhã, o tom da sua voz ao dizer-me que estava tudo acabado.

— Ei.

Virei-me, inundado de alívio, e ao mesmo tempo repreendendo-me por estar tão aliviado.

— Desculpa, tive de ir à casa de banho e a fila estava inacreditável. Acho que havia um casal a ter sexo num dos cubículos. — Ela revirou os olhos. — Tão foleiro. Se bem que compreenda que as pessoas se entusiasmem.

Eu não estava, definitivamente, a imaginar a maneira como ela olhava para mim nesse momento. Fiquei momentaneamente sem palavras.

— Está tanto calor, não está? — disse ela, despindo o casaco. Algo lhe caiu do bolso do casaco e ela apanhou-o. Era o telefone. Voltou a metê-lo no bolso.

No palco, o Jake disse:

— Obrigado. Até breve.

— É melhor eu ir lá atrás — disse.

— *Conhece-lo?*

Merda.

— Sim. Somos velhos amigos.

— Ena! Isso é... interessante.

Não tinha a certeza do que ela queria dizer com aquilo, mas antes de poder perguntar, ela disse:

— Então, vais apresentar-mo?

Suspirei interiormente. Quando o Jake me apresentara a Laura, parti do princípio de que ela era uma das suas antigas conquistas, mas ela achara a ideia hilariante. Dissera que ele, simplesmente, não era o seu género. «Sim,

ele é bonito, carismático e fixe. Mas não estou interessada nessas coisas...» Eu tinha dito: «Obrigado», e rira-me.

Porque é que eu estava a pensar em competir com o Jake? Não andava à procura de uma nova namorada. Nem sequer me interessava um caso de uma noite. O meu ego, porém, sentia-se magoado. A Camelia animara-me, a agora estava prestes a virar a sua atenção para o meu melhor amigo.

— Vem daí, então — disse, e ela seguiu-me para trás do bar e depois até à sala dos fundos onde estava o Jake, suado e a sorrir, com a guitarra encostada à parede. O seu *manager*, o Robin, encontrava-se na sala, a contar que estivera com o tipo da A&R, que tinha «tido um orgasmo» com a música.

— Isso é fantástico — incentivei. Depois de o inundar de elogios, apontei a minha companheira, que Jake observava desde que entráramos na sala, e disse: — Esta é a Camelia.

— Foste muito bom — disse ela numa voz fria e desinteressada. Depois virou-se para mim: — Obrigada por nos apresentares, Daniel. Mas agora podemos ir?

Mais uma vez fiquei sem palavras quando ela me pegou na mão e me levou porta fora. Olhei para trás, vi o Jake de boca aberta e encolhi os ombros como desculpa. Ele fez um gesto, desdenhando a importância, com um grande sorriso no rosto

A Camelia levou-me pela porta das traseiras até à rua. Estava um gelo lá fora, mas não me importei. A Camelia ainda levava o casaco no braço. O frio, claramente, não a incomodava. Eu ia dizer algo acerca disso quando ela me puxou para a porta de uma loja e me beijou.

Os seus lábios eram macios; sabia-me bem, mas era estranho, a forma desconhecida dos seus lábios e o gosto da sua boca, um leve vestígio de cigarros. Há anos que não beijava ninguém sem ser a Laura. Estava tão ocupado a maravilhar-me com o facto de a Camelia estar a beijar-me e a tentar afastar a imagem da Laura da minha cabeça que não consegui relaxar e desfrutar.

Interrompi o beijo. Ela fitou-me, confusa, depois moveu novamente os lábios na direcção dos meus.

Desviei a cara.

— Desculpa.

— Que se passa? — Ela parecia magoada, zangada.

— Não posso. Tenho uma namorada.

Ela emitiu um pequeno ruído de desdém.

— Tenho de ir — disse eu. Transeuntes olhavam para nós, este casal que parecia estar a ter uma conversa de rompimento numa ombreira de porta.

— O quê? Vá lá. — Avançou para mim, mas eu desviei-me.

Ela parecia perplexa, como se nenhum homem a tivesse rejeitado anteriormente. Talvez não tivessem. Senti-a a procurar algo para dizer. Fez-me lembrar um robô a folhear possíveis respostas antes de encontrar uma, e esta imagem desvaneceu completamente qualquer hipótese de eu ceder aos seus avanços.

— Daniel, gosto muito de ti — disse ela. — Pensei que tínhamos uma ligação.

Isto era embaraçoso.

— Camelia, tu és linda, mas...

— Tu tens uma namorada. — Deu mais um passo na minha direção. — Eu não lhe conto.

Inclinou-se para outro beijo mas eu virei a cara, como uma virgem tímida. Mais uma vez, ela mostrou-se chocada.

— Tens alguma coisa contra as mulheres romenas? — perguntou, inclinando a cabeça. — Quando te disse de onde era, pareceste... perturbado.

Não havia ar suficiente nos meus pulmões para poder responder.

— Oh, meu Deus — disse ela, dando um passo atrás. — Tens mesmo um problema com romenos? Não és uma dessas pessoas que odeia emigrantes, pois não?

— Meu Deus, não! — disse eu.

Ela não parecia convencida.

— Bem, decerto tens um problema com *alguma* coisa — disse ela. — Talvez só comigo.

Tentei levar aquilo a rir.

— Como é que podia ter um problema com alguém com a tua aparência?

Ela adoçou apenas um bocadinho.

— Então, é a Roménia em geral. — Agora estava um pouco brincalhona. — Devias fazer uma visita. Dar-nos uma oportunidade. É um país bonito.

— Oh, eu sei. Já lá estive.

— Oh, sim? Há quanto tempo?

Mais uma vez, eu estava com problemas em falar.

— Que foi? Tiveste uma má experiência?

— Não, eu... — Não consegui formar uma frase.

— Queres falar-me disso? — sugeriu ela, olhando-me nos olhos.

— Eu... Não. Não quero. Não há nada para contar — acrescentei rapidamente.

— Tens a certeza? — Pôs-me uma mão no braço e por um momento estive tentado a levá-la para casa, para a cama, a perder-me nela, a contar-lhe tudo. Mas esse momento passou rapidamente e eu abanei a cabeça.

— Tenho a certeza.

— Está bem.

Antes de eu poder dizer mais alguma coisa, ela deu meia-volta e partiu em direção ao trânsito, o casaco a abanar na mão. Gritei quando um carro guinou em volta dela, um autocarro se desviou, o motorista inclinando-se sobre a buzina. O trânsito nas duas faixas parou; alguém no passeio gritou. Corri para a berma, esperando vê-la morta, esmagada na estrada. Mas ela tinha desaparecido.

Pela visão periférica, apercebera-me de algo a cair do seu casaco quando se afastava de mim. Era novamente o telefone. Segurei-o na palma da mão por um momento, depois meti-o no bolso.



## CAPÍTULO 17



Precisava de ir para casa mas não me apetecia usar os transportes públicos. Verifiquei a minha carteira e percebi que não me sobrava dinheiro, por isso desci a pé a rua movimentada até um multibanco. Um sem-abrigo estava deitado junto da parede em frente ao banco, tremendo dentro de um saco-cama esfarrapado, os olhos bem fechados contra o frio cortante. Introduzi o cartão na máquina e marquei o código, escolhendo levantar 50 libras.

A máquina apitou e disse-me que a transação não era autorizada.

Talvez a máquina estivesse com falta de dinheiro. Tentei 30 libras. Mais uma vez, foi rejeitado.

Irritado, pressionei mais um par de botões para ver o saldo, esperando enquanto o ATM contactava o meu banco antes de me dar a resposta. Mas o número no ecrã não fazia sentido. Sentido nenhum.

Saldo negativo de £2998.

Saldo a descoberto. Duas libras abaixo do meu crédito permitido.

Esta era a minha conta corrente. A maior parte do dinheiro que me restava do contrato com a *Skittle* — uma soma que diminuía rapidamente — estava na minha conta profissional. Mas devia haver algum dinheiro, algumas centenas de libras, pelo menos, na minha conta corrente. Eu não era muito bom a manter o meu saldo atualizado, mas não era possível ter quase 3000 libras a descoberto.

O multibanco cuspiu o meu cartão e eu fui-me embora, desconcertado, para a paragem de autocarro mais próxima. Tentei calcular quanto dinheiro gastara na semana anterior, se houvera algumas grandes transações de que me esquecera.

Um autocarro parou. Felizmente tinha algumas libras no cartão por isso entrei e dirigi-me para as escadas, quase me desequilibrando quando o autocarro arrancou a balançar. Havia um lugar livre lá atrás e foi onde me sentei, atrás dos bêbedos, um batuque nos ouvidos, tentando processar o que acabara de acontecer.

O meu portátil roubado. Quem assaltara o meu apartamento e levara o portátil devia ter entrado na minha conta bancária. Eu alertara o banco assim que chegara ao apartamento e o encontrara saqueado, mas claramente não fora bastante rápido.

Depois fui abalado por um novo e horrível pensamento. E se também tivessem esvaziado a minha conta profissional? Seria possível? Tirei o telefone do bolso. Como de costume, a bateria estava quase morta. Com mãos desastradas, tentei entrar no banco através do telefone, premindo os dígitos errados, enganando-me duas vezes na *password*, mas acabei por conseguir entrar. Felizmente a minha conta profissional parecia incólume. Tentei verificar a lista de transações recentes, mas o ecrã encheu-se com o círculo rodopiante que indicava falta de bateria antes de se desligar.

A minha mente fez o mesmo. Enquanto o autocarro dava solavancos e matraqueava, encostei a testa à janela engordurada e vi as ruas de Londres passarem por nós, tentando não pensar. Tentando não sentir.

Tinha andado uma raposa nos caixotes do lixo junto do meu apartamento. Um dos meus vizinhos deixara o que fora claramente um saco de lixo preto no passeio e este estava rasgado, com pedaços de piza e fraldas velhas

espalhados no caminho. Isto levaria, sem dúvida, a um cartaz no átrio. Saltei-lhe por cima e destranquei a porta, arrastando-me pelas escadas até ao meu apartamento.

Assim que entrei, percebi que algo mais estava errado. Eu limpara e organizara o caos antes de sair com o Jake, arrumando tudo o que o ladrão desarrumara, e tudo continuava limpo e arrumado. As chávenas e copos que usara antes estavam ao lado do lava-loiça. Então, o que é que estava diferente?

Fiquei tão chocado com o que vi que esfreguei mesmo os olhos com os punhos, como uma personagem de desenhos animados.

O meu portátil estava em cima da secretária, ligado ao carregador. Ao seu lado encontrava-se o *iPad* que tinha sido roubado. A coluna de *bluetooth* e a *PlayStation 4* estavam também de volta ao seu lugar habitual.

Peguei no portátil, revirando-o nas mãos. Estava ali a pequena amolgadela que lhe causara quando o deixara cair alguns meses antes. O arranhão na parte de trás. Tinha a certeza de que, se verificasse o número de série, corresponderia.

Este era o meu computador. O computador que tinha sido roubado dois dias antes.

Que raio fazia novamente aqui?

Abri-o e liguei-o. Parecia intocado. Estavam abertos os mesmos programas que eu tinha usado no outro dia. Eu tinha o hábito de deixar o computador sempre ligado, pois ouvira dizer que os *Macs* preferiam estar acordados, com quaisquer programas ou documentos que usasse permanecendo abertos. A minha memória estava um pouco enevoada, mas estes pareciam ser os mesmos programas que eu usara dois dias antes de sair para ir à consulta com a Cláudia Sauvage, a minha psicóloga.

Por uma questão de segurança, abri o *software* de busca de vírus e iniciei uma análise de verificação ao aparelho.

De repente, senti-me enjoado. A minha pele ficou fria, até ao crânio, e uma onda de náusea abateu-se sobre mim. Cheguei à casa de banho mesmo a tempo e inclinei-me sobre a retrete, vomitando e sentindo tudo o que comera e bebera nesse dia sair violentamente do meu corpo.

Sentei-me no chão da casa de banho. Não conseguia pensar bem. De facto, não conseguia lidar com isto esta noite. Depois de verificar os resultados da busca de vírus — tudo limpo —, fui para o quarto.

Enquanto me despija, encontrei o telefone da Camélia no meu bolso. Ela ia provavelmente telefonar para o aparelho quando percebesse que o perdera, mas esta noite eu precisava de dormir descansado, por isso desliguei-o e coloquei-o na gaveta da mesa de cabeceira.

A certa altura, durante a noite, sonhei que a Camelia estava a beijar-me, mas tinha dentes afiados e estava sempre a morder-me os lábios.

«Desculpa», murmurava ela enquanto o sangue me escorria da boca. «Mas conta-me... Conta-me as coisas horríveis que viste.»

Ela estava nua, mas o seu corpo não parecia normal. As omoplatas estavam saídas, as costelas protuberantes como a grelha de um carro *vintage*, e profundas cicatrizes cor-de-rosa circundavam-lhe os pulsos e tornozelos. O sangue continuava a escorrer dos meus lábios enquanto a Camelia do sonho tombava de gatas e gatinhava no chão em direção a mim, e eu recuava até ficar encostado à parede. Algo pequeno e quadrado cravou-se nas minhas costas e quando tentei arrancá-lo, senti-o puxar-me a pele, como se estivesse preso a mim com supercola.

Acordei com falta de ar.

Na manhã seguinte, depois de tomar duche, beber três grandes copos de água e tomar aquilo que estava a tornar-se uma dose diária de analgésicos, liguei para o banco. Fui transferido para um elemento da equipa de fraudes, uma mulher jovem com um sotaque do Nordeste.

— Temos tentado contactá-lo — disse ela. — Recebeu as nossas mensagens?

— Não. Deixaram mensagem de voz? Por vezes só chegam depois de um dia ou dois.

Ela não pareceu acreditar em mim. Eu ouvira as mensagens e tinha-as esquecido, como esquecera a conversa com o Jake?

— Houve duas grandes transações do seu cartão de débito ontem. Foram levantadas 500 libras num multibanco em East London. Também houve uma transação de 1600 libras na loja da Apple em Regent Street.

Mil e seiscentas libras. Relanceei o portátil. Fora o que eu pagara pelo meu *MacBook Pro*.

— Porque é que não os impediram? — perguntei. — Pensei que o banco bloqueava automaticamente transações invulgares como essas? Como raio foram feitas duas sem qualquer entrave?

Ela parecia aborrecida.

— Ambas as transações foram feitas exatamente à mesma hora. Foram detetadas logo a seguir e a sua conta foi congelada. Foi quando tentámos contactá-lo.

— Mas eu não recebi a mensagem. Que número ligaram?

Ela leu alto o número de um telemóvel.

— Esse não é o meu número!

— Tem a certeza?

— Claro que tenho a certeza.

— Por favor, aguarde um momento.

Andei de um lado para o outro na sala enquanto esperava que ela voltasse à linha. Olhei pela janela. A raposa que abrira os caixotes estava no caminho da frente, a comer. Bati no vidro e ela correu estrada acima, com um pedaço de piza preso entre as mandíbulas.

A mulher da equipa de fraudes disse:

— Mudou as suas informações de contacto há dois dias, a 23.

— Não mudei. Eu... Oh. — A pessoa que me roubara o computador devia ter entrado na minha conta e mudado o número de telefone.

Expliquei isto à mulher, que anotou o número certo. Depois pensei noutra coisa.

— Fui roubado no verão passado, na Roménia. Será que alguém pode ter usado o meu cartão antigo?

— Se foi cancelado, não. E, de acordo com os meus registos, foi cancelado. Estas transações foram realizadas com o seu cartão atual. Julgo que tenha sido clonado; é uma ocorrência comum, infelizmente. Quando foi assaltado, o seu cartão de débito estava em casa?

Tentei lembrar-me.

— Sim, acho que sim.

— Então, provavelmente, foi clonado pelo ladrão. Eles usam aquelas máquinas, passam o cartão e copiam a informação da banda magnética para criar novos. Já cancelei o seu cartão e ser-lhe-á enviado um novo. O dinheiro ser-lhe-á devolvido, senhor Sullivan, mas pode levar cerca de uma semana. Entretanto, se precisar de dinheiro, deve dirigir-se ao seu balcão.

Depois de terminar a chamada, fui à secretária e peguei no portátil. Quase esperava que tivesse desaparecido outra vez quando acordasse, para descobrir que o seu reaparecimento fora parte de um sonho. Mas ainda estava aqui. Eu tinha sido... Como podia dizê-lo? *Des-roubado*.

Liguei para a polícia.

## CAPÍTULO 18



— **E**ntão deixe-me ver se percebi, senhor Sullivan. Alguém entrou na sua casa, roubou o seu portátil e alguns outros aparelhos. Depois foi lá devolver tudo.

O nome do polícia, de modo algo confuso, era Sargent. Agente Sargent. Esperei que ele nunca fosse promovido. Ele tinha quase um metro e noventa e aquela barba grisalha esquisita à Fred Flintstone no rosto. Olhou em redor do meu apartamento, observando a arrumação, tudo no seu lugar, parecendo mais que tinha sido invadido por uma equipa de limpeza do que por uma de ladrões.

— Talvez tenham tido um rebate de consciência — disse o Sargent. —

Soube de um tipo que roubou uma centena de libras de um *pub* e vinte anos depois as devolveu com um pedido de desculpa. Mas o seu ladrão arrependido teve o ataque de culpa muito mais depressa.

— Sinto que não está a levar isto a sério — disse eu. — Reportei o assalto quando aconteceu, há dois dias. Um agente deu-me um número de processo para a companhia de seguros.

O Sargent premiu uma tecla no meu portátil, acendendo o ecrã.

— Parece-lhe que o computador foi mexido de alguma forma?

— Não. Fiz a busca de vírus e não há nada. Verifiquei o histórico e não há registo de atividade desde que eu o usei.

Já lhe falara do uso fraudulento do meu cartão bancário e de como a funcionária achava que tinha sido clonado pelo ladrão.

— O que é que vai fazer? — perguntei.

O Sargent pousou a chávena de chá que eu lhe tinha feito quando ele chegara.

— Há muito pouco que eu possa fazer. O seu banco está a tratar da fraude do cartão. Quanto ao assalto, deve dar-se por feliz.

— Feliz?

— Não se esqueça de contactar a companhia de seguros e cancelar a queixa. — Avançou para a porta.

Pus-me no caminho dele.

— Não compreendo. Alguém está a tentar dar-me cabo da cabeça.

— Uma partida, é isso?

Começava a nascer-me uma dor no crânio, uma sensação acutilante de golpes, como se agulhas grossas estivessem a penetrar a carne macia do meu cérebro.

— Não. Mais... sinistro do que isso.

— Sinistro?

Abri a boca. Mas, o que é que podia dizer? Além deste assalto aparentemente ilusório, alguém *podia* ter tentado empurrar a Laura para a frente do metro e eu *achava* ter visto alguém a vigiá-la. Parecia tudo muito fraco e o Sargent já estava a olhar-me como se eu fosse desequilibrado. A única parte concreta era o uso fraudulento do meu cartão, mas como o Sargent tinha dito, o banco estava a tratar disso e a polícia lidaria diretamente com eles. Podia imaginar o que o Sargent diria se lhe contasse que o meu cartão tinha sido usado, exatamente, para comprar um portátil novo. Do mesmo modelo, a julgar pelo preço.

— Ouça, senhor Sullivan, o que me parece é que o senhor está debaixo de muita tensão — disse o Sargent. — Talvez esteja a trabalhar demasiado. Ou é isso, ou um amigo está a brincar consigo. — Abriu a porta e saiu para o

patamar. — Cuide-se.

— Mas...

Ele desceu as escadas. Segundos depois de ouvir a porta da rua a fechar-se, ouvi fechar outra porta: a vizinha de baixo a voltar para casa, depois de ter saído para ver o que se passava.

Enchi um copo de água e sentei-me. Precisava de organizar tudo na minha cabeça. Existia uma explicação simples para quase tudo. A Laura tinha imaginado ser empurrada na estação de metro e era mesmo uma pessoa qualquer que estava a olhá-la em Camden. O meu cartão fora clonado e usado aqui em Londres. Era uma ocorrência comum, já tinha acontecido ao Jake.

Assim, permanecia uma questão: porque é que o ladrão me devolvera o portátil?

E voltariam?

Se voltassem, queria estar preparado. Fui ao *Google* e pesquisei segurança em casa, descobrindo o que procurava. Um sistema simples de CCTV. Encomendei-o e perguntei-me se seria possível comprar uma armadilha humana ou um sistema que disparasse dardos envenenados. Sorri para mim mesmo. Isso era uma loucura. Além disso, se comprasse uma armadilha, o mais provável era que eu próprio caísse nela.



## CAPÍTULO 19



*D*aniel — estamos a tentar contactar-te. É URGENTE!! Liga-me.

O polícia tinha partido há algumas horas e eu estava a dormir uma sesta no sofá quando o telefone deu sinal. Era uma mensagem da Erin. Peguei no telefone, que estava na alcatifa junto do sofá, e no momento em que li a mensagem, um pico de adrenalina acordou-me. Tinha as roupas húmidas de suor e havia uma mancha de baba na almofada onde repousara a cabeça.

Telefonei-lhe imediatamente.

— Daniel — disse ela, atendendo após um único toque. — Oh, meu Deus. — A voz dela estava rouca.

Inspirei fundo, receando o pior.

— Que foi?

— É a Laura. Ela... oh, merda. — Ela estava a chorar. O meu estômago saltou como se tivesse passado por uma lombaa na estrada. — Está no hospital. UCL. Preciso que venhas. *Já*.

A Erin estava encostada à parede na ala onde a Laura tinha sido admitida, com um copo de água de plástico na mão. A sua barriga estava enorme — nem imaginava como podia manter-se de pé. Corri para ela.

— Onde está ela? Ela está bem?

A Erin fungou e segurou-me a mão. Perguntei-me onde estaria o Rob. No trabalho, calculei.

— Está bem. Está a recuperar. Lavaram-lhe o estômago e o médico com quem acabei de falar disse que ela tinha tido sorte. Se eu não a tivesse encontrado pouco depois de ela tomar os comprimidos... — Interrompeu-se.

— Não posso acreditar. O que é que ela tomou?

— Uma mistura de comprimidos para dormir e antidepressivos. Algo chamado *Zopiclone* e... *Trazodone*, que parece que é receitado para a ansiedade. — Mostrou-me o telemóvel. — Pesquisei.

Fitei-a.

— Onde é que os arranjou?

— No médico dela, suponho.

Eu sabia que a Laura tinha sofrido de insónias desde que voltáramos da Europa, mas não tinha tomado nada daquilo, pelo menos enquanto estávamos juntos. Teria começado os comprimidos depois de me deixar? Não a vira tomar nada na outra noite, depois de termos tido sexo, se bem que isso não significasse muito. Estava tão bêbeda que não precisava.

— Oh, Laura — disse eu, com os olhos a picarem. — Quero vê-la.

Eu e a Erin tínhamo-nos sentado fora da enfermaria.

— Agora não podes. Está a dormir. O médico disse que vão mantê-la em observação durante dois dias. Fez-me *montes* de perguntas.

— Que perguntas?

— Se ela já se tinha tentado suicidar. Se bebia excessivamente ou consumia drogas. Também queria saber quem era a sua rede de apoio.

— E o que é que lhe disseste?

— Bem, disse-lhes que a família dela mora do outro lado do país mas que tem amigos aqui. Já telefonei à mãe dela, mas só conseguem vir amanhã.

— Típico...

— Mas... Daniel, tenho de te contar como ela estava quando a encontrei.

— A voz dela tornou-se quase um sussurro. — Ouvi-a gritar, por isso corri lá

acima ao quarto dela e bati. Quando entrei, ela estava sentada na cama, a fitar a janela. Ao princípio não reparei nas embalagens de medicamentos vazias. Estavam do outro lado dela.

Esperiei que ela continuasse, com o coração a bater violentamente.

— Ela continuava a olhar pela janela. E então começou... a balbuciar, a murmurar, apontando para o jardim. Era mesmo difícil perceber o que ela dizia. Falava de ser seguida, de um fantasma. E disse qualquer coisa esquisita acerca da sua pele, falou de tarântulas e que a sua pele não ia voltar a crescer. Tinha os olhos vazios, como que... enevoados. Era mesmo assustador. E depois encolheu-se toda e caiu de lado na cama. Então vi as caixas de comprimidos e chamei a ambulância.

A Erin virou a cabeça para mim. Tinha as mãos na barriga, como se tentasse proteger o seu filho por nascer de todo o horror e dor do mundo.

— Daniel. Que raio vos aconteceu naquela viagem?

## CAPÍTULO 20



**L**aura estava naquele espaço cinzento entre a vigília e o sono, vozes que vinham dos seus sonhos misturando-se com sons do mundo real: alguém a tossir, algo a apitar, uma roda a chiar no chão duro. Pareceu-lhe ouvir também bebês a chorar, o que a fez enterrar a cabeça debaixo da almofada.

Ao emergir do sono, ouviu duas mulheres a falar, mas não distinguia as suas palavras e levou um minuto ou dois a perceber quem podiam ser. Enfermeiras, era a resposta. Porque ela estava hospitalizada. E com isso voltou-lhe a memória e a compreensão assustadora do que tinha feito.

As suas entranhas pareciam envenenadas, o estômago e a garganta doridos dos tubos que tinham introduzido no seu corpo. O médico que falara

com ela ao acordar depois de lhe terem extraído os fármacos do organismo dirigira-se-lhe com delicadeza mas, por trás das suas palavras suaves, ela sentia censura: há centenas de pessoas genuinamente doentes neste hospital, pessoas que querem viver. *Estás a desperdiçar o nosso tempo.*

«Se não fosse a sua amiga...», dissera ele.

Erin salvara-a. A boa da Erin. A sua melhor amiga, a amiga com quem podia contar, a pessoa que lhe proporcionara um sítio para ficar sem fazer demasiadas perguntas, que era gentil, bondosa e compassiva.

A cabra.

Porque tinha interferido? Se a tivesse deixado em paz, agora estaria tudo acabado. Ela estaria livre. Ocorrera-lhe no dia anterior — num *flash*, não de luz, mas de escuridão — que a sua ideia de ir para a Austrália era uma tolice. Porque o outro lado do mundo não era bastante longe. Nem o brilho do Sol nem a distância podiam curá-la, protegê-la ou fazê-la odiar-se menos. Nem, percebera, o tempo poderia fazê-lo. A pele que lhe caíra não cresceria de novo. Estava na sua cama no quarto minúsculo, fitando a parede e, ouvindo o coração bater-lhe no peito, a escuridão a escorrer-lhe nas veias, fria e trémula e sem consciência de estar a chorar até sentir as faces molhadas, soubera o que tinha de fazer.

Devia estar a soluçar enquanto tomava os comprimidos. Tinha sido o seu grande erro porque o barulho levava Erin ao seu quarto e ainda houvera tempo para ela ser salva. Embora salva não fosse a palavra correta. Não, Erin condenara-a a mais sofrimento.

Ela tinha visto Daniel ali mais cedo. Ele entrara na enfermaria e sentara-se ao lado da sua cama. Assim que o vira, ela fechara os olhos e fingira dormir. Sabia exatamente o que ele ia dizer e não queria ouvi-lo. Vê-lo fazia-a recordar o motivo de se sentir assim. Desejava não lhe ter dado esperanças, embebedando-se e dormindo com ele na outra noite. Quando ele se inclinara sobre a sua cama nessa tarde e sussurrara que a amava e ela ouvira a espessura das lágrimas na sua voz, esperara sentir também vontade de chorar. Mas não sentira nada. Pelo menos essa parte de si ficara entorpecida.

A única coisa que queria era dormir. Mas não servia de nada: estava tão acordada como se tivesse ingerido um saco de *speeds*. A conversa que ouvira entre as duas enfermeiras depois de a noite cair também não ajudara: tinham detetado um homem na unidade de maternidade, espiando os bebés doentes que estavam separados das mães. Quando alguém do *staff* o abordara, fora-se embora. As imagens evocadas de alguém a roubar bebés e a fazer-lhes mal levou as entranhas de Laura a retorcerem-se de terror.

Abriu os olhos e semicerrou-os para o relógio no armário ao lado da cama. Eram 2h20 da manhã. Todas as outras mulheres da enfermaria estavam

a dormir, uma delas a remexer-se e a virar-se, outra a ressonar. Laura tentou sentar-se mas encolheu-se com a dor súbita na cabeça, como se tivesse sido atingida por um martelo, e voltou a deitar-se. Puxou o lençol sobre a cara.

Enquanto se encontrava ali deitada, ouvindo o ressonar débil do outro lado da enfermaria, tomou consciência de uma presença perto da sua cama.

Era estranho — não tinha ouvido ninguém entrar na enfermaria. Nem tinha ouvido nenhuma das outras pacientes a sair da cama. Mas, que outra explicação podia haver? Enquanto um tentáculo de frio se arrastava sob os lençóis do hospital, parecia que alguém abrira uma janela e deixara o ar gelado de fevereiro entrar no quarto. Ficou em pele de galinha. Ia levantar-se para encontrar a janela e fechá-la quando ouviu a voz.

— *Laura.*

Ficou rígida debaixo do lençol fino. A voz era baixa, quase um murmúrio.

— *Sou eu.*

Ela sabia exatamente quem era. Era uma voz que nunca esqueceria, uma voz que ouvira da última vez erguer-se num grito e depois fizera abruptamente silêncio. Era a voz de uma mulher morta. E percebeu, nesse momento, que os vislumbres de roupas pretas e pele branca que tinham andado a segui-la e ela julgara imaginar, tinham de ser reais. A presença que ela sentira nas ruas do centro de Londres e entre as árvores no extremo do jardim de Erin e Rob. Não era a sua imaginação. Era real. Era um fantasma.

— *Não debes fazer isso* — sussurrou a mulher morta. Agora estava mesmo junto da cama. Laura manteve os olhos bem fechados, o lençol fino formando uma barreira para o caso de o fantasma se tornar hostil. — *Não debes matar-te ainda.*

Agora Laura estava a chorar. A chorar com a memória de uma decisão que tinha mudado tudo.

— *Eu preciso de ti* — disse o fantasma. — *Preciso que estejas viva.* — Laura atirou com o lençol e sentou-se muito direita, a dor no seu crânio desaparecida.

O fantasma também desaparecera.

## CAPÍTULO 21



**F**ui para casa, percorrendo as ruas gélidas de Londres, perturbado por ter visto a Laura na cama do hospital, tão pálida e frágil, com olheiras negras. Estivera a dormir durante a hora da visita, apesar das conversas em nosso redor na enfermaria. A Erin tinha ido para casa, zangada comigo por eu me recusar a responder a todas as suas perguntas e precisando de descansar.

Depois de murmurar para a Laura, combatendo as lágrimas, sentei-me e esperei algum tempo que ela acordasse. No dia seguinte, a mãe e o pai dela chegariam numa nuvem de arrogância. A Erin telefonara-lhes e, conhecendo-os como conhecia, não fiquei muito chocado por saber que não tencionavam correr imediatamente da sua casa na Cornualha para Londres. Tinham um

jantar importante, algo relacionado com o trabalho. Eu avisara a Erin para não lhes dizer que a Laura tinha falado de fantasmas.

— Que vos aconteceu naquela viagem?

Eu não respondi — não pude. Tentei fazer sentido do que a Erin me contara. Pele, tarântulas, fantasmas... Olhei para a Erin.

— Sabes da Laura e do seu fantasma? — perguntei, mantendo a voz baixa para que as outras pessoas da sala de espera não me ouvissem. Abanei os dedos e disse «fantasma» entre aspas.

— Um *fantasma*?

Respirei fundo. Esta parte, tinha de lhe contar.

— Pois, eu sei. A primeira vez que visitei os pais da Laura, quando já estávamos juntos há alguns meses, a mãe dela fez uma piada desdenhosa sobre a Laura acreditar em disparates. Quando perguntei à Laura o que é que a mãe queria dizer, ela fechou-se completamente. Mas, por fim, consegui arrancar-lhe a verdade.

— Continua.

— Quando tinha doze anos, a Laura começou a acreditar que vivia um fantasma lá em casa. O fantasma de outra pré-adolescente, que aparentemente tinha morrido ali. Este fantasma, o seu nome era Beatrice, ia ao quarto da Laura à noite e falava com ela. A Laura contou-me que ao princípio ficara aterrorizada, mas depois compreendeu que a rapariga não lhe queria fazer mal e só queria que fossem amigas. Parece que, finalmente, a mãe da Laura ouviu-a a ter essas conversas no seu quarto e foi quando ela, muito pragmaticamente, contou à mãe da Beatrice.

» Os pais da Laura levaram-na a um médico, que disse que estava tudo ligado ao início da puberdade, que não precisavam de se preocupar. Mas então a mãe da Laura levou-a a um psiquiatra que, segundo ela, foi muito duro...

A Laura recusara contar-me todos os pormenores, mas eu tinha a certeza de que essa era uma das razões de ela não querer consultar um terapeuta agora.

— No final, a Laura fingiu que sabia que o fantasma não era real, que a Beatrice deixara de a visitar.

— Mas continuava a acreditar que a Beatrice *era* real?

— Sim. E escuta isto... Ela foi à biblioteca e descobriu que uma menina de doze anos tinha morrido na sua casa trinta anos antes. Na verdade, fora assassinada pelo pai.

— Santo Deus.

— Pois. A Laura disse que, por algum tempo, ficou convencida de que os seus pais a iam matar. Conhece-los, não é verdade?

— Infelizmente.



— Então, pelo menos fazes uma ideia. Foram horríveis para ela quando era criança. Mesmo antes de toda esta cena da Beatrice acontecer, tiraram-na da escola que ela adorava, frequentada por todos os seus amigos, e fizeram-na frequentar aquela escola horrível, só para raparigas. Obrigaram-na a deixar de se dar com a sua melhor amiga porque a consideravam «vulgar». Foi tudo muito traumático para a Laura. Acho que foi por isso que ela começou a acreditar na Beatrice. Uma espécie de amiga imaginária. Algo que os pais não lhe podiam tirar, por mais que tentassem.

— Acho que isso faz sentido.

— Sim. A Beatrice acabou por deixar de a visitar. A Laura tinha catorze anos, durou muito tempo, e afirma que a Beatrice lhe disse que ia para «o lugar seguinte». E ficou-se por aí. Os pais da Laura achavam que a filha tinha deixado de acreditar muito antes. Mas ainda hoje a Laura acredita que a Beatrice era real. Ainda acredita em fantasmas.

A Erin exalou.

— Então, achas que ela anda outra vez a ver a Beatrice?

— Não sei. — Um arrepio percorreu-me ao pensar no trauma que a Laura sofrera recentemente. — Acho que provavelmente está a imaginar um fantasma diferente.

A Erin pegou novamente no telefone.

— Uma das drogas que ela tomava, o *Trazodone*, parece que pode causar alucinações.

Abanei a cabeça. Teriam avisado a Laura desses possíveis efeitos secundários? Esperava que depois desta sobredosagem ela parasse de os tomar. Resolvi falar-lhe disso.

A situação com a Laura fez-me esquecer temporariamente o mistério com que lidava, mas este voltou assim que pisei o calor relativo do meu apartamento e vi o meu portátil. Servi-me de uma bebida e fiquei chocado ao perceber como a minha mão tremia quando levei o copo aos lábios. O interior da minha cabeça parecia uma colmeia em que as abelhas estavam em guerra. A minha próxima sessão com a doutora Sauvage estava marcada para o dia seguinte, felizmente. Sou por natureza uma pessoa reticente, mas neste momento precisava desesperadamente de falar com alguém.

Estava demasiado agitado para ir para a cama, por isso liguei a televisão e afundi-me no sofá com o meu *MacBook* no colo. Estava a começar um filme de terror no Channel 4, em que um grupo de adolescentes ia para os bosques e tinha um fim horrendo. Desliguei rapidamente, mas era demasiado tarde, as memórias haviam sido despertadas.

*Um fino vestido cor-de-rosa embrulhando um monte de ossos.*

*Lágrimas escorrendo por uma bochecha encovada.*

*Pele manchada de sangue e dois pares de olhos vidrados...*

Levantei-me e pus-me a andar pela sala. Quando estava a programar, a trabalhar numa *app*, costumava fazer isto para resolver problemas. Manter-me em movimento ajudava-me a concentrar, a desbloquear e a desemaranhar nós na minha cabeça. Peguei numa caixa de DVD, uma comédia romântica, e forcei-me a recordar a intriga, as cenas divertidas, o sol e as praias e os beijos. Finalmente, as memórias reais foram desalojadas, empurradas para a sua caixa, e a tampa foi fechada.

Voltei a guardar o DVD na estante e regressei ao momento presente, sentando-me com o portátil.

Porque é que o ladrão o devolvera?

Seria possível que eu tivesse imaginado um assalto, da mesma forma que a Laura julgava ver fantasmas? Mais ninguém vira provas do assalto, porque eu arrumara tudo antes de as minhas únicas visitas, o Jake e o polícia, terem vindo. Nem sequer tinha tirado fotografias. Seria uma fantasia desencadeada por demasiado álcool e falta de sono? Teria eu danificado a porta e a seguir esquecer-me de o ter feito? Quando pensava nas últimas semanas, havia ali algumas lacunas, espaços negros na minha memória, bolsas de tempo que não estavam registadas. Andei para trás e para diante na sala.

Não, tinha de ser real. A porta de casa fora danificada por outra pessoa. A minha conta bancária *tinha* sido defraudada, e isso acontecera porque o ladrão clonara o meu cartão.

*A menos que eu próprio tivesse usado os cartões.*

Abanei a cabeça. Não, isso era impossível. Eu não levantara dinheiro nem tinha ido à loja da Apple. A menos que estivesse a enlouquecer... Quando fechei os olhos, tive um *flash* de mim mesmo rodeado por *iPads*, computadores e colunas de som. Poderia mesmo ter ido à loja da Apple e gastado 1600 libras num portátil novo e não me lembrar? E onde estava esse portátil? Porque o que estava aqui era definitivamente o antigo, exatamente com os mesmos arranhões e marcas.

No dia seguinte, decidi, contaria à doutora Sauvage o resto do que tinha acontecido na Roménia. Precisava de tirar as memórias da caixa, expô-las à luz do dia, tirá-las da cabeça. Tinha de as partilhar com alguém que não enlouquecesse com elas antes que elas *me* enlouquecessem. Só então seria capaz de avançar com a minha vida.

## CAPÍTULO 22



**A**pós uma hora a remexer-me na cama, o meu cérebro zunindo como um helicóptero, sonhos acordado em que, alternadamente, corria por uma floresta e vagueava pelo templo de vidro da loja da Apple, levantei-me e abri uma garrafa de vinho tinto. Ansiava pelo esquecimento.

Pousei o copo de vinho — cheio até ao cimo, o líquido espesso e escuro como sangue — na secretária e sentei-me. Abri o *Spotify* e pus a tocar um dos meus álbuns favoritos, abafando o tiquetaque do relógio e as vozes ruidosas do casal que vivia no andar de cima, que ficava muitas vezes acordado, alternando discussões com sexo ruidoso, e decidi pôr em dia alguns *e-mails*. A maioria era lixo. Apaguei-os e copiei as numerosas mensagens da *Skittle* para

uma pasta, para tratar delas quando estivesse mais alerta.

A última vez que estivera sentado a meio da noite com o meu portátil ainda trabalhava na minha aplicação, *Heatseeker*. A *Skittle* estava confiante de que seria a próxima grande aplicação de encontros. Alguns conhecidos achavam que eu tinha tido sorte ao fazer o negócio; porém, embora pudesse ter havido alguma sorte à mistura, eu trabalhara arduamente para a alcançar, muitas vezes durante a noite, enquanto a Laura dormia no outro quarto. Dedicara centenas, talvez milhares de horas à criação do que considerava o meu bebé.

Acabei o vinho e continuei a tratar dos *e-mails* até ver um da Laura que tinha chegado hoje, algumas horas antes da tentativa de suicídio.

*Achei que gostarias de ver isto. Laura x.*

Anexada ao *e-mail* estava uma fotografia. Cliquei duas vezes e o *software iPhoto*, programado para arrancar automaticamente quando eu clicava num ficheiro de imagem, abriu e mostrou-me a fotografia. Eram dois gatinhos, a lutar um com o outro. Recostei-me. Porque é que a Laura me mandara uma fotografia de gatinhos? Era estranho. Mas se o tinha feito mesmo antes de tentar matar-se, claramente não estava a agir com normalidade. Escrutinei a foto por alguns momentos, tentando perceber se haveria alguma espécie de mensagem secreta escondida na imagem. Mas era só um par de gatos.

Agora que o *iPhoto* estava aberto, fiz algo que normalmente não me permitia fazer, não desejando torturar-me, e comecei a ver fotografias antigas. Aqui encontrava-se o registo do tempo que eu e a Laura tínhamos passado juntos.

No início da nossa relação estávamos sempre a tirar fotografias um ao outro. Ali estava ela, deitada de costas na relva do parque, de óculos de sol, um grande sorriso iluminando-lhe o rosto. Aqui estávamos nós, com as faces encostadas, no nosso passeio a Alton Towers, a câmara segura à distância do braço. Havia dezenas de fotografias nossas em casa.

À medida que o tempo passava, havia menos fotografias espontâneas e quotidianas, mas ainda tínhamos centenas tiradas em festas e casamentos de amigos e dias de passeio. Com estilos diferentes de cabelo e roupa, rugas a espalharem-se nos nossos rostos, alguns centímetros acrescentados às nossas cinturas, observei-nos a envelhecer um pouco ao longo de cinco anos do nosso relacionamento. Claro que não tinha sido tudo idílico. Ninguém fotografa os momentos maus — as discussões, os períodos de tédio, os percalços quando nos dávamos um ao outro por garantidos ou eu a negligenciava por causa do trabalho. Mas esta era a nossa vida juntos... a vida que não tínhamos conseguido manter.

Havia muito poucas fotografias da nossa viagem pela Europa, porque a

máquina fotográfica estava numa das mochilas que abandonáramos em Breva.

As únicas que restavam eram as que eu tinha tirado com o meu telemóvel. Essas tinham sido automaticamente copiadas para o computador quando eu chegara a casa e o telefone e o portátil haviam começado a falar um com o outro. Nunca me atrevera a olhar para essas fotografias, mas agora sentia o meu dedo mover-se pelo *trackpad* do computador até estar a olhar para a primeira que tirara: uma *selfie* de nós os dois no Eurostar para Bruxelas. Estávamos tão felizes nesse dia, de partida para a nossa fantástica viagem, livres de preocupações e responsabilidades. Fui passando as fotos, sorrindo às memórias de França, Espanha e Itália. Esvaziei o copo de vinho e fui buscar a garrafa.

Cheguei a uma fotografia da Laura num café perto da estação de Budapeste, onde tínhamos comido antes de apanhar o comboio. Tirara-lhe uma fotografia quando ela não estava a olhar. O seu rosto estava de perfil e ela desviava uma madeixa de cabelo dos olhos, pensativa, linda. Olhei para a foto por muito tempo, tomando mais um gole de vinho para amortecer a dor. Esta era a última fotografia dela antes da calamidade.

Ou devia ser. Porque, quando premi o cursor, esperando que me levasse de volta para a primeira fotografia do álbum, apareceu uma nova fotografia da Laura.

Assim que a vi, deixei cair o copo de vinho, o som deste a estilhaçar-se parecendo distante sob a vibração nos meus ouvidos, indiferente à mancha vermelha que se espalhava no chão aos meus pés.

Na foto, a Laura estava deitada numa tarimba, a dormir, os braços cruzados no peito, os joelhos levantados. A fotografia tinha sido tirada no compartimento-cama do comboio romeno.

Com a mão a tremer, cliquei.

Na fotografia seguinte, eu dormia na outra tarimba, de boca aberta.

Levantei a mão do portátil como se este estivesse a arder. A dor de cabeça de antes tinha voltado. Pelo canto do olho, vi a mancha fresca de vinho tinto na alcatifa, da cor de sangue seco.

Voltei a pensar naquela noite. Eu adormecera com o telemóvel na mão. Estava sem bateria quando acordei mas ainda tinha um pouco quando adormeci.

A pessoa que se introduzira na carruagem e roubara os nossos passaportes e bilhetes devia ter usado o meu telefone para nos tirar fotografias a dormir.

Com a mão trémula, cliquei na primeira fotografia e dei por mim a olhar para a Laura na estação de Budapeste. Confuso, cliquei novamente. Voltei à primeira foto, nós os dois no Eurostar. Voltei ao álbum, verifiquei as miniaturas das fotos.

As duas fotografias da nossa noite no comboio já não estavam ali. Tinham desaparecido.

Pensara que nunca voltaria a sentir-me tão assustado como estivera naquela noite na floresta. Mas agora começava a tremer, incapaz de me mexer, a minha mente bloqueando-se no modo puramente instintivo, consciente das sombras em meu redor, da escuridão exterior.

Levantei-me, e a sala girou à minha volta. Eu estava bêbedo, muito bêbedo, mais do que julgara. Tão bêbedo que alucinava com fotografias.

*Bêbedo e louco*, disse uma vozinha na minha cabeça. *Ou só completamente louco*.

Algo retumbou por cima de mim e uma mulher gritou. Abracei o peito. Mas eram só os meus vizinhos, a foder ruidosamente outra vez. Cambaleei através da sala, o meu coração batendo loucamente. Peguei no telefone e liguei para o número da Laura, desligando depois de dois toques, quando me lembrei que horas eram e que ela estava no hospital. Ela via fantasmas e eu via fotografias fantasmagóricas. Desatei a rir-me. Éramos mesmo o casal perfeito.

## CAPÍTULO 23



**U**ma mulher idosa, com uma cara que parecia ter ficado no programa de secagem demasiado tempo, estava à porta do hospital com o seu roupão, ligada a um saco de soro que pendia de um suporte metálico com rodas, a fumar um cigarro até ao filtro. Mantive-me à distância; o cheiro do fumo era capaz de me dar a volta ao estômago depois da noite que tinha tido. Sentia-me enjoado, embriagado pelo álcool e pela falta de sono, mas as visitas eram das dez às onze da manhã e eu precisava de ver a Laura. Nem o céu azul sem nuvens e o sol de inverno me faziam sentir melhor.

Percorri o hospital rapidamente. Levava um ramo de túlipas amarelas e cor de alperce: as favoritas dela. Estava ansioso por vê-la, embora tivesse

decidido não lhe contar o meu estranho episódio da noite anterior.

A minha vontade esmoreceu quando me aproximei da cama dela, que tinha uma cortina fina fechada à sua volta, e ouvi vozes. O troar intimidante da mãe dela, Sandra, e o tom esganiçado do pai, Frank. O meu coração desanimou. Tivera esperança de não me cruzar com eles.

Respirei fundo e passei por baixo da cortina. O pai e a mãe de Laura viraram-se, carrancudos. A Laura estava sentada na cama, com uma almofada atrás das costas, a pele tão branca como os lençóis. Olhava a meia distância, com expressão vazia. Vê-la assim deu-me vontade de a abraçar e, de alguma forma, tornar aquilo melhor. Um instinto que devia ser ainda mais forte na mãe.

— Daniel — disse a Sandra, com um vestígio de censura na voz. Mandou-me um beijo — cheirava vagamente a talco de alfazema; eu esperava já não cheirar a álcool — e eu acenei um cumprimento ao Frank, que parecia vestido para um dia de inverno no campo de golfe.

— A minha filha foi uma menina muito tola, não foi? — disse a Sandra. Fez um estalido de censura e olhou para a Laura como se tivesse sido chamada ao gabinete do diretor para lhe dizerem que a filha tinha sido apanhada a curtir com um rapaz atrás do telheiro das bicicletas.

Aproximei-me da Laura e inclinei-me para lhe beijar a bochecha, mas ela encolheu-se e recusou olhar-me nos olhos.

— Pensei que vinham ontem à noite — disse eu, dirigindo-me à Sandra.

— Eu e o Frank tínhamos um jantar muito importante. Simplesmente, não podíamos faltar.

Engoli em seco. Enquanto eu e a Laura tínhamos sido um casal, eu mordera a língua na presença dos pais dela, praticara exercícios de respiração profunda e arranjava todos os pretextos possíveis para evitar a companhia deles. Quando os conheci, mal conseguia acreditar que eram reais; julgara que as histórias da Laura sobre como eles se importavam mais com dinheiro e estatuto do que com ela deviam ser exageradas. Não eram. Os Mackenzie tinham tido sorte ao comprar um par de casas baratas em Londres nos anos oitenta, vendendo-as com um lucro absurdo no auge do *boom* do imobiliário. Desde então, haviam-se mudado para a Cornualha e estabelecido com um negócio de «consultoria em estilo de vida», aconselhando pessoas ricas sobre a melhor forma de maximizarem o seu equilíbrio trabalho/vida pessoal.

Nunca tinham escondido o seu desapontamento com a Laura. «Trabalhar numa organização de caridade é muito... nobre», dissera a Sandra naquele primeiro encontro, franzindo o nariz. «Mas não achas que a caridade devia começar em casa, Laura? Que devias cuidar das tuas próprias necessidades primeiro? Que achas, Daniel?»



«Acho que é fantástico a Laura estar a fazer algo que a apaixonou. Há mais na vida do que ganhar carradas de dinheiro».

A Sandra olhara-me com repugnância.

«Eles foram sempre assim», dissera-me a Laura uma vez. «Se eu chegasse a casa com um oitenta por cento num exame, o meu pai perguntava-me o que é que tinha corrido mal com os outros vinte. A mãe estava sempre a apontar os meus defeitos físicos — se eu esbarrasse em alguma coisa, era logo “típico da desastrada da Laura”, ou se eu tivesse uma borbulha na cara, mostrava-a a todas as suas amigas horríveis. Eu estava ansiosa por escapar deles.» Um grande suspiro. «Mas são os meus pais.»

Então havia aquelas horríveis viagens duas vezes por ano para a Cornualha, em que ficávamos na sua enorme casa cheia de falta de gosto e ornamentos caros e horrível arte moderna. O Frank estava normalmente no campo de golfe ou a trabalhar enquanto a Sandra repetia as façanhas dos vizinhos do lado, dois negros *gays* que, escandalosamente, estavam no processo de adotar um bebé.

«Ouvi dizer que talvez fiquem com um branco», dizia ela num tom de voz baixo e horrorizado.

A região, porém, era linda, a costa recortada e as praias a uma pequena caminhada de distância. Uma das minhas memórias favoritas era a de uma vez em que a Laura corria aos gritinhos pela praia, enumerando a plenos pulmões todas as coisas que consternavam a mãe: «Os *gays*, os pretos, os árabes, as mães solteiras, o estado do SNS, o *The Guardian*, os sindicatos, Russell Brand, o gato do vizinho do lado, o custo do estacionamento na cidade...» Depois tombara exausta na areia e gritara: «Vai-te foder, mãe!», para grande divertimento de um surfista que passava.

Apetecia-me dizer «vai-te foder» à Sandra neste momento, e acho que teria sido útil desabafar as minhas frustrações em cima desta mulher insultuosa e do seu marido. Ao invés, disse:

— Então, quanto tempo ficam?

— Temos de voltar hoje. A *Cassie* — era a cadela, uma *Cocker Spaniel* — está com os vizinhos...

— Não com os negros *gays*? — perguntei baixinho.

— O Peter e o Laurence. Sim. Na verdade, são muito simpáticos, apesar de serem... — Interrompeu-se, olhando em volta, subitamente consciente de que muitos dos enfermeiros e dos outros pacientes eram negros.

— Já não estamos na Cornualha, *Toto* — murmurei muito baixinho.

— A Laura compreende que temos de voltar, não compreendes, boneca? — disse o Frank.

A filha assentiu com a cabeça, olhando na direção dos seus joelhos por

baixo do lençol.

— A amiga da Laura, a Erin, aquela solteira grávida, esteve aqui mais cedo — disse a Sandra. — Perguntou se a Laura podia ficar em nossa casa algum tempo. — Fez um ruído de reprovação.

— Não pode? — perguntei.

— Não! É impossível. Estamos a fazer obras. E eu estou muito ocupada.

*A fazer o quê, a dizer mal dos vizinhos e a contar o dinheiro?*, queria eu perguntar.

— A Laura ficará bem com a Erin. Parece uma jovem decente, creio.

— Mas está quase a ter um bebé — disse eu.

— Então, talvez a Laura possa ficar contigo. — A Sandra estalou a língua. — Não consigo perceber porque é que se separaram. Não iam casar? Os jovens hoje em dia não se mantêm em nada. Ao primeiro sinal de uma lomba na estrada, abandonam o barco.

— Acho que é uma metáfora mista, minha querida.

— Oh, está calado, Frank.

Eu ainda estava focado na primeira coisa que ela tinha dito, acerca de a Laura ficar comigo. O que é que devia dizer? Era o que eu queria mais do que tudo, não que ela fosse passar *algum tempo* comigo, mas que voltasse, que se mudasse outra vez.

Relanceei a Laura, cujos olhos permaneciam fixos nos lençóis. De repente, ela ergueu os olhos para nós.

— Quero que se vão embora — disse.

Eu ia fazer um sorrisinho altivo para a Sandra e o Frank quando a Laura acrescentou:

— Todos.

— Boneca — disse o Frank. — Acabámos de chegar.

— Ainda não tivemos tempo de meter algum juízo nessa cabeça — disse a Sandra.

A Laura pegou no ramo de túlipas que eu pousara na mesa de cabeceira e atirou-o à mãe. Enquanto a Sandra procurava algo para dizer, a Laura pegou num copo vazio e chegou o braço atrás. Segurei-lhe o pulso antes que ela o atirasse também.

A Sandra e o Frank ficaram ali, de boca aberta.

— Vão para casa — disse a Laura, aparentemente exaurida pelo esforço. — Não preciso de vocês. E não precisam de se preocupar com o custo do meu funeral... não vou matar-me. — A sua voz ficou ainda mais baixa. — Pelo menos agora.

A Sandra e o Frank entreolharam-se e pegaram nas suas coisas. Incrível: iam aproveitar aquela desculpa para saírem em vez de conversarem. Antes de

saírem, a Sandra pegou num saco de papel e entregou-o à Laura.

— Comprei-te isto, pensei que podia... ajudar.

Depois de eles saírem, a Laura empurrou o saco de papel na minha direção e eu tirei um livro de capa mole lá de dentro. Chamava-se *Encontrar o Seu Lugar Feliz: 21 Métodos Práticos Para Combater a Depressão e Continuar a Sorrir!*

Meti-o no cesto do lixo.

— Queres mesmo que eu vá? — perguntei baixinho.

Ela fechou os olhos e acenou com a cabeça.

— Desculpa, Danny. Mas estou tão cansada. Não dormi muito.

— Está bem. — Hesitei. — Estou tão preocupado contigo, Laura.

Houve um longo silêncio antes de ela dizer:

— Não vou matar-me, *OK?*

— Por favor, não. Não suportaria viver num mundo onde tu não estivesses.

Um sorriso breve.

— Caramba, és tão piroso, às vezes.

— Vais continuar a tomar os medicamentos que te receitaram?

Ela baixou os olhos e abanou a cabeça.

Fiquei ali mais um momento, depois disse:

— Está bem. Volto mais tarde, se não te importares. Agora tenho uma consulta com a psicóloga.

Ela voltou a acenar com a cabeça, e o vazio do seu olhar regressou.

— Devas ir comigo falar com ela. Ela disse que nos ajudaria. Especialmente... — *Especialmente agora*, ia dizer. *Agora que tentaste cometer suicídio.* — Juro que não será como o terapeuta que tiveste quando eras pequena.

— Estou bem — disse ela. — Sinto-me muito melhor. Vemo-nos mais tarde, *OK?*

Apanhei o autocarro para Crouch End e viajei no primeiro andar. Ainda sentia o álcool a chapinhar no meu sistema, e talvez fosse esse vestígio de embriaguez que me fazia sentir uma faísca de otimismo. A Laura tinha-me chamado Danny. Não me chamava Danny desde a separação. Talvez, pensei, a sua proximidade da morte a fizesse concluir que estávamos melhor juntos. Que precisava de mim.

Se ela voltasse para mim, se nos juntássemos outra vez, estava convencido de que poderíamos recuperar das nossas experiências e combater o que quer que o mundo nos atirasse. Éramos cem vezes mais fortes juntos.

Nos dias e semanas que se seguiram ao nosso regresso a Inglaterra, quando tudo em casa parecia tão desanimador, cada um de nós preso nos espaços negros dentro da sua própria cabeça, mal comunicando, eu tinha perdido isso de vista. A Laura levava as coisas mais longe.

Ela dissera que olhar para mim a recordava do que acontecera, que sempre que via a minha cara, voltava atrás no tempo. Não podia ter esperança de recuperar enquanto me visse todos os dias.

— Mas ainda me amas? — tinha eu perguntado, num dos últimos dias antes de ela se ir embora.

Houvera um longo silêncio.

— Tu amas-me?

Ela fitara-me, penetrantemente, e talvez eu tivesse demorado um pouco a dizer:

— Claro. Sempre.

Eu devia ter feito tudo o que pudesse para ela ficar, para que resultasse. Devia tê-la convencido de que éramos melhores juntos, que podíamos ultrapassar isto se estivéssemos unidos. Ao invés, vi-a atravessar a porta quase sem protestar.

Agora permitia-me ter esperança e, enquanto o autocarro chocalhava ao longo das ruas, tentava perceber a melhor forma de fazer as coisas. Decidi que precisava de lhe dar tempo e espaço. Não devia pressioná-la. Mas se conseguisse persuadi-la a ter uma consulta com a doutora Sauvage, comigo ou sozinha... Resolvi falar com a Erin acerca disso. Talvez a Laura finalmente lhe desse ouvidos, agora que a Erin lhe salvara a vida.

A casa da doutora Sauvage ficava a algumas ruas de distância da paragem de autocarro. A luz desvanecera-se e o céu por cima das moradias não tinha cor, como uma pintura em que o artista se tivesse esquecido de pintar o céu. Uma criança numa *mini-scooter* quase colidiu comigo quando dobrei a esquina para a rua da doutora Sauvage, fazendo o meu coração saltar.

À medida que me aproximava de casa dela, fui-me apercebendo de que algo estava errado. Ao princípio, achei que a casa parecia um pouco estranha, mais escura do que o habitual, e estava alguém com um casaco amarelo cá fora. Quando cheguei mais perto, fiquei boquiaberto.

Uma mancha cinzento-escura estendia-se através da fachada da casa a partir das janelas superiores, que tinham sido fechadas com tábuas, até à porta da frente. As janelas do piso térreo estavam partidas e revestidas de uma substância preta. Havia uma cadeira partida no jardim da frente e algumas telhas tinham caído do telhado. Uma fita amarela rodeava toda a casa. A pessoa de casaco amarelo era um polícia, que montava guarda com um impermeável.

Ele ergueu o olhar quando me aproximei.

— O que... aconteceu?

— Posso perguntar-lhe quem é, senhor?

— Sou um dos pacientes da Claudia Sauvage. Tenho uma consulta agora.

O polícia, que era mais jovem do que eu e parecia gelado e infeliz, disse:

— Lamento informá-lo, mas houve aqui um incêndio ontem. —

Pigarreou.

— Oh, meu Deus. — Forcei as palavras. — O que o causou?

O polícia olhou para um lado e outro da rua.

— Peço muita desculpa, senhor, mas não posso falar disso.

— Que coisa terrível.

Virei-me. Um homem idoso atravessara a estrada e estava a olhar para a casa, abanando a cabeça.

— Vivo do outro lado da rua — disse. — Nem acredito. Aquele pobre casal. Sentiremos muito a falta deles.

Levei um momento a registar as palavras.

— A falta? — perguntei baixinho.

O idoso olhou para a casa queimada.

— Sim, ambos os Sauvage morreram. Ficaram presos no andar de cima. Os bombeiros não conseguiram fazer nada. — Foi-se embora a murmurar: — Que coisa terrível. Terrível.

## CAPÍTULO 24



**P**assei pelo meu apartamento, peguei no portátil e saí. Não queria

estar sozinho em casa. Precisava de estar junto de pessoas, junto dos vivos. Havia um café ao fundo da rua que também servia pequenos-almoços gordurosos ao longo de todo o dia. Exatamente o que o meu corpo desejava.

O primeiro item na minha lista era procurar mais informação acerca do que acontecera à doutora Sauvage e ao marido. O meu relacionamento com a psicóloga tinha sido puramente profissional mas isso não tornava a sua morte menos chocante. Ela tinha pouco mais de quarenta anos... e que maneira horrível e aterrorizadora de morrer. Perguntei-me se os seus cães, aqueles *Pugs* fungosos, também teriam perecido.

A história estava no *website* do *Evening Standard*, com uma fotografia da casa ardida e um instantâneo dos sorridentes Sauvage, Claudia e Patrick, tirada há alguns anos. Eles não tinham filhos, felizmente. Não mencionavam os cães.

Depois li a última linha do artigo.

*A Polícia está a investigar se os Sauvage foram vítimas de fogo-posto e espera fornecer mais informação nos próximos dias.*

Fogo-posto? Santo Deus. Porque é que alguém faria isso? Perguntei-me se a doutora Sauvage tinha feito inimigos. Isto era terrivelmente assustador. E, sentindo culpa pelo pensamento egoísta, perguntei-me com quem ia falar agora. A Laura encontrava-se demasiado frágil e a minha terapeuta estava morta. Restava-me apenas um candidato: o meu melhor amigo.

\* \* \*

Eu e o Jake combinámos encontrar-nos no dia seguinte na Casa dos Amigos, um sítio *quaker* em Euston Road. Ele tinha uma reunião numa empresa discográfica sediada num refulgente edifício novo de apartamentos ao lado da estação.

— É desta — disse-me ele ao telefone. — Tenho a certeza de que me vão oferecer um contrato.

— Isso é fantástico.

Assim que me deu a notícia, estive para cancelar. Ele estava tão entusiasmado e eu não queria deprimi-lo. Mas suspeitava de que assim que assinasse o contrato, entraria em órbita por algum tempo. Era melhor falar com ele agora, enquanto ainda estava no campo gravitacional da Terra.

O meu equipamento de CCTV tinha chegado à hora de almoço e eu passara o princípio da tarde a instalá-lo. A câmara estava posicionada por cima da porta do apartamento. Estava ligada a uma aplicação no meu telefone e era acionada por movimento. Se alguém entrasse no apartamento, a câmara começaria a filmar.

Ao sair do apartamento, olhei para a câmara e sorri.

A Casa dos Amigos é a base dos Quakers de Londres, com um café e uma

área de convívio aberta ao público. Era um dos sítios favoritos de Jake para nos encontrarmos, devido ao seu ambiente descontraído.

Eu cheguei primeiro, pedi um café e um bolo de cenoura e levei-os para a área de convívio, que estava tranquila e reservada. Algumas almas valentes tremiam lá fora no pátio, onde a neve ligeira que caíra durante a tarde cobria as mesas e se acumulava nos parapeitos das montras.

Enquanto esperava, mandei uma mensagem à Laura a perguntar como estava. Hesitei, e depois mandei outra mensagem antes de ela responder, dizendo-lhe que ia falar com o Jake acerca do que acontecera. *A minha terapeuta morreu*, escrevi. *E preciso de falar com alguém. Espero que compreendas x.*

O Jake chegou embrulhado num grosso blusão ao estilo militar, com um cachecol comprido enrolado no pescoço. Eu tinha razão acerca de ele estar preparado para descolar. A energia irradiava dele como se fosse um micro-ondas humano. Quase não conseguia ficar quieto. Pediu um café grande e tagarelou com a rapariga *quaker* ao balcão.

— Tenho o número dela — disse ele sorrindo quando voltou à mesa. Sentou-se, com a perna a abanar, o pior caso de síndrome das pernas inquietas que eu já tinha visto. — Eh, quem era aquela rapariga leste-europeia que estava contigo na outra noite? Era mesmo mal-educada. Mas gira. Não me digas que a engataste.

— Não foi assim *tão* mal-educada contigo.

Ele abanou uma mão.

— Desculpa, estou a tornar-me num egomaníaco, não estou? Tens de me avisar quando eu me comportar como um parvalhão, Dan.

— Manter-te com os pés na terra, queres dizer. Aqui, onde vivem os mortais.

— Eh, tu és um tipo supersónico de negócios. Hoje em dia, as aplicações vendem-se muito mais do que a música. *Eu* é que devia manter-te com os pés na terra. No entanto, continuas a agir como se o mundo fosse um cortejo fúnebre. Embora andes a engatar mulheres giras como aquela... De onde era ela?

— Roménia — respondi.

Ele deu uma palmada na mesa.

— A sério? Então é a tua nova namorada? Desististe da Laura? Isso destroça-me o coração. Ainda estou convencido de que vão juntar-se outra vez a qualquer momento. Lembra-te de que prometeste que eu seria o teu padrinho. Já alinhei algumas anedotas para o discurso.

Bebi o meu café. Tinha arrefecido. Estive tentado a pedir ao Jake que segurasse a chávena, pensando que o calor que emanava dele a tornaria outra



vez bebível.

— Não, ela não é a minha namorada. Mas a Roménia... bem, é disso que te quero falar.

Ele chegou-se para a frente na cadeira.

— Decerto não vais finalmente contar-me o que é que correu mal contigo e com a Laura na Europa?

— Não sei. Mas... Quero contar-te tudo o que aconteceu desde então.

O telefone dele tocou.

— Desculpa — disse ele. — Tenho de atender isto.

Saiu para o pátio gelado e observei-o a falar animadamente. Tinha inveja dele. Tudo lhe corria maravilhosamente, sem qualquer mácula, sem sombras a arrastarem-se nas margens da sua vida. Este momento — prestes a assinar um contrato discográfico, com tudo à sua frente, a promessa de grandiosidade — era provavelmente o melhor da vida dele. Como ele tinha dito, eu também devia sentir-me assim, e sentira, de facto, quando eu e a Laura tínhamos iniciado a nossa viagem. Desejei estar de volta àquele sítio, o lugar mágico onde o Jake se encontrava agora.

Vê-lo a dar grandes passadas pelo pátio, a falar, um grande sorriso na sua cara bonita, percebi que não podia ter inveja dele. Ele trabalhara tanto para isto. Estava orgulhoso dele.

Ele voltou para dentro, o cabelo brilhando com flocos de neve.

— Era o meu *manager*. Agora a Universal e a Sony também querem reuniões comigo. São três das quatro grandes. — Esfregou as mãos.

— Tu mereces — disse eu.

— Obrigado, meu. Mas ainda não assinei nada.

— Vais assinar. Vais ser uma estrela. Em breve, o único vislumbre que terei de ti será nos jornais, a conviver com a Taylor Swift e a Rihanna.

— Hum, acho que preferia a Beyoncé. Mas tu vais ser uma superstar da tecnologia. Iremos às mesmas festas. Seremos... Merda, Dan, a tua cara... Parece que acabei de te lembrar de que tens cancro, ou algo assim. Desculpa. Tens a minha atenção total.

— Obrigado.

— Vá lá, então. Conta-me tudo. Que se passa?

Contei-lhe que o ladrão devolvera as minhas coisas e do uso fraudulento do meu cartão de crédito. Contei-lhe que a casa da minha psicóloga tinha ardido, deixando-me a meio de um tratamento sem ninguém com quem falar. Forneci-lhe os detalhes da tentativa de suicídio da Laura, o que o deixou boquiaberto, e como, aparentemente, ela voltara a ver fantasmas.

— Tenho a certeza de que também vi alguém a espia-la... e alguém pode ter tentado atirá-la para debaixo de um comboio no metro. Só coisas

esquisitas.

— Com um caraças — disse ele quando eu acabei. — Foste à polícia?

— Eles acham que eu alucinei com o assalto, que sou maluco ou mentiroso e que os faço perder tempo. Por vezes, acho que *estou* a enlouquecer...

Interrompi-me. Decidi não lhe contar a alucinação com as fotografias no comboio.

— Tudo isto aconteceu depois da Roménia.

Olhei-o, com os olhos a arderem.

Por algum tempo, ele não disse nada, apenas olhou para mim.

— E vais contar-me o que aconteceu?

— Eu quero. Preciso mesmo de falar com alguém. Era o que tencionava fazer. Mas agora, chegado o momento...

— Daniel. Sou eu. Podes falar comigo acerca de tudo. Não vou contar nada a ninguém. Prometo. Sei que pensas que sou um grande bisbilhoteiro, mas juro, com a mão sobre o coração, que nada direi. Seja o que for.

Desfiz um pacote de açúcar em pedaços, incapaz de o olhar nos olhos.

— É tão difícil falar acerca disto. Simplesmente, arrancar as palavras de mim... Além disso, tenho medo de te colocar este fardo em cima.

— Um fardo? Vá lá. Não pode ser assim *tão* mau.

Olhei-o.

— Mas é.

Comecei por lhe contar a viagem de comboio, o encontro com a Alina e o Ion, os guardas a atirarem-nos porta fora, a estação sinistra no meio de nenhures. Ele ouviu, hipnotizado, enquanto lhe contava a caminhada pela linha férrea, a Alina entrando na floresta e desaparecendo. Eu e a Laura a irmos à procura dela.

— E então encontrámos uma casa. No meio da floresta.

Ele fitou-me, de olhos arregalados, enquanto lhe contava o que aconteceu a seguir.

## CAPÍTULO 25



À medida que nos aproximávamos da casa, vi sombras cinzentas piscando nas janelas do piso superior, aquelas abóboras do Halloween. Velas. Alguém estava em casa.

Havia um rapazinho dentro de mim que gritava ao meu eu adulto enquanto nos aproximávamos. *Esta é uma casa da bruxa, uma bruxa que atrai e come os perdidos, que te vai engordar e devorar, e fazer pão com os teus ossos. Corre. Corre o mais depressa que puderes, arranja uma cama, mete-te debaixo dos cobertores e fica aí escondido.*

A Laura tocou-me na mão.

— Daniel. Olha.

Apontava alguma coisa e ao princípio julguei que o meu coração me tinha saltado do corpo e estava ali, a retorcer-se na relva morta, mas de alguma forma contive-me e forcei os meus olhos a focarem.

— A outra bota da Alina.

Parei e peguei nela, depois virei-me para a Laura, segurando a bota como se fosse um gatinho.

— Devíamos ir-nos embora e arranjar ajuda — disse eu.

A minha namorada empinou o queixo e, sem me responder, subiu o caminho em direção à casa. Vacilei. O que é que eu era — um menino ou um homem? Talvez, se estivesse aqui sozinho, fugisse e fosse procurar ajuda. Mas a necessidade de ficar com a Laura, de não parecer um cobarde, era ainda mais forte.

A porta era sólida, feita com a madeira dos carvalhos que rodeavam a casa. Sentia essas árvores atrás de nós, desafiando-nos a entrar. Todos os pelos da minha nuca estavam eriçados; vagas de arrepios percorriam-me toda a coluna. Porque é que esta casa estava aqui, na floresta profunda? Calculei que tivesse sido a casa de... o quê? Um caçador? Um lenhador? Uma espécie de guarda-florestal?

*Uma bruxa?*

A casa tinha uma aparência antiga, de séculos. Era provavelmente anterior à linha férrea que tínhamos percorrido. A porta não tinha número, não havia caixa de correio. Suprimi um risinho histérico ao pensar num carteiro a tropeçar pela floresta para entregar correio não endereçado e publicidade de pizarias.

A Laura ergueu um punho para bater, mas eu segurei-lhe o pulso.

De alguma forma sabia, como se o tivesse visto num sonho, que a porta se abriria se eu a empurrasse. E abriu. Era rígida, pesada, mas abriu-se lentamente, revelando um grande espaço aberto.

Entrei, com a Laura atrás, agarrada à minha camisa.

A sala parecia-me o vestíbulo de entrada de uma casa majestosa. Estava escura, iluminada apenas pelo luar que penetrava do exterior. Aqui não havia velas. Esperei que os meus olhos se ajustassem e não tardei a ver que a escuridão ocultava muito pouco. Um par de baús, um bengaleiro com um casaco preto pendurado. Havia portas fechadas em ambos os cantos e, diretamente à nossa frente, uma escadaria subia para mais escuridão.

Eu e a Laura entreolhámo-nos. Ela parecia mais assustada agora, dentro de casa. Se eu tinha sentido algo de doentio neste sítio antes de entrar, sentia-o mais intensamente agora. Coisas terríveis tinham acontecido ali. Sabia-o com tanta clareza como sabia o meu próprio nome. A Laura dera alguns passos para dentro da sala mas agora recuava em direção à saída, como se tivesse mudado de ideias. Talvez fosse por causa do cheiro: a sala tinha um odor bafiento e húmido, o fedor enjoativo de bolor e putrefação. Mas havia outro cheiro, que se sobrepunha e era pior. Anos antes eu tinha vivido num estúdio com um fedor terrível. Acabara por encontrar a origem: o inquilino anterior

deixara ratoeiras de cola por trás do fogão e do frigorífico, e havia ratos mortos a apodrecerem há semanas. Era a isso que este sítio cheirava. Carne podre. Morte.

— Queres ir? — sussurrei para a Laura.

Ela fitou-me, o medo agora evidente nos seus olhos. Um olhar que dizia que isto era um erro. Um olhar que perguntava que raio fazíamos aqui. A porta fechara-se atrás de nós e tive a terrível sensação de que agora estava trancada, que estávamos presos. Que ficaríamos aqui presos para sempre.

Talvez devêssemos ter partido então, feito o que devíamos ter feito desde o início: voltar através das árvores, continuar a seguir a linha férrea e procurar ajuda na cidade.

Mas então ouvimos o barulho.

O telemóvel do Jake tocou, trazendo-me abruptamente para o momento presente.

— Foda-se, desculpa — disse ele. — É o tipo da companhia discográfica.

— Ele estava claramente ansioso por atender.

— Tudo bem. Atende.

— Desculpa, meu. Volto já. — Levantou-se e saiu, dizendo «hum-hum» e «certo» enquanto caminhava.

Eu tinha despedaçado mais uma dúzia de pacotes de açúcar enquanto falava e pus-me a apanhar os pedacinhos; grãos de açúcar brancos estavam espalhados no tampo da mesa.

Sentia-me enjoado, perguntando-me se teria coragem para contar ao Jake o resto da história. Se seria capaz de lhe dizer a verdade sobre o que acontecera.

Ele reapareceu junto da mesa. Tinha uma expressão acanhada.

— Daniel, meu, peço muita desculpa. Anteciparam a reunião para o vice-presidente executivo da A&R poder assistir. — Ao ver a minha expressão vazia, acrescentou: — Ele é, tipo, o manda-chuva.

— Tens de ir.

— Daniel, quero muito ouvir o resto do que aconteceu. Porque não bebemos um copo mais tarde? Depois da reunião.

— OK. Talvez.

Ele saltou de um pé para o outro, agitado.

— Força — disse eu, forçando um sorriso. — Ligo-te mais tarde. Vai-te a eles.

— Obrigado, Dan.

Correu até à esquina. Ouvi-o colidir com alguém e pedir desculpa. Depois

desapareceu.

Quando voltei à minha rua, o céu estava escuro e sem estrelas e a neve tinha dado lugar a uma chuva gelada. Frias gotas de chuva escorreram-me pelas costas quando entrei no prédio e passei uma mão pelo cabelo. Havia um novo aviso na parede, as palavras escritas por uma mão trémula. PARA QUEM PÔS RESTOS DE COMIDA NO CONTENTOR VERDE — ESTE CONTENTOR É SÓ PARA RECICLAGEM!!!. Seguiu-se uma ameaça de FAZER QUEIXA DO IRRESPONSÁVEL À ASSOCIAÇÃO DE RESIDENTES. Revirei os olhos. Fiquei surpreendido por não haver menção à raposa que comia piza.

Subi as escadas e enfiei a chave na fechadura, feliz por entrar no santuário do meu apartamento, apesar das intrusões recentes. Sentia-me nervoso e desconfortável na minha pele e já tinha decidido não ter a energia mental necessária para me encontrar com o Jake depois da sua reunião e contar-lhe o resto da história. Outro dia.

Acendi a luz. Não aconteceu nada.

A luz no patamar atrás de mim estava a funcionar, por isso não podia ser uma falha de energia. Deixei a pesada porta aberta, presa pelo meu saco, que era bastante forte para a segurar, e fui à cozinha verificar a luz ali, premindo o interruptor. Mais uma vez, não aconteceu nada. O apartamento estava às escuras.

O quadro elétrico ficava num armário por trás da bancada da cozinha. Nas raras ocasiões em que faltara a luz anteriormente — na verdade, só me lembrava de ter acontecido uma vez —, só tivera de voltar a empurrar o fusível. Ajoelhando-me no chão, tentando ver o quadro quase sem luz, ouvi a porta da frente fechar-se, mergulhando-me na escuridão completa. Merda — o saco devia ser demasiado leve para segurar a porta tanto tempo. Mas agora conseguia sentir os fusíveis, passando o dedo ao longo deles para descobrir qual disparara.

Não era nenhum deles. Tirei o telefone do bolso e usei-o como lanterna para verificar. Não, os fusíveis estavam todos na posição correta. Sem remover os protetores não podia ver se os fios estavam intactos, e não me lembrava se o disjuntor disparava se o fusível rebentasse. Em circunstâncias normais, nada disto me teria deixado nervoso, mas os eventos recentes punham-me a pensar...

Teria estado aqui alguém outra vez? Tinham danificado as luzes?

Ainda estariam aqui, escondidos?

Voltei à porta da frente apalpando a parede, tropeçando no aspirador e

quase caindo. Olhei para a câmara de CCTV por cima da porta, perguntando-me se teria captado alguém. Talvez alguém a tivesse detetado e desligado a luz, para poder andar ali sem ser filmado.

Peguei no telefone para poder verificar a aplicação que estava ligada à câmara, e deixei-o cair imediatamente. Este ressaltou e deslizou para debaixo de um móvel. Hesitei. O meu medo de que estivesse alguém no apartamento neste momento suplantou o desejo de encontrar o telefone, por isso voltei ao patamar. A luz, que se apagava sozinha após algum tempo, estava apagada agora. Voltei a acendê-la e fiquei no patamar, tentando decidir o que fazer. Podia bater à porta de um dos vizinhos e perguntar se tinham uma lanterna.

Olhei para a porta mais próxima. Nunca tinha falado com a mulher que morava ali, e suspeitava de que era ela a responsável pelos avisos malucos que estavam sempre a aparecer. Não queria envolvê-la, sobretudo porque o mais provável era que tivesse sido um curto-circuito.

Tomei uma decisão: voltaria para dentro, recuperaria o meu telefone e verificaria a aplicação para ver se alguém estivera no apartamento.

Voltei para casa e, desta vez, usei o aspirador para manter a porta aberta. Pus-me de gatas e apalpei debaixo do sofá e da mesa de café, procurando o telefone. Onde raio estava? Praguejei em voz alta e dei um murro no chão.

Um som de algo a esgaravatar veio do quarto.

Endireitei-me imediatamente.

Havia alguém no meu quarto. Oh, meu Deus, precisava do meu telefone. Precisava de ligar à polícia. Mas ouvi mais um estrondo e depois outro. Pus-me de pé, dirigindo-me à porta da rua, depois pensei, *não*. Esta era a minha oportunidade de descobrir quem assaltara o meu apartamento, de os apanhar e arrancar-lhes algumas respostas. A polícia levaria, provavelmente, uma eternidade a chegar aqui. E eu estava danado. Farto de que o meu mundo fosse violado.

Fui à cozinha e tirei uma faca grande do suporte na bancada. Depois, tremendo de medo e fúria, fui em bicos de pés até à porta do quarto e, segurando a faca com a mão direita, usei a esquerda para abrir rapidamente a porta.

Por um momento, não consegui ver nada. E depois algo me atingiu, tirando-me o ar do corpo enquanto caía ao chão, arrancando-me a faca da mão. Esta rolou pela alcatifa.

## CAPÍTULO 26



**F**iquei de costas, preso ao chão, com um hálito horrível a carne junto da cara. Um rugido veio de dentro do corpo do meu atacante e eu empurrei com o máximo de força que consegui, mas o atacante estava em cima de mim, uma mancha na escuridão. Dentes e saliva e lábios molhados roçavam-me o pescoço e, enquanto a adrenalina corria no meu sistema, encontrei forças que não sabia que tinha para me virar de lado. Um segundo mais e o cão — o cão preto que saltara da escuridão — ter-me-ia rasgado a garganta.

Assim que me virei de lado, vi a faca, ao alcance da minha mão. Peguei-lhe e investi contra o cão, que se esquivou quando tentei golpeá-lo. Assim, a lâmina picou-lhe apenas um lado do nariz, e ele soltou um gemido de dor. Tão



depressa como saltara sobre mim, afastou-se. Eu estava livre.

O cão saiu pela porta da frente, rosnando e ladrando, enquanto eu me levantava, tossindo e apalpando o pescoço. Só havia saliva malcheirosa, mas não sangue. Se eu não me tivesse virado, se não tivesse trazido a faca... Não queria pensar nisso. O cão tinha focinho de *Rottweiler* mas era completamente preto e do tamanho de um *Pit Bull*. Um cão criado para guardar, para lutar. Para matar.

Pus-me de pé, vacilante, e fui para o corredor. O cão tinha descido as escadas e corria de um lado para o outro no patamar de baixo, frenético, indo de encontro à porta e de uma parede à outra. Fiquei no cimo das escadas, olhando por cima do parapeito de modo a ver completamente o patamar e fugir para o apartamento se o animal desse algum sinal de querer subir novamente as escadas.

Nesse momento, a porta da minha vizinha de baixo abriu-se e ela apareceu. Andava pelos trinta anos, cabelos frisados, óculos, com uma camisola grossa, cor-de-rosa. Apontou-me um dedo.

— Eh, não é permitido ter cães neste edifício.

O cão saltou na direção dela. Ela gritou e fechou a porta com uma surpreendente rapidez de reação; o animal bateu na madeira a meio do salto e caiu ao chão, atordoado por um momento, antes de voltar a pôr-se de pé. Virou-se para olhar para mim, mostrando duas filas de dentes como facas.

Corri para o meu apartamento e fechei a porta, mergulhando de novo na escuridão. Mais uma vez, gatinhei pelo chão da sala e a minha mão entrou quase imediatamente em contacto com o telefone. Disse uma oração silenciosa e marquei 112, ouvindo o cão a correr lá em baixo, emitindo uma série de latidos baixos.

A polícia veio e chamou um funcionário do canil, que capturou o animal com uma rede e o arrastou para a parte de trás da sua carrinha. Depois de ele ser levado, o jovem agente da polícia ajudou-me a examinar o quadro elétrico, descobrindo que dois dos fusíveis precisavam de ser substituídos. Felizmente, um dos muitos vizinhos que saíram para ver o que se passava tinha alguns a mais, por isso em breve a minha luz estava novamente a funcionar.

— Pouca sorte terem rebentado os dois ao mesmo tempo — disse o agente. Chamava-se Sadler. — Então diga-me, o que aconteceu?

Hesitei. Talvez por impulso, não querendo que ele comesse a olhar para mim da mesma maneira que o agente Sargent olhara, disse:

— Não sei. Deve-me ter seguido quando cheguei a casa e entrado atrás de mim. Quando percebi que não tinha luz, deixei a porta do apartamento aberta

e ele entrou e atacou-me.

Ele emitiu um ruído de censura.

— Há montes de cães vadios por aqui. A maioria deles vem do bairro. — Abanou a cabeça pelo estado da cidade que policiava. — Precisa de um médico?

— Não, estou bem. Ele não me mordeu. Só estou um pouco... em choque.

— É compreensível. — Ele sorriu. — Não traz salsichas no seu saco, não?

Eu tinha temporariamente perdido o sentido de humor.

Ele despediu-se e desceu para recolher o depoimento da vizinha de baixo.

Depois de tirar um momento para me recompor, levantei-me, as pernas instáveis, e fui ao quarto. Parecia que tinha passado ali um tornado. O candeeiro da mesa de cabeceira estava partido no chão, juntamente com livros, papéis e fotografias emolduradas, minhas e da Laura; os lençóis estavam amarrotados e uma almofada fora triturada, com pedaços de esponja espalhados por todo o lado. Perguntei-me porque é que não o tinha ouvido assim que entrara e supus que o cão tivesse adormecido depois de destruir o meu quarto e acordara quando eu esmurra o chão.

Havia um fedor terrível no ar, cuja origem descobri rapidamente: um enorme dejetos no pequeno tapete em frente da cómoda. Enrolei o tapete e enfiei-o na lata de lixo preta, levando-a para despejar no contentor lá fora. Senti uma presença e levantei os olhos, vendo a raposa à procura de comida ali perto. Esta virou-se e partiu, com a cauda a arrastar no chão.

Precisando de acalmar os meus nervos em franja, servi um *shot* de vodca e fui à janela olhar para a rua escura e vazia. A chuva gelada escorria pelos vidros. Perguntei-me o que teria acontecido ao cão. Seria abatido ou tentariam que fosse adotado? Esperei até que o calor do álcool me baixasse o ritmo do coração e o tremor das mãos, depois peguei no telefone e abri a aplicação que viera com a câmara.

Vi imediatamente que tinha sido criado um ficheiro de vídeo, guardado na nuvem. A câmara apanhara quem quer que entrara no meu apartamento. A sala estava silenciosa, e dei por mim a sustentar a respiração, consciente da minha pulsação nos ouvidos.

O vídeo começou a correr.

Como a câmara era acionada pelo movimento, assim que o vídeo iniciou, dei por mim a olhar para o cimo da cabeça e os ombros de alguém. Estava a alguma distância da minha porta da frente. A imagem era granulosa e

ligeiramente desfocada, provavelmente por não haver muita luz, mas ainda havia alguma luminosidade natural na sala. Escurecera por volta das 16h30. Isso significava que deviam ter estado ali à tarde, provavelmente enquanto eu me encontrava com o Jake.

Desejei que a pessoa avançasse mais na sala para a poder ver melhor. A única coisa que distinguia neste momento era que usava uma camisola preta e gorro. Parti do princípio de que era um homem. Deu alguns passos em frente, para a sala de estar, onde eu me encontrava agora, de modo que ficou visível até à cintura e então virou-se. Inclinei-me ansiosamente para a frente.

No exato momento em que se virou, outra pessoa entrou na imagem, obscurecendo-lhe o rosto. Eram dois! E quando ambos avançaram na sala, vi que a segunda pessoa segurava, com uma trela curta, o cão preto que tentara matar-me.

A segunda pessoa também usava gorro. Os dois ficaram imóveis, aparentemente olhando em volta, embora, para minha irritação, só conseguisse ver-lhes as nucas. Contudo, neste momento também lhes distinguia os corpos. Estavam ambos vestidos com camisolas pretas de manga comprida e calças pretas. Examinando melhor o ecrã, percebi que estivera errado ao assumir o seu género. Uma das pessoas, a que segurava o cão, era uma mulher. Quando se viraram para falar um com o outro, vi que usavam máscaras, daquelas de plástico que se prendem à cabeça com um elástico. Mas ambas as máscaras eram lisas, com dois buracos para os olhos e um pequeno círculo para respirarem. Olhar para as máscaras vazias causou-me um arrepio. Era como olhar para dois fantasmas, criaturas sem rosto que tinham invadido a minha casa.

A mulher puxou a trela do cão e a sua máscara descaiu um pouco. Para minha frustração, ela segurou-a e voltou a pô-la no lugar. Depois dirigiu-se ao meu quarto com o cão e deixei de a ver. Enquanto ela o fazia, o homem andou pela sala, abrindo gavetas e armários e voltando a fechá-los cuidadosamente.

Após um momento, a mulher voltou com o cão e abanou a cabeça. Arrependi-me de não ter comprado uma câmara com gravador de áudio, enquanto eles tinham mais uma conversa. O homem gesticulava, irritado, apontando para o cão e depois novamente para o meu quarto. A mulher assentiu com a cabeça.

Então o homem foi para a cozinha, desaparecendo de vista. A mulher estava de frente para a câmara, por isso vi-a perfeitamente. Era magra, com seios pequenos e ancas estreitas. O cão puxou a trela e ela puxou-o de volta, fazendo-o saltar e ficar sentado nas patas traseiras. Coitado. Quem quer que ela fosse, era forte.

O homem voltou e saíram ambos de vista, em direção ao meu quarto. E

era isto. O vídeo captara mais um minuto de imobilidade e terminara.

Eles tinham entrado, cortado a eletricidade — presumivelmente para que, quando eu chegasse, me fosse mais difícil evitar o ataque do cão — e depois tinham fechado o animal no meu quarto, partindo mesmo antes de escurecer.

Pousei o telefone e fitei o espaço onde eles haviam estado. Sentia a sua presença impregnada no ar.

## CAPÍTULO 27



**H**avia uma tranquilidade invulgar em South Bank, o mau tempo

mantendo os passeantes afastados. Havia apenas alguns londrinos apressados sob o céu prenhe de neve, correndo para as suas casas e escritórios. O London Eye parecia girar mais lentamente esta tarde: os barcos que passavam no cinzento e agitado Tamisa pareciam transportar a morte através do Estige.

Andei algum tempo pela Foyles, depois comprei um café no Starbucks e levei-o para um banco virado para o rio e para os grandiosos edifícios no Embankment do outro lado. Vi as horas. Ela não tardaria.

Sentia-me estranhamente nervoso, como se fosse um primeiro encontro, o que era ridículo. Conhecíamos-nos intimamente, por dentro e por fora... Pelo

menos, eu julgava saber tudo acerca dela. Recentemente, ela tornara-se uma pessoa diferente, um *alien* que se embrulhara no corpo da Laura, mostrando-me apenas ocasionalmente um vislumbre da pessoa que ela costumava ser. Mas o Jake tinha dito que se passava o mesmo comigo. Eu não o contactara desde a tarde anterior, quando ele tivera de se ir embora à pressa. Resolvi ligar-lhe mais tarde. Precisava de lhe contar o resto da história.

— Daniel.

Voltei-me.

— Vieste.

— Claro.

A Laura parecia mais magra e pálida do que nunca, ainda mais do que quando a vira no hospital. Tinha o casaco preto a envolvê-la, um casaco que costumava ficar-lhe perfeitamente ajustado aos contornos do corpo, mas que agora parecia dois tamanhos acima. Também usava um gorro de lã e maquilhagem — um pouco de máscara e um pouco de batom cor-de-rosa. Era a primeira vez em muito tempo que a via usar maquilhagem. Sentou-se ao meu lado e juntou as mãos enluvadas. Os seus joelhos balançavam para cima e para baixo. Sorriu, mas o sorriso fugiu-lhe do rosto quase imediatamente.

— Pareces... melhor — disse eu.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Hum.

— Não, a sério. Foi tão horrível ver-te naquela cama de hospital.

— Não foi muito divertido estar lá. — Os seus joelhos continuavam a balançar para cima e para baixo. — Mas agora sinto-me melhor. Muito melhor. A minha pele voltou.

— Quê?

— Mas é... diferente. Uma nova pele.

Fitei-a.

— Laura, não faço ideia do que falas. Recebeste a minha mensagem ontem de manhã?

Ela fitou-me, os olhos muito abertos e vazios. A sua voz reduziu-se a um sussurro, quase inaudível por cima do vento que chicoteava o Tamisa.

— Mensagem? — Antes de eu poder dizer alguma coisa, ela continuou: — Tenho notícias para ti. Deixei o meu trabalho.

— Oh, Laura, mas tu adoravas aquele trabalho. Sempre disseste que era a tua vocação.

— Era. — Ela olhou para o rio. — Mas já não. Simplesmente... não posso fazê-lo mais. Podia tentar, mas ia desiludir toda a gente. Desiludir as crianças, aquelas que devia ajudar.

— Tenho a certeza de que não ias desiludir ninguém. — Toquei-lhe

levemente no braço. — Mas talvez seja melhor assim. Precisas de te pôr boa, e depois tenho a certeza de que poderás voltar. No entanto... — Engoli em seco. — Já não estarás aqui, não é? Estarás na Austrália.

Ela abraçou os joelhos, o que, pelo menos, os fez pararem de ressaltar.

— Não vou.

Mal me atrevia a falar, com medo de ter ouvido mal.

— Diz outra vez.

— Decidi não ir. Vou ficar em Londres.

— Oh! Isso é fantástico. — Ia abraçá-la mas ela encolheu-se. Controlei-me.

— O que é que te fez mudar de ideias?

Ela abriu a boca para responder, depois deteve-se. Percebi que tentava decidir quanto me contaria.

— Como disseste, isso seria fugir. Não quero fugir mais. Não quero ser cobarde. Quero começar de novo. — Falou lentamente, com uma expressão alheada. Os médicos ter-lhe-iam dado mais medicação?

— Mas — continuou ela —, disseste que precisavas de me contar algumas coisas. Quando me mandaste a mensagem esta manhã.

— Laura, estás *mesmo* bem?

Um sorriso, um pouco mais como a Laura antiga.

— Sim, claro. Estou bem. Vá lá, conta-me porque é que me fizeste vir aqui.

— Está bem. — Eu não estava convencido mas, que podia fazer? — Podemos falar enquanto caminhamos? Estou a gelar.

— Claro.

Levantámo-nos e ela dirigiu-me mais um sorrisinho, o género de sorriso com que costumava abençoar-me, e eu fiquei tomado pela urgência de lhe dizer, mais uma vez, que ainda a amava, que queria que ela voltasse para casa. Mas sabia que, se o fizesse, a afugentaria. Por isso engoli as palavras e caminhamos ao longo do gradeamento em direção à Ponte Millennium.

Enquanto caminávamos, contei-lhe tudo o que tinha acontecido até agora: o uso fraudulento do meu cartão bancário, o retorno do meu portátil depois do roubo, a morte da minha psicóloga. A Laura ouviu atentamente, acenando, mas não falando muito. Estremeceu quando lhe contei do incêndio. Finalmente, quando nos aproximávamos da Tate Modern, atualizei-a, contando-lhe o que acontecera no dia anterior.

Ela parou. O seu sorriso desaparecera.

— Um cão? Como é que era?

Descrevi-o.

— Como os cães que vimos na estação — disse ela, assentindo com a

cabeça para si própria, como se isto confirmasse alguma coisa.

Não pensei que fosse possível ela ficar mais pálida, mas toda a cor que lhe restava tinha-lhe fugido do rosto. O céu mudara e ficara totalmente sem luz, como o momento antes de rebentar uma trovoadas.

A Laura falou.

— Talvez devesse falar com ela. Podia ajudar-te.

— Com quem?

— A Alina. Ela está aqui.

Então, ela *andava* outra vez a imaginar fantasmas.

— Laura, a Alina está morta.

— Eu sei. Mas procurou-me. — Inclinou-se ainda mais para mim, os olhos arregalados. Olhou para a esquerda e para a direita e verificou atrás de si. A sua voz tornou-se um sussurro rouco. — Eu sei o que nos persegue, Daniel. É o *mal*. O mal daquela casa... seguiu-nos para cá. Tens de ter cuidado, de parar de contar às pessoas o que aconteceu. Porque sempre que contas a alguém, abres um pouco mais a fenda e deixas o mal entrar.

A maneira como ela falava, a intensidade do seu olhar, o céu a escurecer e o eco de tudo o que acontecera... Por um segundo, acreditei nela. Era esta a explicação. O Mal. O sobrenatural.

— O cão preto... não era real — disse ela. — Era... um símbolo. Ou, talvez, quem sabe, uma manifestação física da escuridão que nos seguiu para fora da floresta. O mal.

Tentei manter a minha voz firme.

— Era muito real, Laura. Saltou para cima de mim, tentou abrir-me a garganta.

Ela olhou-me tristemente.

— Oh, Daniel. Não estou a tentar dizer que era... um fantasma. Como disse, era uma manifestação fí...

— Não, isso é uma loucura.

Algo macio me tocou a cara e percebi que recomeçara a nevar. Mas desta vez era uma neve espessa, substancial, do género que permanece, fechando escolas e interrompendo linhas férreas. Neve pesada, tão no princípio da estação... Aumentava a minha sensação de que o clima, de certa forma, ecoava as minhas emoções. Sem dúvida que a Laura diria que a neve fora causada por nós; chegava através daquela fenda de que ela falara, trazendo consigo os espíritos maléficos.

A neve volteava em nosso redor, o ar subitamente tão negro e espesso que a Tate Modern se tornou uma silhueta tremeluzente e parecia que eu e a Laura éramos as únicas pessoas no mundo. Quando ela me pegou na mão, eu quis mais do que nunca que as coisas fossem como dantes. Queria beijá-la,



pôr os braços em seu redor e ficar abraçado a ela, em suspenso e à espera de que toda a loucura desaparecesse, nos deixasse em paz. Nos deixasse sermos nós.

— Está tudo bem — sussurrou a Laura. A neve já estava a acumular-se. Prendia-se ao seu gorro e a cara dela estava molhada. Ela piscou os olhos para sacudir flocos de neve das pestanas. — A Alina vai ajudar-nos.

— Mas a Alina está morta! Laura, eu sei que acreditas em fantasmas, compreendo tudo o que aconteceu quando eras pequena, mas isso está na tua cabeça. Causado por... pelo que aconteceu e pelas drogas que tomaste. E essa história toda acerca de uma nova pele. — Falei com doçura. — Tens de procurar ajuda.

— Não, Danny. Não. Não percebes? Ela voltou para nos guiar.

— Laura...

Ela inclinou a cabeça. Quase parecia não ter consciência da neve. Nunca devia ter tido alta do hospital, pensei.

— Laura, acho que precisas de falar com um médico.

Ela sorriu tristemente.

— Outro? Para ver se me dão mais drogas?

— Não me refiro a esse género de médico. — Procurei algo que pudesse persuadi-la. O tempo estava a piorar. Finalmente, disse: — Vamos abrigar-nos antes que esta neve nos enterre.

Ela pareceu recuperar a sensatez e eu peguei-lhe na mão e corri com ela em direção à galeria. Abrigámo-nos no vasto átrio de entrada, sacudindo a neve das roupas, o pessoal da segurança a olhar-nos com fúria enquanto molhávamos o chão todo. Ela foi à casa de banho e eu também. A minha estava vazia. Enfie a cabeça molhada debaixo do secador e depois examinei a minha cara ao espelho. Sequei os óculos na *t-shirt* e tentei segurar os pensamentos que me corriam loucamente na cabeça, guardá-los para mais tarde.

Esperei pela Laura à porta da casa de banho das senhoras. Várias mulheres saíram, mas não a Laura. Quando uma mulher mais ou menos da minha idade saiu cinco minutos depois, perguntei-lhe se podia ir verificar se a minha «esposa» estava lá dentro. Ela foi-se embora, deixando-me boquiaberto com a sua indelicadeza. Enfie a cabeça na porta, chamando a Laura. Todos os cubículos estavam abertos. Ela tinha-se ido embora.

Corri de volta à entrada e abordei o segurança.

— A mulher que veio comigo, viu-a?

Ele abanou a cabeça.

— Tinha de estar louca para sair. Há uma tempestade de neve.

Fui à porta e espreitei para fora. O ar estava opaco, a neve tão pesada que

parecia que ia enterrar a cidade. Através da cortina de neve, vi uma figura negra à distância. Corri para fora, chamando o nome dela.

Se era a Laura, foi engolida pela tempestade de neve. Voltei para dentro, sacudindo os flocos de neve do casaco, e pensei em procurar na galeria. Talvez ela estivesse no café ou na loja. Talvez tivesse subido para ver os quadros. Mas, antes de poder decidir o que fazer, o meu telemóvel tocou.

Era o meu amigo Barney, com quem eu e o Jake saíamos por vezes. Ele mudara para fora de Londres e começara a ter filhos. Há muito tempo que não sabia nada dele.

— Barney! Desculpa, não é uma altura muito...

— Viste as notícias?

O tom da voz dele assustou-me.

— Não, não estou em casa. Porquê? O que é que aconteceu?

— É o Jake. Acho que... suponho que podes entrar *online* no teu telemóvel? Vou enviar-te o *link* agora.

Senti que a neve caía diretamente na minha corrente sanguínea.

— Que se passa com o Jake? Vá lá, tens de me dizer.

Ele hesitou e eu percebi que não era nada relacionado com o fabuloso acordo discográfico do Jake.

— Acho que deves ser tu mesmo a ler — disse ele. — Mas telefona-me depois, está bem? — A voz dele falhou e ele desligou antes de eu poder dizer mais alguma coisa. Chegou uma mensagem dele contendo um *link* para a BBC News. Hesitei, feliz por me manter na ignorância mais um segundo, depois cliquei. Dei por mim a olhar para um dos *shots* publicitários do Jake, de olhos baixos, parecendo sensível e pensativo. Por cima, estava o título:

### **Trágico suicídio de músico à beira de um grande sucesso**

A polícia confirmou que está a considerar tratar como suicídio a morte de Jake Turner, cujo corpo foi encontrado sob a Ponte de Thornberry na noite passada.

Turner, de trinta e dois anos, estava prestes a assinar um acordo com uma importante companhia discográfica, revelou o seu *manager*.

Depois havia uma secção sobre músicos famosos que se tinham suicidado. Olhei para o telefone, incapaz de assimilar. O Jake... *morto? Na noite passada?* Ele deixara-me por volta das quatro da tarde e fora diretamente para a reunião com a empresa discográfica. E *suicídio?* O Jake era a pessoa menos provável de se matar que eu conhecia, e, quando o vira, estava

em alta, prestes a realizar os seus sonhos. Será que a companhia discográfica o tinha dececionado, esmagando esses sonhos? Decerto que não cometeria suicídio por causa disso. E tinha-me dito que havia mais duas empresas interessadas. Mesmo que a primeira reunião tivesse corrido mal, ele ainda tinha esperança.

Conhecia o Robin, o seu *manager*, e liguei-lhe, desviando a cara do segurança que me olhava com curiosidade. Tinha a mão a tremer e a certeza de que ia vomitar. Mas, ao mesmo tempo, tinha a certeza de que isto era tudo um engano. O Jake não podia estar morto. Não podia. Os meus olhos encheram-se de lágrimas quando ouvi o sinal de «ocupado».

Liguei então ao Barney.

— Não faz sentido — disse-lhe.

— Pois não.

— O Jake não faria isto. Não estava deprimido. Estava tudo a correr-lhe estupidamente bem.

— Foi o que eu pensei.

— Sabes como é que dizem que o fez? — perguntei.

Ele hesitou.

— Por favor, Barney. — Levantei a voz. — Se sabes, diz-me.

— Saltou de uma ponte. Thornberry Lane.

— Em Archway? — Conhecia bem a ponte. Era uma caminhada de dez minutos do apartamento do Jake.

— Sim. Tu conheces, nós os três atravessámos essa ponte montes de vezes.

Ficámos ambos calados por um momento.

— E ele... sabes se deixou uma nota?

— Não sei.

Terminámos a chamada com o Barney a murmurar algo acerca de nos vermos no funeral. Saí e sentei-me num banco molhado, indiferente à neve que caía em meu redor e à humidade fria que me ensopava o assento das calças.

Não podia acreditar. O Jake, cometer suicídio. Quando o tinha visto, no dia anterior, estava tão feliz e entusiasmado. Ficara horrorizado com o que lhe contara da Roménia, mas...

De repente, percebi.

Eu tinha falado com duas pessoas sobre o que me acontecera com a Laura, ambas nos últimos dias. Contara uma parte da história à doutora Sauvage, e um pouco mais ao Jake.

E agora estavam ambos mortos.

## CAPÍTULO 28



**C**omo era previsível, os transportes públicos estavam um caos, autocarros e comboios a pararem, táxis imobilizados. Juntei-me às multidões de pessoas que saíam mais cedo dos escritórios e se debatiam nas ruas. Só conseguia pensar no Jake, incapaz de acreditar que ele se tinha suicidado. Batalhando através da tempestade de neve, a cara e as mãos tão frias que pensei que a minha pele se podia partir e cair-me dos ossos, recordei uma conversa com o Jake cerca de um ano antes, quando ele estava no seu ponto mais baixo, incapaz de interessar alguém pela sua música, enquanto o seu maior rival se encontrava no auge do sucesso. Estávamos sentados num *pub* apinhado em Angel, o Jake com uma expressão sombria, despojada do seu

habitual brilho e jactância.

— Por vezes — dissera ele, bebericando o seu café —, acho que devia desistir disto tudo e fazer algo de útil. Quero dizer, caraças, o mundo precisa tanto de mais compositores como de outro buraco na camada de ozono. Tenho trinta e dois anos, estou demasiado velho para isto.

— Mas, oficialmente, tens vinte e seis, não é? É o que diz no teu perfil do *YouTube*.

Ele sorriu.

— Pois. Bem, já mal me safo com isso. O meu pai disse que eu devia estudar para canalizador. — Expirara pelo nariz. — O vizinho do lado do meu pai é canalizador. Parece que acabou de comprar um *Audi* novo em folha.

— O canalizador ou o teu pai?

— Ah! O meu pai tem uma bicicleta. Na verdade, nem isso. Vai a todo o lado nas bicicletas de aluguer.

— Mas não vais desistir, pois não? — dissera eu, levando a cerveja aos lábios. — Isto foi o que sempre quiseste.

Ele coçara a cara.

— Não sei. Imagino-me daqui a dez anos a ir ao *X Factor* e a dizer ao júri que é a minha *última oportunidade*, que significa *tudo* para mim. — Olhara-me. — Mas não vou desistir, Dan. Nunca. Ainda estarei a fazer isto quando tiver noventa anos. Não vou tornar-me o raio de um canalizador.

— Não que haja algo de errado em ser canalizador.

Ele rira-se.

— Claro que não. Só que não tem muito a ver comigo, pois não?

E esse era o Jake. Não era um desistente. Claro que ninguém conhece completamente outra pessoa; não podemos ver o interior das suas cabeças. Mas, muitas vezes, desde que eu o conhecia, o Jake tinha demonstrado que era determinado, inabalável. Mesmo que alguma coisa tivesse corrido mal no último momento, eu tinha a certeza de que ele não cometeria suicídio. Até me tinha dito que se não conseguisse um grande contrato, não faria mal.

— Vou lançar eu próprio a minha música — dissera ele. — Dispensar o intermediário. Hoje em dia, há muita gente que faz isso.

Parei e encostei-me a uma parede enquanto as lágrimas caíam, percebendo que não voltaria a vê-lo, nunca mais ouviria a sua voz, o seu riso, nem sentiria o cheiro a café que se desprendia dele. Para todas as outras pessoas, aquelas que não o conheciam, o mundo tinha perdido um talento, um cantor. Tinham perdido as suas canções. Mas eu perdera o meu melhor amigo, a pessoa que sabia mais de mim do que qualquer outra. Tinha perdido a Laura. Quase nunca via os meus pais. Não tinha irmãos. E, agora, perdera o meu único amigo verdadeiro.

— Que raio vou fazer sem ti? — sussurrei para a neve.

Quando me aproximava de casa, lembrei-me de que estava apenas a uma rua de distância da esquadra de polícia. Precisava de fazer alguma coisa. Dirigi-me para lá.

O aquecimento estava tão alto que, assim que entrei na esquadra, a neve começou a derreter e a escorrer da minha roupa, o meu corpo degelando enquanto uma poça crescia em meu redor no chão. Um homem de meia-idade estava a discutir com a mulher na receção, algo acerca do *Range Rover* do vizinho. Não lhes prestei atenção e examinei os cartazes na parede. Adolescentes desaparecidos. Programas de denúncias anónimas. Um pedido de informações acerca de um ataque à faca numa loja de *kebab*.

O homem irado acabou por se ir embora, saindo para a tempestade que amainava. A rececionista olhou-me, ensopado e trémulo, com desapeço. Lembrei-me da última esquadra de polícia em que estivera e senti-me ainda mais frio.

— Posso ajudá-lo?

Aproximei-me da secretária.

— Sim. Preciso de falar com alguém acerca da morte de Jake Turner.

Ela inclinou a cabeça.

— Dizem que cometeu suicídio na noite passada. Mas eu estive com ele algumas horas antes de morrer. Não há hipótese de se ter suicidado. Era o meu melhor amigo.

Ela examinou-me o rosto, depois disse:

— Por favor, sente-se enquanto vou procurar alguém para falar consigo.

Cinco minutos depois, apareceu uma agente, o terceiro elemento da polícia com quem eu falava numa semana. Perguntei-me se eles já teriam o meu nome numa base de dados, com um alerta: maluco.

— Sou a agente Coates. Como posso ajudá-lo?

Disse-lhe o mesmo que já dissera à rececionista.

— Sei que a ponte é conhecida pelos suicídios. Mas o Jake nunca teria saltado. — Fitei os olhos azuis dela, desejando muito que me levasse a sério. — Deve ter sido empurrado. Assassinado.

A agente Coates olhou-me com compaixão.

— Compreendo que seja difícil acreditar que um amigo próximo escolha tirar a própria vida.

— Mas como sabem que ele se matou?

— Espere aqui.

Ela desapareceu atrás da receção e voltou com uma folha de papel.

— O senhor Turner enviou uma mensagem à irmã. Lamento não lhe poder revelar o conteúdo exato da mensagem neste momento, mas ficou claro que tencionava cometer suicídio. A mensagem foi enviada exatamente antes de um motorista de passagem avistar o corpo. — Fez uma careta. — Lamento muito. Se conhecer a irmã do senhor Turner, será melhor falar com ela. Talvez lhe dê conforto falar com outra pessoa que era próxima dele.

Explicou-me que o corpo se encontrava no instituto de medicina legal, que completaria um relatório antes de o libertar para o funeral.

— Não é a primeira morte — disse eu, consciente do olhar cético que apareceu no rosto dela. — A minha psicóloga, a doutora Claudia Sauvage... a casa dela ardeu e dizia no jornal que tinha sido fogo-posto. — Queria agarrar na mão dela, fazê-la acreditar em mim. — Acredito que estão relacionados.

— Espere aqui — disse ela.

Teria de contar à polícia acerca da Roménia. Quando ela voltasse, contar-lhe-ia a história, fá-la-ia perceber. No entanto, isso podia pô-la em perigo... Não, ela era polícia. Ficaria bem.

Estava embrenhado em pensamentos profundos quando ela voltou.

— A doutora Claudia Sauvage de Grosvenor Road em Crouch End? — disse ela, sentando-se.

— Se foi fogo-posto, tem de...

Ela levantou uma mão.

— Não foi fogo-posto, senhor Sullivan. O relatório da investigação chegou ontem. Foi o cigarro eletrónico dela.

— O quê?

— Ela deixou-o a carregar na cozinha durante a noite e a bateria explodiu e iniciou o incêndio. Não foi o primeiro incidente deste género. Essas coisas são perigosas.

Eu estava perplexo. Lembrava-me da doutora Sauvage ali sentada, a enviar plumas de vapor de água para o meio de nós.

— Se estava a ter consultas com uma psicóloga, suponho que se encontrava sob muita pressão — disse a agente. — Vendo conexões onde não existem.

Acenei com a cabeça, sentindo uma mistura de alívio, estupidez e confusão.

— Não está a pensar em fazer nada como o seu amigo, pois não? — disse a agente Coates.

Abanei a cabeça entorpecidamente, depois levantei-me e saí.

Continuava a nevar. Fiquei ali um momento, perdido, incapaz de me lembrar do caminho para casa. Finalmente, as minhas pernas levaram-me

automaticamente na direção certa. A única coisa que conseguia ver mentalmente era o corpo do Jake, quebrado e dobrado na estrada por baixo da ponte. Eu nunca tinha chorado em público, mas esperava que as pessoas que passavam por mim sob aquele tempo agreste pensassem que o que brilhava na minha cara era neve, não lágrimas.

Quando entrei no meu apartamento, ouvi um telefone tocar. Tinha o telemóvel no bolso e este não era o som estridente da linha fixa. O toque parou, depois recomeçou um minuto mais tarde, quando eu estava a servir-me de um *shot* de vodka. Segui o som até ao meu quarto. Vinha da gaveta da mesa de cabeceira. Era o telefone que a rapariga romena deixara cair no concerto do Jake. Por um momento, não consegui lembrar-me do nome dela. Camelia, era isso. Apressadamente, abri a gaveta e atendi o telefone antes de parar de tocar, reparando que havia montes de chamadas perdidas no ecrã. Eu tinha-o desligado na noite em que a conhecera, porque não queria ser incomodado. Curiosamente, não me lembrava de ter voltado a ligá-lo, mas não era a única coisa de que não tinha memória nos últimos tempos.

— Quem fala? — Era a voz de uma jovem.

— É a Camelia? Sou o Daniel, do concerto.

Ela riu-se, um risinho lento e ligeiramente perverso.

— Daniel? Então encontraste o meu telefone? Isso é maravilhoso. Estou a ligar há dias. Pensei que o perdera para sempre.

— Desliguei-o.

— Porque estavas zangado comigo? Depois de eu te beijar? — Antes de eu poder pensar no que responder, ela disse: — Não importa, isto são boas notícias. O meu telefone não está perdido. Onde podemos encontrar-nos?

Olhei para a janela. Não me apetecia mesmo sair outra vez.

— Podes esperar até amanhã?

— Não. Que tal eu ir ter contigo? Preciso mesmo de te ver. Onde é que moras?

Expliquei-lhe que estava em Islington.

— Ótimo. Não estou longe.

Hesitei, não sabendo bem se queria que ela viesse aqui. Mas sentia-me mal por ter desligado o telefone, por isso dei-lhe a minha morada. Também tinha outro motivo. Ela sabia quem era o Jake, tinha-o conhecido e eu queria falar acerca dele. Não com alguém que o conhecesse bem, pelo menos agora. Achei que a Camelia seria a pessoa perfeita. Ela já não parecia ressentida com a minha rejeição.

— Então e a neve? — perguntei. — Queres mesmo sair assim?



Ela riu-se novamente, gutural e, sim, perversa.

— Sou da Roménia — disse. — Estou acostumada.

Desligou.

## CAPÍTULO 29



U ma hora mais tarde, a campainha da porta tocou. Nesta altura eu já tinha bebido quatro, talvez cinco *shots* de vodca, numa tentativa de amortecer a dor, mas sentia-me sóbrio. Bastante sóbrio para atravessar a sala numa linha direita. Bastante sóbrio para sentir dor.

Desci, perguntando-me se a minha vizinha estaria à escuta. Não a via desde o incidente com o cão.

A Camelia estava à porta com um casaco e um gorro pretos, ensopada e de faces rosadas, mas sorridente. Tinha neve agarrada à roupa. A caspa de Deus, era assim que lhe chamávamos quando éramos crianças. Mesmo naquele estado, era linda, com os vivos olhos azuis, maçãs do rosto salientes e

lábios carnudos que algumas mulheres pagariam muito dinheiro para obter. Algo nela me recordava a Laura quando nos tínhamos conhecido, embora esta mulher parecesse muito mais segura de si. Entreguei-lhe o telefone. Ela olhou-o e guardou-o no bolso.

— Obrigada, Daniel. Hum, importas-te que suba e use a tua casa de banho?

— Claro, entra. Ia convidar-te, de qualquer maneira...

Ela ergueu uma sobrancelha, um sorrisinho nos lábios que me fez questionar se seria boa ideia.

— A sério?

Esperei enquanto ela usava a casa de banho e, quando saiu, perguntei:

— Queres uma bebida?

Ela olhou-me de cima a baixo.

— Tu pareces já ter bebido umas quantas.

— Tive um dia mau.

— Queres contar-me? — Ela tinha tirado o gorro, revelando o cabelo louro, que penteou com os dedos enquanto falava. Notei pormenores que me tinham escapado quando a conhecera: as unhas longas que pareciam falsas e os anéis de prata grandes nos dedos da mão esquerda.

— Talvez.

— Arranja-me um duplo e ouvirei com gosto — disse ela.

Servi uma bebida para ambos e ela terminou a sua com dois goles, exalando com prazer.

— Ah, isto foi o que o médico me recomendou. Saúde!

Sorri pela forma como ela usava as expressões inglesas.

— Outra?

Voltei a encher o copo dela e desta vez ela deu um gole mais pequeno.

— Boa vodca. — Olhou em volta. — E tens um apartamento muito agradável. Vives aqui sozinho?

— De momento.

— Então a namorada de que me falaste?

Merda.

— Não estamos... juntos neste momento.

Outro sorriso.

— Oh. A sério?

Engoli em seco. A vodca estava finalmente a fazer efeito. Sentia-me tonto, a dor no meu peito menos aguda, e bastante corajoso para sugerir à Camelia que tirasse o casaco e se sentasse.

— Não te preocupes — disse ela. — Não ficarei muito tempo.

Pendurou o casaco nas costas de uma cadeira. Usava uma camisola justa

e calças igualmente justas. Imaginei o que o Jake teria dito acerca dela. «Gira, Danny. Gira à brava.» Não era só a aparência, mas o ar de confiança e humor irónico que irradiava dela. Tinha movimentos felinos. Lambeu os lábios antes de dar um gole na sua bebida. Eu dei um grande na minha.

— Não há problema. Fica o tempo que quiseres. Estou contente pela companhia.

— Por causa do teu dia mau?

Os meus olhos picavam. Agora, chegado o momento, percebi que não conseguia falar acerca do Jake e do que acontecera. As palavras não conseguiriam atravessar a obstrução na minha garganta.

Ela não falou, apenas me olhou, à espera.

— Digamos apenas que é agradável não estar sozinho.

Ela levantou a sua bebida.

— OK. Bebamos ao fim de um dia mau.

Brindámos.

— Fico até a neve acalmar um pouco, está bem? — disse ela.

Olhámos ambos pela janela. O candeeiro público lá fora iluminava a neve que caía. Não havia sinal de abrandamento.

— Isso pode ser amanhã de manhã — disse eu.

Ela levou o copo aos lábios e tomou mais um trago.

— Nesse caso, espero que tenhas muita vodca. — Fez uma pausa. — Não te preocupes, não me vou atirar a ti.

A atmosfera na sala mudou, algo vibrando no espaço entre nós. Sentia-me nervoso e excitado. A Camélia levantou-se e foi até junto da estante, as ancas a balançar enquanto caminhava. Examinou as lombadas dos livros, tirando para fora o guia que eu tinha comprado antes da viagem com a Laura. *O Guia Básico da Europa de Leste*. Folheou-o.

— Então, conta-me o que te aconteceu na Roménia. Tiveste uma má experiência? — Voltou para junto de mim, encostando-se à lareira, a luz incidindo no líquido no seu copo. Eu estava sentado no sofá, fitando-a.

— Não te posso dizer.

— Não podes?

Agora sentia-me mesmo bêbedo, a cabeça tensa, a sala a inclinar ligeiramente.

— Pode ser perigoso — disse. — Para ti, quero dizer. — No meu estado embriagado, havia uma parte de mim que acreditava nisto. A agente dissera-me que a doutora Sauvage não tinha sido assassinada, mas eu sentia-me invulgarmente supersticioso, as palavras da Laura a assombrarem-me. E se estava a suceder algo de sobrenatural? Uma maldição que significava que aconteciam coisas más a todas as pessoas a quem eu falasse acerca da

Roméia? No momento em que pensei isto, desdenhei imediatamente da ideia. Uma maldição! Era ridículo.

— Isso parece intrigante — disse a Camelia.

— Ignora-me. Estava a brincar.

— Não parecias estar a brincar. O que é que se passou? — O tom dela era ligeiro, brincalhão, mas tinha uma expressão séria nos olhos.

— Honestamente, não importa. Não falava a sério.

— Está bem, se tu o dizes. — Ela aproximou-se da janela. — Este tempo! Foste a Bucareste? Estive lá há dois anos, quando havia tanta neve que soterrou casas. Espero que isso não aconteça aqui. — Ela virou-se e tinha um brilho maroto no olhar. — Ficaríamos aqui fechados, juntos.

A respiração era espessa nos meus pulmões.

— Isso seria terrível.

— Desde que tivéssemos vodka suficiente.

Ri-me.

— Acho que vai acabar em breve, a este ritmo.

— Que pena, Daniel.

— E o que é que comeríamos? — perguntei.

Ela atravessou a sala, pousando o copo quase vazio na mesinha com um barulho suave. Parou por um momento e depois sentou-se no sofá. Os seus olhos examinaram-me o rosto e, bêbedo e ansiando por contacto humano, estendi a mão para ela. Ela sentou-se no meu colo, uma perna para cada lado, beijando-me, a sua língua deslizando entre os meus lábios, as mãos segurando-me a cara. Correspondi ao beijo. Como antes, havia um ligeiro sabor a cigarros na sua boca, mais o cheiro do perfume que permanecia na sua pele. Subi as mãos pelas costas da sua camisola e puxei-a mais para mim, os seus seios encostados ao meu peito através das roupas. Ela estava quente agora, aquecida a partir de dentro pelo álcool. Eu estava tão bêbedo que não parei para pensar o quanto aquilo era surreal.

— Hmmm — disse ela, sorrindo para dentro da minha boca.

Sentia-me sem fôlego.

— Quarto?

— Não, aqui está bem.

Ela despiu a camisola, revelando um *soutien push-up* vermelho e uma tatuagem no braço. Desabotoou-me a camisa e eu livre-me dela, depois tirei a *t-shirt*. A minha ereção pressionava-me as cuecas. Ela baixou a mão para o meu colo e desabotoou-me as calças de ganga, chegou-se ligeiramente para trás e libertou-me o pénis, embrulhando-o com a mão. Inclinou-se para a frente e beijou-me profundamente, arranhando-me o peito com as unhas da mão livre. Fechei os olhos e dei por mim a imaginar que ela era a Laura.

Tínhamos feito amor naquele sofá muitas vezes. Perdido naquele momento ébrio, com lábios encostados aos meus, podia acreditar que a Laura tinha voltado para mim.

— Conta-me os teus segredos, Daniel — sussurrou ela para a minha boca.

Tentei continuar a beijá-la, mas ela recuou de modo que os nossos lábios mal se tocavam.

— Alguma vez infringiste a lei?

— O quê?

A mão dela ainda me acariciava o pénis. Eu já estava quase a vir-me. Ela deve ter percebido isso; tirou a mão e retorceu-se até ficar mais perto, a ganga das suas calças premindo a minha carne nua.

— Quero que fales comigo, Daniel. Conta-me. Algo de ilegal. Isso excita-me.

Ela beijou-me outra vez, rapidamente, depois interrompeu o beijo. Abriu os olhos e vi-a examinar-me atentamente, com um sorriso nos lábios.

— Não compreendo — disse eu.

— Vá lá. Não sejas tímido. — Recuou e examinou-me o rosto. Premiu a virilha contra o meu pénis. Senti o quanto ela estava quente através da ganga. Ela acariciou-me o peito e inclinou-se novamente para a frente.

— Deves ter feito algo que infringiu a lei — disse ela, respirando para o meu ouvido.

Era mesmo isto que a excitava? Eu queria corresponder para ela não parar, mas não conseguia pensar em nada. Uma vez tinha roubado um lápis na Argos, mas duvidava que isso a excitasse.

Ela esfregou-se de encontro a mim e voltou a arranhar-me o peito com as unhas.

— Vá lá, algo ilegal. Deves ter infringido a lei, Daniel.

— Não.

— Não acredito em ti. Vá lá, conta-me.

Podia sentir a presença do Jake na sala, rindo-se, dizendo-me que inventasse qualquer coisa. Mas eu estava tão bêbedo, tão confuso. Só queria o oblívio, que aquela mulher continuasse a beijar-me e a tocar-me. Queria perder-me nela, na minha fantasia de que ela era a Laura. Mas de repente senti-me frio, a minha ereção a desvanecer-se. Ela sentiu-o e voltou a tocar-me com a mão.

— Vá lá — disse ela, soando impaciente agora. — Diz-me algo mau... talvez alguma coisa que tu e a tua namorada fizeram juntos. Ou talvez algo que ainda não tenhas feito.

Agora eu estava extremamente confuso.

— Camelia, não me parece...

Ela observou-me atentamente os olhos, como se tentasse sondar o meu cérebro. Depois suspirou e saiu de cima de mim, ficando de pé a olhar-me.

— Desculpa — disse eu.

— Tanto faz.

Ela pegou na camisola e vestiu-a. Olhou-me com desprezo. Eu abotoei rapidamente as calças e procurei a *t-shirt*. Estava gelado e sentia-me enjoado.

— Onde é que eu pus o telefone? — disse ela para si mesmo, olhando para a sala.

Lá fora, o alarme de um carro disparou e o barulho arrancou-me do meu estado de quase amnésia. Fitei-a. Havia algo de familiar nela, algo que percebera desde o nosso primeiro encontro.

— Que história foi esta?

Ela encolheu os ombros.

— Já estiveste aqui antes? No meu apartamento?

Ela revirou os olhos.

— Acho que és paranoico, Daniel. Claro que nunca estive aqui. — Encontrou o telefone e enfiou-o no bolso das calças. Dirigiu-se à porta. Antes de sair, olhou pela janela e viu a neve que continuava a fustigar a cidade.

— Que se foda este país — disse, e saiu.

## CAPÍTULO 30



**L**aura reparou que o homem a observava no seu segundo circuito no

parque, mas assim que olhou para ele, o homem desviou a sua atenção para uma mulher que passeava um galgo.

Sentira necessidade de sair de casa, de apanhar um pouco de ar. Não só as paredes do seu quarto pareciam fechar-se sobre ela, como o interior da sua cabeça picava como se houvesse centenas de aranhas bebés a arrastar-se-lhe no crânio, patinhas peludas fazendo-lhe cócegas no cérebro. Não conseguia ficar quieta. Descera ao jardim para procurar Alina, mas ela não estava lá. Desde aquela noite no hospital, Alina visitara-a aqui várias vezes, surgindo entre as árvores nuas. Mas, ao que parecia, só vinha à noite.



Embora o caminho em redor do parque estivesse quase limpo de neve, algumas porções de gelo negro espreitavam como minas terrestres, e Laura vira outro caminhante como ela estatelar-se no chão à sua frente, causando um coro de gargalhadas num grupo de crianças que fazia uma luta de bolas de neve ali perto. Laura parara para ajudar o homem caído a levantar-se, afastando-se depois a sentir os olhos dele nas suas costas.

No terceiro circuito, tentara não olhar diretamente para o homem. Era um pensionista, na casa dos sessenta, ou setenta anos, em boa forma. Era largo e de compleição rosada, embrulhado num casaco de lã, com luvas e gorro pretos. E estava definitivamente a observá-la, mas da mesma forma que ela o observava, discretamente, fingindo olhar para um sítio além dela.

Lançou mais um olhar furtivo ao homem. O ar em redor dele parecia tremeluzir, como se ele estivesse a irradiar calor, e algo a atingiu como um soco no peito, fazendo-a arfar. Não era um homem. Era um *demónio*.

Ela entrou num maciço de árvores e deixou de o ver. Parou para estabilizar a respiração.

— Está bem?

Olhou para cima. Uma jovem com um gorro de lã preto olhava-a com preocupação.

— Estava a falar sozinha. Só queria verificar se estava bem. — Tinha sotaque... alemão, pensou Laura. Um londrino nunca lhe teria perguntado se estava bem. Partiriam do princípio de que era maluca ou estava bêbeda e passariam ao largo.

Fez um sinal à alemã. *Segue-me*. A mulher hesitou, mas seguiu Laura até à orla do maciço.

— Ali — disse ela quando emergiram das árvores. — Está ali um demónio sentado. — Apontou para o banco. A alemã olhou-a boquiaberta, alarmada.

Não estava lá ninguém.

— Precisa que chame alguém? — perguntou a mulher.

Laura não conseguiu reagir. Olhou para o espaço vazio onde o demónio estivera sentado, bloqueando as perguntas da mulher. Sentia-se tonta.

E se ele fosse outro fantasma? Ainda no dia anterior, quando saía da Tate Modern porque sentira necessidade de se afastar de Daniel, julgara ter avistado Beatrice pela primeira vez em vinte anos. Estava por baixo de um candeeiro, sob a neve, e Laura parara de repente. Beatrice parecia tão infeliz, a sua expressão acusatória. Era a expressão de alguém que tinha sido traído. Mas quando Laura avançara na sua direção, ela desaparecera.

Era isto que ia acontecer agora? Ela abrira as portas da percepção; ia começar a ver fantasmas e demónios em todo o lado? Ia tornar-se um íman

para os não vivos?

Saiu rapidamente do maciço de árvores, deixando a mulher alemã boquiaberta, e correu para os portões do parque. Precisava de voltar para a segurança do seu quarto antes que outros fantasmas viessem procurá-la.

Assim que Laura destrancou a porta da casa de Rob e Erin, esta gritou:

— Rob?

— Não, sou eu.

— Oh.

Laura foi à cozinha e olhou por cima do ombro da amiga, esperando que Alina estivesse à espera dela ao fundo do jardim, para poder falar-lhe do demónio no parque. A sua atenção virou-se imediatamente para Erin, que andava de um lado para o outro ao longo da mesa, soprando a respiração como uma criança de dois anos a soprar as velas de um bolo de aniversário. Laura queria ir para a cama, esperar que escurecesse para poder falar com Alina. Queria puxar os cobertores por cima da cabeça e bloquear o mundo.

— Estou em trabalho de parto — disse Erin. — Tentei ligar ao Rob, mas ele não atendeu. — Arquejou. — Foda-se. Sabia que este bebé ia chegar mais cedo.

As palavras de Erin pareciam vir de uma grande distância.

— Laura? Acorda. Ouviste-me?

— Eu... — Laura tentou manter-se calma. — Ligaste para o hospital? Vão mandar uma ambulância?

O riso de Erin foi interrompido por uma contração.

— Ah, não. Eles não fazem isso... a menos que seja uma emergência.

— E isto não é uma emergência?

— Ainda não. Oh, merda, tenho estado à espera do Rob. Quer ser ele a levar-me ao hospital. Mas não posso esperar mais. Chamei um táxi mas disseram que ia demorar uma hora por causa do maldito tempo *inclemente*. — Fez uma careta e soprou. — Presumo que não queiras ser tu a fazer o parto.

— Não! Credo, não!

Erin examinou-a com curiosidade.

— Meu Deus, devias ver a tua cara. Não faz mal... mas vais ter de me levar.

— Eu... Mas eu não tenho carro. — Laura sentia que estava a ser atacada por um bombardeamento de pássaros pretos. Desciam em voo picado por cima dela, gritando, abafando as palavras de Erin.

— Olha aqui, *duh*. — Erin tirou as suas próprias chaves do carro do gancho na parede. — Levamos o meu.

Laura fitou-a.

— Anda. O meu saco está no corredor.

Laura continuava hesitante.

— Com um raio, Laura. Se não nos mexermos, *terás* de fazer o parto.

A amiga empurrou-a porta fora e dirigiram-se ao *Golf* de Erin. Os vidros da frente e de trás estavam cobertos de neve, mas a estrada encontrava-se limpa. Erin entregou a Laura um raspador e uma lata de descongelante antes de entrar para o banco traseiro. Enquanto removia a neve e o gelo, Laura ordenava a si própria, repetidamente, que não entrasse em pânico, que ignorasse os pássaros que batiam as asas em torno da sua cabeça. Não eram reais. Real era isto. Precisava de ajudar a amiga e o seu bebé. *OK*, ela não conduzia um carro há mais de um ano. As ruas tinham provavelmente algumas extensões de gelo negro, como o caminho no parque. E a neve começara a cair levemente outra vez, o céu escurecendo como se alguém tivesse embrulhado o Sol num retalho de musselina.

E se tivessem um acidente? Se matasse Erin e, ainda pior, o bebé dentro dela? Pensou na sua cama, na escuridão acolhedora. Era onde queria estar. Onde precisava de estar.

Abriu a porta para dizer a Erin que não conseguia fazê-lo. Erin estava deitada no banco de trás, cronometrando os espaços entre contrações no seu *iPhone*.

— Não consigo... — começou Laura.

Erin fitou-a furiosamente.

— Conduz, raios!

Laura sentou-se atrás do volante e ligou o motor.

## CAPÍTULO 31



*O* bebé chegou às 10h15 na noite passada! Oscar James Tranham, 3 quilos e 800 gramas. A Erin foi brilhante! O Oscar é fantástico! A mensagem do Rob vinha acompanhada da fotografia de um bebé minúsculo, cara cor-de-rosa, com um gorro de crochet branco, num berço de plástico transparente. Segundos depois, chegou outra mensagem. *Amigo, a Laura foi uma heroína. Levou a Erin ao hospital através da neve. Chegaram mesmo a tempo.*

Isto significava que, enquanto eu estava quase a ter sexo com uma mulher romena, a Laura andava para trás e para a frente na maternidade, esperando que a Erin desse à luz. Isto só aumentava a minha vergonha. Onde é que eu tinha a cabeça?

Porém, numa camada por cima da vergonha, estava algo pior: medo. As perguntas que ela tinha feito, querendo que lhe contasse os meus segredos. Era só um jogo sexual, ou algo mais? E se era algo mais, o que é que pretendia arrancar-me?

Ela era romena. Havia alguma hipótese de saber o que tinha acontecido na floresta?

Ou estava a tentar descobrir?

Queria desesperadamente agarrar-me à crença de que as palavras da Camelia tinham sido parte de um jogo, o equivalente a pedir a alguém que usasse linguagem ordinária, e o facto de ela ser romena era uma coincidência. Mas assim que ela saía, eu tinha verificado o vídeo de CCTV dos intrusos com o cão, examinando a forma do corpo da intrusa feminina. Magra, seios pequenos, um vestígio de cabelo louro sob o capuz. Quanto mais examinava o vídeo e revia mentalmente o nosso encontro, mais convencido ficava.

A Camelia era a intrusa. E isso provavelmente — quase de certeza — significava que era um dos ladrões que levava o meu portátil. Andei pelo apartamento enquanto pensava nisso. Ela tinha-me seguido até ao concerto do Jake e tentara seduzir-me então, sabia-se lá porquê. Devia ter deixado cair o telefone deliberadamente, sabendo que eu o traria para casa, sem saber que o desligaria. Eu não me lembrava de ter voltado a ligá-lo — provavelmente, porque *ela* o fizera quando tinha estado aqui com o cão.

Sentia-me gelado e trémulo. Porque é que ela me seguia? Porque me assaltara? Estaria a tentar matar-me? Isto estaria ligado ao que me acontecera com a Laura na Roménia e, se sim, de que forma?

Agora sentia-me sóbrio, tão sóbrio como se nunca tivesse tocado numa gota de álcool em toda a minha vida. Ainda sentia o eco do corpo da Camelia encostado ao meu, sentia o seu sabor nos meus lábios. Mas quem era ela? E que diabo queria?

Na manhã seguinte dei um longo passeio e depois decidi apanhar o autocarro para casa. Havia um homem da minha idade no segundo andar do autocarro com três crianças pequenas que se comportavam como se estivessem cheias de aditivos e açúcar. Sempre que conseguia controlar uma delas, a outra corria aos guinchos pelo autocarro, ou começava a bater nas janelas. Observei-o quando acabou por desistir, deixando-as fazer o que lhes apetecesse e fitando o telefone, fingindo que não eram dele e provavelmente perguntando-se como é que a sua vida chegara àquele ponto. Eu identificava-me, mas as minhas crianças estavam na minha cabeça. Sempre que achava que tinha controlado um problema, outro — Jake, Laura, os assaltos e a Camelia — vinha a correr aos gritos para a parte da frente da minha mente. Como o pai no autocarro, a única coisa que eu queria era sentar-me e olhar para algo que não tivesse relação com os meus problemas, esconder-me de tudo, desligar o cérebro.

Mas obriguei o cérebro a ficar ligado. Lembrei-me de algo que a Laura

costumava fazer quando estava assoberbada de trabalho. Sentava-se e escrevia tudo o que estava a incomodá-la numa folha de papel, punha tudo cá para fora. Depois colocava as coisas por ordem de prioridade, tendo em consideração as consequências caso não tratasse de cada um dos assuntos. Uma técnica vulgar, mas que eu raramente usava. Este era o momento perfeito para começar.

Não tinha papel, por isso usei o telefone, teclando palavras, numa corrente de consciência, para a aplicação das Notas:

*Laura deixou-me, louca, fantasmas, quero-a de volta.*

*Jake — suicídio??*

*Quem é a Camelia? O que pretende?*

*Saúde, sono, álcool. PSPT.*

Era isto. O total dos meus problemas num único ecrã de telefone. Ao examinar a lista, percebi que podia apresentá-la de uma maneira diferente, como um mapa mental. A Roménia estaria num círculo no centro, com linhas que conduziam a todos os outros problemas. A menos que a morte do Jake, tão pouco tempo depois de eu lhe falar das minhas experiências, fosse uma coincidência, tudo tinha origem nessa noite.

A ideia de alguém empurrar o Jake da ponte fez-me cerrar os punhos, uma névoa vermelha rodopiando em torno de mim. A raiva devia ser evidente na minha cara, porque um dos transeuntes em idade pré-escolar viu-me e correu a chorar para o pai, falando no «homem assustador».

Até agora, desde que voltara da Roménia, eu permitira que as coisas me acontecessem, fora uma vítima passiva. Até as minhas tentativas de trazer a Laura de volta tinham sido pouco eficazes. Instalar as câmaras de segurança apenas levava a mais dúvidas.

Estava na altura de mudar. De ser ativo. Precisava de saber exatamente o que é que estava a acontecer. Mas como? O primeiro passo, seguramente, era encontrar a Camelia. Não sabia exatamente como fazê-lo, mas se a localizasse, poderia obrigá-la a contar-me o que sabia. Tinha de haver uma maneira de a encontrar. Mas não sabia nada acerca dela: o apelido, onde vivia, o que fazia. Que podia fazer, deambular por Londres à procura dela?

Supus que podia ficar quieto à espera de que ela desse o próximo passo. Decerto que haveria um. Mas não ia fazer isso. Precisava de obter uma vantagem.

Quando me aproximava do apartamento, vi a raposa, rasgando um saco de

lixo que, mais uma vez, um dos meus vizinhos deixara no chão. Tinha chegado ao abrigo da noite e desenterrara uma caixa da KFC, espalhando ossos de galinha e maçarocas meio mastigadas na entrada do edifício. Farto da sujidade, gritei: — Eh! —, e desatei a correr, perseguindo-a pela rua até ela desaparecer num jardim e ir para as traseiras da casa de outra pessoa.

Lá dentro, fui diretamente para o portátil e entrei no *Google*.

Escrevi «detetive privado Londres». Obtive mais de um milhão de resultados, embora, claro, a vasta maioria fosse lixo. Examinei as listagens. Muitos dos detetives privados eram especialistas em descobrir se um parceiro andava a trair, verificar empregados ou localizar devedores. Coisas tristes. Eu precisava de alguém que tivesse experiência em localizar pessoas. Clicar em vários *sites*, a maioria dos quais parecia ter sido concebida em 1998, fez a minha determinação esmorecer. Podia só escolher um ao acaso e esperar que fosse competente, mas tinha de haver uma maneira melhor de encontrar a pessoa certa para me ajudar, especialmente porque sentia necessidade de encontrar a Camelia rapidamente.

Tentando uma tática diferente, filtrei os resultados de modo a mostrarem apenas histórias novas, expandindo a busca a «detetive privado Londres desaparecida». Queria encontrar uma história acerca de um investigador que tivesse sido bem-sucedido a encontrar uma pessoa desaparecida. Mais uma vez, a maioria dos resultados não tinha qualquer utilidade, mas, após clicar numa dúzia de páginas, encontrei uma história do verão, algo que acontecera quando eu e a Laura estávamos no *Grand Tour*.

Li a história. Uma jovem leste-europeia, da Bielorrússia, tinha sido dada como desaparecida pelo seu patrão. Um detetive privado, sedado em Kentish Town, não muito longe daqui, tinha descoberto o que lhe acontecera. Era uma história tenebrosa, envolvendo a população imigrante de Londres, práticas de emprego ilegais e sexo violento que tinha corrido mal. O investigador descobrira a verdade antes de entregar o caso à polícia. Chamava-se Edward Rooney e o seu *website* consistia numa única página, apenas com informação básica e um par de bons testemunhos, além de um formulário de contacto.

Preenchi o formulário e cliquei «Enviar» antes de poder mudar de ideias.

## CAPÍTULO 32



O escritório do Edward Rooney ficava no segundo piso de um edifício branco e sujo, numa rua secundária de Kentish Town. A rua era meio reles, meio gentrificada; havia uma loja de apostas ao lado de um café da moda. Aqui, a neve tinha sido limpa das estradas e dos passeios e hoje estava mais quente, com previsão de chuva. No final do dia toda a neve teria desaparecido.

A Erin e o Rob viviam a dez minutos a pé daqui. Tinha visto na página de *Facebook* do Rob que eles já tinham voltado para casa e o Rob partilhara uma dúzia de fotografias do pequeno Oscar e de uma exausta mas feliz Erin. A Laura também estava numa das fotografias, com o bebé ao colo. Tentei ler a expressão dos seus olhos e vi tristeza por trás do sorriso. Se tudo tivesse corrido como planeado, agora ela já estaria grávida de muito tempo. Passaríamos os fins de semana a comprar carrinhos de bebé e a decorar o quartinho.

Tentei afastar este pensamento quando toquei à campainha. Talvez depois



disto fosse visitá-los. O bebé era uma desculpa perfeita. Claro que gostaria de conhecer o Oscar, queria felicitar os pais orgulhosos, mas, na verdade, queria ver a Laura, que não contactava desde que a perdera na galeria. Tinha jurado dar-lhe tempo, lidar com tudo o resto primeiro, obter respostas, antes de tentar conquistá-la novamente. Mas quando se tratava da Laura, eu era um viciado. Não podia evitá-lo.

Abriam-me a porta e subi uma escadaria estreita que cheirava a mofo e a anos de fumo de cigarros. Uma jovem de aspeto *punk* esperava por mim, segurando a porta do escritório. Lembrava-me um pouco a Alina, pela maneira como estava vestida e a atitude irritadiça. A grande diferença era que esta mulher estava viva.

— Sou a Sophie Carpenter, assistente do Edward — disse ela, olhando-me de cima a baixo. — Ele está com outro cliente neste momento, mas pode esperar aqui.

Sentei-me numa cadeira desconfortável e a Sophie ofereceu-me café. Quando lhe disse que não, que estava bem, ela sentou-se atrás do computador, segurando o queixo na mão, batendo no teclado com uma longa unha preta. A secretária era aberta por baixo, dando-me uma visão clara das suas botas de pele preta de aspeto maléfico, a ponta de uma delas batendo ao mesmo ritmo a que ela escrevia no computador.

Remexi-me na cadeira. Passaram dez minutos. Precisei de ir à casa de banho e perguntei à Sophie onde era. Quando voltei, um homem que supus ser Edward Rooney estava a despedir-se de outro homem à porta do escritório. Outro cliente, calculei, com cabelos brancos, embora só o visse de costas.

O homem mais velho desceu as escadas e Edward Rooney virou-se.

— Daniel Sullivan? — Ele apresentou-se. Teria quarenta e poucos anos, supus, com cabelos pretos e alguns grisalhos e papos debaixo dos olhos. Era alto, mais de um metro e oitenta, e estava vestido com um fato que já devia ter sido elegante mas agora tinha brilho nos cotovelos e joelhos.

— Sophie, ofereceste café a este cavalheiro?

— Sim — disse ela, sem levantar os olhos do ecrã. — Ele não quis.

— E chá? Ofereceste-lhe chá?

Ela revirou os olhos.

— Está tudo bem — disse eu. — Não quero nada. Só a sua ajuda.

Ele assentiu com a cabeça, com uma expressão séria, e indicou-me que o seguisse para o seu escritório minúsculo. Quando estávamos ambos sentados, um de cada lado da secretária, vi que a sala estava cheia. Havia uma minúscula janela com picos para afastar os pombos no parapeito. A sua secretária tinha altas pilhas de papéis. Ele tirou um portátil de sob os papéis e abriu-o.

— Pesquisei-o depois de ter entrado em contacto ontem — disse ele. — É um programador de aplicações.

Eu queria saltar os preâmbulos.

— Preciso que me encontre uma pessoa.

Ele olhou-me por cima da tampa do portátil, chegou-o para o lado e pegou num bloco de notas.

— Eu ia fazer o meu discurso introdutório, mas parece ser um homem em missão. Porque não começa pelo princípio?

Suspirei.

— Não sei se posso fazê-lo. É necessário? Não posso só dizer-lhe o que sei acerca desta pessoa que procuro, e depois o senhor vai procurá-la?

— Senhor Sullivan...

— Por favor, chame-me Daniel.

— Daniel, quanto mais informações me der, mais possibilidades tenho de poder ajudá-lo.

Mesmo que a Camelia estivesse ligada ao que nos aconteceu na Roménia, não via necessidade de falar nisto ao Edward Rooney, não via como poderia ajudar. De facto, provavelmente confundiria o assunto.

— A mulher que preciso que encontre chama-se Camelia. É romena, tem vinte e poucos anos, talvez um pouco mais velha. Loura, muito atraente. Fala um excelente inglês e disse-me que está em Londres há uns dois anos. Usa um telefone *Blackberry*, tem uma tatuagem e usa unhas falsas e anéis de prata grossos. Hum... na mão esquerda.

Ele levantou os olhos das notas.

— É tudo?

— Sim. Conheci-a num bar, num concerto e...

— Espere. Tenho de saber porque é que precisa de a encontrar.

— Porquê?

— Sim, Daniel, só aceito casos de pessoas desaparecidas quando sei que o meu cliente não deseja causar qualquer mal à pessoa que pretende encontrar. Também preciso de saber se há algumas ramificações legais. Já tive aqui homens a pedir-me que encontre as suas ex-mulheres, que os deixaram porque eram espancadas. Tive bandidos à procura de mulheres que tinham traficando e haviam fugido. Não aceito esse género de casos.

— Não lhe quero fazer nenhum mal — disse eu. — Quero que ela pare de *me* fazer mal.

— OK. Então... diga-me o que sabe. Conheceu-a num bar...

Não podia deixar de lhe dar pelo menos alguma informação. Passei os quinze minutos seguintes a contar-lhe o que acontecera na semana passada, começando pelo assalto. Senti-me corar quando lhe contei o meu encontro

com a Camelia duas noites antes.

— Ela estava sempre a perguntar-me se eu tinha feito alguma coisa ilegal. Quando não consegui arranjar nada, zangou-se e foi-se embora.

— Alguma ideia do que ela queria que lhe contasse?

— Absolutamente nenhuma.

Ele pousou a caneta.

— Daniel, se pudermos estabelecer qual é a ligação entre vocês, será mais fácil encontrá-la. Tem a certeza de que não faz ideia?

Hesitei. Genuinamente, não sabia o que é que a Camelia queria que eu lhe dissesse, e ainda achava que podia ser apenas o seu equivalente de linguagem ordinária. A única possível conexão em que conseguia pensar era a Roménia, mas não queria mesmo contar isso a esta pessoa que acabara de conhecer. Nem conseguira contar à minha psicóloga. A única pessoa a quem me sentira capaz de contar, após uma imensa luta interna, tinha sido ao Jake, e ele morrera antes de eu poder acabar a história. Pensar no Jake deixou-me os olhos a arder e ergui-os para ver o Edward a fitar-me com curiosidade.

— Honestamente, não faço a menor ideia.

Ele inclinou-se sobre a secretária, pousando os cotovelos em papéis espalhados.

— Desculpe, mas não acredito em si.

— O quê?

Ele recostou-se.

— Não aceito o seu caso, Daniel. A menos que seja completamente honesto comigo. Não vale a pena. Mais vale ir-se embora.

Abri a boca e fechei-a outra vez, consciente de que devia parecer um peixinho fora de água. Havia uma voz na minha cabeça que gritava: «Conta-lhe, conta-lhe e pronto!», mas quando voltei a abrir a boca, não saíram palavras. Simplesmente, não podia fazê-lo. A minha frustração comigo mesmo transformou-se em raiva contra o Edward Rooney. Havia por aí muitos mais detetives privados. Centenas deles em Londres. Encontraria alguém que não precisasse de saber tudo, que apenas aceitasse o meu dinheiro e fizesse o que eu pedia.

Levantei-me.

— Está bem. Arranjo outra pessoa.

— Boa sorte.

Abri a porta e saí abruptamente para a receção até estar atrás da secretária da Sophie.

Ela girou a cadeira, as rodas a chiarem e, vendo a minha expressão furiosa, perguntou:

— Está tudo bem?

— Não. O seu patrão é um...

Nesse momento, a porta da frente do escritório abriu-se. Um homem postava-se ali, emoldurado pela ombreira da porta. Demorei um momento a perceber que usava uma balaclava. Os outros detalhes chegaram-me mais tarde: na mão segurava uma garrafa, cheia até três quartos de um líquido transparente, com um trapo amarrado no gargalo. Na outra mão tinha um isqueiro.

## CAPÍTULO 33



— **B**aixe-se! — gritei, saltando sobre a Sophie e atirando-a da

cadeira para o chão exatamente quando o homem atirou a garrafa, agora em chamas, para dentro da sala e fechou a porta. A garrafa despedaçou-se no chão no centro do escritório e rebentou com uma enorme e ensurdecadora explosão de calor e luz.

Eu tombara ao lado da Sophie, por trás de um armário de arquivo alto perto da secretária dela. Quando espreitei, vi o centro da salinha transformado numa bola de chamas. Já jogara bastantes jogos de vídeo na minha vida para reconhecer um cocktail molotov. Em segundos a sala estava coberta de fogo e espesso fumo preto. Eu mal conseguia abrir os olhos, não conseguia respirar,

estava a sufocar com os pulmões cheios de fumo, com a secretária pelo meio. Lembrava-me de que tinha visto as botas pretas cheias de picos até aos joelhos da Sophie e sabia que a secretária era aberta por baixo. A forma mais rápida de sair dali era passar por baixo dela. Semicerrando os olhos por trás do armário, via as chamas alastrarem, envolvendo o sofá de dois lugares e a estante, lambendo a ponta da secretária. O calor na sala era indescritível. Sentia os meus músculos a cozerem. Tínhamos de sair daqui. Agora.

— Vamos — consegui arquejar, puxando a Sophie de trás do armário e empurrando-a para a frente. — A secretária — disse. — Passe *por baixo*.

Tossindo e protegendo a cara com o antebraço, ela rastejou como um cão de três pernas até à secretária e desapareceu debaixo desta. Segui-a, embora mal conseguisse vê-la. Estava quente como uma fornalha ali debaixo e eu pensei: *É agora. Vou morrer*. Mas cheguei ao outro lado e a porta foi aberta e alguém estava a gritar, puxando primeiro a Sophie para fora, depois eu.

Caí na alcatifa do corredor, que estava cheio de gente, a gritar e a gesticular. Olhando para dentro do escritório, vi uma forma aparecer através da parede de fumo: o Edward de pé, na ombreira da porta do seu escritório, manejando um extintor de incêndios que parecia não funcionar. As chamas, que tinham chegado agora à secretária, consumindo os papéis ao lado do computador, bloqueavam a saída do Edward. Mais pessoas, de outros escritórios no edifício, apareciam no corredor. A Sophie estava no chão ao meu lado, arfando.

— Há outra saída? — perguntei, a garganta a arder e os olhos a picarem. A única janela que vira no gabinete do Edward era minúscula.

— Chamei os bombeiros — disse uma mulher negra com um ar competente. Gritou para o Edward: — Volte para o seu gabinete, feche a porta e arranje alguma coisa para bloquear o fundo da porta. Que não seja papel!

O Edward fitou-nos através das chamas, depois recuou para o gabinete e fechou a porta.

— Quem era aquele? — disse a Sophie, erguendo-se até ficar sentada. A sua voz estava roufenha, os olhos vermelhos e marejados.

Toda a gente no corredor nos fitava. Eu pus-me de pé, surpreendido por descobrir que me sentia bem, tirando a minha ansiedade desesperada em relação ao Edward, preso no seu gabinete, as chamas batendo na porta, esperando que ele conseguisse encontrar algo para bloquear o fumo que entraria por baixo. E uma pergunta vibrava na minha cabeça: a culpa disto era minha? No seu género de trabalho, supus que o Edward irritasse muitas pessoas. Maridos expostos como traidores. Empregados apanhados com a mão na massa. Mas tantos desastres me tinham perseguido nos últimos tempos...

*O mal daquela casa... seguiu-nos até aqui.*

...que não podia deixar de pensar que a culpa era minha. Que alguém tentara impedir-me de contar a minha história ao Edward.

Mas quem? A Camelia? Não, a pessoa que atirara o Molotov era, definitivamente, um homem. O companheiro da Camelia, partindo do princípio que era ela, do vídeo da CCTV? Enquanto a Sophie, sentada no chão, soluçava ao meu lado, com máscara preta a escorrer-lhe nas faces, abracei o meu corpo, tremendo apesar do calor que emanava da sala a arder.

Um minuto depois, ouvi o abençoado som das sirenes e os bombeiros chegaram, vários correndo pela escada acima e tirando-nos do edifício. Fiquei na rua a observar o seu trabalho, enquanto extinguíam o incêndio. A polícia também viera, e uma ambulância em cuja traseira a Sophie estava agora sentada, com uma máscara de oxigénio na cara. Eu sentia-me bem, por alguma razão tinha inalado menos fumo que ela. *Por favor, Deus, orei em silêncio, que o Edward esteja bem. Não posso ser responsável por outra morte. Por favor.*

A minha prece foi rapidamente atendida. Momentos depois, ele foi escoltado através da porta do edifício por um bombeiro. Sentou-se num muro baixo e eu corri para ele.

— Estou bem — disse ele, acalmando a minha preocupação. — O fogo não atravessou a porta e eu tinha uma toalha no saco do ginásio que usei para bloquear o fumo. — O seu rosto endureceu. — Mas o que quero saber é quem tentou incendiar o meu escritório.

Olhou-me como se eu pudesse dar-lhe a resposta.

Fomos os três levados para o hospital mais próximo, onde nos fizeram exames. Nenhum de nós se tinha queimado e, embora eu ainda me sentisse um pouco tonto, o médico disse-me que podia ir para casa. Decidiram manter a Sophie ali durante a noite em observação. Quando saí da sala onde o médico me examinou, vi o Edward a falar com um agente da polícia, abanando a cabeça. O polícia foi-se embora e o Edward avistou-me e veio ter comigo.

— Têm alguma ideia de quem fez isto? — perguntei.

— Não. Queriam saber se eu tinha. Querem interrogar-me amanhã. — Coçou a cara. — Faço isto há quinze anos e nunca me aconteceu nada do género. O pior que tive foi um telefonema ameaçador e cocó de cão atirado pela porta por uma mulher que apanhei com o professor de ioga.

— Talvez estivessem a vir atrás de mim — disse eu baixinho.

Ele examinou-me.

— Acho que devíamos falar, Daniel. Se estão a vir atrás de si ou tentavam impedi-lo de falar comigo, isso agora também é um problema meu. A Sophie podia ter morrido. *Eu* podia ter morrido. E nem vale a pena

mencionar o estado do meu escritório ou o facto de toda a gente do edifício agora temer pela sua vida.

Assenti com a cabeça.

— Vou dizer adeus à Sophie, ver se ela precisa de alguma coisa. Depois vamos. — Lambeu os lábios. — Não sei se concorda, mas estou mesmo a precisar de uma bebida.

\* \* \*

Apanhámos um táxi para o *pub* Lord Palmerston perto de Dartmouth Park. Estava sossegado a esta hora da tarde, num dia de trabalho. Bebedores a tempo inteiro empoleiravam-se no balcão e a condensação cobria os vidros das janelas. O Edward conduziu-me a um canto e pedimos duas cervejas. Ele tirou um bloco de notas do bolso.

— Preciso que me conte tudo — disse. — Preciso de saber com que género de pessoas lidamos. E, se não me disser, terei de falar com a polícia.

— Está bem — disse eu. — Eu quero contar-lhe. — Tomei um grande gole de cerveja, acalmando a garganta.

— Vá lá, então. Estou à espera.

Comecei com o primeiro incidente estranho depois de termos voltado da viagem: a vez em que alguém podia ou não ter tentado atirar a Laura para debaixo do metro.

— É a minha namorada. Ou, antes, a minha ex-namorada. Ela insiste que tropeçou — disse eu. — Por isso, talvez não seja relevante.

— Ou talvez seja — disse ele, tomando uma nota.

— Bem, a primeira coisa concreta que aconteceu foi quando a minha casa foi assaltada.

Contei-lhe tudo o que tinha acontecido desde então: conhecer a Camelia no concerto do Jake; o uso fraudulento do meu cartão bancário; a devolução do portátil; a morte da doutora Sauvage, apesar de agora parecer não estar relacionada; ver alguém a espiar a Laura em Camden, não muito longe de onde nos encontrávamos agora. Atualizei-o, contando-lhe do cão e do suposto suicídio do Jake.

De momento, omiti a parte acerca de a Laura ver fantasmas, e as fotos



desaparecidas. Não queria que ele pensasse que eu ou a Laura éramos loucos.

— Instalei uma câmara de vigilância no meu apartamento — disse. — É ativada pelo movimento.

Ele assentiu com a cabeça.

— O vídeo dos intrusos e do cão está aqui, no meu telefone.

Abri a aplicação e inclinei-me sobre a mesa, virando o ecrã para o Edward. Ele tirou uns óculos do bolso e pô-los, parecendo imediatamente dez anos mais velho. Tirou-me o telefone da mão e viu o vídeo.

— Acho que é ela — disse eu. — A Camelia. Parece a forma do corpo dela.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Faz alguma ideia de quem é o homem?

— Não, mas... pode ser a pessoa que incendiou o seu escritório. Pergunto-me se também será romeno...

O Edward deu uma palmadinha no seu bloco de notas.

— Há uma grande parte que ainda não me está a contar, não é verdade? Por exemplo, o que é que a nacionalidade da Camelia tem que ver com isto? Qual é a sua ligação à Roménia? — Quando eu não respondi imediatamente, ele olhou para o bloco. — Não me disse porque é que acha que a Camelia está interessada em si. O que é que ela procura?

Consegui mais um segundo bebendo a cerveja.

— OK. Então... no verão passado eu e a Laura fomos viajar pela Europa. Acabámos na Roménia, num comboio noturno que ia para um sítio chamado Sighisoara. Aconteceu... uma coisa. É por isso que acho que a nacionalidade da Camelia é importante.

— Muito bem — disse ele. — Agora estamos a chegar a algum lado.

Contei-lhe como tínhamos conhecido a Alina e o Ion e havíamos sido roubados na carruagem-cama, como fôramos atirados para fora do comboio. Ele tomou mais algumas notas, fazendo perguntas ocasionalmente. Uma ou duas vezes lançou-me um olhar incrédulo. Cheguei ao ponto em que tentámos encontrar a Alina na floresta. Havia um homem na *slot machine* perto da nossa mesa e eu estava com a paranoia de que ele podia ouvir. Esperei até ele voltar para o bar.

— Depois disso — continuei —, corremos para a cidade mais próxima e fomos à polícia...

— Calma. — Ele levantou uma mão. — O que é que aconteceu na casa? De repente, o *pub* pareceu-me muito silencioso.

— É óbvio que está assustado — disse ele. — Mas tem de me contar, Daniel. Pode demorar o que quiser. Tenho a tarde toda.

Girei o meu copo vazio na mesa, fitando o círculo molhado que este

criava à superfície. Sentia-me exatamente como sentiria antes de entrar num palco perante um milhar de pessoas. Enjoado e trémulo. Poderia eu, finalmente, fazer isto? Enfrentar, finalmente, as memórias?

Visualizei o cocktail molotov a ser atirado para o escritório. Um par de mãos a empurrarem a Laura para a linha do metro. Vi o cão preto a saltar na minha direção.

Tinha de fazer isto.

— *OK*. Mas primeiro deixe-me ir buscar outra bebida. E uma para si. — Peguei nos copos e pus-me de pé. — Acho que vai precisar.

## **PARTE TRÊS**



**ROMÉLIA**

**Agosto de 2013**

## CAPÍTULO 34



Comecei por contar ao Edward o que já tinha contado ao Jake: o caminho até à casa, entrar, olhar em volta do vestíbulo da casa estranha e escondida. contei-lhe como me sentia assustado, como queria virar as costas e fugir.

O *pub* parecia desvanecer-se à nossa volta enquanto lhe contava a minha história.

O barulho lá em cima.

Era um som inconfundível, até para quem não era pai, como nós. Um

som que uma mãe ou pai estão programados para ouvir a trezentos metros de distância, através de paredes de pedra e portas trancadas.

Um bebé. A chorar.

Foi quanto bastou. A partir desse momento, eu sabia que não conseguiríamos sair daquele sítio enquanto não descobríssemos a fonte do choro, tivéssemos visto por nós próprios que o bebé estava bem e seguro. Era um instinto primitivo. Proteger os jovens e os indefesos. Talvez, afinal, este lugar não fosse mau. Talvez fosse uma casa de família, um lenhador, a sua mulher e filhos. Um cenário mais feliz floresceu na minha imaginação. O lenhador ou caçador tinha estado lá fora na floresta a verificar armadilhas, encontrara Alina ferida — talvez tivesse ficado presa numa das armadilhas dele — e ajudara-a, trazendo-a para aqui e pedindo à mulher que cuidasse das suas feridas. E todas estas andanças tinham acordado o bebé. Isto fazia sentido. Era lógico. Retirei daqui forças.

O choro ouviu-se novamente, tornando-se mais urgente e frenético. Onde quer que o bebé estivesse, ninguém tinha ido confortá-lo.

A Laura dirigiu-se para as escadas e eu segui-a. Caminhámos o mais silenciosamente que conseguíamos. As escadas estavam a desfazer-se em alguns pontos, as tábuas do chão soltas e a saltar. Reparei que algo se moveu num dos degraus e, olhando mais de perto, vi que era um tufo de cabelos.

Havia uma janela a meio das escadas, onde estas faziam uma curva. Dava para a parte de trás da casa e vi, com surpresa, que havia uma estrada estreita que conduzia através das árvores até um pátio onde estava estacionado um camião de caixa aberta. Eu imaginara que a casa apenas era acessível pela floresta. Fiquei ainda um pouco mais animado. Não estávamos completamente isolados. A estrada era uma ligação à civilização. O cenário lenhador/caçador parecia cada vez mais plausível. Simplesmente, tínhamos chegado pelo ângulo errado.

O bebé continuava a chorar, os seus soluços diminuindo antes de voltarem, mais fortes e mais urgentes. Onde estava a mãe?

Chegámos ao piso seguinte. Tal como lá em baixo, estava escuro e perguntei-me sobre a origem da bruxuleante luz de velas que tínhamos visto lá de fora.

— Vem mais de cima — disse a Laura numa voz abafada. A escada continuava até outro piso e o choro vinha mais de cima.

Respirei fundo mais uma vez e incentivei as minhas pernas a continuarem. Mantive-me atrás da Laura enquanto subíamos as escadas, que aqui eram mais instáveis, rangendo e protestando enquanto entrávamos numa escuridão mais profunda. As paredes em volta das escadas estreitaram. Enquanto subíamos, o cheiro a mofo e a animais mortos mudou, suplantado

por outros odores. Cocó de bebé e corpos humanos. Fedia como aquela parte de um hospital onde os doentes terminais passavam os seus últimos dias. Doença e morte, misturadas com o cheiro de um quarto de crianças sujo. O cenário mais positivo que eu tinha imaginado recuava a cada passo.

A única coisa que eu sentia agora era medo.

Chegámos ao cimo das escadas. Diante de nós estava outra porta de madeira com uma tranca metálica, do género que basta levantar para abrir. Uma tranca concebida para facilitar a entrada, mas impossível para quem tentasse sair.

O choro vinha de trás desta porta.

Levantei a tranca e, sustendo a respiração contra o fedor e o medo do que íamos encontrar, abri a porta.

## CAPÍTULO 35



**E**rgui os olhos para avaliar a reação do Edward. Ele fitava-me, de lábios entreabertos, hipnotizado.

— Continue — disse.

Dei mais um grande gole na minha cerveja. Doía contar esta parte da história. Pensei em me levantar, dizer-lhe que precisava de ir à casa de banho. Depois escapulia-me, fugindo como pensara em fazer naquela altura. Hesitei pela última vez, sabendo como a Laura ficaria perturbada se soubesse que eu ia contar a alguém exatamente o que acontecera.

Dir-lhe-ia o que ele precisava de saber.

Na parede do outro lado, junto das janelas, uma série de velas de sebo brancas estavam alinhadas em cima de um par de baús de madeira escura. Atrás dos baús, as janelas encontravam-se tapadas com tábuas, por isso a luz que tínhamos visto não podia ser desta sala. Olhei para as velas porque eram a única coisa aqui que fazia sentido. Tanto eu como a Laura estávamos paralisados pelo cenário diante de nós, abalados pelo cheiro no ar, os gritos do bebé ecoando o som que reverberava dentro de mim.

Na sala, viam-se quatro camas individuais e três berços em madeira. Duas das camas estavam vazias, desfeitas, revelando os colchões finos. Pareciam as camas que se viam nos filmes de guerra — molas frouxas, duras, como instrumentos de tortura. O bebé que chorava estava num dos berços, deitado de costas, gritando, a cara brilhante de lágrimas. Agitava os braços acima da cabeça, agarrando o ar, mas era demasiado pequeno para se virar ou sentar.

Nas outras duas camas havia um par de mulheres. A da cama mais próxima estava adormecida ou inconsciente (ou *morta?*) com um lençol sujo puxado até à cintura. Usava um vestido cor-de-rosa fino que revelava o quanto estava malnutrida. Os seus braços eram como canas e o peito plano subia e descia aos solavancos enquanto respirava. A cabeça parecia uma caveira com um viscoso cabelo castanho agarrado. Forçando-me a chegar mais perto, enchendo-me de coragem contra o cheiro ácido de urina e da podridão, vi que os seus tornozelos estavam acorrentados aos pés da cama.

A Laura agarrou-me o braço quando tentei aproximar-me mais, impedindo-me de avançar. Ergueu lentamente o braço livre e apontou a cama ocupada mais distante.

Esta mulher era menos esquelética do que a primeira. O seu cabelo louro estava embaraçado e espetado em todos os ângulos. Tinha os olhos afundados, maçãs do rosto como lâminas, braços magros e frágeis. Usava um vestido como o da outra mulher, o lençol enrolado nos pés, que também estavam acorrentados à cama. Tinha a pele coberta de feridas e pequenas marcas redondas. Queimaduras de cigarro.

Estava acordada, os olhos fechados com força. Corriam-lhe lágrimas pela bochecha, molhando a almofada fina.

Tremendo, aproximei-me da cama. Ao fazê-lo, o bebé, que estava num berço junto desta segunda cama, ficou calado, como se se lhe tivessem esgotado o fôlego e as lágrimas. A Laura aproximou-se do berço e inclinou-se, a mão tremendo quando a levou à boca, soltando um pequeno soluço. Por um momento pensei que havia algo de errado com o bebé, mas este estava em melhor estado do que as mulheres. Usava um *babygrow* azul-claro e estava embrulhado numa manta de lã. Um menino, calculei. Tinha cabelo louro espesso, rosto rosado, lábios como botões de rosa.



A mulher loura (sua mãe?) abriu os olhos e viu-me. O pânico refulgiu nos seus olhos e eu preparei-me, certo de que ela ia desatar a gritar. Mas ela ficou em silêncio, fitando-me de olhos arregalados, depois virou a cabeça para olhar para a Laura. Não se mexeu, nem tentou sentar-se.

Sussurrou algo, o que aparentemente lhe causou grande dor.

Deixando a Laura junto do berço, aproximei-me da mulher, acorcorando-me ao lado dela.

— Desculpe — disse. — Não compreendo. Sou inglês.

Ela fitou-me com a expressão destroçada de um prisioneiro que tivesse sido torturado.

— Fala inglês? — perguntei.

— Ajuda — disse ela. Segurei-lhe a mão, percebendo que ela não se tinha sentado por estar demasiado fraca.

À minha direita, a Laura tirara o bebé do berço e segurava-o encostado a si, a cabeça da criança repousando na curva do seu pescoço, uma mão acariciando-lhe as costas através da manta em que estava embrulhado. A mulher na cama olhou para o bebé com uma mistura de amor e medo nos olhos. Depois olhou para a porta.

— Meu bebé — disse a mulher. — Ajuda.

— Quem lhe fez isto? — perguntei com a minha voz mais doce.

Ela fitou-me. Talvez não compreendesse. Sussurrou algo mais que eu supus ser romeno, depois falou novamente em inglês.

— Por favor. Bebé. Ajuda.

Por baixo de nós, veio um grito.

Tanto eu como a Laura ficámos gelados. A mulher na cama olhou outra vez para a porta.

— Vai. Bebé — disse.

Eu olhei para a porta e depois para a Laura.

— Que fazemos?

O Edward estava de boca aberta, os olhos arregalados. Nunca ninguém me ouvira num tal êxtase. Ele estava lá connosco, naquele quarto.

— Por amor de Deus, não pode parar agora. O que é que fizeram?

— Eu... A Laura tinha o bebé encostado ao seu corpo. Perguntei outra vez: «Que fazemos?»

Contei-lhe o resto da história.

O grito veio novamente. O meu coração batia tão sonoramente que eu tinha a certeza de que quem estivesse lá em baixo, o culpado da situação destas

mulheres, podia ouvi-lo.

— Temos de sair daqui — disse eu, respondendo à minha própria pergunta. — Vamos à cidade pedir ajuda. Mandamos cá a polícia. — Virei-me para a mulher na cama. — Vamos mandar a polícia. — Mais lágrimas escorreram-lhe dos olhos.

Virei-me para a Laura e estendi os braços para pegar no bebé e pô-lo novamente no berço. Mas a Laura recuou, abraçando o bebé de encontro ao corpo.

— Ele vai connosco.

— Laura... Temos de o deixar. Não podemos correr pela floresta com um bebé. Temos de fugir.

— Não — respondeu ela com brusquidão. Segurou o bebé como se fosse seu, como se eu estivesse a ameaçar tirar-lho e dá-lo a comer aos leões. — Não vou deixá-lo.

— Laura...

— Olha, Daniel. Olha. — Apontou o outro lado do quarto, depois dos berços.

Um pequeno banco estava encostado à parede. Em cima do banco estavam as coisas normais de um quarto de crianças: roupas de bebé, fraldas, pomada para as assaduras, biberões, além de latas de leite em pó. Havia também um par de ursinhos de peluche, deitados de lado. Tinham o pelo manchado com algo escuro, que parecia preto à luz das velas.

Havia algo ao lado do banco. Era um caixão pequenino, com cerca de sessenta centímetros. Parecia ter sido construído por um amador, porque os ângulos não estavam corretos. No cimo do caixão havia algumas flores, do género das que tínhamos visto na floresta, e outro ursinho de peluche.

Voltei a olhar para a mulher inconsciente. Era o bebé dela que estava ali? Uma pequena parte de mim queria olhar, confirmar o horror. Mas afastei os olhos do caixão, avistando outra coisa. Foi um momento que me enlouqueceu.

Caminhámos ambos lentamente até à parede, conscientes de que tínhamos de ir, sabendo que a pessoa ou pessoas responsáveis por isto podiam voltar a qualquer momento. Presas à parede com alfinetes, havia cerca de duas dúzias de polaroides. Algumas eram de mulheres, olhando para a objetiva com terror ou rendição. Uma foto mostrava uma mulher deitada de costas, nua, a boca aberta num grito. Ao lado dela estava agachado um homem com um instrumento de metal introduzido entre as suas coxas.

As outras fotografias eram de bebés. Bebés recém-nascidos. Estavam todos deitados de costas. Alguns estavam vestidos de azul, mas a maioria estava de branco. Alguns choravam, outros estavam plácidos. Alguns tinham os olhos fechados, outros fitavam o fotógrafo.

Cada uma das fotografias tinha uma data escrita a tinta na orla branca. A data de nascimento do bebé?, perguntei-me. E depois notei: algumas das fotografias tinham uma segunda data, com um grande X ao lado. A polaroide no canto inferior direito tinha duas datas. A primeira era 2.7.13. Dois de julho de 2013. A segunda data era 13.8.13. Treze de agosto. Apenas há alguns dias.

Virei a cabeça para as mulheres nas camas. A mulher loura chorava, a outra permanecia inconsciente. O bebé no caixão devia ser dela. Tinha nascido aqui. E morrido aqui, neste quarto sujo e malcheiroso.

Lá em baixo, o grito soou novamente, um grito de dor que me gelou o sangue.

Respirando asperamente, voltei a falar com a mulher loura.

— Nós voltamos, está bem? Vamos tratar de que o seu bebé fique seguro.

Ela olhou-me, e depois para o bebé.

Percebi que podia precisar de uma arma quando chegasse lá abaixo, e olhei em volta à procura de uma. Apaguei uma das velas e soltei-a do seu castiçal de metal preto. Avaliei o castiçal na minha mão. Era pesado, sólido.

A Laura já abria a porta, hesitante, e espreitava para as escadas. Segui atrás dela, passando a primeira cama.

Uma mão estendeu-se e agarrou-me a perna.

Gritei, tentei afastar-me. A mulher esquelética na cama fitava-me com olhos enormes, abrindo a boca para revelar que perdera a maior parte dos dentes. Os que sobravam eram brancos, saudáveis, sugerindo que os que faltavam tinham sido partidos ou arrancados. Tropecei numa arrastadeira ao lado da cama, a urina malcheirosa, acastanhada, entornando-se pelo lado e caindo-me no pé.

A mulher sorriu-me, insanidade nos olhos, e eu corri, puxando a Laura através da porta, deixando-a fechar-se atrás de nós.

Por baixo de nós, os gritos tinham cessado. Em vez disso, conseguia ouvir batidas. Alguém a subir as escadas, muito lentamente.

## CAPÍTULO 36



—D  
eixa-me ir à frente — disse eu.

Comecei a descer as escadas lentamente. Embati num degrau solto e tropecei, caindo de encontro à parede, mas consegui manter-me direito.

Virámos a esquina para a parte inferior das escadas, a Laura um degrau atrás de mim.

O homem estava ao fundo das escadas, olhando-nos. Tinha uma arma na mão, uma pistola preta, do género que era usada pelos polícias ou pelos soldados, mas não um agricultor ou um caçador. Tinha cabelos louros, finos e sujos, e parecia andar pelos trinta anos, baixo mas poderoso. Musculoso.

Atrás dele, ao fundo das escadas, estava uma mulher deitada de barriga

para baixo. Blusão preto e calças de ganga, cabelo preto com madeixas vermelhas.

Alina.

Ele ergueu a arma para nós, fez um gesto de chamada com a mão livre.

Não me mexi, tentando desesperadamente decidir o que fazer. Voltar para cima, procurar outra saída? Ele podia atingir-me assim que me virasse e, mesmo que não o fizesse, quais eram as hipóteses de encontrar outra saída? E a ideia de ele nos perseguir através da sua casa escura era ainda pior do que enfrentá-lo aqui.

Desci os últimos degraus, consciente de que ele estava a ver o castiçal. Deu dois passos atrás, passou para trás da Alina, indicando que descêssemos até à entrada.

Estávamos diante dele, os três respirando pesadamente. De repente, percebi: ele também estava nervoso. Não tão assustado como eu e a Laura, claro. Mas havia, definitivamente, medo nos seus olhos.

Virou a arma para a Laura e com a outra mão apontou o bebé. Atrás dela, eu via as costas da Alina subirem e descerem. Estava viva.

— Meu — disse o homem, as palavras desviando a minha atenção da Alina. Fiquei surpreendido por ele falar algum inglês. Indicou a Laura que lhe entregasse o menino.

A Laura não se mexeu. Fitei a arma, sentindo o castiçal na minha mão, tentando perceber se podia bater-lhe com ele. Neste momento, não valia a pena o risco.

— Laura... — comecei.

— Não — disse ela, avançando para a porta.

Irritado, o homem apontou para ela, para o bebé — e depois apontou-me a arma.

— Dá-me o bebé — disse.

A Laura olhou para a arma, depois para mim.

— Laura — disse eu. — Dá-lho.

Foi a vez de ela ficar irritada.

— Dá-mo — disse o homem outra vez, a sua voz um pouco mais alta, a sua raiva crescendo.

A Laura deu um passo na direção dele, estendendo o bebé, e o homem baixou a arma para poder pegar-lhe. O bebé começou a chorar, como se soubesse, pudesse sentir, a quem, a quê, estava a ser entregue. O homem vacilou e a Laura empurrou o bebé para mim, tirou-me o castiçal e brandiu-o na direção do homem. O homem recuou, mas apontou a arma à Laura, que ofegava, segurando o castiçal com força. Eu segurava o bebé que chorava, abanando-o instintivamente, os seus gritos penetrando-me no cérebro.

— Põe-no no chão — gritou o homem por cima do barulho. — O bebé.  
No chão.

A Laura gritou:

— Não!

Mas, que escolha tinha? Baixei-me e pus o bebé ainda aos gritos no chão junto dos meus pés. A Laura desatou a chorar, todo o seu corpo tremendo.

Quando o homem avançou para o bebé, eu corri para a porta, puxando a Laura pelo braço atrás de mim. Ela largou o castiçal e eu abri a porta, convencido de que uma bala me atingiria a qualquer momento. Mas quando arrisquei olhar para trás, vi porque é que a bala não chegara. A Alina pusera-se de gatas e chegara quase ao castiçal. Isto distraiu o homem, precisava de a impedir de lhe pegar.

Puxei a Laura pela porta, até ao caminho.

Ela tentou soltar-se.

— Larga-me! — gritou.

— Não! Laura! Com o caraças, vamos!

— Mas, o bebé... — Ela tremia e gritava e estava desesperada por voltar para junto do menino, mas eu não podia deixá-la.

— Temos de sair daqui. Temos de arranjar ajuda. Ele vem cá fora não tarda!

— Não...

Um tiro.

O bebé parou de chorar.

Ouvi gritos e pensei que era eu ou a Laura — os meus sentidos estavam destrambelhados —, mas depois percebi que os gritos vinham do interior da casa. Era a Alina.

— Anda, por favor. Vamos!

Outro tiro. E desta vez a Alina ficou em silêncio.

Corremos pelo caminho em direção ao limite da clareira. Não havia tempo para encontrar a estrada que eu tinha visto pela janela. O meu coração batia disparado. Ele não tardaria a aparecer e matava-nos aos dois, enterrava-nos aqui e nunca seríamos encontrados. Mais dois viajantes desaparecidos numa terra estrangeira, para não mais serem vistos.

Olhei por cima do ombro e vi a porta abrir-se, a figura negra do homem aparecer e, segurando a mão da Laura, corri mais depressa do que alguma vez corra, descendo o caminho, atravessando a floresta, de volta para a linha férrea. E saímos, irrompendo de entre as árvores, de volta ao carreiro, tropeçando pela linha, quase caindo, um de nós segurando o outro, parando apenas para pegar nas nossas mochilas no limite da floresta.

Corremos todo o caminho até à cidade.

Não falámos.

Não olhámos para trás.

## **PARTE QUATRO**



**LONDRES**

**Novembro de 2013**



## CAPÍTULO 37



**T**erminei a minha bebida, desejando imediatamente tomar outra.

Sentia-me fraco, exaurido. Contar a história, reviver tudo...

— Daniel? Alô? Está tudo bem?

Fechei os olhos. Quando os abri, ele ainda estava ali, à espera.

— Há mais uma coisa. Quando chegámos às árvores, ouvimos mais um tiro, e outro alguns segundos depois.

O Edward pensou um pouco, depois assentiu com a cabeça.

— Foi lá acima e matou as duas mulheres.

— É o que eu penso. Nós tínhamo-las visto; ele deve ter assumido que íamos à polícia. Quis desfazer-se... das provas vivas. Apesar de aquele sítio

estar cheio do seu sangue e ADN. Não sei.

— Talvez tenha decidido que já não tinha uso para elas.

— Como disse, não sei.

— Então, porque é que não foram à polícia? — perguntou ele, franzindo a testa profundamente.

— Fomos. Ou, melhor, tentámos. Fomos à esquadra de Breva, depois de corrermos até à cidade. — Expliquei-lhe o que acontecera na esquadra e como tínhamos acabado a fugir dali também.

O Edward estava pálido, até um pouco enjoado. Não tocara na sua cerveja desde que eu começara a contar a história.

Levantou-se da mesa.

— Vou começar por fazer alguns telefonemas, um pouco de pesquisa. Telefono-lhe amanhã de manhã, *OK*?

— *OK* — disse eu.

— Vem? — perguntou ele.

Abanei a cabeça. Não queria sair do *pub*. Ia ficar aqui e embriagar-me completamente.

Vi-o sair através das portas duplas. Ele conhecia toda a história que precisava de conhecer para me ajudar. Eu tinha feito o que estava certo.

Não me lembro de chegar a casa nem de ir para a cama. A coisa seguinte de que me apercebi foi de que havia luz lá fora e o meu telemóvel estava a tocar. Vi no ecrã que era o Edward. Percebi que estava completamente vestido e o quarto cheirava como uma destilaria. Passava um pouco das onze da manhã e a minha cabeça latejava. A minha garganta ardia como se eu tivesse fumado quarenta cigarros seguidos e, quando me mexia, era dominado por uma horrível náusea. O telefone continuava a tocar e foi quando me lembrei de tudo. Do cocktail molotov. De contar a minha história ao Edward. De ficar no *pub* e me embebedar completamente.

Oh, raios.

Ignorando o telefone, fui à casa de banho e vomitei na retrete. Depois disso, senti-me um pouco melhor. Liguei ao Edward.

— Tentei ligar-lhe ontem à noite — disse ele. — Onde é que estava?

Procurei uma resposta e ele disse:

— Não importa. Tenho algumas coisas para lhe contar. Vou a sua casa.

Tomei um duche, bebi duas chávenas de café forte e vi os meus *e-mails* enquanto esperava pelo Edward. Tinha uma mensagem do Rob.

*Amigo,*

*Sei que estás a passar um momento difícil, mas agradecia muito que não aparecesses aqui à meia-noite a bater à porta com toda a força, atirando pedras à janela da Laura e acordando o Oscar. Levámos duas horas a voltar a adormecê-lo. A Laura deixou claro que não te quer ver. Pessoalmente, acho que vocês os dois precisavam de um abanão, mas se ela diz que não quer estar mais contigo e não deseja nenhum contacto, tens de respeitar isso. Da próxima vez, a Erin vai provavelmente chamar a polícia. E será melhor enviares à Erin uma mensagem de consternadas desculpas, se queres que ela volte a falar contigo.*

*Também acho que tens de largar a bebida por algum tempo.*

*Rob*

Eu estava mortificado. O que é que tinha feito depois de sair do *pub*? E porque é que a Laura se recusava a falar comigo, dizendo que não queria mais contactos? Tive um *flash* de memória que fez todo o meu corpo estremecer: eu, no jardim da Erin e do Rob, atirando pedras à janela e gritando o nome da Laura, como um Romeu bêbedo e rejeitado.

Peguei no telefone e vi as mensagens. Merda. Tinha mandado à Laura mais de vinte mensagens depois da meia-noite, dizendo-lhe que a amava, pedindo-lhe que casasse comigo. Ela enviara uma única resposta:

*Deixa-nos em paz.*

Fui à cozinha, retirei todas as garrafas de álcool do frigorífico e dos armários, destapei o vinho, o cheiro quase me fazendo vomitar, tirei as cápsulas das garrafas de cerveja, e despejei tudo no lava-loiça. Pus as garrafas vazias num saco de lixo e levei-o lá para baixo, depositando-o na reciclagem. Quando olhei para cima, o Edward vinha na minha direção, com as mãos nos bolsos, a cabeça baixa.

— Está tudo bem? — perguntou ele quando me viu.

— Nunca mais volto a beber — respondi.

— Encheu a cara depois de eu sair, não foi?

Assenti com a cabeça, conduzindo-o para dentro.

— Tenho de admitir que me apeteceu fazer o mesmo depois da história que me contou. Mas, pelo contrário, passei a noite a trabalhar. Depois de tratar das coisas com a maldita companhia de seguros. Deviam ser enviados para uma casa dos horrores na floresta. — Ao ver a minha expressão, acrescentou: — Desculpe. Não devia brincar com isto. Tive um pesadelo na noite passada, o primeiro em anos. Bombas incendiárias e mulheres acorrentadas a camas e bebês a rastejar através das chamas. — Estremeceu. —

Depois tive a polícia a rondar logo de manhã, fazendo montes de perguntas sobre quem pode querer ver-me morto.

— O que é que lhes disse?

— Disse-lhes que não fazia ideia. Mas eles querem falar consigo. — Entregou-me um cartão. — Tome. É o número do responsável pela investigação.

Uma grande onda de cansaço passou sobre mim ao pegar no cartão. Teria de falar com a polícia. Ia saber-se tudo o que tinha acontecido.

Pousei o cartão.

— Falo com eles mais tarde. Primeiro, preciso de saber o que descobriu.

— Faça-me um café bem forte e eu conto-lhe.

Enquanto esperava que a cafeteira fervesse, o Edward andou pelo quarto, passando um dedo ao longo das lombadas dos livros, espreitando a rua pelas cortinas, como se procurasse alguém.

Levei dois cafés e ele sentou-se no sofá enquanto eu puxava uma cadeira.

— Devo dizer, Daniel, que a história que me contou parecia apenas isso, uma história.

— Mas é a verdade!

Ele levantou a palma da mão.

— Certo. Não estou a dizer que não acredito em si. A questão é que, pelo que descobri ontem à noite, torna-se ainda mais estranha.

Esperei que ele continuasse, aterrorizado com o que ia ouvir.

— Então, depois de falar consigo na noite passada, fui falar com um tipo que fez alguns trabalhos para mim recentemente. Um tradutor. Fala todas as línguas da Europa de Leste, incluindo romeno. É um bocado paranoico, mas é útil. Pedi-lhe que ligasse para a polícia de Brega e atuasse como intérprete.

Eu estava horrorizado.

— Contou a esse intérprete o que aconteceu?

— Daniel, por favor, ouça. Se estiver sempre a interromper... — Dirigiu-me um sorriso que pretendia ser reconfortante. — Pedi para falar com o agente que me disse que o atendeu. Constantin. Queria confirmar o que me disse.

— O quê? Mas eu tenho a certeza de que ele estava envolvido...

— Daniel, que porra! Eu apenas precisava de verificar. É o procedimento normal. Seria um péssimo investigador se levasse à letra tudo o que ouço. Porque precisamos de descobrir se essa tal Camélia está relacionada com o que viu.

— OK. Faz sentido. — Um punho cerrou e descerrou no meu estômago.

— Então... pedi para falar com o Constantin. Ou, melhor, o meu intérprete pediu. A polícia de Brega, de início, foi bastante evasiva. Queriam

saber por que motivo lhes telefonávamos, de onde falávamos, etc. Então disse-lhes que estava a fazer o acompanhamento de um crime que fora reportado em agosto e eles acabaram por passar a chamada... não ao Constantin, mas a outro agente. Este procurou no sistema e disse-me que não havia qualquer registo de um casal inglês ter denunciado um crime.

O telefone do Edward começou a vibrar. Ele olhou para o ecrã e rejeitou a chamada.

— Onde é que eu ia? Ah, sim. Este agente disse-me que não tinham nenhum registo de tal crime, que atendiam muito poucos ingleses, exceto o habitual tonto à procura de vampiros ou lobisomens. Sabia que Brevia é famosa pelos avistamentos de lobisomens? Pesquisei no *Google*.

Abanei a cabeça.

— Adiante. Perguntei se podia falar diretamente com o Constantin.

— E? Conseguiu falar com ele?

O Edward olhou-me por cima da chavena.

— Não. O Constantin está desaparecido. Ninguém sabe dele há duas semanas.

— Têm alguma ideia do que lhe aconteceu?

— Não me disseram. Mas pareceu-me que não.

— Que mais lhes contou?

— O que me disse acerca da casa e do que tinha visto. Uma versão abreviada, pelo menos.

Eu não sabia como sentir-me acerca disto.

— O que é que eles disseram?

— Dizer que ficaram cétricos é pouco. Isto é, eu estava a falar através de um intérprete e *ele* olhava para mim como se eu fosse louco.

— Então o intérprete *sabe*...

Ele fez um som de irritação.

— Finalmente, arranquei-lhes a promessa de darem uma olhadela na floresta. De encontrarem a casa. Tentei convencê-los de que encontrariam ali o Constantin. O que, sabe-se lá, até pode ser verdade.

Pus-me de pé, fui à outra ponta da sala e voltei para trás. Tinha as pernas a tremer.

— Ainda não tive notícias deles — continuou ele. — Presumo que esperassem por hoje, para irem com luz. Estou à espera de que a polícia de Brevia me telefone.

A ansiedade saía de mim em vagas.

O Edward disse:

— Ouça, não se preocupe com a polícia na Roménia... Eles encontrarão a casa... Talvez haja lá mulheres prisioneiras neste momento. E, no mínimo,

haverá provas dos crimes que foram cometidos. O tipo que fez isto será finalmente travado.

— Tem muita fé na polícia.

Ele encolheu os ombros.

— Talvez. Seja como for, enquanto aguardamos notícias, quero rever tudo o resto que me disse. Está bem?

— Está bem.

— Ótimo. Tem papel? Ou é daquelas pessoas que só usa ecrãs?

Tirei algumas folhas da minha impressora e espalhei-as em cima da mesa entre nós.

— OK — disse ele. — Vamos apontar todas as perguntas, todas as coisas que não fazem sentido, e depois vamos responder-lhes o melhor possível, ver se conseguimos montar este quebra-cabeças.

Entre ambos, passámos os vinte minutos seguintes a escrever as perguntas em maiúsculas e a pôr as folhas de papel por ordem. Tirando as nossas vozes, havia silêncio no apartamento, tanto silêncio que podia ouvir o zumbido dos eletrodomésticos, os radiadores a chiarem, uma voz ocasional na rua lá em baixo. Sabia-me bem fazer isto, era melhor do que teclar a lista dos problemas no meu telefone. Tive um sentimento crescente de gratidão para com o Edward, desejando ter encontrado alguém para me ajudar assim mais cedo. Consegui empurrar para o fundo da minha mente a ansiedade — acerca da minha visita bêbeda à Laura e das mensagens, e do que a polícia de Brevia encontraria — enquanto realizávamos esta tarefa. Recordou-me das noites em que ficava acordado a trabalhar na minha aplicação, a resolver problemas, e o resto do mundo se desvanecia para cinzento enquanto me concentrava no quebra-cabeças diante de mim. A certa altura, ouvi o som de pneus a derraparem na estrada lá em baixo, o estrondo da porta de um carro. Mas estava demasiado concentrado no que fazia para olhar pela janela.

Depois de termos preenchido todas as folhas, o Edward recostou-se e examinou-as, coçando o queixo com o polegar.

— Muito bem — disse ele. — Vamos ver o que temos.

O canto superior esquerdo da folha continha as palavras QUE PROCURAVA A CAMELIA?

— Antes de mais — disse o Edward —, não sabemos se a Camelia está ligada aos eventos perto de Brevia. Partimos do princípio que sim, por ser romena, mas isso pode ser uma coincidência.

— Não pode ser — disse eu.

— Mas não podemos assumir.

— Se disser que assumir é fazer de si e dos outros parvos, despeço-o.

— Tem a certeza de que não a conheceu nem viu enquanto estava lá? —

perguntou ele.

— De certeza que não. Reconhecê-la-ia. É uma rapariga bastante memorável.

— Hum. Dá ideia que sim. Agora... diga-me exatamente o que a Camelia lhe disse em ambas as ocasiões em que se encontraram.

Contei-lhe as nossas conversas o melhor que me lembrava.

— Então, da primeira vez, ela perguntou-lhe se tinha tido uma experiência má com as mulheres romenas.

— E quando eu disse que não, perguntou se eu tinha a certeza. Merda. — Suspirei. — E da segunda vez passou o tempo a perguntar se eu tinha feito algo ilegal, se havia infringido a lei. Repetidamente.

— Tentando levá-lo a confessar algo que você não sabe.

— Nós infringimos a lei — disse eu, sentando-me mais direito. — Fomos para aquela carruagem-cama sem bilhete. Talvez ela quisesse que eu falasse disso.

— Daniel, isso não é propriamente roubar as Joias da Coroa, pois não? Não pode ser isso.

Pensei um pouco.

— Vamos assumir que era mesmo a Camelia naquele vídeo de CCTV, e que também foi ela a responsável pelo roubo. Quando veio ao seu apartamento, primeiro revirou tudo, não foi? Como se procurasse alguma coisa.

— Sim.

O Edward voltou a escrutinar a folha de papel, como se a resposta estivesse escondida entre as palavras.

— Vamos pensar. Temos quase a certeza de que ela se introduziu no seu apartamento três vezes. Ela é a pessoa, seja quem for, com quem trabalha. Uma vez para revirar tudo... e roubar o portátil. Depois para devolver o portátil. E depois, quando voltaram com o cão. — Voltou a coçar o queixo. — Se procuravam alguma coisa, faz sentido que revirassem o apartamento. Mas para quê devolver o portátil? E para quê voltar com um cão?

— Porque me queriam fazer mal. Sabiam que o cão me mataria. — Todo o meu corpo gelou quando eu disse estas palavras. O Edward ficou calado por alguns momentos, depois olhou-me.

— Voltemos a isso. Só preciso de... — Interrompeu-se. — Como é que a Camelia obteve as chaves do seu apartamento?

— Não faço ideia. Não perdi nenhuma chave.

— E a Laura? Desapareceram-lhe algumas chaves?

— Eu... Espere. Sim. Quando voltámos a Inglaterra, a Laura não tinha as chaves dela. Julgámos que se tivessem perdido num momento qualquer

durante a viagem. Mas o ladrão que nos tirou os passaportes deve ter ficado com elas.

— Isso nunca lhe tinha ocorrido?

— Não. Tínhamos tanta coisa na cabeça quando voltámos. Nem nos passou pela cabeça que a pessoa que nos roubara viesse com as chaves ao nosso apartamento.

— Bem, pelo menos isso explica como é que entraram no apartamento.

— E torna ainda mais provável que a Camelia esteja relacionada com o que aconteceu no comboio, com o roubo.

— Bem, talvez ela estivesse no comboio. Ela, ou o seu parceiro de crime. Ficaram com as vossas chaves para poderem vir aqui e assaltar o vosso apartamento.

Abanei a cabeça.

— Isso parece um bocado... improvável. Atravessar a Europa para roubar um apartamento? E porquê esperar três meses? E isso não responde a todas as perguntas. Além disso, devolveram o item mais valioso que tinham roubado. Porquê? — Dei uma palmada na testa. — Nada disto faz sentido. Preciso de outro café.

Fui para a cozinha e enchi a cafeteira, e fiz mais duas chávenas de café instantâneo. Tinha comprado outra vez *Nescafé*. O Jake não o olharia com censura, abanando a cabeça e murmurando sobre o leite infantil.

Enquanto esperava que a água fervesse, o telemóvel do Edward tocou. Ele olhou para mim.

— É uma chamada da Roménia. A polícia.



## CAPÍTULO 38



**L**aura tinha percorrido a faixa de alcatifa entre a cama e a janela no seu quarto em casa de Erin e Rob tantas vezes que estava surpreendida por não a ter gastado a ponto de se ver o soalho. Enquanto andava, roía a pele em redor das unhas, sugando o sangue do polegar, andando, roendo, sugando, andando... Tinha uma palavra presa na mente: Putrescente. Não sabia porquê, nem de onde tinha vindo, mas repetia-se vez após vez: *putrescente, putrescente, putrescente*. Andar, roer, sugar, andar, para trás e para diante, para cima e para baixo e à volta, à volta, à volta.

Forçou-se a parar, respirar, resistir aos dedos que a chamavam, incentivando-a a mordê-los, despedaçá-los, fazê-los sangrar. Encostou a

cabeca ao vidro frio da janela, imaginou que podia sentir a chuva que ali batia acariciar-lhe a cabeça, arrefecer-lhe a testa febril, segura de que conseguia sentir a sua própria pele a apodrecer...

*putrescente*

...e consciente do *tum-tum-tum* do seu coração. Na noite anterior deitara-se a suar debaixo dos lençóis, como lhe acontecia muitas vezes mesmo antes de ter o período, mas este ritmo cardíaco aumentado, o medo trémulo e o desconforto que a percorriam eram piores do que nunca. Piores do que as primeiras noites depois de ter visto as mulheres moribundas naquela casa, antes de ouvir os tiros que as mataram e à Alina. Que mataram o bebé, o pobre bebé inocente de olhos grandes.

Respirou profunda e tremulamente. Ouvia o pequeno Oscar lá em baixo a chorar, ouvia as vozes de Erin e Rob e do casal que os visitava, uma mulher que trabalhava com Erin e o seu marido. Esta mulher — Laura não sabia o seu nome — também estava putrescente... não, *grávida* — grávida! — e Laura tocou na sua própria barriga, perguntando-se se alguma vez teria também um bebé. Se tivesse, mantê-lo-ia sequestrado, dar-lhe-ia a vida perfeita, ao contrário da sua. O bebé seria a sua tábua rasa, e ela manteria o seu filho ou filha livre de mãos que significassem dano, livre de fantasmas, livre do idoso...

Tinha-o visto outra vez no dia anterior. Tinha a certeza de que ele não era também um fantasma: era real, demasiado real. Estava sentado num carro preto e brilhante, estacionado do outro lado da rua, vigiando a casa. Era o género de carro que o Diabo conduz em filmes; o género que para num cruzamento numa estrada no meio de nenhures, convidando o transeunte incauto a entrar, oferecendo-lhe um acordo, uma viagem só de ida para o Inferno. Ela sabia, mesmo enquanto enlouquecia, que estava a dar rédea solta à sua imaginação, que não havia qualquer diabo a conduzir um *BMW* preto, oferecendo viagens a mortais condenados. Mas o idoso era real. Quando viu Laura aproximar-se, ligou o motor e partiu, o carro deslizando silenciosamente pela rua e desaparecendo de vista.

Laura ficara parada no mesmo sítio. Mais uma vez, teve a certeza de já o ter visto. Na noite anterior, quando finalmente entrara num sono entrecortado e inquieto, a resposta chegara-lhe, amortalhada em simbolismo, e embora no pesadelo ela tivesse percebido o significado, quando acordara entre lençóis frios e húmidos, não se recordava de qual era.

Ela contara a Alina acerca do velho, do diabo, e o fantasma ficara ainda mais pálido, se tal coisa era possível. Depois dissera: *Não te preocupes. Eu trato dele quando ele vier.*

Alina escapulira-se antes de Laura poder perguntar-lhe o que significava

a mulher morta.

Nessa altura, abriu os olhos e fitou o local onde Daniel estivera na noite anterior, chamando o seu nome. Não conseguira enfrentá-lo, não suportara falar com ele. Quebrara-lhe o coração vê-lo ir-se embora. Queria correr atrás dele. Mais do que isso, queria correr tão depressa que pudesse parar o tempo, virar o planeta, como o Super-Homem, e apagar tudo o que tinha acontecido desde o último agosto. Mudar o que tinha acontecido naquela casa. Assim, ela e Daniel ainda estariam juntos, ainda seriam felizes.

Percebeu que tinha a cara molhada, que estava a chorar.

*Vai vê-lo, disse uma voz. Fala com ele.*

Encontrou um lenço e assoou o nariz, esfregou os olhos. Havia alguma hipótese de fazerem as coisas funcionar? Mesmo agora?

Lá em baixo, Oscar chorava aos gritos e o som penetrava no crânio de Laura e tornava-lhe impossível pensar claramente. Precisava de sair. Pegou no casaco e, perscrutando mais uma vez o jardim para ver se Alina lá estava, saiu de casa.

Agora, trinta minutos mais tarde, caminhava ao longo da rua onde vivera até recentemente. A neve fora lavada pela chuva, deixando alguns remendos meio derretidos nas sarjetas, e um ocasional floco congelado preso a uma sebe. As suas pernas tinham-na trazido até aqui apesar dos protestos da sua cabeça. Durante todo o caminho, viera a pensar: *Vou parar em breve. Voltarei para trás. Daqui a um minuto.* Mas não conseguia parar de andar, e agora estava aqui. Tinha sido feliz aqui, tinha desfrutado de tempos muito bons. As lágrimas picavam-lhe outra vez os olhos e ela estava avassalada pelos remorsos. Se ao menos...

Ao aproximar-se do edifício onde Daniel vivia, ouviu um barulho e virou-se — o diabo? —, mas era apenas uma raposa, afastando-se dela do outro lado da estrada. Uma linda raposa. Parou no meio da estrada e virou o focinho para ela. Nesse momento, um carro prateado, velho, em mau estado, o oposto do lustroso veículo preto conduzido por um velho, guinchou do outro lado da esquina e avançou na direção da raposa. Laura gritou quando o carro derrapou até parar e fechou os olhos, certa de que ouviria o impacto de metal contra ossos.

Quando voltou a abri-los, a raposa tinha desaparecido. Debaixo das rodas? Ela correu para a estrada, tentando ver, pronta para gritar à mulher atrás do volante do carro em mau estado, uma mulher que a fitava com um sorriso no rosto.

O que é que tinha tanta piada?

A porta do carro abriu-se e uma mulher loura com grossos anéis de prata nos dedos saiu.

— Laura? — disse ela. Tinha o mesmo sotaque de Alina.

— Sim. Quem és tu?

— Entra no carro.

— O quê?

A mulher tirou uma faca de dentro do casaco.

— Entra no carro.

## CAPÍTULO 39



O Edward murmurava para o telefone, de costas para mim, de modo que não podia realmente ouvir o que dizia. A polícia em Breva devia ter encontrado alguém que falava inglês. Como o Constantin. Estava ansioso por ouvir o que o Edward dizia e tentava pôr-me à frente dele, mas ele estava sempre a virar-me as costas, lançando-me olhares irritados até eu desistir.

A chamada terminou.

— Então? — disse eu. — Estiveram na casa? O que é que encontraram?

Ele passou um dedo pela testa.

— Nada.

— Por amor de Deus, conte-me o que disseram.

Ele estendeu a mão e esperou que eu lhe entregasse o seu café. Tive vontade de lhe atirar com ele.

— Encontraram a casa, mas dizem que estava completamente deserta.

— O quê... como se ninguém lá vivesse?

— Exatamente. Ele disse que todo o espaço estava vazio. Não havia comida nos armários; uma única cama enferrujada no que teria sido o quarto principal, com um colchão apenas. Não havia pratos na cozinha, nem chávenas. E, decerto, nenhum sinal do Constantin. — Bebeu o café e estremeceu. — Uma coisa estranha: um dos quartos do último andar parecia ter sido recentemente remodelado. Ainda cheirava a tinta fresca. Mas estava completamente vazio. Encontraram alguma mobília num dos quartos — alguns baús, uma cómoda, umas cadeiras antigas —, tudo tapado com lençóis.

— Então ele partiu. E limpou as provas. — Praguejei baixinho, embora, para ser franco, não esperasse que a polícia encontrasse alguma coisa. De certa forma, estava satisfeito. Queria que aquele sítio, quaisquer vestígios do que tinha lá visto, fossem varridos da face da Terra. Claro que queria justiça por aquelas mulheres, pela Alina, pelos bebés que tinham morrido, mas essa possibilidade parecia-me tão remota... Parte de mim queria ouvir dizer que aquele sítio ardera até ao chão. Era um local maléfico, e este mundo ficaria melhor sem ele.

O Edward continuou.

— Perguntei-lhe se havia algum registo de quem lá vivera. Ele disse que o último residente, de acordo com o seu equivalente do Registo de Propriedade, foi uma mulher que morreu em 1991. A casa esteve vazia nos últimos vinte anos.

— Só que não esteve.

— Quero falar com a Laura — disse ele.

— Porquê?

— Porque quero saber se ela tem vivido o mesmo género de coisas que o Daniel. E... bem, quero verificar a sua versão dos eventos.

Fitei-o, a raiva que escorrera de mim na cozinha voltando a ferver.

— Acha que estou a inventar isto tudo?

— Não, não seja parvo. Quero ver se a Laura se lembra de outras coisas que o Daniel não lembre. Por exemplo, se *ela* viu a Camelia no comboio. Talvez a Laura também tenha tido contacto com a Camelia nas últimas semanas.

— Oh, meu Deus! Tem razão.

— Qual é a morada da Laura?

Disse-lhe e ele escreveu-a no seu bloco.

Eu disse:

— Pode ter sido a Camelia quem tentou empurrar a Laura para a frente do metro. Caraças. Aposto que ela matou o Jake.

— A Camelia? Porque o faria?

— Porque devia saber que falei com ele. E foi atrás dele para ter

informações sobre vá-se lá saber o que procura, pensando que eu lhe teria dito, e... teve de o matar para ele não me dizer que falara com ela. Ou talvez o matasse com a fúria de ele não ter a informação de que ela precisava. — Fiz uma pausa. — E a única razão para não me matar a mim, é pensar que posso levá-la ao que procura.

— Mas tentou matá-lo, não foi? O cão.

— Talvez só tentasse assustar-me.

— Não sei, Daniel. Não faz sentido. Uma mulher magra e leve como a Camelia seria capaz de dominar o Jake?

— Só precisava de o apanhar em desequilíbrio para o empurrar daquela ponte. E sabemos que ela não trabalha sozinha. Provavelmente foi o homem do vídeo. Foram ambos.

— Isto são ainda mais razões para falar com a Laura.

— Mas ela recusa ver-me. Não posso aproximar-me dela.

Ele lançou-me um sorriso malicioso.

— Quem disse que também ia?

## CAPÍTULO 40



A mulher loura não falou durante todo o caminho para o seu destino, fosse qual fosse. Relanceava Laura pelo retrovisor sempre que paravam num semáforo. Laura tentava abrir as portas, mas tinham bloqueios de segurança.

Quando Laura tentou falar, perguntar à mulher quem era, o que estava a fazer, descobriu que as suas cordas vocais não funcionavam. Não só isso, mas todas as palavras na sua cabeça tinham desaparecido. Todas menos uma.

*putrescenteputrescenteputrescenteputrescente*

— Para de fazer essa merda — disse a mulher bruscamente, quebrando o silêncio.

Laura revirou os olhos para ela.

— De morder os dedos. Para com isso.

*putrescenteputrescenteputrescenteputrescente*

Laura sentou-se em cima das mãos.

A mulher praguejou.



— Este trânsito.

Laura forçou-se a recompor-se, a começar a reparar nas coisas. Podia precisar desses detalhes mais tarde. A condutora era leste-europeia, muito bonita. Fumava cigarros. Tinha as raízes a aparecerem. Usava anéis de prata. A caixa de velocidades emitia ruídos sempre que ela fazia uma curva e mudava para segunda.

A necessidade de tirar as mãos de sob o corpo e começar outra vez a roer as unhas era quase avassaladora.

Que mais? O carro era um *Skoda*, o género preferido pelos condutores de táxis, e parecia muito velho, mas não demasiado velho para ter bloqueios de segurança. Havia um rasgão no estofa ao lado dela. E seguiam para leste, através de Islington, subindo a Essex Road, e estavam agora em Hackney. Victoria Park não era longe dali. Continuaram, parando e arrancando, ficaram presas atrás de um autocarro por muito tempo, contornaram a margem de Hackney Marshes. Agora estavam mesmo em East London. Leyton, atarracada depressivamente sob um céu de inverno sem cor. Não tardaram a parar numa sossegada rua secundária à porta de uma casa, ao lado de uma loja vazia. A casa tinha uma porta tapada com tábuas e um jardim fronteiro com vegetação tão alta que se derramava para a rua.

A loura saiu, deu a volta ao carro e abriu a porta do passageiro, apontando a faca na direcção de Laura.

— Sai.

Conduziu Laura às traseiras da casa, onde o jardim parecia ainda mais uma selva do que a parte da frente. A porta das traseiras tinha vários painéis de vidro partidos. A mulher enfiou a mão através de um buraco irregular e abriu a porta por dentro. Mais uma vez, apontou a faca a Laura e mandou-a entrar.

Laura pensou em correr, tentar escapar. Mas, pela segunda vez nesse dia, as suas pernas não obedeciam ao cérebro.

*Vou morrer*, pensou, e percebeu que não se sentia assustada. A morte, concluiu, não seria injusta.

Estava escuro no interior da casa. Cheirava a algo a apodrecer...

*putrescente*

...e os casquilhos das lâmpadas estavam vazios. A mulher conduziu-a a uma sala de estar quadrada. Sacos de lixo pretos tapavam as janelas, por isso estava completamente escuro lá dentro.

— Onde raio está ele? — murmurou a mulher, e o coração de Laura afundou-se. Ele? Quem era *ele*?

*O diabo*, sussurrou uma voz na sua cabeça.

Agora estava assustada.

Sussurrando baixinho, a loira usou o telemóvel para iluminar debilmente a sala, procurando na gaveta de um armário até encontrar aquilo que procurava. Duas velas e uma caixa de fósforos.

*Ela não está a apontar-me a faca agora*, percebeu Laura. Seria o momento perfeito para fugir. Mas, mais uma vez, as suas pernas não fizeram o que ela queria. Estava demasiado hipnotizada pelo que a rodeava. Este sítio, este cheiro, as velas, a mobília velha de madeira escura. Era como aquela casa, a casa do mal...

A mulher virou-se para ela, com um sorriso cruel.

— Bem, parece que somos só tu e eu, Laura. Homens. São *tão* inúteis. — Riu-se amargamente e apontou a faca a Laura, indicando um sofá que parecia ter sido resgatado de uma lixeira. — Senta-te.

Laura conseguiu falar.

— Quem és tu? O que é que queres?

— Só quero fazer-te uma pergunta — respondeu a mulher. Havia uma mala no chão, uma falsificação de uma *Prada*, e a mulher agachou-se e abriu-a, retirando um par de algemas. Empurrou o ombro de Laura e virou-a, depois colocou-lhe as algemas nos pulsos.

— Agora não podes roer as unhas — disse.

Apontou a ponta da faca à cara de Laura.

— Ouve-me, e não fales. Vou fazer-te uma pergunta. Tu vais dizer-me a verdade. Se não disseres, magoo-te, muito. — Pegou na camisola de Laura e puxou-a para cima, revelando o *soutien*. — Corto-te os mamilos. Corto-te os olhos. Vou-te circuncisar, caraças!

Laura estava demasiado aterrorizada para falar. *Já viste pior*, disse a si mesma. *Podes aguentar isto. Fala com ela, chama-a à razão. É uma mulher. Deixar-te-á ir.* Mas, tal como as suas pernas traiçoeiras, a sua língua não funcionava.

— Mas, se responderes — disse a mulher —, se disseres a verdade, podes sair daqui inteira. *OK?*

A sala estava gelada, mas Laura sentia o suor a escorrer-lhe pelas costas, e também algo molhado nas bochechas. Lágrimas. Estava a chorar em silêncio.

— *OK.* Esta é a pergunta. Quando voltaram da Roménia, tinham duas mochilas. Onde estão? E o que é que fizeram com o conteúdo?

Laura fitou a mulher, duvidando se tinha ouvido bem a pergunta.

— Mochilas?

Suspirando, a mulher levantou novamente a camisola de Laura e enfiou-lhe a faca por baixo do *soutien*, entre as copas, a lâmina fria na sua pele. Empurrou e a faca cortou o tecido. O *soutien* abriu-se, expondo-lhe os seios.

Pegou-lhe no seio direito e apertou, fazendo Laura gritar.

— Onde estão?

— As mochilas? Deixámo-las para trás. Na esquadra. Em Breva.

A mulher fitou-a.

— Não acredito em ti. — Encostou a ponta da lâmina à garganta de Laura. — Venderam-na, não foi? É só dizeres, e termina tudo.

— Eu não... eu não sei de que falas.

— Mentirosa! — A mulher gritou-lhe na cara, a saliva a voar e salpicando a testa de Laura. — Mato-te se não me disseres a verdade.

— Deixámo-las em Breva, juro. Não compreendo... o que... o que é que procuras?

A mulher fitou a sua cara, fitou-lhe os olhos por vários segundos, e depois recuou e, para desconcerto de Laura, desatou a rir-se histericamente. Dobrou-se sobre si própria, quase incapaz de respirar. Ergueu o olhar para Laura e, sustendo a respiração, disse:

— Estás a falar a verdade?

— Estou. Juro.

Tão subitamente como aparecera, o sorriso da mulher desapareceu.

— Depois de tudo isto. Deixaram-nas na Roménia. E tu nem sabes do que falo? Santo Deus. — Murmurou qualquer coisa para si própria noutra língua. Depois disse. — *OK*. Vou esperar que ele chegue e podes tu mesma dizer-lhe. Ele que decida o que fazer contigo. Já estou farta desta merda.

*Bang bang bang.*

A loira virou-se para o som.

— Deve ser ele. Finalmente. Porque é que o estúpido não entra sozinho?

Saiu da sala. Laura ouviu a porta de trás abrir, depois um grito de mulher e um estrondo.

O homem entrou na sala e mais tarde Laura ficaria surpreendida por não ter molhado as calças nesse momento.

Era ele.

O diabo.

— Olá, Laura — disse o idoso.

Segurava uma barra de ferro na mão. Fitou-lhe os seios nus por um longo momento, lambendo os lábios, depois puxou-lhe a camisola para baixo, cobrindo-a.

— A chave — sussurrou ele, saindo da sala e voltando um minuto depois para lhe abrir as algemas.

— Vem comigo — disse. — Eu levo-te a casa.

Segurou-lhe o pulso e levantou-a. Pôs um braço em volta dos seus ombros e conduziu-a à porta. Ela sentia-se tonta, enjoada, quase incapaz de se

manter direita. Olhou para os pés, tentando não cair. Quando chegaram à ombreira da porta, ouviu um barulho, como o de alguém a deixar cair um saco pesado, e uma voz que ela já ouvira antes disse:

— Camélia?

O velho suspirou, tirou o braço dos ombros de Laura e inclinou-se para pegar novamente na barra de ferro.

— Espera aqui — disse.

## CAPÍTULO 41



**A**ndei de um lado para o outro no apartamento, vendo o céu escurecer lá fora, desconcertado com tudo o que eu e o Edward tínhamos conversado. A Claudia Sauvage dissera-me que, para recuperar da minha PSPT, precisava de confrontar o que me tinha acontecido, de descascar lentamente as camadas protetoras que construía na minha mente e de lidar com a realidade dos eventos que me tinham assustado tanto.

Mas isso não acontecera. Ao invés, aquelas camadas haviam sido arrancadas, queimadas como se tivessem sido atingidas pelo cocktail molotov atirado para o interior do escritório do Edward, e agora eu sentia-me como aquele tipo de *A Laranja Mecânica* — amarrado, olhos abertos com grampos,

forçado a olhar para as cenas mais horríveis, a prova do coração mais negro da humanidade. Sem aviso, o horror entrara na minha vida real, substituindo tudo. Quando olhava para as fotografias emolduradas na parede, via as polaroides afixadas naquela casa. Ao entrar no meu quarto, encontrava uma mulher macilenta, com espaços negros em vez de dentes, agrilhoadas à minha cama, sorrindo-me. O bebê de um vizinho chorava e eu imaginava-o trancado naquele caixãozinho, batendo na tampa.

Fui à cozinha, desesperado por uma bebida, mas tinha despejado o álcool no lava-loiça. Levei as mãos ao rosto, inspirei fortemente e tentei desesperadamente acalmar-me.

Se eu me concentrasse no quebra-cabeças, talvez resultasse. A Camelia. O que é que ela queria? Peguei numa folha de papel em branco e tentei resumir o que sabíamos, ou pelo menos o que pensávamos saber, até agora.

A Camelia e o parceiro tinham as chaves do meu apartamento. Deviam tê-las obtido na Roménia, o que significava que eram os ladrões do comboio.

Tinham invadido o meu apartamento, vasculhado, levado o meu portátil, que depois trouxeram de volta. Supus que o teriam examinado, mas para quê devolvê-lo? Eu procurara vírus e *spyware* quando o recuperara, e estava limpo.

Depois tinham voltado com o cão.

Finalmente, em duas ocasiões, a Camelia tentara seduzir-me e da segunda vez conseguira, mas parara quando eu fora incapaz de lhe dar a informação que ela queria.

Que informação era essa?

Algo ilegal.

Fechei os olhos e voltei àquela noite na carruagem de comboio. O ladrão — Camelia — ficara com os nossos passaportes, o nosso dinheiro, os bilhetes e as chaves. Havia outras coisas de valor nos nossos sacos, como a máquina fotográfica. Porque é que não a tinham levado? O meu telefone estava em cima do meu peito e era fácil de levar, mas tinham-no deixado.

Porquê?

Porque... A resposta estava quase aqui. Procurei concentrar-me. Porquê levar apenas os artigos que nos causariam mais inconveniência, forçando-nos a interromper a nossa viagem pela Europa? A perda dos nossos passaportes significava que tínhamos de voltar para casa. Era essa a intenção deles, fazer-nos voltar para aqui? Deixar a Europa de Leste? Parecia quase uma partida, uma marotice, algo de que os ladrões não beneficiariam.

Sentei-me mais direito. Isso significava que o objetivo não era o roubo?

A minha mente voou para o vídeo de CCTV. O intruso masculino procurando nas gavetas e armários, a mulher segurando o cão pela trela.

Tinham mesmo trazido o cão para me atacar? Porquê um método tão rebuscado, quando podiam apenas aguardar a sua oportunidade de me apanharem lá fora? Porquê o cão? Imaginei-o então no vídeo ligeiramente granuloso. Puxando a trela, farejando.

— Merda! — gritei.

*Farejando.*

Tinha percebido.

A espera pelo regresso do Edward foi agonizante. Finalmente, ouvi o seu carro parar lá fora e um momento depois ele tocou à campainha. Eu dera voltas à minha lógica mentalmente e tinha a certeza de que tinha razão. Sabia o que a Camelia procurava. Sabia o porquê daquilo tudo.

Droga.

Era a única coisa que fazia sentido. A Camelia e o parceiro, fosse lá quem fosse, tinham colocado droga nas nossas mochilas. Haviam-nos tirado os passaportes, sabendo que assim teríamos de voltar para casa. Duas pessoas de classe média inglesa, de aspeto respeitável, normais, agindo com naturalidade porque não sabiam o que transportavam. As mulas de droga perfeitas. O plano devia ser intercetar-nos assim que chegássemos a Londres e recuperar a droga antes que a encontrássemos.

Não podiam saber que seríamos atirados do comboio. Nem que deixaríamos as nossas mochilas numa esquadra de polícia na Roménia. Ri-me quando pensei nisto. Adorava ter visto as caras deles ao descobrirem. Depois pensei no que teria acontecido se eu e a Laura não tivéssemos deixado as mochilas para trás, se tivéssemos sido apanhados na alfândega a tentar introduzir drogas ilegais no país, e o meu sorriso morreu.

Revi tudo mentalmente. Eles tinham invadido o meu apartamento e vasculhado tudo, depois tinham voltado com um cão para ver se ele farejava a droga. Calculei que o tinham deixado ali porque ele não encontrara nada, talvez num acesso de raiva, para me castigarem. Depois a Camelia voltara para mais uma tentativa, claramente acreditando que tínhamos vendido a droga: era esse ato ilegal que ela queria que eu confessasse.

No meu momento de triunfo, tendo resolvido o mistério, não parei para pensar no resto: como é que isto se ligava com todas as outras coisas estranhas e horríveis que tinham acontecido. Tipo, o que é que esperavam atingir lançando uma bomba incendiária para o escritório do Edward? Tinham assassinado o Jake? Mas porquê? Porquê tentar empurrar a Laura para debaixo de um comboio, em vez de lhe extraírem informação? Se eu tivesse pensado nisto com algum cuidado, teria percebido que esta violência não

encaixava. Se eu fosse um perigoso traficante de droga, não andaria com pezinhos de lã. Teria esperado por mim aqui, prendia-me e torturava-me até obter a informação.

Mas, certo de ter resolvido o enigma, não me interroguei acerca disso. A principal questão que me incomodava era o facto de terem esperado tanto tempo para recuperar as drogas. Tinham passado três meses. Qual era a explicação para isso?

O Edward entrou no meu apartamento e antes de eu conseguir abrir a boca para lhe falar do meu momento *Eureka*, ele disse:

— Não consegue adivinhar quem acabei de ver.

Conduziu-me para a sala, como se o apartamento fosse dele, e atirou-se para o sofá. Eu fiquei de pé.

— Então... fui à morada que me deu, onde a Laura está. Quando estava a estacionar, vi uma mulher junto do portão. Era ela. — Apontou a fotografia da Laura na parede.

O Edward prosseguiu.

— Ia sair do carro e chamá-la, mas ela foi para o jardim. Estava a agir... bem, não a conheço, não sei como ela é normalmente, mas estava com um comportamento estranho. Como se estivesse em choque, ou algo assim. Como se não soubesse bem onde estava.

» Fui até lá e espreitei pelo portão. Foi esquisito, ouvia uma voz de mulher vinda de algures no jardim, mas não via ninguém. Não queria assustá-la, porque assim ela nunca mais falaria comigo, mas queria ver o que estava a fazer. Estaria a falar com alguém? Só ouvia uma voz. A voz parecia assustada, quase... à beira da histeria.

— É assim que ela tem estado ultimamente — disse eu.

Ele assentiu com a cabeça.

— Adiante. Abri o portão o mais silenciosamente que consegui e fui para o jardim. Agora via a Laura claramente. Estava a gesticular, imitando o que parecia ser uma pessoa a bater noutra. E então percebi que falava com alguém.

Fez uma pausa dramática e depois disse:

— Descreva-me a Alina.

— A Alina? Era muito alta, magra, pele clara. Cabelo preto com madeixas vermelhas. Usava um blusão de cabedal preto e *jeans* pretos. Muito atraente, para quem gosta do género. Porque quer saber?

— Porque acabei de ver a Laura a falar com ela.

— O quê? Mas...

— Daniel, a não ser que eu também tenha desenvolvido a capacidade de ver fantasmas, a Alina está bastante viva.



## **PARTE CINCO**



**ROMÉNIA**

**Agosto–Novembro de 2013**

## CAPÍTULO 42



**A**lina parou ao penetrar no arvoredor e ergueu os olhos para o dossel escuro da floresta, ramos pretos entrelaçados de encontro ao céu, um vestígio muito ténue de luar passando entre eles. Ela era uma cidadina. Não hesitava em atravessar uma passagem subterrânea escura, caminhar por um dos bairros mais duros de Sibiu. Preferia mil vezes os espaços mais escuros da cidade a este sítio silencioso e sinistro.

Mas estava aflita para urinar e nem pensar que se ia agachar diante do casal inglês, apesar de eles terem prometido olhar para o lado. Encontraria um sítio ali, perto do início da floresta, não muito para o interior, para tentar salvar aquele plano, assegurar-se de que resultaria apesar do que acontecera.

O plano tinha sido ideia de Ion. Ion... Ainda não decidira se gostava mesmo dele. Era bonito, confiante e competente na cama, sem complexos, ao contrário de alguns artistas e escritores do gênero mais sensível que ela tinha conhecido. Quando Ion dissera a Daniel que estava a escrever um livro, ela tivera de se esforçar para manter uma cara séria. Tinha roubado essa deixa ao ex-namorado de Alina, um tipo com quem Ion estava sempre a gozar. Todas aquelas tretas acerca de colaborar numa novela gráfica também eram mentira. Ion não tinha interesse no seu trabalho artístico, embora gostasse quando ela desenhava mulheres nuas e a incentivasse a dar-lhes seios maiores e traseiros mais curvilíneos. Na verdade, era um idiota. Nem sequer era assim tão duro, era mais garganta. Era um vigarista e um sonhador. Não era um rufia violento. Se o fosse, ela não estaria com ele.

De qualquer modo, quando isto estivesse tudo terminado, quando ela tivesse a sua parte do dinheiro, já tinha decidido que o deixaria. Usaria o dinheiro para conseguir tempo suficiente para terminar a sua novela gráfica. Chamava-se *Mirela* e era a história de uma rapariga que caminhava pela Terra depois de ter sido assassinada por um bando de *serial killers*, procurando vingança. Mirela encontra todos os que estão relacionados com o seu sofrimento e mata-os de uma variedade de maneiras imaginativas. Alina já trabalhava na história há dois anos, passando cada minuto em que não estava na porcaria do seu trabalho de empregada de mesa imersa nesta história de sangue e redenção.

Não acreditava que Ion se importasse muito se ela o deixasse. Teria o seu dinheiro, e Alina sabia que ele tinha um fraquinho por Camelia, que se mudara para Londres no ano anterior, sonhando em fazer fortuna. A última vez que soubera dela, Camelia estava a trabalhar como *stripper*, ou algo assim. Era apropriado para ela. Na escola, Camelia mostrava tudo aos rapazes em troca de dinheiro, desde os catorze anos. Vendia a sua beleza — um gênero de beleza vulgar e óbvia —, e Alina tinha a certeza de que a rapariga acabaria casada com um milionário ou assassinada num beco. O destino dela estava nas mãos de homens.

Alina era diferente. Ia criar o seu próprio caminho, e teria êxito ou fracasso devido aos seus próprios talentos e sorte. Aceitava que, por vezes, outras pessoas ficassem magoadas ao longo do caminho. Por exemplo, sentia-se culpada por estragar as férias do casal inglês, mas não *demasiado* culpada. Eles já tinham dinheiro e eram privilegiados sem o saberem, moles e fáceis de enganar. Qual era o pior que lhes podia acontecer? Como Ion salientara, pessoas assim — ingleses saudáveis, de classe média — não eram revistadas nos aeroportos. Sem passaportes, o seu *grand tour* seria encurtado. Oh, como o seu coração sangrava! Eles iriam para casa, começariam a ter bebés e em

breve esqueceriam tudo acerca da viagem estragada. O melhor era que nunca saberiam o que é que tinham feito passar na alfândega. Viveriam numa ignorância abençoada, enquanto Ion, Alina e, infelizmente, Camelia experimentavam pela primeira vez o que era ter dinheiro.

Começara tudo com um golpe de sorte. Ion conhecia um tipo chamado Kris que tinha roubado um traficante em Sibiu e dera a cocaína a Ion para a guardar enquanto tentava convencer o traficante de que era inocente. Ion, que sonhava em ser um *gangster* mas era demasiado fraco para fazer algo em relação a isso, alinhara, achando que ia impressionar os amigos. Com uma triste inevitabilidade, o traficante e o seu bando tinham torturado e matado Kris. Ion, temendo ser o próximo, sugerira a Alina que se afastassem da cidade por algum tempo. Vendeu-lhe tudo como uma aventura romântica.

Depois veio a boa sorte. Tinha chegado à Hungria quando Ion soube que os traficantes haviam sido presos e condenados pela morte de Kris. Ficariam muito tempo na prisão. Nesse momento, Ion revelou a Alina que tinha meio quilo de cocaína pura na sua mala de viagem.

Ela ficou furiosa. Ele tinha passado a fronteira para a Hungria com droga. Era tão estúpido que não soubesse o que acontecia às pessoas apanhadas com quantidades de droga tão grandes? Prisão para toda a vida. Para ambos.

Mas Ion tinha um plano, que lhe apresentou ao longo da hora seguinte. Envolvia Camelia, o que deixou imediatamente Alina de pé atrás. Mas Ion já falara com a rameira e ela assegurara-lhe conhecer alguém no clube de dança no verão que estaria interessado em comprar as drogas. «Não as posso vender na Roménia», dissera ele. «É demasiado arriscado. Se o bando que era originalmente o dono descobrir, estou morto.» Então, precisavam de levar a coca para Londres.

Alina fitou-o. Levar a droga para a Hungria já fora bastante estúpido, mas transportá-la através de um aeroporto ou num barco, para o Reino Unido? Era a loucura completa. Discutiram um momento acerca do Eurostar, e dos riscos que teria, quando Ion deixou escapar que seria sem dúvida revistado na alfândega devido à sua anterior condenação por posse, algo que Alina desconhecia.

— Mas tu podes fazê-lo — disse ele. — Se me amas...

— Quem disse que te amo? — perguntou ela. — Não vou fazer isso. Não vou correr o risco de ir para a cadeia.

Brigaram um pouco mais até que Ion disse:

— Então precisamos de arranjar alguém que a leve por nós.

Antes disso, decidiram voltar a Sibiu, na Roménia. Tinha de atravessar a fronteira outra vez, mas no comboio os guardas estavam meio a dormir. Se apanhassem o comboio da noite, estariam em estado comatoso.

Avistaram o casal inglês na estação de Budapeste. Não pareciam mochileiros típicos: tinham um ar abastado; pareciam mais limpos, e o homem tinha uma máquina fotográfica cara. Ion deu um toque a Alina e sussurrou-lhe o seu plano. Era um esquema doido.

— Porque é que não vamos ao aeroporto e arranjam um casal inglês ali?

Ion abanou a cabeça.

— No aeroporto, que hipótese achas que teremos de pôr a droga na mala de alguém? Isto é perfeito.

Mais uma vez discutiram, até que Ion finalmente suspirou e disse:

— *OK*, vamos ver como isto corre.

Ela concordou, quase certa de que nada aconteceria. De que acabariam de regresso a casa com a droga.

Porém... a oportunidade surgiu. Ion tagarelou com eles, inventando a história de irem visitar os pais dela que, na verdade, já tinham morrido. Ao princípio, Alina sentira-se desconfortável e reservada, intimidada por aquele casal inglês endinheirado, até perceber que não tinha razões para se sentir assim e decidir alinhar e ser amigável. Na verdade gostara bastante deles, especialmente de Laura, que era doce e muito menos pretensiosa e empertigada do que ela esperava. Sentira genuína simpatia por Laura quando aquele tarado olhara para ela. Daniel também era fixe, embora tipicamente ansioso por falar de si. Mas ela continuava a pensar que não teriam oportunidade de colocar a cocaína nas mochilas do casal, a não ser que um deles conseguisse convencê-los a ir à carruagem-restaurante, ou que fossem à casa de banho ao mesmo tempo, deixando a bagagem ao cuidado dos novos amigos.

Então Ion descobriu o compartimento-cama vazio e persuadiu-os a fazerem uma sesta, prometendo manter-se de olho nos guardas. Depois de eles irem, Ion e Alina permaneceram sentados num silêncio tenso durante algum tempo, antes de Ion dizer: — Espera aqui —, e levar o seu próprio saco para fora da carruagem. Quando voltou, cinco minutos depois, estava a suar.

— Então? — sussurrou ela.

— Está feito — respondeu ele, também num sussurro. — Dormem como bebés. Duzentos e cinquenta gramas em cada mochila. Ambos tinham um saquinho de roupa suja no fundo das mochilas. Pu-la lá.

— Na roupa suja?

— Sim. Bem, acho que não vão parar para lavar as cuecas a caminho de casa. Trouxe os passaportes, os bilhetes e os cartões bancários. Também trouxe as chaves, para o caso de a Camelia precisar delas, e o telefone da rapariga, um excelente *Samsung*. O Daniel tem só uma porcaria de um *iPhone*

5 esfolado, com o ecrã partido, por isso não me dei ao trabalho. Porque é que as pessoas não cuidam dos seus dispositivos...

Alina abanou a cabeça, pensando se estaria a sonhar.

— Que conversa é essa? E os guardas? Quando vierem verificar os passaportes, o que farão? Não os prendem?

— Para quê? É por isto que sou um génio. Vão dizer-lhes que têm de abandonar a Roménia. Que assim que chegarmos ao fim da linha, têm de ir para casa. Suponho que os escoltem até ao aeroporto e os ponham num avião de regresso a Inglaterra. Seja como for, serão forçados a regressar.

— Um génio. — Ela riu-se e ele mostrou-se magoado.

— Porque é que tens de ser tão cabra? Não te queixarás quando puseres as mãos no dinheiro.

Sentindo-se um pouco contrita, ela disse:

— Desculpa.

Ele fez um som de censura.

— Está bem. Estou cheio de fome. A carruagem-restaurante já deve estar aberta. Vou buscar alguma coisa para comer. Se calhar, enquanto estou ausente, podes pensar porque é que és tão cabra comigo.

Ela viu-o sair da carruagem, na direção oposta à dos compartimentos-cama, e a contrição tornou-se raiva. Estava farta que lhe chamasse cabra. Devia pô-lo no seu livro de banda desenhada, como uma das vítimas misóginas de Mirela...

Alguns minutos depois de Ion ter saído, a porta que ele atravessara abriu-se e os guardas de fronteira entraram. Acordaram as poucas pessoas na carruagem e verificaram os seus passaportes. Passaram algum tempo a falar em voz baixa com um passageiro que estava fora da linha de visão de Alina.

Sentia-se suada e tensa. Não partilhava da confiança de Ion acerca do que os guardas fariam quando descobrissem que os passaportes do casal inglês tinham desaparecido. E se revistassem as mochilas deles? O plano terminaria ainda antes de começar, embora se recordasse de que não havia nada que ligasse a droga a ela e a Ion. Contudo, significaria a perda do dinheiro com que ela já contava. Tentou relaxar mas, quando os guardas chegaram junto dela, teve dificuldade em encontrar o seu próprio passaporte, fazendo os guardas dizerem-lhe com maus modos que se despachasse. Fosse pelo que fosse, estavam de mau humor e totalmente alerta. Em estado comatoso é que eles não estavam. Quando recuperou o passaporte, alguém passou por ela, na direção das carruagens-cama; ela só avistou as pernas de um homem.

Finalmente, depois de lhe fazerem uma dúzia de perguntas que a deixaram a suar, os guardas saíram da carruagem e dirigiram-se para a parte das camas. Onde estava Ion? A engatar a rapariga do restaurante, sem dúvida.

Ela levantou-se, foi para o outro lado da carruagem e espreitou para a seguinte, mas não havia sinais de Ion. Quando se virou, viu o velhote cujas malas ela carregara a caminhar na sua direção, provavelmente voltando da casa de banho, que ficava mesmo antes dos compartimentos-cama. Ela sorriu-lhe e esperou que ele se sentasse, depois dirigiu-se aos compartimentos-cama e espreitou pelo vidro engordurado.

Via os guardas à porta de um dos compartimentos. Seria o de Daniel e Laura? Então um guarda fronteiriço separou-se do grupo e veio rapidamente na direção dela, atravessou a porta quase a atirando ao chão e correu pela porta do outro extremo da carruagem. Ela voltou para o seu assento e esperou, desejando que Ion voltasse. E se ele estivesse errado acerca do que os guardas iam fazer? E se prendessem o casal inglês e revistassem a sua bagagem? Teve um súbito rebate de consciência. Ela gostava deles. Pareciam simpáticos, inofensivos. Um casal feliz com um futuro brilhante, planeando ter um bebé e casar. Se os guardas encontrassem a droga, as vidas de Daniel e Laura ficariam destruídas. E, pensou, egoísta, o dinheiro que Ion lhe prometera desapareceria antes de ela lhe deitar a mão.

O guarda fronteiriço voltou a atravessar a carruagem, com o revisor do comboio atrás dele. Mantendo a porta aberta, ela ouviu vozes alteradas, Daniel a protestar. Que havia de fazer? Os passaportes e bilhetes estavam ali, no saco de Ion, e ela podia pegar neles e dizer a Daniel e Laura que deviam tê-los deixado cair no banco.

Se pudesse falar com os guardas, persuadi-los de que vira o casal inglês com os bilhetes e os passaportes quando os guardas húngaros tinham aparecido, que eles eram vítimas inocentes de roubo, que eram estrangeiros tolos que não percebiam que não deviam estar no compartimento-cama... Era a sua melhor opção. Atravessou a porta e foi juntar-se à festa.

Mas não tinha corrido bem, pois não?

Esse era o maldito eufemismo do século.

Abrindo caminho através da floresta, galhos a estalarem debaixo dos pés, com os olhos num sítio a alguns metros de distância onde pudesse urinar, quase se riu. Os guardas tinham sido hostis, tinham-lhe chamado «cabra *punk*», e ela irritara-se, perdera a calma e chamara-lhes «lambe-botas fascistas». Fora a gota de água. No momento seguinte estavam a ser levados para fora da carruagem — Ion ainda ausente —, o comboio estava a parar e eles foram lançados porta fora. O seu telefone ficara para trás e ela não tinha dinheiro. Estava ansiosa por arranjar um telefone e ligar a Ion, para lhe chamar idiota e dizer que aquilo era tudo culpa dele.

Desabotoou as calças e puxou-as para baixo. Os *jeans* eram tão apertados que era impossível agachar-se sem cair para trás ou ficar com urina na roupa. Isto era ridículo. Desapertou uma bota e descalçou-a antes de tirar uma perna de dentro das calças. *OK*, resultaria. Ficou ainda mais contente por ninguém estar a vê-la.

Enquanto se agachava, pensou como, apesar deste contratempo, a situação ainda podia ser remediada. O plano ainda podia resultar. A cocaína continuava nas mochilas, sem ser descoberta. Daniel e Laura não tinham passaportes nem acesso a dinheiro. Teriam de ir para casa. Quando chegassem à cidade, podiam pedir boleia ou vender aquela máquina fotográfica boa para arranjar algum dinheiro para bilhetes de comboio. Ela acompanharia o casal inglês a Bucareste, incentivá-los-ia a apanhar um avião para casa e daria o número do voo a Camelia. O trabalho desta seria interceptá-los, com recurso a um par de assaltantes com facas. Daniel e Laura não ofereceriam muita resistência. Sim, ainda podia resultar. E ela teria a sua parte do dinheiro. Não haveria nenhum dano além de umas férias estragadas para os ingleses.

Terminou e levantou-se, puxou as cuecas e enfiou a perna de novo nas calças. Ia calçar a bota quando ouviu um barulho. O seu coração deixou de bater.

Estava ali alguém? Espreitou para a escuridão e ouviu mais ruídos — um estalido, um restolhar, algo a quebrar —, mas, antes de poder gritar, tinha uma mão sobre a boca e outra no pescoço, uma respiração quente no seu ouvido e uma voz a sussurrar que, se se debatesse ou tentasse gritar, morreria.



## CAPÍTULO 43



Onde raio estava Alina?

De volta a casa, em Sibiu, Ion não podia fazer nada — não podia comer, não podia ir à casa de banho, não podia dormir — sem que esta questão piscasse em néon dentro da sua cabeça. Tinham passado mais de dois dias desde que ele a vira de pé na plataforma do comboio, uma figura a diminuir à medida que o comboio ganhava velocidade. Os dois ingleses estavam ao lado dela, com as mochilas junto deles, no chão. Ele focara-se nas mochilas, um nó a crescer-lhe no estômago, enquanto a preciosa droga, todo aquele dinheiro em forma de pó, se desvanecia na distância.

Porém, pensara ele, sentando-se antes de atrair a atenção dos guardas,

correria tudo bem. A Alina estava lá. Ela garantiria que o plano avançasse, que Daniel e Laura entrassem num avião. Talvez demorassem um pouco a chegar a Bucareste e apanhar um avião se nenhum deles tivesse dinheiro. Mas Alina era inteligente. Ion sabia, apesar das suas referências constantes ao seu próprio talento, que ela era mais inteligente do que ele. Gostava de também ter sido atirado para fora do comboio, ou de ter visto o que se passava a tempo de saltar atrás deles, mas estivera muito ocupado a conversar com uma rapariga bonita na carruagem-restaurante. Ainda assim, pelo menos os ingleses não tinham sido atirados sozinhos. Se dependesse apenas deles, provavelmente entrariam na floresta e seriam comidos por ursos!

Então, Ion esperou. Estava cansado por toda aquela excitação e dormiu muito, como o seu gato de estimação. Assegurou-se de que o seu telefone estava carregado e sempre junto de si. Precisando de alguma erva, vendeu o *Samsung* da rapariga inglesa e passou algumas horas felizes alimentando o seu lado herbal. Viu muita pornografia no seu velho computador. E esperou que Alina telefonasse ou batesse à porta.

Mas ela não fez uma coisa nem outra.

Então, onde raio estava ela?

## CAPÍTULO 44



**A**lina acordou e, instintivamente, tentou virar-se, mas as suas pernas não se mexiam. Todas as manhãs começavam da mesma forma: tentava mover as pernas e depois acordava completamente, lembrando-se de que os seus tornozelos estavam acorrentados à cama. E então, com a luz do dia a entrar pelas fissuras entre as tábuas que cobriam as janelas, todas as outras memórias, o horror da sua situação, abatia-se sobre ela.

Quando recuperava do seu choque diário, sentava-se sempre — isso, conseguia fazer — e espreitava para o berço, certificando-se de que Luka estava bem, esperando que o monstro viesse e o arrancasse do berço para lho entregar. E ela embalava-o e beijava-lhe a cabeça, aquele bocadinho macio e

frágil que ficava por baixo da penugem que era o seu cabelo, e mesmo quando ele chorava, ela não se importava. Apesar de tudo — todas as coisas que o monstro lhe fizera, o medo terrível de que o seu destino fosse igual ao da mãe de Luka —, enquanto tivesse o bebé para cuidar, poderia aguentar.

Ouviu movimento nas escadas e preparou-se. Por vezes ele trazia-lhe o pequeno-almoço — pãozinhos, água, carne. Animais que apanhava em armadilhas na floresta, supunha ela. Inspecionava o quarto, andando por ali enquanto ela comia, examinando as polaroides na parede como o visitante de uma exposição sinistra. Na primeira noite estava ali um pequeno caixão, mas desaparecera há muito.

O monstro era mais baixo do que ela, como o Ion, com um nariz que parecia um bico e cabelo empastado da cor das ratazanas de esgoto. O cimo da cabeça era careca e salpicado de cicatrizes. Tinha a palidez de um homem que nunca via a luz do dia e a sua pele estava sempre coberta de fuligem. Os dentes eram amarelos, com falhas, e a língua estava coberta por uma película branca.

Outras vezes ele vinha e, ignorando-a, punha-lhe o bebé nos braços juntamente com um biberão de leite antes de sair do quarto. Desacorrentava-a e trancava a porta, deixando-a andar pelo quarto, brincar com Luka. Ela tentava não olhar para as fotografias, os bebés e as mulheres que tinham morrido ali. Sabia que a fotografia de Luka estava ali. A sua, porém, ainda não tinha sido adicionada, apesar de o monstro lhe ter disparado a máquina na cara uma manhã. Talvez só pusesse a sua fotografia na parede depois de ela morrer. Talvez funcionasse assim.

O monstro deixava sempre comida para Luka, comida de bebé em frascos, juntamente com champô, cremes e fraldas. Instruía-a para que o bebé estivesse alimentado, limpo e de boa saúde. Ela percebeu rapidamente que aquele era o seu papel: uma ama escravizada. E isto não teria sido tão mau — terrível, mas não o pior destino do mundo — se não fosse o outro papel que ela tinha de desempenhar.

Porque nas manhãs piores, uma ou duas vezes por semana, ele tirava os cobertores de cima dela, atava-lhe os pulsos aos postes enferrujados da cama e, depois de se barrar com um qualquer lubrificante, punha-se em cima dela e penetrava-a. Ela fechava os olhos e tentava não inalar o fedor corporal que emanava dele. Depois de ele se vir e sair de cima dela, ela tentava desesperadamente lavar-se na bacia no canto do quarto, usar um pouco do sabonete do bebé em si mesma. Mas ele não a deixava. Ao invés, de todas as vezes, levantava-lhe as nádegas e colocava uma almofada por baixo, para que o seu sémen permanecesse dentro dela. Deixava-a assim por uma hora, nua e exposta, as mãos e os pés acorrentados à cama, antes de voltar e a soltar. Por

vezes moscas pousavam-lhe no corpo, arrastavam-se na sua pele, e ela remexia-se e arqueava-se, incapaz de as afugentar enquanto se alimentavam da sua carne.

De todas as vezes, ela ficava deitada e soluçava durante horas, apertando o pequeno Luka, rezando a Deus para que a semente do monstro não encontrasse terreno fértil. Para que o seu corpo a rejeitasse.

## CAPÍTULO 45



**I**on saiu do autocarro, embrulhando-se no casaco, e olhou para cima e para baixo na rua, para os edifícios pré-fabricados, as mulheres de rostos tristes empurrando carrinhos de bebé, os carros com chapas de matrícula antigas. Ele pesquisara *online*: Brevia tinha sido uma próspera cidade com minas de ouro, e até tinha um museu do ouro. Riu-se sem humor ao pensar em turistas a visitar aquele sítio. *Ah!* Apostava que Daniel e Laura não tinham incluído aquela cidade fantasma no seu itinerário sofisticado.

Após alguns dias sem que Alina telefonasse, Ion começou a ficar verdadeiramente preocupado. Ligou para Camelia, em Londres, e pediu-lhe que verificasse se Daniel e Laura estavam em casa. Com muito mau humor,

ela concordou e ligou-lhe de volta dizendo que havia luz no apartamento deles, que vira pessoas moverem-se lá dentro. Ficou ali até que alguém que correspondesse à descrição de Daniel fosse à rua pôr o lixo.

Então, eles tinham regressado a casa.

— Vou mandar-te as chaves pelo correio — disse a Camelia — e poderás ir lá a casa verificar as mochilas. Eles já devem ter encontrado a cena... — Tinha paranoia em mencionar as drogas ao telefone. — Podes ver as notícias inglesas? Alguma referência a turistas que encontraram... hum... cenas na sua bagagem?

Camelia tinha-se rido de uma maneira que fizera os testículos dele enfiarem-se dentro do corpo.

— Ion, nem posso acreditar.

— O quê? Porquê?

— Achas mesmo que a tua *namorada* — a palavra escorria desprezo — seguiu o plano original? O que é que terias feito no lugar dela? Recuperavas a *cena* e desaparecias. Vendia-la e ficavas com o dinheiro para ti.

— Não o faria.

— Bem, eu sim. E era exatamente o que a Alina faria. Pegar no dinheiro e usá-lo para comprar canetas e blocos para trabalhar nas suas estúpidas bandas desenhadas. Aposto um milhar de libras — merda, vivo aqui há demasiado tempo — como foi isso que ela fez. Ela não arriscaria que o casal inglês a passasse pela alfândega, o que, convenhamos, era uma ideia absurda, provavelmente a pior que já tiveste, e isso não é dizer pouco.

— Eh. Foi genial.

Camelia riu-se por algum tempo. Ele surpreendia-se a si próprio: mesmo quando ela estava a troçar dele, era-lhe impossível não imaginar os seus seios maravilhosos, que ela lhe mostrara uma vez em troca de três gramas e meio de erva.

— Enfrenta os factos, Ion. A droga...

— O quê? Quem fala?

— A *cena* desapareceu há muito. A tua princesa *punk* ficou com ela e não voltarás a vê-la. E depois de me teres prometido uma parte desse dinheiro, estou condenada a dançar no varão para tarados de pila mole. Obrigadinha.

Desligou.

Quanto mais pensava nisso, mais ele percebia que Camelia tinha razão. Merda, provavelmente a Alina tinha planeado ser posta fora do comboio com o Daniel e a Laura. Arranjar uma grande briga com os guardas e zangá-los tanto que se sentissem compelidos a expulsá-la juntamente com os ingleses. Depois roubaria a cena... a coca — era seguro, recordou-se, se falasse apenas na sua cabeça — das mochilas e arranjaria alguém que a comprasse.

Furioso, foi ao quarto onde Alina deixara alguns dos seus trabalhos artísticos, o livro de banda desenhada em que trabalhava há meses, e desfez tudo em pedaços. Não se sentia melhor, por isso esmurrou a parede, mas doeu-lhe como um raio. Gritou, fazendo o gato disparar para fora do quarto, e depois olhou em volta, para o pardieiro onde vivia. Precisava daquele dinheiro. Tinha planeado tudo o que ia comprar. A televisão nova, a cadeira de jogos, o tapete de pele de urso. Fora roubado.

Ela não se ia safar com aquilo.

\* \* \*

Encontrou um quarto pequeno e barato num hotel de Breva que cheirava a couves e a peidos induzidos por couves, e atirou o saco para cima da cama. Sentia-se como um caçador de recompensas, refazendo os passos de Alina.

Já estivera na estação onde Alina e os ingleses tinham sido atirados para fora do comboio. Era um sítio sinistro, nem uma alma à vista, a não ser que se contasse a pequena matilha de cães que rondava por ali. Um deles rosnou-lhe e ele atirou-lhe uma pedra, fazendo-o ganir e fugir. Avistou um mapa dentro da sala de espera abandonada e deu um pontapé na porta para poder entrar e ver melhor.

Para onde teriam ido a partir dali?

Saiu para dar uma olhadela na aldeia abandonada, na estrada silenciosa. Era possível que tivessem apanhado uma boleia, mas que trânsito poderia haver a meio da noite? Nenhum. Decerto, tinham-se dirigido à cidade mais próxima, Breva. Imaginou-os ali sentados, esperando pela primeira luz do dia, e depois caminhando para a cidade ao longo da estrada. Era o que ele teria feito.

E aqui estava ele, tendo caminhado pela floresta, maravilhosa à luz da manhã. Alina estivera ali. Podia senti-lo. Tinha uma fotografia dela e mostrou-a pela cidade, entrando em bares e lojas, perguntando se alguém se lembrava dela. Ninguém se lembrava. Todos olharam para a fotografia com expressões vazias. Os jovens perguntavam-lhe como era a vida na cidade grande, e ele falava-lhes das grandes riquezas que aí havia, como era um sítio onde os sonhos se tornavam realidade. Levou uma rapariga local, de olhos



assombrados, para o seu quarto com cheiro de peidos e mostrou-lhe o seu talento debaixo dos lençóis até o tipo do quarto ao lado bater na parede. Na noite seguinte houve outra rapariga e na noite a seguir a essa foram duas. Tencionava ficar na cidade alguns dias, até descobrir alguma informação útil acerca de Alina, ou fracassar. Acabou por ficar mais de um mês.

Em casa era um zé-ninguém. Uma formiga na colónia. Ali, contudo, como o estranho exótico, o homem da cidade grande, era alguém, e isso agradava-lhe. Se calhar podia ficar ali para sempre, dormir com todas as raparigas da cidade, embora isso fosse arriscado. Já tivera de se esconder por alguns dias depois de o namorado de uma das raparigas com quem dormira descobrir e vir à procura do forasteiro. Apesar do seu corpo musculado, Ion era um cobardolas quando se tratava de violência; era uma das razões para os gangues da sua zona não o aceitarem. E além do perigo de namorados ciumentos, estava a ficar sem dinheiro, e não havia trabalho ali, mesmo que quisesse.

Precisava do dinheiro que ganharia com a venda da cocaína. E se a Alina já a tivesse vendido e gastado o dinheiro, ele contentar-se-ia com a vingança.

Mas não tinha forma de a descobrir, nenhuma pista. Até encontrar o polícia.

## CAPÍTULO 46



**A**lina estava ali há quarenta e nove dias. Tinha contado os pores do

Sol. Algumas vezes entrara em pânico, certa de que se esquecera do número, mas depois lembrava-se. O pequeno Luka já quase gatinhava, rebolava e sorria-lhe. Seria um menino grande e forte. Ela sentia o orgulho inchar-lhe no âmagô.

O seu período tinha vindo no dia anterior. Quando o monstro viu o sangue, bateu-lhe, esmurrando-a novamente quando ela se riu e troçou dele, dizendo que preferia morrer a conceber um filho dele.

Via Luka a brincar com a roca de madeira que o monstro lhe deixara no berço e perguntou-se o que estaria Ion a fazer naquele momento. O que teria

feito depois de sair do comboio? Estaria à espera de que ela lhe telefonasse? Tinha ficado preocupado quando ela não o contactara? Importar-se-ia? Sabia que ele não denunciaria o seu desaparecimento às autoridades por causa da cocaína. Teria demasiado medo de perguntas. Mas, e o plano? O que é que o casal inglês tinha feito a seguir? Tinham levado a droga involuntariamente para Inglaterra? Camélia assaltara-os, conforme o plano? Agora conseguia imaginar Camélia e Ion, tendo decidido dividir os lucros por dois, satisfeitos por ela ter desaparecido. Quando o monstro a violava, ela evocava imagens do antigo namorado e o ódio consumia-a, criando um campo de forças que a protegia da realidade do que estava a acontecer. A ideia estúpida tinha sido *dele*, a culpa era toda *dele*. Ficava deitada na cama e imaginava-se a magoá-lo, uma fúria vermelha envolvendo-a, e as suas fantasias alternavam entre esmagar a cara do monstro com um tijolo e esmagar a cara de Ion, até os dois se tornarem intercambiáveis. Quando o monstro lhe batia, era como se Ion lhe batesse. Quando o monstro lhe abria as pernas, lembrava-se de como Ion fizera o mesmo, e arrependia-se de cada segundo que lhe concedera.

E Daniel e Laura? Ao princípio, convencera-se de que procurariam ajuda, iriam à polícia. Eles tinham ido ali procurá-la, tinham fugido — graças a si! — e ela tinha a certeza de que mandariam alguém resgatá-la. Nessa noite, o monstro matara as duas mulheres naquele quarto, substituindo-as por ela. Ela vira-o arrastar os corpos para fora do quarto.

No seu primeiro dia inteiro ali, acorrentada à cama, tentando ser corajosa, ser desafiante, ouvira vozes lá em baixo, e convenceu-se de que era a polícia, fazendo perguntas. Gritara até parecer que a sua garganta sangrava. Mas ninguém viera durante horas, e depois viera só ele, o monstro, e foi a primeira vez que ele lhe bateu, com o pequeno Luka a ver por entre as grades do berço. Nessa noite tinha acordado e sentido alguém por cima dela. Duas pessoas, tinha a certeza. Mas sentia-se demasiado aturdida da tarefa para focar a vista, e não tardou a ficar inconsciente.

Durante dias, depois disso, ela esperou, mas ninguém veio.

E, a cada dia que passava, o seu ódio pelo casal inglês crescia.

A luz entre as tábuas da janela indicou-lhe que o Sol já nascera há um par de horas, mas o monstro ainda não viera vê-la. Luka chorava, com fome, estendendo os braços para ela no seu berço. Doía-lhe o peito de o ver assim, mas, ao mesmo tempo, isso permitiu que a esperança nascesse. Talvez o monstro se tivesse ido embora, ou estivesse morto. Era verdade que os seus tornozelos estavam amarrados à cama, mas se tivesse tempo suficiente, tinha a certeza de conseguir libertar-se.

Mas então a porta abriu-se e, como sempre, ela preparou-se. Iria ele descobrir que o seu período tinha começado? Ao seu lado, Luka gemeu quando alguém entrou no quarto e acendeu a luz.

Não era o monstro. Este homem era mais velho e careca. Apesar da sua idade, parecia em boa forma, com ombros largos e um corpo com mais músculos do que gordura. Ela reconheceu-o mas a sua cabeça estava tão transtornada que não se lembrava de onde.

Começou imediatamente a balbuciar.

— Tem de me ajudar, estou aqui prisioneira, um homem raptou-me. É da polícia? Oh, Deus, por favor, Deus, veio para me salvar?

Ele ignorou-a, dirigiu-se ao berço e levantou o bebé, afagando-lhe a cabeça e fazendo barulhinhos para o reconfortar. Luka era um bom menino e não tardou a calar-se. O homem virou-o de um lado para o outro, inspecionando-o. Finalmente, acenou com a cabeça e pô-lo de volta no berço, deu-lhe um biberão de leite e ficou a ver o bebé a bebê-lo.

Virou-se para ela. Parecia divertido. De onde é que o conhecia? Pensou lembrar-se, mas o conhecimento fugiu-lhe.

Ele sentou-se na ponta da cama e acariciou-lhe a face.

Falou na língua nativa de ambos.

— Fizeste um bom trabalho a cuidar do pequenino. Muito bem. — Deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Luka — sussurrou ela.

— Puseste-lhe nome? — Ele sorriu. — Agrada-me... mas em breve ele terá outro.

Ela pestanejou para ele. Estava tão fraca, faminta, exaurida de vida e energia. Estava suja e precisava de um banho quente, tampões e roupas limpas. As lágrimas escorriam-lhe pela sujidade da cara.

— Está aqui para me salvar? — perguntou.

Ele acariciou-lhe novamente a face, limpando-lhe uma lágrima e depois olhando com censura para a mancha cinzenta no seu polegar.

— Receio que não — disse ele. — Não a ti. Não agora. Estou aqui para levar o pequeno Luka.

Ela saltou, tentando apoiar-se nos cotovelos.

— Não!

O homem pediu-lhe silêncio.

— Não te preocupes com ele. — Pousou uma mão na sua barriga nua. A palma estava gelada. — Em breve, se tudo correr bem, terás o teu próprio bebé para cuidar.

Ele levantou-se, o colchão a chiar, voltou para junto do berço, inclinou-se para tirar Luka, que tinha despejado o biberão, leite espumoso manchando o

plástico.

O homem encaminhou-se para a porta.

Alina gritou:

— Por favor, não, não o leve. Ele é meu. É o meu bebé. Luka!

O homem parou, inclinando a cabeça para lhe examinar o rosto manchado de lágrimas. A forma como a fitou recordou a Alina um agricultor a avaliar gado. Por um único momento maravilhoso, pensou que ele ia mudar de ideias, deixá-la ficar com o bebé. Ao invés, levantou o braço gordinho do bebé num gesto de adeus.

— Adeus, adeus, mamã — disse o velho numa voz aguda. Enquanto Alina soluçava, o velho riu-se e levou o bebé para fora do quarto. Ela ouviu os seus passos pesados a descer as escadas.

Passaram-se vários dias. Ela não conseguia dormir sem os sons suaves e fanhosos que o bebé fazia. Chorava como se fosse a sua mãe verdadeira. Quando não estava a pensar em Luka, tentava lembrar-se de onde tinha visto o velho que levava o bebé, mas o interior da sua cabeça estava tão enublado que sempre que pensava ter uma resposta, esta escapava-se-lhe.

Pouco depois da madrugada do terceiro dia sem Luka, ela ouviu uma batida lá em baixo. Alguém batera à porta da frente. Queria gritar mas tinha demasiado medo de enfurecer o monstro. Ficou em silêncio e distinguiu vozes de homens. Eram três, tinha a certeza. Fazia sentido: o monstro, o velho e o recém-chegado.

Conversaram por algum tempo, e depois ela ouviu passos na escada. Pelo menos duas pessoas subiam. Preparou-se, puxando o cobertor esfarrapado por cima do corpo.

O velho entrou primeiro e acendeu a luz, seguido por um homem gordo com um uniforme de polícia. Por um momento, a esperança irrompeu dentro dela.

— É bonita — disse o polícia gordo. Aproximou-se mais da cama. Tinha mãos grandes e veias quebradas no nariz. Um alcoólico. O pai de Alina tinha veias assim.

— Não é? — disse o velho. — Uma das melhores que já tivemos. — Tirou-lhe o cobertor de cima. — Alina, despe o vestido.

Ela abanou a cabeça.

— Despe — disse ele rispidamente, levantando o punho. O polícia observava, com uma expressão inescrutável.

Com os braços a tremerem, ela tirou o vestido pela cabeça, expondo o corpo nu. O quarto estava gelado e ela abraçou o corpo, tremendo.

— Queres ir com ela? — perguntou o velho.

— Não, não é preciso. É um bocadinho cedo para mim. — O polícia riu-se. — Hoje em dia, prefiro ver.

*Demasiado gordo e demasiado fraco para o pôr de pé*, pensou Alina.

O velho acenou de forma cúmplice.

— Bem, agora que já viste, podemos ir para baixo que está mais quente.

— Oh, é preciso? — disse o polícia, com os olhos ainda a percorrerem o corpo de Alina. — Não podemos antes conversar aqui?

O velho riu-se e abanou uma mão.

— Oh, sim. Não vais contar a ninguém, pois não, Alina? — Voltou a rir-se. — Tira os braços de cima do peito, rapariga. Mostra-nos o que tens. Isso mesmo.

O polícia fez um som baixo, como se sugasse os seios com que os seus olhos se banquetavam.

O velho foi à porta e gritou lá para baixo:

— Dragoş! Traz-nos uma garrafa de vodka e dois copos. Para isso não é demasiado cedo, pois não, Constantin?

— Oh, não. Para isso nunca é demasiado cedo.

O monstro apareceu — então o seu nome era Dragoş — com a bebida e os copos, como um mordomo num filme de terror a preto-e-branco. Foi buscar duas cadeiras e, depois de Dragoş sair do quarto, os dois outros homens sentaram-se, ajeitando as cadeiras para manterem uma boa vista sobre ela, e abriram a garrafa.

— Como vai o negócio? — perguntou Constantin sem tirar os olhos dela. Meu Deus, o homem ia ejacular mesmo ali?

— Oh, nada mal. Acabei de fazer uma excelente transação. Mas dava-me jeito algum gado novo.

— Aviso-te se me aparecer alguém apropriado — disse Constantin.

— Sim. A procura por material de alta qualidade está maior que nunca. Especialmente entre os russos.

— Mas neste momento só tens esta porca?

O velho assentiu com a cabeça e Alina pestanejou. O polícia tinha-a mesmo comparado a um animal. Ela combateu a necessidade de lhe cuspir em cima. Se pudesse libertar-se daquelas grilhetas, deitar mão a uma arma... Bloqueou a realidade, entretendo-se com visões sangrentas do que podia fazer-lhe com um pau afiado e uma pequena faca. *Gosto de ver*. Ela havia de lhe arrancar os malditos olhos. Nem era preciso cortar-lhe a picha mole.

— Então, conta-me o que se tem passado na cidade — pediu o velho. — Foi disso que vieste falar-me, não foi?

Constantin acenou na direção de Alina.

— Tem andado um jovem em Breva, à procura desta, a fazer perguntas.

— A sério? Como é que ele é?

— Hum. Rapaz de ginásio, cerca de um metro e setenta, vinte e poucos anos.

O Ion! Oh, Deus, ele andava à procura dela. Não tinha desistido. Ela tentou manter uma expressão neutra, mas o velho estava a sorrir-lhe.

— Isso parece o namorado do comboio. Que querido. Veio procurá-la, para a salvar.

O polícia relanceou Alina, que ainda tentava que as suas emoções não a denunciassem. Já não se sentia completamente sozinha. Ion preocupava-se com ela. Sentiu-se imediatamente mais forte.

— Mas não te preocupes. Tratei disso. Mande-o embora, à procura de laranjas.

Alina engoliu em seco. Esta era uma expressão usada muitas vezes pela geração mais antiga, datando de um tempo em que essa fruta era impossível de encontrar nas lojas do país.

— Ótimo — disse o velho. — E novidades de... um casal inglês? Alguns visitantes britânicos em Breva?

O velho baixou-se para pegar na garrafa de vodka ao dizer isto, por isso não viu a expressão que perpassou no rosto de Constantin ao responder:

— Não. Porque perguntas?

Sentado agora direito, voltando a encher o seu copo, o homem respondeu:

— Oh, só uma coisa que ouvi dizer.

Constantin abanou a cabeça e sorriu.

— Não temos muitos visitantes de Inglaterra em Breva. Alguns entusiastas do comboio a vapor, há algum tempo, talvez um ou dois visitantes no Museu do Ouro. Ah, e um tipo obcecado com lobisomens.

— Ah. Pronto, ainda bem.

Depois de os homens saírem, embriagados e a dar palmadas nas costas um do outro, Constantin lançando um último olhar guloso mas impotente ao seu corpo, Alina colocou o vestido sujo e estendeu o braço para o cobertor. Não o alcançava. Abraçou o corpo, tremendo.

Porque é que o polícia tinha mentido acerca de Daniel e Laura? Ela tinha visto a sua expressão. Sem dúvida que se encontrara com eles. Teriam tentado reportar o que viram? Podia imaginá-los a falar com Constantin, ele a prometer-lhes investigar, os britânicos ingênuos confiando neste polícia corrupto.

Talvez achassem que tinham feito o suficiente. Ela cerrou os punhos, cravando as unhas nas palmas. Patético. Porque ela ainda estava ali. Eles estavam em casa, são e salvos. E ela sem dúvida ia morrer ali, uma porca

chacinada num matadouro.



## CAPÍTULO 47



**L**on sentou-se na sua cama, de volta a casa em Sibiu. A primeira coisa que fizera ao voltar, exausto e desanimado, fora chamar o seu gato lá fora. Mas, após dois meses, o animal tinha decerto encontrado outra pessoa que o alimentasse.

Depois de conhecer o polícia prestável, Constantin, tinha ido para Bucareste à procura de Alina. Segundo o polícia, Alina estivera em Brevia pouco depois do incidente no comboio. O polícia, que parecia muito mais simpático que os canalhas na sua terra, fora falar com o homem da bilheteira da estação, que se lembrava de ter vendido um bilhete para Bucareste a uma rapariga que correspondia à descrição de Alina.

Então Ion fora para Bucareste. Nesta altura, tinham passado sete semanas. O progresso na cidade foi lento. Andou por bares e clubes noturnos de mau aspeto, mostrando a fotografia de Alina a clientes e porteiros. Uma semana depois, um viciado em heroína que Ion encontrou num *hostel* afirmou que vira essa rapariga a vender droga, não sabia exatamente o quê, num clube chamado Sapphire no bairro de Dristor. Ion desperdiçou mais uma semana a deambular nesse lugar pouco respeitável, mas não havia qualquer sinal dela, e mais ninguém a tinha visto. Ion percebeu que o viciado em heroína lhe tinha mentido.

Então aconteceu algo mesmo mau. Atraiu a atenção de um grupo de *gangsters* locais, que queriam saber o que andava a fazer, se tentava roubar-lhes o território. Deram-lhe uma sova que o pôs no hospital por duas semanas. Assim que se sentiu melhor, quando já não precisava de analgésicos de quatro em quatro horas, voltou para casa.

Destroçado e farto da busca infrutífera, gastou o resto do dinheiro num saco de marijuana de potência industrial e fechou-se com a sua *Xbox*. Podia ficar assim até que a fome o forçasse a sair para arranjar um emprego e prosseguir com a sua vida.

E, então, Camelia tinha telefonado.

— Então? — disse ela. — Encontrei-a?

Ele resmungou ao telefone.

— Não. Desapareceu da face da Terra. Um polícia em Breva...

— Onde?

— É um buraco na Transilvânia. Disse-me que a tinha visto, que ela tinha ido para Bucareste. Mas era o mesmo que encontrar uma virgem em... — Disse o nome do bairro social onde ele e Camelia tinham crescido.

— Foda-se. — Ela suspirou e mudou para um tom de voz que ele conhecia bem. A Camelia doce e sedutora. — Posso pedir-te um favor? Podes emprestar-me dinheiro?

Ele desatou a rir-se.

— Estou nas lonas, Camelia. Não tenho dinheiro nenhum. Ontem recebi uma ordem de despejo. Vou ter de arranjar um emprego. Por sorte, conheço muitos traficantes, mas...

Ela interrompeu-o.

— Também tenho os meus problemas financeiros — disse ela. — Sabes que devo uma data de dinheiro aos tipos que me ajudaram a vir para aqui? Tenho estado a pagar-lhes trabalhando no clube. Agora dizem que querem o seu dinheiro de volta mais depressa. Querem que entre no jogo.

— Pois.

— Que me torne uma prostituta, Ion.

— Isso é... mau?

— Vai-te foder — cuspiu ela. Parecia à beira das lágrimas. Ele esperou até que ela se recompusesse. — Então, encontraste alguma prova de que a Alina vendeu a cena? Ou que tenha tentado vendê-la?

— Não, nenhuma.

— Merda. Talvez eu estivesse enganada. Talvez, afinal, o casal inglês a tenha trazido.

— Mas tu disseste...

— Sim — interrompeu ela rispidamente. — Sei o que disse. Achei que era a explicação mais provável... Olá, ainda estás aí?

— Sim. Estou só a pensar. Se ela não vendeu a cena, o que é que terá acontecido à Alina? Onde é que ela está?

— Sei lá! Mas aposto que os nossos amigos ingleses sabem. Pensei que fosses capaz de encontrar a Alina, que ela tivesse deixado um rasto de visco *punk*. Mas agora... só temos os ingleses. São a nossa última hipótese de obtermos aquele dinheiro. Concordas?

Ion assentiu com a cabeça.

— Então?

— Desculpa, estava a dizer que sim com a cabeça.

Ela fez um som exasperado.

— Estou desesperada, Ion. Se não conseguir arranjar algum dinheiro rapidamente, terei de fugir. — Então começou mesmo a chorar, um som que Ion não suportava. — Não sei o que hei de fazer.

— Calma, calma.

— Tens as chaves do apartamento deles, não tens? Manda-mas. Quando estiverem fora, entro lá e dou uma olhadela. Mesmo que não encontre a cena, eles devem ter montes de coisas que posso vender. O gajo parece do género de ter um computador topo de gama. Ela deve ter joias. Pode haver dinheiro por ali. Por favor, Ion.

Ele concordou em ligar-lhe mais tarde, depois olhou à sua volta, para a alcatifa suja, a mobília sem qualidade, a notificação de despejo pousada com o texto para baixo no aparador. Pensou que teria de começar a vender drogas para um cabrão qualquer que o trataria como a um escravo. Mas conseguiria pagar um bilhete para Inglaterra? Talvez, se fosse de comboio. Demoraria um pouco mais, mas, se vendesse a *Xbox*, a erva que lhe restava, fosse visitar a tia e se servisse de algumas das suas joias...

Amaldiçoou a ideia de ter desperdiçado os últimos três meses. Mas Camelia tinha razão. Os ingleses deviam saber alguma coisa. Procurou *online* notícias inglesas. Não havia nada acerca de um casal inglês que voltasse para o país com um carregamento de cocaína, e ele tinha a certeza de que isso teria

sido notícia. Sabia que não tinham sido detidos na alfândega. Isso significava que ainda havia uma hipótese de terem a cocaína ou o dinheiro, caso a tivessem vendido. Era melhor do que estar ali sentado sem fazer nada. E, no final, havia uma hipótese de ser rico.

E ele sempre quisera conhecer Inglaterra.

— Aguenta — disse quando telefonou a Camelia. — Vou para aí. O teu cavaleiro numa armadura brilhante.

## CAPÍTULO 48



**H**oje era o dia em que ela ia fazê-lo. Pôr um fim àquilo. Riu-se ao

imaginar a cara dele quando entrasse no quarto e a encontrasse ali, numa poça do seu próprio sangue. Que faria? Choraria? A ideia fê-la rir-se novamente, o riso borbulhando através dela como água a sair de um cano acabado de desentupir. Durante meses, rir parecera-lhe algo que não voltaria a experimentar — como cerveja e piza e lençóis macios e compras e viagens de autocarro e pinturas de cabelo e amigos e praias e TV e livros e música e mimos e felicidade. Mas agora, que tinha começado, não conseguia parar. *Sangue, sangue, glorioso sangue*, cantou para si mesma, mudando as palavras de uma canção inglesa que ouvia quando era pequena, e tocou as veias dos

seus pulsos, perguntando-se se doeria e se ela se importaria. E de repente, tal como começara, o riso parou.

Perdera a conta dos dias que tinha estado ali. Depois de o velho levar o Luka (o pequeno Luka — ela já não se lembrava do seu cheiro; mal se conseguia lembrar da cara dele), deixara de contar os pores do Sol. Todos os dias se misturavam, embrulhavam e escorriam juntos como uma pintura à chuva. Apenas sabia que ficava cada vez mais frio no quarto, que mesmo com todos os cobertores a embrulhá-la, continuava a tremer. Tinha a certeza de que o Natal chegara e passara. Já era um novo ano.

Passava todos os dias deitada na cama, fantasiando a vingança. O polícia, Constantin — empurrá-lo-ia de uma grande altura para cima de grades pontiagudas, que lhe perfurariam o cu e arrancariam as entranhas enquanto ela estremecia de gargalhadas. Laura e Daniel, apesar das suas tentativas patéticas de a salvarem — obrigá-lo-ia a ver enquanto cortasse a garganta de Laura e se banhasse no seu sangue, e depois cortava-lhe a pila a ele e obrigá-lo-ia a comê-la antes de lhe cravar um prego de vinte centímetros no peito franzino. O velho, que não via há muito tempo — tinha uma punição especial a aguardá-lo. Passava as horas a sonhar com ácido sulfúrico, facas, vinagre, cordas, martelos e tenazes. Por vezes tomava consciência de que verbalizava as suas fantasias — e de que o monstro estava a ouvir, excitado com o que ouvia, tirando a roupa. Essas eram as vezes piores.

O monstro subia para a sua cama de dois em dois ou de três em três dias, mais frequentemente a meio do mês. Enquanto o fazia — nunca demorava muito —, ela imaginava-os juntos no Inferno. Mas ele seria uma alma condenada e ela seria um anjo caído, parte do exército de Satã, e passariam uma eternidade de tortura e sofrimento juntos.

Todos os dias ela esperava que ele a matasse para poder ir para o Inferno e aguardar por ele.

Por vezes, quando ele estava em cima dela, olhava por cima do ombro e via uma fenda abrir-se no centro do quarto escuro, um rasgão na trama do mundo, latejando nas extremidades, e imaginava-se a atravessá-lo, escapando deste mundo. Nessas visões não ia para o Inferno, mas voltava para a sua antiga vida, a cidade, e correria pelas ruas, esquivando-se ao trânsito, rindo, deslumbrada com as luzes e inebriada pelos maravilhosos fumos de exaustão. O monstro não podia segui-la até ali. Por vezes, a fenda aparecia quando ele não estava por perto, durante os seus quarenta e cinco minutos diários de liberdade, mas quando ela avançava para lá, a fenda fechava-se, como se tivessem puxado um fecho, e desaparecia.

O seu período viera novamente esta manhã. Dragos ainda não tinha visto. Foi ao quarto, como sempre, à primeira luz, com o seu pequeno-almoço num

tabuleiro. Água e papas de aveia. Desprende as correntes que lhe seguravam os tornozelos e saiu do quarto, permitindo-lhe quarenta e cinco minutos para se exercitar e lavar. Sabia que ele a inspecionaria quando voltasse, para ver se estava grávida. O sangue causava-lhe repugnância. Ela, como mulher, repugnava-o. Via isso na cara dele. Devia ser por isso que nunca ficava a ver quando ela se lavava ou usava a retrete — uma sorte, porque a sua bexiga já teria explodido.

Durante algum tempo depois de Luka ser levado, ela pensara que talvez pudesse fazê-lo gostar dela, sentir algum afeto. Talvez conseguisse persuadi-lo a deixá-la ir. Mas quando lhe falava, era como se estivesse a falar uma língua estrangeira; ele não reagia. Ela continuou a tentar, falando-lhe de si, da sua família, tentando tornar-se mais humana, criar um vínculo. Até que uma manhã, quando ela estava a falar, ele lhe deu um murro na boca e lhe abriu o lábio. Não voltou a falar com ele depois disso. Não falava há semanas.

Alina lavou-se e usou a retrete no canto do quarto. Quanto tempo teria antes de ele voltar e a acorrentar de novo? Não muito. Precisava de agir agora. Começou novamente a rir-se quando o imaginou a encontrá-la, mas forçou-se a parar. *Sangue, sangue, glorioso sangue* não lhe saía da cabeça e a fenda suspendia-se no centro do quarto, atraindo-a com as suas falsas promessas. Ignorou-a. Havia apenas uma maneira de sair dali.

Atravessou o quarto até à janela e escutou. A floresta estava quieta, os pássaros silenciosos. A casa também estava silenciosa. Normalmente, por esta altura, ouvia um autoclismo algures na casa. O monstro a fazer a sua cagada matinal.

A janela estava coberta por três tábuas toscas, verticais, cada uma presa ao caixilho da janela em cada canto. Um trabalho desmazelado. Os pregos não tinham sido cravados até ao fundo. Durante semanas, ao longo dos seus quarenta e cinco minutos, Alina trabalhara na tábua do meio, alternadamente empurrando-lhe as extremidades e puxando as cabeças dos pregos que a prendiam, ignorando a dor na ponta dos dedos. Durante dias, nenhum dos pregos se mexera minimamente. Mas, como o mar erodindo uma pedra, ela trabalhou repetidamente até que, uma manhã, o primeiro prego se moveu ligeiramente. Encorajada, redobrou os esforços até outro ceder, e depois outro, e por fim o último. Tinha de ir lentamente, tratando de aumentar o furo de cada prego de maneira que pudesse não só ser solto, mas também colocado novamente no lugar com os polegares doridos, para o monstro não se aperceber. Com todos os pregos soltos, o seu poder de alavanca na tábua aumentou, e aumentou mais ainda quando conseguiu pôr os dedos atrás dela e

trabalhar a partir daí.

E então, na manhã do dia anterior, a tábua e todos os seus pregos tinham-se soltado nas suas mãos ensanguentadas.

Ela beijara-a, com uma lágrima a rolar-lhe pelo rosto.

Agora, chegara a hora.

Puxou os pregos e afastou a tábua da janela. Tal como acontecera quando a vislumbrara pela primeira vez no dia anterior, a beleza da cena por trás dela trouxe-lhe lágrimas aos olhos. As árvores manchadas de neve, as nuvens, o céu. Ela pensara que nunca mais veria o mundo. Fez-lhe doer os olhos e lembrou-se do verso de um poema, algo que saiu do seu inconsciente. *A beleza não é mais do que o princípio do terror.* Ficou hipnotizada por um momento, depois ouviu o autoclismo nas entranhas da casa e o sobressalto pô-la em ação.

Aproximou-se da cama e puxou o lençol sujo do colchão. Era fácil rasgar uma tira; enrolou-a na mão e voltou à janela manchada de condensação. Levantou o punho e esmurrou o vidro entre as tábuas que restavam com o máximo de força possível.

A janela estremeceu mas não se partiu.

Respirando fundo, tentou outra vez. Então a janela partiu-se, uma fissura serpenteando pelo meio. Arfando ligeiramente, Alina fez pressão no vidro, agora ambas as mãos embrulhadas no lençol, até que uma seção caiu, saltando para o exterior da casa. Susteve a respiração, certa de que ele a ouviria, que viria a correr para a travar. Mas a casa estava silenciosa. Com os dedos ainda dentro do lençol, Alina fez pressão no vidro partido, tirando um estilhaço perfeito.

Com um último olhar para a porta e para o berço vazio, contou até três, determinada a fazê-lo antes que perdesse a coragem. Não podia ficar ali mais tempo, nem mais um dia, e fechou os olhos enquanto cortava o braço e via o sangue fluir dela e escorrer para o chão, observando como se fosse o braço de outra pessoa, a veia de outra pessoa.

Caiu, enrolada, para o chão.



## CAPÍTULO 49



**A**inda respirava quando Dragoş entrou no quarto. Um estalido quando a porta se abriu, uma longa pausa durante a qual o imaginou a absorver a cena: o seu corpo imóvel jazendo meio escondido sob o lençol sujo, o buraco na janela atrás de si expondo as árvores cobertas de neve, o braço estendido, o sangue a escorrer das veias cortadas, formando uma poça nas tábuas do chão em direção ao berço vazio. Ela esperava, enquanto a vida a deixava, enquanto a sua fuga se aproximava, que ele gritasse, que lhe desse a satisfação de ouvir a sua dor ao compreender o quanto fora estúpido por a deixar desacorrentada, confiando que o seu medo a impediria de fazer uma estupidez.

Mas não houve nenhum grito, nenhum som de dor. Ao invés, depois da pausa, o único som foi dos passos dele a aproximarem-se correndo pelo quarto, parando para a olhar antes de se inclinar para lhe segurar o pulso cortado com ambas as mãos, um momento de hesitação antes de estender a mão para o lençol, puxando-o para lhe expor o outro braço, a mão em que segurava o estilhaço de vidro.

Com um grito que fez os pássaros levantarem voo das árvores lá fora, com todo o ódio e fúria que lhe fervia nas veias, Alina cravou o estilhaço recortado de vidro no pescoço dele.

Dragos caiu de lado, com um terrível som de sufocação que parecia não vir da sua boca mas deste novo buraco. Teve um espasmo nos braços quando tentou segurar o vidro, arrancá-lo, mas havia demasiado sangue, o líquido escorregadio tornando-lhe impossível segurá-lo. Alina pôs-se de pé enquanto ele tinha espasmos, o sangue escorrendo do corpo dele dez vezes mais depressa do que escorrera do seu. Os cortes nos seus braços eram superficiais; ela tivera o cuidado de não cortar nenhuma artéria importante. Pegou no lençol e rasgou mais uma tira grossa, enrolando-a com força no braço para estancar o sangue. Doía-lhe o braço, mas esta dor não era nada, nada. Enquanto atava o lençol, olhou para o monstro, esperneando para tentar pôr-se de joelhos, escorregando no seu próprio sangue e caindo de barriga.

Correu para a porta aberta e, descalça, desceu apressadamente os degraus até chegar ao corredor onde o casal inglês a deixara ao desertar, abandonando-a ao seu destino. Correu até à porta da frente e abriu-a. Uma rajada de ar gelado atingiu-a. Baixou os olhos para o seu corpo. Usava apenas um vestido de algodão sujo, manchado de sangue. Se saísse assim, morreria de frio.

Olhou em volta e ouviu um estrondo no andar de cima, um uivo de dor. O monstro ainda estava vivo. Tinha de se apressar. Um grito ficou-lhe preso na garganta. Porque não acabara com ele? Gelou por um momento. Roupa. Precisava de sapatos e de roupa. Qualquer coisa serviria.

Não queria voltar a subir as escadas. Forçando-se a manter a calma, lembrou-se da sala aonde o monstro a levara na primeira noite, antes de Daniel e Laura chegarem. Havia uma porta ao canto do corredor e ela correu para lá, a sua sombra saltando atrás de si. A porta estava destrancada e conduzia, como se lembrava vagamente através do nevoeiro dos últimos três meses, a uma escada pequena que descia para outro quarto. Desceu esses degraus a correr, tropeçando e torcendo o tornozelo. Praguejou, depois riu-se, depois praguejou outra vez antes de entrar no quarto.

Estava escuro e cheirava a mau hálito e a carne podre. Havia uma dúzia de caixotes pesados empilhados ao longo de uma parede. Ela levantou a tampa do caixote de cima e ficou chocada ao ver as suas próprias roupas lá

dentro. As calças de ganga, a *t-shirt*, o blusão de cabedal. A roupa interior. As botas também estavam ali, as que tinha deixado na floresta e no caminho em frente da casa; Daniel levava uma para dentro de casa e a outra fora-lhe arrancada pelo monstro quando tentara pontapeá-lo ao ser arrastada para a casa.

Despiu o vestido nojento e vestiu-se. Parecia-lhe estranho, irreal, usar roupas normais outra vez depois de tanto tempo. O *soutien* estava demasiado grande, as calças de ganga largas nas ancas. Perguntou-se se existiria ali um espelho, mas receava ver o seu próprio reflexo. *Aposto que pareço uma morta*, pensou, e algo fez surgir uma ideia no seu cérebro, e ela sorriu.

Procurou no bolso de trás das calças. O seu passaporte ainda ali se encontrava. Lembrava-se de que no comboio os guardas o tinham verificado e ela metera-o no bolso em vez de o pôr no saco. Estava a correr melhor do que esperava.

Ouviu um estrondo lá em cima.

A porta da frente? Tinha-a deixado aberta? Olhou em seu redor, abrindo mais caixotes em busca de uma arma. Num deles encontrou uma pilha de papéis. Parecia uma lista de transações. Tirou algumas folhas, dobrou-as e meteu-as no bolso. No outro caixote encontrou roupas de mulher: doze conjuntos. Na sala fria teve subitamente consciência dos seus espíritos, uma dúzia de mortas, e ouviu-as sussurrarem-lhe:

*Por nós.*

Tirou a tampa de outro caixote. Era robusto, feito com três painéis de madeira de comprimento, com um único painel mais pequeno a segurá-los. Atirando-o para o chão, pôs a bota em cima de dois dos painéis e puxou o terceiro, as mulheres mortas incentivando-a. Gemeu, sentiu sangue a escorrer do corte no pulso, mas a faixa de madeira soltou-se. Pegou-lhe e dirigiu-se para as escadas.

No cimo das escadas, parou diante da porta. Estaria ele ali, do outro lado, à espera dela? Rodou o puxador e abriu-a, segurando a tábua por cima do ombro, pronta para atacar. Ele não estava ali. Entrou na sala, olhando para a esquerda e para a direita.

E viu-o.

Mantinha-se no chão, a uma curta distância do fundo da escadaria central, um rasto de sangue a brilhar atrás dele. Segurava o pescoço com uma mão vermelha. Na outra mão, que tremia ao esticar-se na direção dela, segurava a sua arma.

O seu rosto, apesar de tudo, permanecia sem expressão. Calculou que ele conseguisse disparar um tiro antes de ela o alcançar. Caminhou para ele, recordando todas as vezes que a violara, a forma como a acorrentara à cama,

tratando-a como um cão, uma porca, uma escrava. Recordou a dor e a solidão quando o pequeno Luka fora levado. Quando estava a meio do corredor, ele apertou o gatilho com as suas últimas forças e deixou cair a arma, e foi como se a bala passasse através dela — um milagre. Ouviu as vozes das outras mulheres erguerem-se num coro — *por nós, por nós* — ao chegar perto dele e levantar a tábua.

Depois de ele estar morto, depois de lhe esmagar o crânio e o seu rosto já não ser reconhecível, uma polpa de sangue e ossos, deixou cair a tábua e virou-se para ver o buraco da bala na parede. Não era nenhum milagre. Ele tinha má pontaria. Era tudo.

Alina não se lembrava de muito acerca da semana seguinte, da sua viagem através da floresta, assaltando casas e roubando comida e dinheiro, pesquisando na *internet* num café vazio e descobrindo para onde tinha de ir. Mal se lembrava de pedir boleias a homens que pensavam que teriam alguma hipótese com ela até lhes lançar um olhar que os enlivedecia. Os dias escondida e as noites de viagem era como se fossem um só, e começara a ver a sua vida como uma novela gráfica em que ela era a figura negra que passava entre os quadradinhos, sem balões de diálogo, atravessando uma série de fronteiras: Ucrânia, Polónia, Alemanha, onde pagou a um camionista para a levar para França. Ele era pequeno e calado e tinha dentes amarelos como os de um rato. Disse-lhe que ela lhe fazia lembrar da sua filha, que desaparecera quando tinha dezanove anos, doze anos antes. Disse-lhe que nunca tinha perdido a esperança. Um dia, tinha a certeza, receberia uma carta ou um telefonema, só para o informar de que ela estava bem. Alina escutou, pensando que a rapariga provavelmente estava morta, provavelmente tinha sido assassinada, provavelmente por este homem ao seu lado, e, enquanto o pensava, sentiu outro espírito juntar-se ao seu bando. Portanto, agora eram treze, seguindo-a pela Europa.

Em França, o homem com os dentes de rato deixou-a e deu-lhe 100 euros, que ela gastou num bilhete para Calais. Aí entrou num barco que atravessou o Canal da Mancha numa noite gélida de novembro.

Manteve-se no convés e observou a escura linha de costa a aproximar-se. Estava calma. O mar agitava-se por baixo do *ferry* e ela decidiu que, quando tudo estivesse terminado, aquele seria um bom sítio para acabar.

Depois de ter feito a sua limpeza.

Ocorreu-lhe o verso de outro poema. *Todos os anjos são aterrorizadores.* Sorriu para si mesmo. *Oh, sim,* pensou. *E eu sou o mais aterrorizador de todos, o Anjo da Vingança.*

— Sou Mirela — sussurrou, e à sua volta as treze mulheres mortas sussurraram: *Ámen*.

## **PARTE SEIS**



**LONDRES**

**Novembro de 2013**

## CAPÍTULO 50



**E**stava completamente escuro quando parámos diante de casa da Erin e do Rob. Eu ainda não tinha digerido o que o Edward dissera.

A Alina estava viva. O tiro que tínhamos ouvido no interior da casa não a matara. Significaria isso que o bebé também estava vivo? E as mulheres acorrentadas às camas no quarto do segundo andar, que tinham assombrado os meus pesadelos durante meses — que seria feito delas? Queria desesperadamente saber, porque precisava de alguma coisa boa a que me agarrar no meio daquele caos, as revelações que tinham chegado em catadupa desde que contratara o Edward. A principal era o choque de ter descoberto, se é que não me enganara, que a Camelia e o seu parceiro de crime procuravam

drogas.

Expliquei o meu raciocínio no carro a caminho do encontro com a Laura.

— O cão, trazido para cheirar a droga. Aquelas perguntas todas sobre eu ter feito alguma coisa ilegal. Tem de ser droga.

O Edward concordou que fazia sentido.

— Então a pessoa com a Camelia no seu vídeo... Podia ser a Alina?

Abanei a cabeça.

— Tenho a certeza de que era um homem. Por isso, acho que... se a Alina está mesmo viva e aqui, deve ser o Ion. O tipo do vídeo tem a altura e a constituição dele.

— E estão os três juntos nisto. — Senti que o nevoeiro clareava à minha volta, as nossas palavras cortando através dele. Mas muitas questões permaneciam.

— Porquê esperar tanto tempo para vir procurar as drogas?

— Porque a Alina se encontrava presa naquela casa? — Eu ainda tinha dificuldade em acreditar que ela estava viva.

— Como saiu de lá?

O Edward dobrou uma esquina.

— Em breve poderemos perguntar-lhe. — A escuridão brilhava nos seus olhos. — Esse Ion parece o candidato mais provável para lançar uma bomba incendiária para o meu escritório. Tentando impedi-lo de falar comigo.

— Devia ser ele em Camden Lock, a observar a Laura. E aposto... Aposto que empurrou o Jake daquela ponte. — A raiva explodiu dentro de mim e dei uma pancada no tabliê. — O cabrão. Ele e a Alina. Nós confiámos neles. Ainda há... partes que não fazem sentido.

O Edward fez outra curva. Já estávamos perto do nosso destino.

— O meu palpite é que a Camelia era o contacto deles em Londres, que recuperaria a droga quando vocês voltassem. Devem ter-vos tirado os passaportes para voltarem imediatamente para casa e arranjam novos, trazendo a droga convosco. Mas depois algo correu mal: o Daniel e a Laura foram postos fora do comboio, juntamente com a Alina... A menos que toda a história com a casa fizesse parte da encenação... mas não faço a menor ideia de como é que isso seria possível.

— Além disso, também não percebo esta história entre a Alina e a Laura — continuou o Edward. — Ela mostrou-se à Laura, fez contacto com ela. Acha que a Laura sabe que a Alina é real? Ou pensa mesmo que se trata de um fantasma?

A pergunta irritou-me e senti um impulso de proteção em relação à Laura.

— Sem dúvida que pensa que a Alina é um fantasma. Escute, a Laura não é estúpida. Mas passou por muito... Está extremamente vulnerável.



O Edward assentiu com a cabeça.

— Precisamos de falar com elas, mas presumo que a Alina estava a seguir a Laura, a espiá-la, tentando descobrir se *ela* tinha a droga, e a Laura viu-a. E, acreditando que a Alina estava morta e tendo um historial em relação a esse género de coisas...

Completei a frase.

— A Laura parte do princípio de que está a ser visitada pelo espírito da Alina.

Rezei para que a Alina ainda estivesse na casa. Assim, finalmente, teríamos todas as respostas.

Virámos para a rua onde a Erin e o Rob viviam.

— Oh, merda — disse o Edward.

Ergui os olhos, seguindo o seu olhar enquanto estacionávamos ao lado do passeio.

Estava um carro da polícia estacionado à porta deles. A minha boca ficou seca. Que se passava agora?

Tirei o cinto de segurança e saltei do carro, corri para a casa e comecei a bater à porta. O Rob abriu quase imediatamente, um olhar de esperança que se desvaneceu assim que me viu. Tinha uma fotografia do bebé Oscar na mão. Atrás dele, no corredor, a Erin estava com dois polícias de uniforme. Chorava.

— Que é isto? — perguntei. — Que aconteceu?

O Rob engoliu em seco antes de falar.

— É o Oscar — disse ele. — Não sabemos... não sabemos onde está.

## CAPÍTULO 51



**T**entei imaginar como a Erin e o Rob se sentiriam. Não consegui.

Pânico, terror, desespero. Eram apenas palavras. A expressão na cara da Erin contava a história toda.

Ela veio à porta. Trazia um pequeno edredão cor-de-rosa, com a cabeça de um ursinho, que segurava com tanta força que tinha os nós dos dedos lívidos. Tinha olheiras negras em redor dos olhos, assim como o Rob, e o cabelo espetado em diferentes ângulos. Usava uma blusa solta com o que percebi serem manchas de leite no peito.

— Ela tem estado em contacto contigo? — perguntou. — Sabes onde está?

— Referes-te à Laura?

— Sim! — Cuspiu o nome por entre os dentes cerrados. — Quem mais? Ela levou o meu bebé. Essa... cabra roubou o meu bebé.

Um dos agentes, uma mulher negra com um rosto redondo e bondoso, avançou e pôs uma mão no ombro da Erin.

— Não sabemos se a menina Mackenzie cometeu algum crime.

A Erin virou-se para ela, o edredão a tremer nas suas mãos.

— Algum crime? Ela devia estar a tomar conta do Oscar enquanto eu e o Rob dormíamos uma hora. Sabia que não devíamos ter feito isso, que devíamos tê-lo levado para a cama connosco. — A voz dela falhou. — Mas estou tão cansada. Tão, tão cansada. Pensei que, por uma hora, não faria mal.

O Rob tentou pôr um braço em volta da mulher, mas ela sacudiu-o.

— Onde é que eu tinha a cabeça, confiando o meu bebé àquela cabra maluca? Ela tentou matar-se na semana passada. Fala com fantasmas. É louca.

— Fantasmas? — disse a agente feminina, confusa.

— Sim, ela...

— A Alina não é um fantasma.

Toda a gente se virou para o Edward, que apareceu junto da porta. Ele apresentou-se.

— Acho que é melhor entrar — disse a agente. — Sou a agente Elaine Davies. — Apresentou também o outro agente, que nos acenou com a cabeça enquanto o Edward entrava no corredor e fechava a porta atrás de nós. Um carrinho de bebé preto, de aspeto caro, estava por baixo dos casacos pendurados no corredor. O Rob olhou-o e depois desviou a cara, como se lhe magoasse os olhos.

— O senhor é o namorado da Laura Mackenzie, não é? — perguntou-me a Davies, levando-me com o Edward do corredor atravancado para a sala, enquanto o outro agente levava os pais transtornados para a cozinha. Ouvi-o dizer algo acerca de pôr a chaleira ao lume, com uma voz falsamente animada. A sala de estar estava uma confusão, com fraldas de pano no chão, ursinhos e coelhos de peluche por todo o lado, DVD a transbordar de conjuntos de caixas. O quarto tinha um cheiro bafiento e doce, um leve vestígio de cocó de bebé.

— Sim. Bem, ex-namorado. Viemos aqui para falar com ela... — Interrompi-me. — Que aconteceu?

— Como ela disse, o senhor e a senhora Tranham pediram à Laura que olhasse pelo Oscar para poderem dormir uma hora. O Oscar estava a dormir no berço no seu quarto lá em cima. Tem filhos, senhor...

— Sullivan. Não, não tenho.

— Lembro-me de quando a minha filha era recém-nascida. Uma pessoa

só pensa em dormir. Torna-se uma espécie de obsessão. Quando acordou, a senhora Tranham olhou para o relógio e viu que tinham passado duas horas. Ela tinha pedido à Laura que a acordasse ao fim de uma hora, mas calculou que ela estava a tentar ser bondosa. Foi ao quarto do menino. O Oscar não estava lá. Não estava em lado nenhum. E a menina Mackenzie também não.

— Provavelmente levou-o só para dar um passeio — disse eu, sem realmente acreditar.

— Ela não levou o carrinho — disse o Edward, e a agente Davies assentiu com a cabeça.

— É verdade. E a senhora Tranham também tem um marsúpio, mas está pendurado no quarto do bebé. Tanto quanto os pais conseguem perceber, a Laura não levou nada consigo. O saco que eles usam para transportar fraldas ainda está aqui. A senhora Tranham diz que usaram a última fralda do pacote e não foi aberto um novo. E viram o edredão. Ficou no berço.

— Tentaram telefonar-lhe?

Não censurei a agente Davies pelo olhar que me lançou.

— Vai diretamente para o *voicemail*, como se estivesse desligado. Então, não teve nenhum contacto com ela?

O Edward falou enquanto eu abanava a cabeça.

— Eu vi-a mais cedo. Eram quatro e meia. Há duas horas e meia.

— Onde é que estava?

— No jardim. Estava a falar com uma rapariga chamada Alina, uma romena.

A Davies tinha pegado no seu bloco de notas.

— Alina? Tem um apelido?

— Não. Desculpe.

— E qual é a relação dela com a menina Mackenzie?

Olhei para o Edward em busca de ajuda.

Ele encolheu os ombros.

— É complicado.

— Muito bem. Voltaremos a isso. Disse algo acerca... de um *fantasma*?

— Sim. A Laura tem um historial de imaginar espíritos. Quando ela disse ao Daniel que tinha visto a Alina, ele partiu do princípio de que ela estava a ver outro fantasma. Acreditamos que a Laura também pensava que ela era um fantasma. Mas está bem viva. Eu vi-a.

A agente olhou para cada um de nós à vez, tentando perceber se estávamos a provocá-la.

— Então a Laura Mackenzie tem problemas de saúde mental.

— Não! Isto é, ela tem... agido de forma estranha ultimamente. Mas não é louca. E nunca faria mal a um bebé.

— Nem permitiria que lhe fizessem mal? — perguntou a agente.

— Ela levou a Erin ao hospital, esteve lá durante o parto. A Erin é a melhor amiga dela. Nunca permitiria que acontecesse nada ao seu bebé.

A Davies tomou mais notas no seu bloco. Vi que ela tinha escrito as palavras «saúde mental» e desejei não ter falado de fantasmas.

— Então — começou a agente. — Essa Alina também estava aqui às quatro e meia?

O Edward confirmou.

— Certo. No jardim.

— Vamos dar uma olhadela, está bem?

Para chegar ao jardim, tivemos de atravessar a cozinha. O Rob estava ali com o computador de secretária, segurando uma caneca de chá junto dos lábios, sem beber. Ouvia algo a zumbir lá em cima.

— A Erin teve de ir extrair leite — explicou o Rob. — Devia estar a amamentar o Oscar neste momento.

A Davies fez uma expressão de compaixão.

— Vamos encontrá-lo, senhor Tranham. Prometo-lho. — Ele estava claramente desesperado para acreditar nela. — Precisamos de dar uma olhadela ao seu jardim.

O Rob destrancou a porta das traseiras e conduziu-nos lá para fora. Estava escuro, mas os agentes tinham lanternas e acenderam-nas, o par de feixes chegando a meio do relvado.

— Quase não vimos cá fora no inverno — disse o Rob, como se pedisse desculpa pela relva demasiado grande, as folhas apodrecidas que atulhavam os canteiros.

— Elas estavam exatamente aqui — disse o Edward, indicando um ponto paralelo ao portão lateral. — A Laura estava aqui, de frente para o jardim, e a Alina ali, de frente para a casa.

— Alina? — perguntou o Rob. — Quem é essa? Quando é que as viu?

— Conseguiu ouvir a conversa delas? — perguntou a Davies, dirigindo-se ao Edward mas colocando uma mão no braço do Rob.

— Não. A Laura não me conhece, por isso achei melhor ir buscar o Daniel, para que ele falasse com ela e a confrontasse com a verdade de a Alina ser real.

A Davies estalou sonoramente os lábios e atravessou o relvado em direção ao extremo do jardim, virando a luz da lanterna para a esquerda e para a direita. Eu não sabia bem o que é que ela procurava. Alguma prova de que a Laura tinha trazido o Oscar para aqui?

Eu e o Edward tentámos segui-la, mas ela mandou-nos recuar.

— Quem diabo é essa Alina? — pressionou o Rob. — O que é que se

passa?

Quando lhe expliquei que era tudo demasiado para lhe contar nesta altura e lhe pedi que fosse paciente mais alguns minutos, ele surpreendeu-me aquiescendo. Acho que tinha atingido a saturação nesse momento. Encostou-se à parede da casa e roeu as unhas.

Perto do muro do fundo havia um pequeno conjunto de macieiras e um telheiro para guardar o cortador de relva e as ferramentas de jardinagem. Víamos a lanterna da Davies a piscar no escuro. Houve um estalido e um estrondo, que julguei ser a agente a abrir a porta do telheiro.

— Senhor Tranham — chamou ela um momento depois.

O Rob passou por nós em direção à voz dela e eu e o Edward seguimo-lo. Quando chegámos ao telheiro, a Davies disse:

— Quando foi a última vez que aqui veio?

— Não sei. Acho que o arrumámos no verão passado.

— Reconhece estes artigos?

Iluminou com a lanterna o interior do telheiro. Eu espreitei, mesmo atrás do Rob. Havia um saco-cama estendido no chão e pacotes de batatas fritas e embalagens de chocolates espalhados por ali, juntamente com várias garrafas de água vazias.

O Rob ficou boquiaberto.

— Não. Bem, o saco-cama é nosso, mas está normalmente ali pendurado, dentro do saco, ao lado do outro. — Apontou. — O lixo... isso definitivamente não estava aqui antes. Oh, meu Deus.

— Parece que alguém tem estado a viver no seu telheiro.

— A Alina — disse eu. Calculei que normalmente guardasse o saco-cama durante o dia e tirasse o lixo.

A Davies coçou o queixo.

— Este género de coisas acontece muito. Recebemos muitas chamadas de pessoas que dizem ter encontrado um sem-abrigo a ocupar o seu telheiro.

— Querem fazer o favor de me dizer quem raio é essa Alina? — pediu o Rob, olhando para mim, os punhos a abrir e a fechar como se fosse segurar-me. — Foi essa que levou o Oscar?

— Só um momento, senhor Tranham — disse a Davies. — Vamos, voltemos para casa. Senhor Sullivan, preciso de uma descrição completa dessa Alina.

Ela pegou no rádio e chamou enquanto voltávamos para casa, transmitindo a minha descrição da mulher romena que deixáramos para morrer naquela casa.

Quando chegámos à cozinha, a Erin reapareceu. Mostrou um biberão de leite materno. O Rob tirou-lho gentilmente e pô-lo no frigorífico enquanto a

Erin fitava o espaço, aparentemente perdida. A competente e calma Erin estava paralisada. Fitou o telefone, como se este fosse dar-lhe a resposta de que tão desesperadamente precisava. Onde estava o seu bebé?

— Há outra pessoa de que precisamos de lhe falar — disse o Edward. — O namorado da Alina. Chama-se Ion. Há também uma terceira parte, chamada Camelia.

O Edward contou aos agentes como acreditava que tinha sido o Ion a atirar um cocktail molotov para dentro do seu escritório. Eu contei-lhes os factos básicos e essenciais acerca de tudo o resto. Como eu e a Laura havíamos conhecido a Alina e o Ion. Como acreditava que os romenos tinham vindo à nossa procura, e porquê. Fiquei contente por ele não mencionar a casa na floresta porque, à medida que ele falava, a Davies parecia cada vez mais fora do seu elemento, enquanto a Erin e o Rob nos fitavam incredulamente. A Davies garatujava notas no seu bloco.

Eu expliquei-lhe os assaltos, o ataque do cão, e que já tinha reportado a maior parte disto à polícia. Ia mencionar o Jake, mas percebi que podia ser uma distração.

— O importante — disse eu — é que eles pensam que a Laura tem ou sabe onde está a droga que colocaram na nossa bagagem. Aposto que têm a Laura e o Oscar trancados algures e estão a ameaçar fazer mal ao bebé se a Laura não lhes disser o que querem saber.

— Fazer mal ao bebé? — guinchou-me a Erin, e eu corei de vergonha.

— Desculpa, não quero dizer... — O Rob olhava-me como se quisesse matar-me. Como se tivesse sido eu a levar o seu bebé. — Eles não fizeram nada violento até agora.

— Tirando atçar-te um cão e lançar um maldito cocktail molotov para o escritório deste gajo! — A cara de Rob estava roxa de fúria, uma veia a latejar-lhe na testa.

— Amigo, acalma-te.

— Não me chames amigo, porra!

— Tenho a certeza de que o Oscar está bem — disse eu, virando-me para a Erin. Ela afundou-se numa cadeira com a cara nas mãos, a soluçar.

O Rob apontou-me um dedo.

— Isto é culpa tua, e da Laura. Sabíamos que vos tinha acontecido algo esquisito na Roménia, e agora sabemos o quê. Meteram-se com traficantes de droga. E trouxeram-nos para aqui. Puseram a minha família em perigo. — O seu rosto retorceu-se de fúria quando espetou um dedo no meu peito. — Porque é que não nos avisaste? Se acontecer alguma coisa...

Eu não podia dizer nada. Não tinha maneira de me defender.

A Davies meteu-se entre nós.

— Isso não está a ajudar, senhor Tranham. Preciso que se mantenha calmo.

O Rob tentou passar por ela e chegar até mim, e o outro agente segurou-lhe o braço.

— Então, senhor?

O Rob lançou-me um olhar de desprezo.

— Onde é que eles estão? Esses traficantes? Se não nos ajudares a encontrá-los, se acontecer alguma coisa ao Oscar, mato-te. — E então desatou a chorar, o seu peito agitado enquanto a Erin o puxava para si e se abraçavam.

Fitei-os, tentando imaginar a sua dor, sabendo que isto era pior do que tudo o que tinha acontecido. E nesse momento jurei ajudá-los. Ia encontrar a Laura e o Oscar. Ia pôr um fim a isto.



## CAPÍTULO 52



A Davies pediu-me para lhe dar descrições completas da Alina, do Ion e da Camelia. Saiu da sala para fazer um telefonema e voltou alguns minutos depois com uma atualização.

— *OK*. Fotografias da Laura e do Oscar vão entrar já em circulação, juntamente com as descrições dos três romenos de que o senhor Sullivan nos falou.

A Erin deu um gemido.

— Não sabemos — prosseguiu a Davies — se esse trio tem alguma coisa que ver com isto. Ainda há uma forte possibilidade de que a menina Mackenzie tenha levado o Oscar para um passeio e entre por aquela porta a qualquer momento, perguntando-se o porquê de todo este alarido.

— Momento em que a estrangularei — disse o Rob.

Todos sabíamos que a Laura não tinha simplesmente saído para um passeio com o bebé.

A Davies respirou fundo.

— Temos mais agentes especializados a caminho daqui neste momento.

— Especializados em quê? — perguntou o Rob. — Rapto de crianças?

A Davies assentiu hesitantemente.

Nesse exato momento, a campainha da porta tocou. O Rob correu a abrir e, quando voltou à cozinha, trazia consigo um homem e uma mulher, ambos vestindo fatos. O homem andaria pelos cinquenta anos, com uma barba de fim de dia e papos nos olhos; a mulher era uma britânica asiática, com olhos argutos que passou rapidamente por todos nós até se demorar no Edward. Fez-lhe um aceno de cabeça e percebi que eles se conheciam.

— Ora, que estranho vê-lo aqui — disse o detetive. — Esperamos todo o ano por um caso envolvendo o Edward Rooney, e aparecem dois ao mesmo tempo.

Apresentaram-se aos outros como inspetora Rita Desi e sargento Simon Farrow. A Davies levou-os para a sala de estar para os atualizar.

— Estão em boas mãos — disse o Edward à Erin e ao Rob. — O meu trabalho põe-me muitas vezes em contacto com a polícia, e a Desi é uma das boas.

Depois de cinco minutos que pareceram muito mais tempo, os detetives voltaram, com a Davies atrás deles.

— Que grande história que contaram — disse a Desi, olhando para o Edward e depois para mim. — Desconfio, porém, que faltam muitos pormenores. Tenho razão?

O Edward olhou-a nos olhos.

— Juro, inspetora, que lhe dissemos tudo o que precisa de saber.

— Devia deixar-nos ajuizar isso.

— Demora muito tempo explicar tudo — disse eu. — Não devíamos estar aqui a conversar... precisamos de estar lá fora, à procura deles. Têm de ser os romenos. Quando os encontrarmos, encontraremos o Oscar.

Davies levou o Rob e a Erin novamente para a cozinha, deixando-me com o Edward e os dois detetives.

— Falaram com a Imigração? — perguntou o Edward. — Pensamos que o Ion e a Camelia entraram no país recentemente.

— Estamos a investigar — disse a Desi. — Seria uma ajuda se soubessem os apelidos deles.

— E a comunidade romena em Londres? — perguntou o Edward. — Puseram agentes a falar com os líderes comunitários? A investigar nos bares e cafés romenos?

— Por favor, pare de tentar dizer-nos como fazer o nosso trabalho.

— Só estou a dizer o que eu tinha planeado fazer a seguir.

A Desi cerrou os lábios e perguntei-me se ela e o Edward tinham uma história. Eu não conseguia estar quieto. Queria sair imediatamente dali, fazer o que o Edward estava a sugerir — correr os lugares frequentados pelos romenos, descrevendo a Alina, o Ion e a Camelia.

Puxei o Edward de lado e falei em voz baixa.

— Vamos. Não estamos a ser úteis aqui, à espera. Damos uma volta de carro. Pode levar-me a todos esses sítios que planeava visitar. Talvez encontremos alguém que saiba alguma coisa antes da polícia.

Ele olhou para os detetives. O telefone da Desi tocou e ela virou as costas para atender, caminhando pelo corredor. O Farrow tinha ido ao jardim, ver o sítio onde a Alina estivera a dormir.

— Vamos, então.

Sáímos pela porta da frente e dirigimo-nos ao carro. Era melhor do que estarmos fechados naquela casa com a Erin e o Rob a treparem pelas paredes com ansiedade, esperando que os detetives fizessem alguma coisa.

— Não devia culpar-se — disse o Edward. — Não convidou o caos para a sua vida. O caos encontrou-o.

Não respondi.

— Vou investigar restaurantes romenos — disse. Enquanto entrava no *Google* no meu telefone, o Edward deu-me uma cotovelada e ergui os olhos. Vimos a Desi e o Farrow saírem de casa a correr para o seu carro e, sem hesitação, saírem dali com os pneus a chiar.

— Aconteceu alguma coisa — disse o Edward, e o meu estômago apertou-se. — Vamos descobrir o quê.

Fechei os olhos e rezei para que não tivessem encontrado um corpo, ou talvez dois, e a única coisa que conseguia ver era o pequeno caixão na casa da floresta.

O Edward avançou para o meio do trânsito e começou a seguir o carro dos detetives.

## CAPÍTULO 53



O s detetives puseram a bola de luz azul a piscar no tejadilho do carro, a sirene a uivar, e nós seguimos atrás, enquanto o trânsito intenso se afastava para os lados. A escuridão agarrava-se às janelas quando ficámos presos numa passagem subterrânea antes de emergirmos finalmente na A12, que nos permitiria uma viagem relativamente desimpedida para leste. Agarrei-me ao assento, olhando para as luzes bruxuleantes da cidade, estremecendo quando um táxi atravessou as faixas para se pôr entre nós e o carro dos detetives. O Edward pisou o travão e o carro estremeceu.

— Cabrão — disse o Edward entre dentes, reduzindo a mudança.

— Conhece esta área? — perguntei.

— Não muito bem. Tive uma cliente cujo marido a traía com uma mulher de perto de Valentines Park. Parece que vamos nessa direção.

*Por favor, rezei em silêncio. Por favor, que a Laura e o Oscar estejam ali.*

Depois de sairmos da estrada principal e termos percorrido uma série de ruas laterais, perdemos o carro dos detetives. O Edward praguejou, virando de uma pequena rua atravancada para outra. Muitas das casas tinham grandes discos de satélite para apanharem canais de televisão estrangeiros; outras exibiam bandeiras inglesas. Chegámos a um beco sem saída e o Edward voltou para trás e tentou outra rua.

— Ali — disse eu, excitado, apontando dois carros da polícia estacionados junto de uma pequena casa, assim como o *Passat* dos detetives. Uma pequena multidão de pessoas saía das suas casas para ver. Saltei do carro assim que o Edward se meteu num lugar de estacionamento estreito e corri para a porta da casa. Bati e uma agente uniformizada abriu.

— Eles estão aí? — disparei.

A cara da agente tinha uma preocupante cor cinzenta, como se tivesse acabado de ver algo doentio. Disse:

— Senhor, este é um cenário de crime; por favor, afaste-se da casa.

O Edward chegou junto de nós quando a Desi veio à porta. Parecia tão indisposta como a outra mulher.

Doente de medo e desesperado para ver lá dentro, tentei passar por ela mas as duas mulheres impediram-me a passagem.

— Não pode entrar aqui — disse a Desi.

— Que se passa? — perguntou o Edward. — Vimos-vos a sair com pressa de casa do Rob e da Erin...

— E decidiram seguir-nos. Típico. Recebemos uma chamada... um vizinho reportou alguém a gritar por socorro, entrou e chamou a polícia.

Havia um balde de gelo no fundo do meu estômago.

— O bebé está aqui? A Laura?

A Desi deixou a agente para trás e saiu para o caminho cheio de vegetação crescida. Coçou a cara.

— Não, eles não estão aqui. Mas o Ion está. E uma mulher. — Inalou o ar gélido e exalou, a sua respiração criando uma nuvem no espaço entre eles. — O Ion levou uma grande sova mas está vivo. A mulher morreu. Espancada até à morte.

Olhei-a de boca aberta. *Por favor, Deus, não...*

— Como é a mulher? — perguntou o Edward. — Cabelo preto e

vermelho? Aspeto *punk*?

— Não, nada disso.

Eu não aguentava mais. Esquivei-me à detetive Desi e corri para dentro de casa, passando pela agente que estava de costas. A Desi gritou: —Eh! —, e eu ouvi-a correr atrás de mim, mas fui mais rápido. Escutei vozes que vinham de um quarto mais à frente e atravessei a porta, sem me importar de estar a contaminar uma cena de crime. Os polícias encontravam-se de costas para mim, olhando para o corpo de uma mulher no chão.

Não conseguia ver-lhe a cara e, nas sombras, era impossível perceber se o seu cabelo era louro como o da Camélia ou louro-avermelhado como o da Laura. Aproximei-me mais, sustendo a respiração.

Era a Camélia.

Arfei e um dos polícias virou-se e gritou-me.

A Desi chegou, agarrou-me no braço e ajudou outro polícia a pôr-me fora de casa. Empurrou-me para o relvado.

— Maldito idiota — berrou-me.

— Precisava de ver, de ter a certeza de que não era a Laura. — Virei-me para o Edward. — É a Camélia.

A Desi levantou os braços, exasperada, depois voltou para dentro de casa, não sem antes rosnar:

— Mantenham-se cá fora.

O Edward pôs um braço em torno dos meus ombros e conduziu-me do jardim para o passeio. Ao mesmo tempo, chegaram mais polícias e começaram a colocar fitas a marcar a cena de um crime, a partir da entrada até à porta da casa; dois agentes mandaram a multidão crescente afastar-se. Crianças corriam pela estrada, excitadas com as movimentações, enquanto os seus pais se esforçavam por ver o que estava a acontecer. O Edward levou-me para o outro lado da estrada, longe da multidão.

Ouvi uma sirene uivar, cada vez mais perto. Uma ambulância parou do outro lado da estrada. A sirene interrompeu-se e dois paramédicos saíram e correram para a casa. Pouco depois, saíram e voltaram a entrar, com uma maca.

— Vamos — disse o Edward, conduzindo-me para a parte de trás da ambulância.

Após alguns momentos, os paramédicos saíram da casa carregando o Ion na maca. A detetive Desi vinha logo atrás deles. O Ion estava deitado, com a cara virada para nós, os olhos fechados. Vê-lo novamente causou-me um arrepio e agarrei-me à ambulância para me equilibrar. Algumas pessoas da multidão tinham pegado nos telemóveis e estavam a filmar a cena; uma mulher gritou algo acerca de estrangeiros e ocupas imundos.

Quando a maca alcançou a traseira da ambulância, o Ion abriu os olhos e olhou diretamente para mim.

Sorriu.

— Olá, Daniel — disse.

Os paramédicos começaram a levantar a maca mas a Desi ergueu um braço.

— Esperem.

— Temos de levar este homem ao hospital imediatamente — disse um paramédico.

— Só um momento.

O Ion continuava a fitar-me, o sorriso débil ainda nos lábios. Estremeceu de dor ao forçar-se a dizer algumas palavras.

— Eu só... queria ganhar... algum dinheiro.

Eu tinha vontade de o agarrar e magoar pelo que fizera, pelo que nos fizera passar. Pelo que ainda estávamos a passar. O Edward viu a fúria no meu rosto e segurou-me.

— Nada de pessoal. — O Ion fechou os olhos.

— Onde está a Alina? — perguntou o Edward.

O Ion abriu os olhos, ainda a olhar para mim.

— A Alina? — Tentou rir-se, o que lhe causou novo espasmo de dor. Os paramédicos saltitavam de um pé para o outro, tentando mover a maca, mas a Desi pediu-lhes mais um momento.

— Sim. Onde está? Por favor, diz-nos.

— Quem me dera saber — disse ele.

— Temos de o levar ao hospital agora — disse o paramédico novamente e, num borrão de movimento, ergueram a maca para a traseira da ambulância, fecharam as portas e partiram, as sirenes estridentes.

O Edward virou-se para a Desi.

— O que é que ele lhe disse? Quem fez isto?

A inspetora falou antes comigo.

— Senhor Sullivan, sabe alguma coisa acerca de um homem mais velho? Pelos sessenta ou setenta anos. Careca. Olhos azuis. Romeno. Diz-lhe alguma coisa?

Olhei-a, confuso.

— O Ion disse que foi ele que o atacou. Um velho que falava romeno.

— Este velho disse-lhe alguma coisa?

— O homem disse-lhe: «Lembras-te de mim?», mas o Ion não se lembrava. Jura que nunca o tinha visto.

— E perguntou ao Ion acerca do Oscar? — disse o Edward.

— Claro que sim. Foi a primeira coisa que lhe perguntei. Ele não sabia de

nada. E acredito nele. Encontrava-se ali ferido há horas. Nenhum destes três pode ter nada que ver com o desaparecimento do Oscar Tranham.

— Exceto...

A Desi interrompeu-o.

— Vão para casa, vocês os dois. Deixem isto para os profissionais. — Apontou-me um dedo. — E o senhor, fique em casa, não vá a lado nenhum. Parece que toda a gente neste maldito caso tem uma ligação consigo. Vou precisar de falar consigo mais tarde.

Partiu em direção à casa, uma dúzia de câmaras de telefones em seu redor.



## CAPÍTULO 54



*P*utrescente putrescente putrescente putrescente...

Laura estava sentada na parte de trás do carro do diabo, com o bebé Oscar adormecido no colo, a cabecinha repousando no seu peito. Alina estava ao lado dela, olhando pela janela para os carros que passavam na estrada. O diabo conduzia, os seus olhos — aqueles olhos frios, de pálpebras descaídas — olhando ocasionalmente para elas pelo retrovisor. Laura reparou que Alina usava o cinto de segurança. Este era, sem dúvida, um comportamento estranho para um fantasma. Este diabo dera a Alina uma forma humana, um novo corpo em que ela pudesse andar pela Terra? Laura queria estender a mão e tocar na mulher romena, para ver se estava quente ou fria, mas tinha

demasiado medo...

*...putrescente putrescente putrescente...*

Pensou nas horas anteriores, revendo o que se passara. Tinha dificuldade em ligar-se a tudo aquilo. Era como se estivesse a ver-se num ecrã de cinema a uma grande distância. Ao rever, era fácil acreditar ser uma atriz, representando um papel num filme estranho e assustador. Mas então Oscar mexia-se de encontro a si e ela lembrava-se: isto era real. E não podia retirar-se para dentro de si mesma e fingir que não estava a acontecer. Porque tinha consigo o bebé da sua melhor amiga. Como se lesse a sua mente, Oscar abriu os olhos e focou-se nela, indiferente, confiante. Inocente. Ela tinha de se concentrar. Não por si, mas por ele.

Cerca das quatro e meia, o diabo tinha-a deixado novamente em casa de Erin e Rob, depois de a resgatar das mãos da romena louca. No jardim, ela tinha falado com Alina, contando-lhe o sucedido. Alina fizera-lhe muitas perguntas acerca da mulher e do velho. Especialmente do velho. Laura não tinha a certeza, mas Alina parecia assustada.

Um fantasma podia sentir medo?

Depois, Laura tinha ouvido Erin chamá-la e fora para dentro. Percebia agora que se tinha esquecido de trancar a porta das traseiras. Erin dissera a Laura que ela e Rob estavam quase a morrer de cansaço, e se ela podia tomar conta do Oscar por uma hora enquanto faziam uma sesta. Claro que ela concordara. Os amigos tinham ido para o quarto e ela observara durante algum tempo Oscar a dormir no seu berço, sentada na cadeira ao seu lado, tentando não pensar no que lhe acontecera antes, tentando decidir se devia telefonar a Daniel. Sabia que devia, mas ele julgá-la-ia louca. Não acreditaria quando lhe dissesse que o diabo a tinha salvado. Imaginou-o a telefonar aos seus pais, e a mãe a aparecer com um médico. Um médico que a levaria para um hospital, lhe daria comprimidos e a poria a dormir.

Preferia as suas hipóteses aqui, com o diabo e o fantasma de uma mulher assassinada, do que num hospital.

Que acontecera a seguir? Sentira um cheiro adocicado. Oscar sujara a fralda. Ela queria ajudar os amigos, permitir-lhes mais do que uma hora de sono. Se conseguisse mudar a fralda de Oscar sem o acordar... Já tinha visto Erin fazê-lo, sabia como era. Mas as fraldas e os toalhetes estavam na sala. Com um último olhar para o bebé profundamente adormecido, saiu do quarto dele para a sala.

Quando voltara, ele não estava no berço.

Tentara não entrar em pânico. Erin ou Rob deviam ter vindo buscá-lo. Correu para a cozinha, esperando encontrar ali um dos seus amigos com o bebé. Ao invés, encontrou a porta de trás aberta. E, do outro lado, estava o

diabo, com Alina ao seu lado.

O diabo tinha o pequeno Oscar ao colo. Laura desviou os olhos dele para Alina. O fantasma estava imóvel, sem expressão nos olhos. Então os fantasmas *podiam* sentir medo. Fazia sentido: um fantasma tinha medo do diabo. Laura podia ouvir o seu próprio coração, *ba-bum ba-bum ba-bum*.

O diabo falou em voz baixa e grave.

— Vem comigo.

Laura abriu a boca.

— Se gritares, ou fizeres algum barulho, mato o bebé. Não seria o primeiro.

Avançou para o portão, segurando Oscar num braço e com a outra mão agarrando o pulso de Alina, puxando-a consigo. Laura seguiu-os, percebendo que ainda segurava as fraldas e os toalhetes de bebé. Quando estavam no carro, o diabo disse:

— Para que fique claro: qualquer tentativa de fugir, mato o bebé.

Pouco depois, ele parou e observou Laura enquanto ela mudava a fralda de Oscar no banco de trás. Oscar acordou e fez um pequeno balido, que fazia quando estava cansado ou tinha fome. O cocó do recém-nascido tinha um cheiro doce, como leite açucarado, e o diabo disse-lhe para lhe dar a fralda suja.

Saiu do carro por um minuto, para pôr a fralda no porta-bagagens. Laura sussurrou para Alina:

— O que é que ele vai fazer connosco? Com o Oscar?

Alina tremeu. Tinha os olhos muito abertos mas Laura tinha a certeza de que ela não a via, nem ao interior do carro. Que podia ver? O interior da casa onde morrera? Tinha encontrado ali o diabo?

— Tenho-vos vigiado a todos — disse ele voltando a sentar-se ao volante. — É quase divertido. Sabem, adoro jovens. Tão certos de que sabem tudo, de que percebem o funcionamento do mundo. Olhando com piedade ou indiferença para as pessoas da minha idade.

Laura estava confusa. Eram palavras estranhas para o diabo dizer.

— Ainda têm muito a aprender. — Sorriu novamente. — Tanto!

A certa altura, na estrada, Oscar, que adormecera quando tinham saído de Londres e entrado em Essex, acordara e gritara, esfregando a cabeça no peito de Laura, procurando futilmente o seu mamilo. Ele gritava e Laura tentava calá-lo, desejando ter algo para ele beber.

— Ele tem fome — disse ela.

O diabo riu-se.

— Há leite na casa. Não demoramos a chegar. Entretanto, mantém-no calado. — Observou-a novamente no espelho, e depois olhou para Alina. —

Só preciso de uma de vocês. É melhor que se lembrem disso. Só preciso de uma para recomeçar.

Ao seu lado, Alina começou a chorar. Laura ficou sobressaltada. Alina? A chorar? Estendeu instintivamente a mão para confortar a mulher morta e ficou chocada ao tocar carne quente.

## CAPÍTULO 55



V

oltámos para o carro do Edward e ficámos sentados em silêncio

por um momento. Eu sentia-me curiosamente calmo. Muitas vezes, na minha vida profissional, tinha encontrado um problema difícil — uma parte do código, um elemento de *design* ou de conveniência para o utilizador — e preocupava-me num frenesi de stress, apenas para, de seguida, ser dominado por uma sensação de tranquilidade. Há sempre uma solução que pode ser encontrada através da lógica e do pensamento claro.

A polícia não conhecia a Laura. Eu conhecia. Decerto que isto me colocava numa posição melhor do que a deles para a encontrar, e ao Oscar. Eu era a única pessoa, além do Edward, que conhecia toda a história. Expliquei

isto ao Edward.

Ele ergueu ambas as sobrancelhas.

— Exceto que não sabemos a história toda, pois não? Quem é o velho?

— Não sei. Deixe-me pensar. — Dei palmadinhas na testa, falando em voz alta para auxiliar o meu processo de pensamento. — Nós pensávamos que o Ion e a Camelia tinham levado a Laura e o bebé para poderem chantagear-nos e dizermos o que tínhamos feito com a droga. Mas agora sabemos que não foi isso. — Uma pausa. — O Ion disse que não sabe onde está a Alina. Talvez estivesse a dizer a verdade.

O Edward deixou pender a cabeça, supus que de exaustão. Eu não me sentia nada cansado. O meu corpo vibrava de adrenalina. Há muito tempo que não me sentia assim. Desde que emergira da floresta naquela noite, três meses antes, estivera confuso, ansioso, incapaz de pensar com clareza. Há uma semana, perante esta situação, o meu impulso teria sido pegar na garrafa, esconder-me e esperar que tudo corresse pelo melhor. Mas tinha a certeza absoluta: esta situação lixada, esta história de terror, tinha começado comigo, com um único erro involuntário que eu cometera na altura, ao escolher não comprar bilhetes mais caros para um compartimento-cama. Essa decisão pusera tudo em movimento. Agora eu tinha uma oportunidade de me redimir.

Algo estava a germinar no fundo da minha cabeça desde que o Edward descobrira que a Alina estava viva e em Londres. Eu nunca tinha considerado a possibilidade de o homem da casa tentar encontrar-nos, a mim ou à Laura. Mas agora que sabia que o Ion nos tinha seguido e encontrado, pusera-me a pensar. Mais alguém nos teria seguido? Ou talvez... A Alina estava aqui. Aparentemente, tinha escapado. E — a minha mente tentou resolver o problema — o seu raptor seguira-a. Matara o Constantin de caminho? O *timing* do desaparecimento do homem era demasiado perfeito para eu acreditar noutra coisa. Eu acreditara desde o princípio que o Constantin era corrupto, que já sabia da casa, e por isso é que tínhamos fugido de Breva. O Constantin tinha desaparecido na mesma altura em que todas as coisas estranhas tinham começado a acontecer aqui. Mas, o que é que acontecera na Roménia? O Constantin tentara salvar a Alina? Teria a Alina assassinado o polícia? Qualquer que fosse a resposta, o facto de o Constantin ter desaparecido mesmo antes de a Alina aparecer em Londres fazia-me pensar que não fora uma coincidência.

E, quando ela escapara, o homem que a mantinha prisioneira viera atrás dela. E, hoje, tudo se precipitara. Ele matara a Camelia, deixara o Ion para morrer, depois raptara a Laura e, presumi, a Alina, levando também o Oscar.

O Edward começou a perguntar-me alguma coisa, mas levantei a mão. Precisava de pensar.

Havia um problema com esta teoria: o homem que tínhamos visto na casa não era velho, como o que o Ion descrevera. Andaria pelos trinta anos. Mas talvez tivesse um cúmplice. Alguém que já vivia aqui? Ou alguém que tinha mandado para cá?

— Ligue ao seu contacto na polícia romena — disse eu. — Acho que sei porque é que a casa está vazia agora.

Expliquei-lhe a minha teoria.

— Não sei...

— Faça-o, Edward. — Ele parecia surpreendido com a minha assertividade. — Precisamos de saber quem vivia naquela casa.

Enquanto o investigador privado ligava, eu observei a casa ocupada, embora fosse difícil ver muito devido à multidão de mirones lá fora. Tinha chegado outra ambulância e vi-os levarem o corpo da Camelia. Uma imagem surgiu-me na mente: a Camelia em cima de mim no sofá, sangue a escorrer do seu corpo meio nu, o cimo do seu crânio metido para dentro. Estremeci e fechei os olhos, forçando a imagem a desaparecer.

Ouvi enquanto o Edward conversava com o polícia de Breva que falava inglês, impaciente para saber o que era dito do outro lado da linha. O Edward tomou uma nota num pedaço de papel, disse «OK» uma série de vezes e desligou.

— Então?

— Ele queria saber porque é que perguntávamos, por isso contei-lhe a sua ideia, de que o raptor e assassino, que a polícia de lá nem acredita que existe, tinha vindo para Londres.

— E o que é que ele disse?

— Disse que tinham conseguido descobrir o proprietário da casa. Ou, melhor, o antigo proprietário. — Levantou a folha de papel onde anotara o nome. *Nicolae Gabor*.

— Disse antigo proprietário? Morreu?

— Desapareceu, presume-se que morreu. Parece que era polícia durante o regime comunista. O meu novo amigo em Breva disse que o Gabor tinha uma certa reputação... quando lhe pedi mais pormenores, disse-me que o pesquisasse no *Google*. No entanto eles julgam que o Gabor foi proprietário da casa mas nunca viveu lá, e quando ele desapareceu, esta ficou simplesmente a apodrecer. Uma casa abandonada na floresta.

Eu já tinha pegado no telemóvel e escrito Nicolae Gabor no *Google*. Encontrei rapidamente o seu nome numa página chamada «Vilões da Roménia Comunista». A página, que continha uma longa lista de «crimes contra o povo», estava escrita em romeno, por isso copieei o endereço para o *Google Translate*.

— De acordo com isto, ele era membro da *Securitate*, a polícia secreta.  
— Li em voz alta, emendando a tradução, ligeiramente truncada, à medida que lia. — *Como muitos dos seus camaradas, Gabor era doentio e corrupto, usando o seu posto elevado e... o terror que induzia no povo para acumular uma fortuna pessoal. Depois da Revolução, muitas mulheres denunciaram que Gabor abusara delas e as violara, que ordenava aos seus subalternos que usassem o medo da violação para intimidar famílias inteiras.*

— Um encanto — disse Edward com uma expressão impávida.

Continuei a ler em voz alta.

— *Depois de o aborto ser ilegalizado, em 1966, muitas das crianças filhas de Gabor e do seu esquadrão de violadores foram enviadas para os terríveis orfanatos do país, onde sofreram crueldades horríveis.*

Havia um link para uma página sobre os orfanatos romenos durante a era comunista. Eu já tinha lido sobre esses lugares, apenas um parágrafo no meu guia da Europa de Leste. Tentara ler essa parte em voz alta à Laura — factos terríveis sobre crianças amarradas às grades dos berços, o abuso e negligência sistemáticos —, mas, após algumas linhas, ela tinha lágrimas a escorrerem pelas faces, e eu tive de parar de ler. Era demasiado horrível pensar nisso.

Porém, ecoava o que tínhamos visto naquela casa, com uma diferença doentia. Desta vez eram as mães que estavam acorrentadas, macilentas, e os bebés relativamente saudáveis e cuidados. Pelo menos, o bebé que tínhamos visto. Não fazíamos ideia do que tinha acontecido aos outros, como a pobre alma naquele caixão mínimo.

— *Depois da Revolução, Gabor desapareceu. Parte-se do princípio de que foi assassinado por uma das suas antigas vítimas em busca de vingança. Porém, o seu corpo nunca foi encontrado.*

Levantei os olhos do ecrã.

— Mas ele não morreu. Mudou-se para aquela casa e continuou a violar mulheres e a engravidá-las.

— Mas não é o homem que vocês viram, pois não? É demasiado velho.

De acordo com a página da *web*, o Gabor teria agora setenta anos. Abanei a cabeça.

— O homem que vimos devia ser um cúmplice.

— Há uma fotografia do Gabor? — perguntou o Edward.

Não havia fotografias na página que eu tinha estado a ler, por isso voltei ao *Google* e submeti novamente a pesquisa. Não havia nada imediatamente óbvio.

— Vou ver como está a Sophie — disse o Edward. — Deixo-o em casa de caminho.

— Mas eu não quero ir para casa. Preciso de estar na rua, à procura.



Ele ignorou-me e ligou o motor.

— Não há mais nada que possamos fazer neste momento, Daniel. Precisamos de deixar isso para a polícia.

— Não. Quero ir ao hospital, falar com o Ion. Preciso de saber mais acerca desse homem velho. Ele perguntou ao Ion se se lembrava dele. Talvez possa avivar-lhe a memória com esta informação sobre o Gabor. Talvez o Ion saiba onde encontrá-lo.

— Mas não há hipótese de a polícia o deixar vê-lo. Nem sequer sabemos se ainda está vivo.

— Não me interessa. Ainda estou a pagar-lhe, não estou?

Enquanto discutíamos, continuei a ver as páginas de resultados no motor de busca. Outro resultado chamou-me a atenção. *Em Imagens: Os homens da Securitate*. Cliquei no *link* e esperei que a página carregasse, depois fui passando as fotos. Havia muitas de homens usando uniformes da polícia secreta, franzindo as testas para a câmara. A meio da página havia uma fotografia de Nicolae Gabor tirada em finais dos anos oitenta, pouco antes da Revolução de Veludo. Era bastante bem-parecido, com um queixo forte. Fitava a câmara com fúria, claramente pouco satisfeito por lhe tirarem a fotografia.

Enquanto ele olhava para fora da fotografia, eu olhei-o também. Parecia que olhava diretamente para mim. Para dentro de mim. E, enquanto olhava para a foto, reconheci-o. Já o tinha visto anteriormente.

## CAPÍTULO 56



**P**arámos no estacionamento do hospital vinte minutos depois. Pedi ao

Edward que me deixasse liderar a partir dali e ele assentiu. No fundo da minha mente sabia que estava a dirigir-me para um *crash* de adrenalina, que em breve o meu corpo notaria que eu não tinha comido nada em todo o dia. Mas, para já, estava a cavalgar essa onda química.

Não sabia bem como íamos localizar o Ion, mas, assim que entrámos no átrio, avistei a mulher polícia que tinha estado na casa ocupada. Segui-a a uma distância discreta enquanto ela se dirigia para o elevador, com o Edward alguns passos atrás de mim. O elevador chegou e, quando ela entrou, aproximei-me e vi-a premir o botão para o quarto andar.

As escadas ficavam atrás dos elevadores, por isso corri até ao quarto andar sem esperar pelo detetive privado. Não me sentia sem fôlego quando lá cheguei, a tempo de ver a agente premir outro botão ao fundo do corredor e esperar ser introduzida por um conjunto de portas duplas.

Segui-a, premindo o botão vermelho e esperando para ser admitido. Uma enfermeira asiática deixou-me entrar mas depois pôs-se à minha frente.

— As visitas terminaram há uma hora — disse.

— Sou polícia — respondi, usando a minha voz autoritária. Não é muito difícil fazer as pessoas acreditarem numa mentira. Apenas temos de soar convincentes. Num caso destes, também ajuda se agirmos como se fôssemos ser agressivos para alguém que se interponha no nosso caminho. — Estou aqui para ver o Ion... — Detive-me, percebendo que ainda não sabia o apelido dele. — A vítima de esfaqueamento. É urgente.

— Oh, sim... — Ela hesitou. Merda. Ia pedir-me o crachá. Afinal o meu ar autoritário não bastava para a enganar. Mas depois apareceu outra enfermeira que a chamou, usou a palavra *urgente*, e a enfermeira asiática correu atrás dela.

— Enfermeira, qual é a cama? — gritei.

— Quarenta — respondeu ela, desaparecendo numa esquina.

O rosto do Edward apareceu à porta e eu deixei-o entrar.

— Cama 40 — disse-lhe. — Se alguém perguntar, somos polícias.

— O quê? Oh, já percebi.

Atravessámos a enfermaria, procurando a cama 40. Não foi difícil de encontrar. A enfermaria estava dividida em várias áreas distintas. A cama 40 ficava na mais distante, facilmente identificável pela agente sentada numa cadeira ao seu lado, folheando uma revista. O Ion parecia estar a dormir, ou inconsciente. Estava preso a um saco de soro, juntamente com uma máquina que monitorizava o seu ritmo cardíaco. Calculei que tinha perdido muito sangue.

— Precisamos de a distrair — disse eu.

O Edward mordeu o lábio.

— Certo. Espere aqui. Tem apenas cinco minutos, está bem?

Recuei, escondendo-me atrás de um grande saco de lavandaria com rodas, consciente de que um par de outros pacientes me olhavam com desconfiança, enquanto o Edward se apressava para junto da agente e começava a gesticular. Fazia gestos frenéticos para ela o seguir. Ela hesitou, olhou para o Ion e depois decidiu-se e seguiu o Edward para a saída da enfermaria. Assim que passaram por mim, aproximei-me da cama. Tinha vontade de fechar a cortina para ter privacidade, mas temia atrair as atenções e, além disso, não conseguiria ver ninguém a chegar.

O tronco do Ian estava enrolado em ligaduras e a sua respiração era irregular, a pele pálida e suada. Tinha um olho horripelantemente negro e mais ligaduras na cabeça. Ao olhar para ele, senti um impulso de ódio. Mas estava contente por ele ainda estar vivo. Tinha havido tanta morte, tanto sangue. O Ion, por uma espécie de milagre, sobrevivera. E agora tinha a oportunidade de corrigir algumas coisas.

Pus a mão no ombro dele — estava frio e húmido — e abanei-o. Ele mexeu-se, estremecendo ao sair do sono. Mas não abriu os olhos. Tentei novamente, encostando-me ao ouvido dele, e sussurrei o seu nome. Tinha consciência de que o tempo estava a passar. Ou um polícia ou um enfermeiro ou médico podia aparecer a qualquer momento.

— Ion — sussurrei novamente, e ele abriu um olho. Levou um momento a focar a vista. Calculei que lhe tivessem dado analgésicos poderosos, mas incapazes de erradicar completamente as dores de ter sido espancado.

— Tenho sorte — disse ele. Tive de me baixar mais para o ouvir. — Tenho a cabeça dura. — Riu-se, o que lhe causou um ataque de tosse. Franziu o rosto em agonia. — As minhas costelas.

— Preciso que te concentres — disse. — A Laura e um bebé, um bebé completamente inocente, desapareceram. Preciso que respondas a algumas perguntas.

Ele fitou-me através dos olhos meio fechados, com um pequeno sorriso nos lábios. Talvez os analgésicos o deixassem pedrado. Ou talvez achasse esta situação divertida.

— O velho que te atacou... foi este? — Segurei o telefone para lhe mostrar a fotografia do Nicolae Gabor.

O Ion assentiu quase impercetivelmente. Então, estava confirmado. O Gabor estava aqui. Estava *tudo* ligado com o que tínhamos visto naquela casa.

— Ele fazia parte do teu bando? Trabalhavas para ele?

Ele riu-se, emitindo um silvo, a dor a perpassar-lhe no rosto.

— O velho? Nunca o tinha visto.

— Não mintas, Ion.

Ele franziu o rosto com confusão.

— Ele estava lá, no comboio. Foi o velho que a Alina ajudou com a bagagem.

— Ajudou com... — Viu-se no seu rosto que tinha compreendido. — Oh, meu Deus, não o reconheci. Não me lembrava.

Acreditei nele. A menos que o Ion estivesse a mentir acerca de o homem lhe ter perguntado se se lembrava dele, tinha de ser verdade. A minha mente disparou, tentando fazer sentido disto tudo. O Gabor estava no comboio. Tínhamos sido expulsos perto da sua casa. Não podia ser uma coincidência.

Ele devia ter arranjado uma maneira de isso acontecer.

Pensaria nisso mais tarde. Neste momento, havia coisas que precisava de confirmar.

— O que é que aconteceu no comboio, Ion? Colocaste droga nas nossas mochilas?

Um vislumbre de dor passou pela sua face.

— Encontraste-a? A cocaína?

Ignorei a pergunta.

— E depois mandaste a Camelia tentar saber o que lhe acontecera?

— Sim. Sabes — tossiu —, teria sido muito mais fácil se tivéssemos feito o que a Camelia queria depois de termos visto a tua conta bancária. Não havia grandes depósitos, por isso tínhamos a certeza de que ainda tinham a coca ou o dinheiro da sua venda. A Camelia queria que invadísemos imediatamente o vosso apartamento e que vos amarrássemos, com uma faca encostada à cara, para nos dizerem onde estava a coca ou o que tinham feito com ela. — Abanou a cabeça. — Mas não sou um homem violento, Daniel. — Bateu num lado da cabeça e estremeceu. — Uso a cabeça, não os punhos.

— Nunca tivemos a cocaína, Ion. Nem tinha a certeza até tu teres acabado de mo confirmares. Deixámos as nossas mochilas na Roménia — com a cocaína ainda lá dentro, presumo — numa esquadra de polícia. Com um polícia chamado Constantin.

O Ion arregalou os olhos.

— Esse *cabrão*.

Ouvi um barulho do outro lado da enfermaria. Um homem de meia-idade a chamar um enfermeiro. Não tinha muito tempo. Precisava de ir ao cerne da questão.

— Ion, sabes onde é que eles estão?

— Quem?

— A Laura e o bebé. E a Alina.

A confusão brilhou de novo nos olhos dele.

— O Gabor disse alguma coisa acerca deles?

— Não. — Tossiu. — Estava demasiado ocupado a bater-me com uma barra de ferro para se pôr a conversar.

— Ele não disse nada sobre ter levado a Laura e a Alina?

— Porque é que estás sempre a perguntar pela Alina?

— Porque... Como assim, porque é que estou sempre a perguntar?

— Não vejo a Alina desde aquela noite. — Virou a cabeça e olhou para mim, os seus olhos abrindo-se um pouco mais.

Fiquei boquiaberto.

— Não sabias que ela estava aqui? — Se ele não a via desde o comboio,

não sabia o que lhe tinha acontecido. E neste momento eu não tinha tempo para lhe contar.

— O que é que aconteceu depois de serem atirados do comboio? — perguntou ele. — Vocês vieram para casa, mas para onde foi a Alina?

Não respondi. Estava demasiado ocupado a pensar. Ainda não sabia quem tinha levado a Laura e o Oscar. Fui dominado por um pensamento doentio. E se a Alina os tivesse levado? A Alina, querendo vingar-se por eu e a Laura a termos deixado naquela casa? Ou talvez a Alina soubesse que o Gabor estava atrás deles, e estivessem escondidos. Mas porquê levar o bebé?

O Edward e a agente ainda estavam ausentes, mas agora via uma enfermeira. Estava de costas para mim, mas podia virar-se a qualquer momento. Se me visse, expulsava-me.

— Tenho de ir — disse. Esta visita tinha sido uma perda de tempo, apesar de o Ion ter confirmado a minha teoria acerca da droga.

Havia uma pergunta que me incomodava há muito tempo. Decidi colocá-la ao Ion antes de me ir embora.

— Porque é que tu e a Camelia devolveram o meu portátil?

— Huh? Não devolvemos. Eu comprei um bom para mim com o teu cartão, mas a Camelia ficou com o teu.

— Então foi ela que o devolveu?

— Não. Vendeu-o.

— Mas... acabou no meu apartamento. É o mesmo portátil.

O Ion lançou-me um olhar vazio.

— A quem é que o vendeu? — perguntei rapidamente. A enfermeira tinha-se virado e estava a caminhar na nossa direção, uma expressão severa no rosto.

O Ion pensou por um momento agonizantemente longo. A enfermeira estava quase a chegar à cama.

— A um velho qualquer que conheceu num clube de dança no verão. Também lhe vendeu a tua *PS4* e o *iPad*. Ainda se riu com a ideia de o velho jogar *Call of Duty*...

Interrompi-o.

— O velho a quem ela vendeu o meu portátil... foi o Gabor?

— Não sei. Nunca o vi. Mas também era romeno. Não sei mais nada.

— Desculpe, não pode estar aqui. — A enfermeira cruzou os braços diante do peito e bateu o pé.

— Um momento. — Segurei o braço do Ion. A pele dele estava fria, pegajosa. A enfermeira avançou para mim. — Tens a certeza?

— Sim. Estou a lembrar-me. Ela disse que o tinha vendido a um velho que a assediava no trabalho. Disse que era uma estranha coincidência: no dia a

seguir a nós... irmos ao teu apartamento, ele perguntou-lhe se conhecia alguém com um portátil para vender, porque precisava de um.

*As coincidências não existem*, pensei.

— Só podia ser o Gabor. Ele devia estar a vigiá-la... viu-a sair do meu apartamento...

— Tenho mesmo de lhe pedir que saia — disse a enfermeira. — Ou chamo a segurança.

Olhei para ela, tão perplexo com o que o Ion me tinha dito sobre o portátil que mal a via. Mas tive consciência de outra pessoa a dirigir-se a nós. A agente da polícia. E atrás dela, o Edward, gesticulando para me chamar.

Saltei por cima da cadeira de plástico, passei pela enfermeira e contornei a agente antes de ela poder confrontar-me, peguei no braço do Edward e premi o botão de abertura da porta com a palma da mão, puxando-o para o corredor. Corremos pelos degraus, os nossos passos ecoando atrás de nós.

— O que é que disse à polícia? — perguntei.

Ele abanou uma mão.

— Oh, que tinha visto alguém roubar a mala de uma velhota. Levei-a numa caça aos gambozinhos pelo hospital. Vou estar tão na merda se descobrirem o que fizemos. Sabe que dependo da polícia para o meu trabalho?

— Quer saber o que o Ion me disse?

Chegámos ao fundo das escadas e dirigimo-nos para o átrio.

— O meu portátil. A Camelia não o devolveu ao meu apartamento. Vendeu-o ao Gabor.

Ele parou.

— O quê?

— Deve ter sido *ele* que o devolveu. Como é que ele arranjou uma chave do meu apartamento? Caramba, é como se todos tivessem uma chave. Metade da maldita Roménia andava a entrar e a sair do meu apartamento!

— Porque é que ele o devolveu? — perguntou o Edward quando saímos do hospital. — Fez uma verificação de *spyware*, não fez? Quando voltou a aparecer?

— Sim. Mas... oh, merda!

— Que foi?

Desatei a correr para o carro.

## CAPÍTULO 57



**L**aura fitava a estrada. Desde que tinham saído de Londres, haviam basicamente percorrido uma linha reta através de Essex, o diabo mantendo-se na faixa mais rápida sempre que podia, o conta-quilómetros perto dos cento e sessenta quilómetros por hora. Depois apanharam trânsito e o diabo soprou e praguejou, batendo ritmicamente no volante com os nós dos dedos enquanto o carro avançava lentamente.

Oscar, felizmente, estava a dormir, a cara encostada ao seu peito, fazendo um ocasional barulho fanhoso que lhe partia o coração. Tinha chorado até adormecer enquanto saíam de Londres, o diabo ficando cada vez mais irritado. Laura embalara e acalmara o bebé, dizendo ao diabo que o bebé precisava de



leite, que tinha fome.

— Haverá leite quando lá chegarmos — disse ele.

— Ele é amamentado — atreveu-se a dizer. — Não vai beber leite em pó.

O diabo riu-se desdenhosamente.

— Não tardará a beber, se tiver fome. — Virou-se e olhou através da abertura entre os bancos, fazendo a pele dela arrepiar-se. — Com essas, também não teria grande refeição. Mas boas ancas. Saudável, pelo menos fisicamente. As tuas mamas crescerão na devida altura.

Alina manteve-se calada durante todo o tempo, olhando fixamente em frente. Como se fosse mesmo um fantasma, uma aparição. Mas Laura sentia o seu cheiro. Cheiro azedo. O cheiro do medo a sair-lhe dos poros. Não era um fantasma. Era real. E se Alina era de carne e osso, o velho que conduzia o carro também não era um ser sobrenatural. Era só um homem.

Ficaram presos no trânsito por muito tempo, a impaciência do velho a crescer a cada minuto. A certa altura, Laura pensou que ele ia sair do carro e bater no da frente. Finalmente, recomeçaram a andar. Laura contou os sinais refletores na estrada para se acalmar. Quando era criança, fazia um jogo em que contava carros brancos e carros vermelhos nas viagens de família. Se os carros vermelhos fossem mais do que os brancos, algo de mau aconteceria: ela ia adoecer, uma das meninas que a maltratava na escola seria ainda mais cruel. Se os brancos ganhassem, aconteceria algo de bom: a mãe deixá-la-ia em paz por um dia, Beatrice visitá-la-ia.

Hoje, não valia a pena contar carros. O pior tinha acontecido. Ela conformara-se com isso. A sua única esperança neste momento era poder proteger Oscar. Se pudesse, de alguma forma, persuadir este homem a devolvê-lo à Erin e ao Rob, faria tudo o que o diabo pedisse. Aceitaria o seu castigo.

Saíram da M11 e contornaram Bishop's Stortford, dirigindo-se mais a leste. Laura viu um letreiro indicando a Floresta de Hatfield e em breve estavam a virar para uma rua mais tranquila, depois outra, ladeada por árvores irregulares. O feixe dos faróis iluminou-as a esticarem-se para o carro com ramos longos e nus. Além da luz dos faróis, ficava a noite mais escura e profunda.

Penetraram mais na floresta. Laura fechou os olhos e segurou Oscar de encontro ao peito. Mal conseguia respirar. O carro abrandou e ela abriu um olho, vendo que se aproximavam de uma grande casa meio escondida por árvores antigas. Oscar gemeu e ela percebeu que estava a apertá-lo demasiado.

Ao seu lado, Alina parecia igualmente abalada. O fantasma de um fantasma.

O carro parou e o diabo desligou o motor, mantendo as luzes acesas.

Laura conseguia ouvir a respiração de Alina. Curiosamente, testemunhar o medo da mulher romena fê-la sentir-se mais corajosa, forçando-a a assumir o papel da forte. As luzes do carro revelaram uma casa antiga, com paredes pintadas de branco, uma casa que estava ali há tanto tempo que parecia uma parte orgânica da floresta. Parecia um tanto negligenciada, vidros partidos, o telhado a abaular em alguns pontos. Não havia outras casas à vista.

— Como a nossa casa — disse o velho. Sorriu para Laura, depois virou a sua atenção para Alina. Embora o seu sotaque fosse forte, falava um inglês perfeito, como alguém que o estudasse há muito tempo. — Pensaste que me tinhas escapado, não pensaste?

Alina recusou-se a olhá-lo.

— Lembras-te quando fui lá para ir buscar o pequeno, como é que tu lhe chamavas, Luka? Devíamos ter-te matado nessa altura. O Dragoş estava a enfraquecer, assim como a sua semente. A menos que tu sejas estéril. — O seu sorriso era cruel. — Em breve saberemos. Desta vez serei eu a fazer o trabalho. — Esfregou os genitais. — Ainda há vida neste cão velho.

Laura pensou que ia vomitar. Tentou perceber o sentido do que o homem dizia. Mas era óbvio que ele estava ligado à casa, àquele lugar horrível.

O homem olhou para Oscar, forçando Laura a focar-se no momento presente.

— Esse vai atingir um bom preço. Já conheço um casal interessado. Um casal russo, velhos conhecidos, que se mudaram para Londres. Demasiado velhos para terem o seu próprio bebé.

Laura ouviu Alina gemer. Ou teria sido ela própria? Enrolou os braços no bebé, de forma protetora.

— Está a falar de quê?

Estava frio no carro, agora que o motor se encontrava desligado, e a respiração do homem fazia plumas enquanto ele falava. Havia um brilho nos seus olhos que gelou Laura mais do que as suas palavras. Tinha o ar de alguém que se crê invencível.

— Aqui a tua amiga matou o meu filho. Um bastardo, mas meu filho. Estragou tudo. Sabes quanto tempo vivemos naquela casa, gerindo alegremente o nosso negócio? Vinte e quatro anos. Desde que fui obrigado a fugir do meu emprego por causa da maldita revolução.

Nessa altura Alina ergueu os olhos, a boca entreaberta, revelando a falha nos seus dentes da frente.

— Antes disso, foi uma boa época para ser polícia. Uma posição

poderosa. Tantas mulheres. — Disse isto nostalgicamente e continuou, em transe com a sua própria história. — A maior parte dos bebés de que fui pai foram para orfanatos, mas quando a mãe do Dragoş engravidou, eu tinha começado a pensar no meu legado. Quando vi que era um rapaz, decidi mantê-lo. A mãe dele era... uma boca de trapos, nunca sabia quando se devia calar. — Apontou os seus próprios lábios finos. — Então, depois de ela... morrer, comprei a velha casa em Hunedoara e pus o Dragoş a viver ali com a *minha* mãe, Deus a tenha em descanso. Ela criou-o. E, anos mais tarde, quando o Dragoş atingiu a maioridade, veio a revolução. E eu desapareci.

Os olhos dele brilhavam na escuridão. Fez Laura recordar-se, perversamente, do seu avô, que nunca perdia uma oportunidade de contar as suas memórias.

— Ao princípio foi um tédio. Tão aborrecido, depois de toda a excitação do meu trabalho. Mas então, um dia, quando Dragoş era um adolescente, algo de maravilhoso aconteceu. Conseguem adivinhar?

Olhou de Laura para Alina e novamente para Laura, depois fez um grunhido de repugnância.

— Não têm imaginação! Um par de caminhantes apareceu lá em casa. Um homem e uma mulher jovens, perdidos na floresta, como Hansel e Gretel. Bateram à porta, a perguntar direções. Então estrangulei-o e depois eu e o Dragoş divertimo-nos com a rapariga. Estava mais que na altura de o Dragoş perder a virgindade. — Fez uma pausa. — Hum. Não me lembro se obrigámos o Hansel a ver enquanto fodíamos a Gretel. Mas não importa. Decidi ficar com ela, para finalmente termos algo com que nos entreter. Foi divertido.

Laura engoliu em seco. Oscar retorceu-se no seu colo.

— E então — disse ele, como se começasse a cansar-se da história —, a Gretel engravidou. Talvez fosse meu, talvez do Dragoş. Era para a matar, mas depois tive uma ideia. Um golpe de génio. Estávamos a ficar sem dinheiro. E eu estava tão entediado, mesmo com uma jovem bonita para foder. Retomei alguns contactos antigos, pessoas que tinham conservado as suas fortunas. E o resto, como se costuma dizer, é história.

Alina falou, fazendo Laura saltar.

— Também és um monstro. Como o teu filho.

Ele riu-se.

— Ela fala! Não. Sou um homem de negócios. Existia procura, por isso satisfi-la.

Laura estendeu o braço e tocou na mão de Alina, apertando-a gentilmente. Após um momento de hesitação, Laura respondeu ao aperto.

— Tens garra, tenho de te conceder isso — disse ele para Alina. — Eu

sabia que virias para cá, para Inglaterra. Porque querias *vingança*, não querias? — Apontou para Laura. — Ela queria vingar-se de vocês, por se terem ido embora sem ela. Por a deixarem ali a apodrecer. Não é verdade, Alina?

A rapariga romena baixou os olhos. Não respondeu.

— O Constantin, aquele cabrão, mentiu-me. Tu foste testemunha, Alina. Mentiu-me descaradamente, porque não queria que eu soubesse da droga que tinha encontrado na tua mochila, Laura. Pagou o preço por isso. Enterrei-o na floresta. A última coisa que ele disse, pensando que a informação o salvaria, foi o teu nome e o do teu namorado.

Estendeu a mão e acariciou a penugem na cabeça de Oscar.

— Este pequenino não fazia parte do meu plano. É um bónus. E outro sinal de Deus. — Afagou de novo a cabeça do bebé e Laura combateu a vontade de desviar Oscar, de o proteger com o seu corpo. — Fiquei entusiasmado por encontrar o bebé aos teus cuidados, Laura, e os pais adormecidos no seu quarto.

Laura abraçou Oscar de encontro ao peito. Tinha estado a tentar perceber porque é que o velho a levava de volta a casa de Erin e Rob depois de a encontrar na casa ocupada. Pensara que fora por o seu alvo ser o bebé, mas se ele agora falava de Oscar como um bónus...

— Porquê — perguntou. — Porque é que me levaste de volta se não planeavas roubar o Oscar?

O velho sorriu e apontou um dedo para Alina.

— Porque esta menina má tem andado a esconder-se de mim. Estava à espera de que ela se mostrasse.

Laura compreendeu. Quando falara a Alina do diabo que a resgatara do Ion e da outra rapariga romena, Alina saíra finalmente do seu esconderijo — mostrando-se ao homem que a procurava.

Saiu dos seus pensamentos ao ouvir o velho falar novamente.

— Alina, destruíste o que eu tinha na Roménia. Mas não faz mal. — Sorriu como um lobo. — Posso começar de novo. Aqui, em Inglaterra. E já tenho a minha primeira porquinha para levar ao mercado.

## CAPÍTULO 58



**P**edi ao Edward que fizesse café enquanto eu ligava o portátil.

Enquanto esperava, peguei numa folha de papel de impressão e tentei desenhar um diagrama de Venn, com figurinhas básicas representando os atores deste drama. Num círculo, os potenciais traficantes de droga romenos, Ion e Alina, e Camelia. Noutro círculo, Gabor e o seu cúmplice sem nome, o homem na casa. Na periferia, arrastados involuntariamente para o drama, Erin, Rob e Oscar. O polícia, Constantin, também estava ali, assim como o Edward. E no centro, onde todos aqueles círculos se intersetavam, eu e a Laura.

A Camelia tinha vendido o portátil ao Gabor. Tinha de ser ele. Não havia

mais nenhum homem romeno na imagem. Eu sabia como o grupo do Ion ganhara acesso ao meu apartamento: tinham o conjunto de chaves que estava na mochila da Laura. Não sabia como o Gabor conseguira uma chave. Talvez tivesse arrombado a fechadura. De momento, isso não importava.

— Que está a fazer? — perguntou o Edward, sentando-se ao meu lado.

— A verificar o *spyware*.

— Mas já o tinha feito, não tinha?

— Sim, mas só quando o portátil foi devolvido. Não lhe contei outra coisa estranha que aconteceu. — Falei-lhe das fotografias no comboio que se tinham desvanecido diante dos meus olhos.

— Santo Deus, Daniel, porque não me falou disso antes?

— Receava tê-lo imaginado. Estar a ficar maluco. — Se não estava a ficar maluco, havia apenas uma explicação possível para a maneira como as fotografias tinham desaparecido. No parque de estacionamento do hospital, tentando perceber porque é que o Gabor devolvera o computador, tinha-me lembrado do que acontecera imediatamente antes de as fotografias desaparecerem: recebera o *e-mail* da Laura, com a fotografia dos gatos. Só que eu tinha quase a certeza de que não viera da Laura. Se tivesse dado mais atenção na altura, teria sem dúvida visto que viera de um endereço de *e-mail* forjado com o nome da Laura. E a fotografia dos gatos continha aquilo que eu procurava agora. O Gabor devia ter suposto que eu procuraria vírus no computador quando este fosse devolvido — por isso enviara o vírus mais tarde.

Expliquei isto ao Edward enquanto esperava que o *software* antivírus fizesse o exame da máquina.

Então este parou e surgiu um alerta no ecrã.

Pus a cara nas mãos.

— Merda.

— Que aconteceu? — perguntou o Edward.

Bati no ecrã do portátil.

— Está aqui. *Spyware*. — Virei a cabeça para o olhar. — Um *software* no meu portátil que deu a alguém acesso remoto ao computador. Podiam ver tudo o que eu escrevia. Podiam adicionar e eliminar ficheiros.

— Podem ver o que está a fazer agora? — perguntou o Edward.

Voltei ao teclado. Um minuto depois, disse:

— *OK*. Bloqueei a conexão. Mas eles podem ver que a bloqueei. E se estiverem a olhar agora, sabem que estou em cima deles.

— E pode localizá-los? Encontrar o computador da outra pessoa?

— Vejamos.

Enquanto eu trabalhava, o Edward ligou para casa do Rob e da Erin e

falou com a agente Davies, perguntando como estava o casal.

— O que é que ela disse? — perguntei depois de ele desligar, sem levantar os olhos do ecrã. Estava perto. O computador do Gabor ainda tentava ligar-se ao meu e eu tentava encontrar o endereço de IP desse computador.

— A Erin foi sentar-se no quarto do Oscar, olhando para o berço dele. O Rob saiu para ir à procura. Parece que não conseguia ficar em casa sem fazer nada. A polícia já foi de porta em porta falar com todos os vizinhos...

— Algum deles viu alguma coisa?

— Ela não me contou muito. Mas o Rob arrancou a maior parte desses vizinhos de casa e vão procurar nas ruas próximas.

Continuei a escrever na caixa de comandos, cada vez mais perto de encontrar aquele endereço de IP.

— A Davies disse que mostraram a fotografia da Laura nas notícias. Está por toda a *internet*. As pessoas no *Twitter* estão a enlouquecer, chamando-lhe ladra de bebés, partilhando a fotografia dela... Todo o país está à procura dela.

Estremeci.

— Isso é tão *errado*. Ela nunca o teria levado.

Voltei ao ecrã, escrevendo comandos na caixa, cada vez mais perto. O Gabor parecia estar a utilizar um *software* de pirataria comprado, não particularmente sofisticado. Provavelmente comprara-o a um miúdo na *dark web*.

— Já o tenho — disse baixinho.

— O quê?

— O endereço de IP. Certo...

Fui à *web* e teclei o endereço de IP, uma fila de números, para um *website* especializado. O resultado chegou em segundos, indicando-me a região, assim como a latitude e a longitude.

— Não me dá a morada exata, mas... — Abri o *Google Maps* e ampliei a área em que o endereço de IP estava localizado. Os meus olhos encontraram os de Edward.

— De volta à floresta — disse, e um arrepio percorreu-me a pele.

## CAPÍTULO 59



O velho conduziu-as por um caminho tortuoso. Primeiro Laura, segurando Oscar, os braços enrolados em torno do bebê para o proteger contra o frio cortante, depois Alina, atrás dela, de queixo empinado. As pernas de Laura estavam rígidas e ela sentia que tinha um enxame de moscas a zumbir na barriga.

— Vamos — incentivou o homem, destrancando a porta da frente e segurando o cotovelo de Laura, puxando-a para dentro. Ele era forte e Laura suprimiu uma tremura à ideia dos seus dedos na sua carne. Segurou também Alina e puxou-a, fazendo-a cambalear à frente deles para o vestíbulo. O ar cheirava a pó e estava ainda mais frio, se possível, dentro de casa do que lá fora, entre as árvores. Laura tentou cruzar o olhar com o de Alina, mas a rapariga romena tinha-se recolhido novamente. Laura sabia como isto devia ser aterrorizante para ela. Laura apenas podia imaginar o que ia acontecer, mas Alina já tinha estado ali, noutra casa, noutra floresta. E Laura não tinha



medo por si. A única coisa que lhe interessava era proteger Oscar.

O bebé estava calado e quieto nos seus braços e ela encostou-o a si, temendo que o frio o estivesse a deixar fraco e apático. O frio e a fome. Um bebé da sua idade podia entrar em choque? Ele precisava da mãe, precisava de leite, calor, confortos familiares. O corpo dela vibrava de ódio pelo homem que os tinha trazido para ali. Sim, era apenas um homem. E os homens podiam ser magoados.

O homem fez um gesto para as escadas e ameaçou-as quando hesitaram.

— Querem que faça mal ao bebé? — perguntou ele, estendendo a mão, e Laura afastou Oscar, o que o fez rir. Depois, a sua cara tornou-se severa e impaciente. — Subam.

Laura foi primeiro, depois Alina, e o velho seguiu-as. Subiram um andar e ele agitou os braços, indicando-lhes que subissem para o seguinte. Tal como na outra casa, havia um quarto fechado ao cimo das escadas. O velho passou à frente delas e girou o puxador. A porta abriu para dentro e elas entraram.

Alina ficou rígida. Laura estendeu a mão e tocou-lhe no braço.

Era uma réplica do quarto na Roménia, mas mais pequeno, com menos camas e berços. Não havia polaroides nas paredes. Ainda. As duas camas tinham lençóis brancos e cobertores, estruturas de metal. Dois pares de algemas estavam presos às grades de cada lado, ao fundo de cada cama. Laura ouvia a respiração de Alina tornar-se mais pesada. Tentou manter-se calma, observar o resto do quarto. Ao lado da segunda cama estava um berço de madeira branca. Empilhados no berço havia vários cobertores de lã, e Laura apressou-se a pegar-lhes, enrolando-os em volta de Oscar. O velho viu-a fazer isto e soprou nas mãos.

— Linda menina.

Ela virou-se para ele.

— Não acreditas que te vais safar com isto, pois não? A polícia vai encontrar-nos.

Ele sorriu.

— Será melhor alimentá-lo. — Apontou a parede do outro lado, onde uma mesa continha vários artigos, o género de artigos que se encontram em casa de alguém que tem um bebé pequeno. Biberões de plástico, latas de leite em pó, fraldas e toalhetes, uma embalagem de chuchas.

As janelas estavam tapadas com tábuas pregadas por trás dos vidros.

— Não podemos ter uma repetição do que aconteceu ao Dragoş, pois não? — disse o velho para Alina. Apontou para Laura. — Porque não preparas uma bebida para o bebé?

Laura hesitou, sem saber o que fazer com Oscar.

— Eu pego nele — disse o homem.

Laura colocou Oscar nos braços de Alina. A mulher romena ficou lívida.

— Segura-o — incentivou Laura, e Alina cedeu, segurando-o como se fosse feito de cristal, como se pudesse despedaçar-se nos seus braços.

Havia água fria num jarro. Laura deitou um pouco num biberão e adicionou três conchas rasas de leite em pó.

Ele nunca tomara leite em pó. Aceitá-lo-ia, ainda para mais frio? Ficaria doente? Tirou Oscar dos braços de Alina, sentou-se e, gentilmente, encostou a tetina aos seus lábios. Após um momento, ele pegou-lhe e começou a beber, obviamente cheio de fome. Ela sentiu-o relaxar e o bebé olhou-a com os seus grandes olhos azuis.

O velho observava.

— Sabia que serias uma boa mãe — disse ele. — Da primeira vez que te vi. Agora, depois de tantos anos, tenho um sexto sentido para isso. Quando foste para aquele compartimento-cama sem os bilhetes adequados...

Laura arregalou os olhos de surpresa.

Ele riu-se.

— Sim, ouvi a vossa conversa toda acerca disso. Estava a observar-vos, pensando como seria maravilhoso ter-te na minha casa. Que bebés lindos e valiosos terias. Vi o namorado desta cabra meter-se na carruagem e voltar, e os dois a sussurrar.

Laura olhou para Alina, que baixou a cabeça.

— E ainda estava a observar quando o comboio se aproximou da minha casa e os guardas fronteiriços apareceram. Foi então que percebi: podia fazer com que acontecesse!

Laura fitou o velho enquanto Oscar continuava a beber do biberão.

— Tive uma boa conversa com os guardas fronteiriços, falei-lhes dos ingleses arrogantes que viajavam no compartimento-cama sem bilhete. Conte-lhes que vos tinha ouvido gabarem-se, dizendo que em hipótese alguma os idiotas dos romenos vos iam pôr fora do comboio no meio do nada. — Agora falava cada vez mais depressa, a sua respiração tornando-se mais pesada, excitado pela sua própria história. Apontou para Alina. — Resultou ainda melhor do que eu esperava. Não esperava que esta também fosse atirada do comboio.

— Vais morrer — disse a Alina.

Ele riu-se.

— Começo a pensar que devia ter trazido só a inglesa. Só preciso dela. — Meteu a mão dentro do casaco e tirou uma faca. — Mete-te na cama — disse para Alina.

Laura viu Alina obedecer, deitando-se de costas na cama vazia, os braços cruzados sobre o peito, nenhuma emoção no rosto. O velho pôs-lhe a algema

num tornozelo, depois no outro. Fez o mesmo aos pulsos. Encostou a ponta afiada da faca à garganta de Alina e aproximou a cara da dela.

— Mataste o meu filho — disse.

— Soube-me mesmo bem.

Alina continuou a falar, mas em romeno. A sua voz era baixa, com um esgar no rosto ao falar. O velho respondia, usando também a língua materna. Embora não compreendesse as palavras, era claro para Laura que Alina estava a provocá-lo, e ele estava a ficar furioso. O rosto dele ficou vermelho enquanto Alina lhe cuspiu palavras duras, e depois riu-se. A seguir, ela disse algo que o fez endireitar-se e olhar para Laura, com surpresa nos olhos.

Fitou-a por um longo momento, enquanto Oscar terminava o biberão, e voltou a rir-se. Ia falar quando Oscar abriu os olhos e desatou a gritar, um choro súbito que fez o velho tapar os ouvidos com as mãos. Na cama, Alina riu-se, e o velho apontou-lhe a faca, e depois a Oscar.

— Cala-o — disse.

Laura tentou calar o bebé, embalando-o.

— Ele ainda tem fome.

— Quero lá saber. Cala-o já!

Aproximou-se outra vez de Alina, com a faca empunhada. O bebé continuou a chorar, cada vez mais alto, resistindo a todas as tentativas de o acalmar. O riso de Alina tornou-se cada vez mais histérico, com lágrimas a escorrerem-lhe do canto dos olhos.

— Caluda! — gritou o velho. — Cala-te, caralho!

Algo bateu muito abaixo deles. Por um momento, Laura julgou que o velho não tinha ouvido, por cima do choro da criança e do riso. Mas então ele parou e inclinou a cabeça.

— Se fizeres alguma coisa enquanto eu não estiver aqui, mato esta cabra e o bebé — disse ele. Saiu da sala e Laura ouviu uma chave a girar e uma tranca a fechar-se. E assim que ele saiu, Oscar calou-se, como se fosse a presença do diabo que o fazia gritar.

Alina parou de se rir e virou a cabeça para Laura.

— Faz *exatamente* o que te vou dizer.

## CAPÍTULO 60



**E**ntrámos de carro na floresta e parámos a uma centena de metros da

casa que procurávamos. Quando o Edward desligou o motor, mergulhámos no silêncio, tão súbito como o desligar de um rádio. Abri a porta e saí, cambaleando como um potro recém-nascido. A visão das árvores no escuro fez-me agarrar ao carro, os meus instintos gritando-me que voltasse a entrar, saísse dali, regressasse à cidade e às pessoas.

*Aqui estamos de novo.*

Sentia-me como um homem com medo das alturas, de pé, na beira de um penhasco. Ouvia as árvores murmurarem, estendendo os seus ramos nus e sussurrando o meu nome. Algures na folhagem densa, algo se mexeu e fugiu.

*Desta vez não vais fugir.*

— Está bem? — perguntou o Edward, juntando-se a mim.

Lambi os lábios secos.

— Pensei... pensei que ia estar bem. Mas é como... — Engoli, embora não tivesse saliva na boca. — É como da última vez.

— Quer que eu vá sozinho? — perguntou ele, pousando uma mão no meu ombro. — Pode esperar aqui.

— Não. Não! Tenho de fazer isto. São só árvores. É só uma floresta. E o sítio aonde vamos... é só uma casa.

*E o homem que procuramos... é só um monstro.*

— Não temos a certeza se este é o sítio certo — disse o Edward.

— É. Consigo senti-lo.

Ele não respondeu a isto. Tínhamos parado brevemente na aldeia no limite da Floresta de Hatfield Forest e entrado no *pub*, perguntando à empregada se sabia de algumas casas na floresta que tivessem sido vendidas ou alugadas recentemente. Uma casa grande e isolada, provavelmente. Eu tinha a certeza de que o Gabor procuraria algo familiar. E, se planeava raptar a Laura e o Oscar, precisava de algo sem vizinhos próximos.

— A casa da bruxa velha — disse um homem ao balcão, com a pele picada pelas bexigas.

Virei-me para o olhar.

— O quê? — Fui atirado de volta para a noite na floresta, parado junto da porta, a voz de um menino na minha cabeça dizendo-me que vivia ali uma bruxa.

— Não é na verdade a casa de uma bruxa — disse a empregada, de quarenta e poucos anos e olhos brilhantes, rindo-se. — As pessoas só lhe chamam isso porque os miúdos da zona dizem todos que a mulher que ali vivia comia crianças. Ela morreu, faz agora, talvez, uns cinco anos.

— Ouvi dizer que alguém a comprou — disse o homem com as marcas na cara.

Desenharam-nos um mapa mostrando como lá chegar, sem nos perguntarem por que motivo a procurávamos.

— Continuo a pensar que devíamos ter avisado a polícia — dizia agora o Edward, olhando ao longo do caminho escuro que levava na direção indicada no mapa. — Devíamos ter deixado isto com eles. Este cabrão atirou uma bomba para dentro do meu escritório, quase matou a Sophie, e a mim.

Tínhamos percebido que o Gabor me devia ter visto a submeter o formulário de contacto *online* para o Edward, e sentira-se compelido a agir. Calculei que essa fosse a sua principal razão para me espiar. Para ver se eu contava a alguém o que tinha visto na Roménia. Tentei seguir o seu

raciocínio. Seria muito mais arriscado para ele se me matasse a mim ou à Laura. Haveria uma investigação, uma caça ao homem. Era muito mais difícil safar-se do homicídio de um casal de classe média em plena cidade de Londres do que na remota Roménia. Devia estar fora da sua zona de conforto criminal, uma aranha afastando-se da sua teia. Por isso decidira vigiar-nos. Ver se fazíamos alguma coisa que tornasse o risco necessário.

— Já discutimos isso — disse eu.

Sabia que se voltássemos à polícia, teríamos de contar a história toda, os detalhes de como localizáramos o Gabor, com grande minúcia. Levaria tempo — tempo que não tínhamos enquanto a Laura e o Oscar estivessem em perigo. E havia outra razão: queria ser eu próprio a fazer isto. Queria esta oportunidade de corrigir as coisas.

Tínhamos uma única lanterna para os dois, tal como eu e a Laura quando atravessáramos a floresta em busca da Alina. Este caminho era mais largo — era, de facto, uma estrada por acabar —, mas tudo o resto parecia o mesmo. Eu tinha descrito um círculo completo: de volta ao início de um percurso que não quisera fazer. Esta noite, de uma forma ou de outra, esse percurso terminava.

A luz da lanterna traçava padrões nas árvores. Eu via aí rostos: não animais, nem monstros, nem bruxas, mas pessoas. Mulheres e crianças, com as bocas torcidas em gritos. Olhos pretos fixados em mim. Pareceu-me ver bebés mortos pendurados nos ramos. Imaginei crianças espreitando por entre as árvores, sussurrando.

*Volta para trás. Vai para casa.*

Detive-me, paralisado pelo medo, as minhas pernas recusando-se a fazer o que lhes mandava. Ouvi outro barulho que parecia um uivo. Desvaneceu-se num sussurro, e isso foi ainda pior.

O Edward pôs uma mão no meu ombro.

Gritei.

— Daniel, acalme-se. Está tudo bem. Estamos bem. Consegue fazer isto.

Assenti com a cabeça. Conseguia. *Conseguia* fazer isto.

Continuámos ao longo do caminho. Este curvava para a direita e, ao fazermos a curva, o Edward disse:

— Ali está.

A casa destacava-se da escuridão, brilhando debilmente sob o luar que banhava a clareira, agora que não havia árvores. Mais uma vez, fui atirado para os acontecimentos deste último ano. A grande diferença era que agora vinha preparado. Trazia uma faca de cozinha no bolso interior do casaco, de que não falara ao Edward, certo de que ele tentaria impedir-me. Também tinha o meu telefone, com a carga completa, mas quando olhei para ele, vi que

o sinal aqui era muito fraco, só meia barra e nenhum 3G.

Caminhámos entre dois muros de tijolo a desfazerem-se para o interior do pátio da casa, onde estava estacionado um carro preto.

— Está a ouvir? — perguntei.

Ele assentiu com a cabeça. Lá de cima vinha o som abafado de um bebé a chorar.

Espreitei pela janela do carro e chamei rapidamente o Edward.

— É da Laura — sussurrei. Havia um elástico de cabelo no banco de trás. O elástico de cabelo da Laura.

— Tem a certeza?

— Tenho a certeza. Eu estava com ela quando o comprou. Usa-o sempre.

O bebé tinha parado de chorar.

— Acho que devíamos chamar a polícia.

— Não. Não há tempo.

Ele respirou fundo.

— Pronto. Está bem. Não podemos simplesmente ir ali bater à porta. Vamos dar a volta à casa, ver se encontramos uma forma de entrar.

Contornámos a casa e encontrámos uma pilha de lenha empilhada numa faixa de cimento ao longo da parede. Por cima desta havia uma janelinha com uma moldura podre.

— Deixe-me dar uma olhadela — disse o Edward.

Subiu para a pilha e agarrou-se ao parapeito da janela, esforçando-se para ver lá para dentro, iluminando o interior escuro com a lanterna. Pus a mão no peito. Não acreditava que o meu coração pudesse bater com tanta força e rapidez.

— Não vejo nin...

As suas palavras foram interrompidas quando o tronco no cimo da pilha vacilou e, de repente, toda a pilha caiu debaixo dele. Esquivei-me e o Edward ficou agarrado ao parapeito, as pernas a balançar a meio metro do chão. Os troncos rolaram para o cimento com uma série de estrondos. O Edward segurou-se por alguns segundos, depois saltou, caindo de lado para se levantar logo a seguir e inspecionar os dedos. A lanterna rolou em direção à relva e apagou-se, deixando-nos apenas com o luar pálido.

O Edward abanou a cabeça.

— Vou chamar a polícia. Isto é ridículo. — Pegou no telefone e começou a marcar.

Distraído por isso, não vi o homem aparecer, virando a esquina pela frente da casa. Quando dei por ele e percebi que era o Gabor, ele estava a levantar a espingarda e a apontá-la a nós.

— Edward! — gritei.

Ele levantou os olhos do telefone exatamente quando o Gabor disparou.

O Edward torceu-se ao cair por terra. Não emitiu um som. Gelei por um segundo, vendo o Gabor apontar-me a espingarda, e, de alguma forma, consegui pôr as minhas pernas a trabalhar. Mergulhei para o lado direito, o oposto à casa, e o segundo tiro ecoou nos meus ouvidos. Fiquei estendido na lama, a menos de um metro do Edward. Ele não se mexia. Vi o Gabor caminhar para nós, recarregando a espingarda à medida que se aproximava, uma expressão ameaçadora no rosto. Consegui pôr-me de pé e fugir para a parte traseira da casa, certo de que a qualquer momento ouviria outro tiro, sentiria o chumbo nas minhas costas.

Dobrei a esquina da casa e vi um pequeno telheiro de carvão no extremo do relvado. Corri para lá e abriguei-me, agachando-me na relva alta, espreitando na direção da casa quando o Gabor também dobrou a esquina, olhando à esquerda e à direita.

— Estou a ver-te — disse ele. — Sai daí. Não te vou matar.

Ele pensava que eu era assim tão ingénuo? Procurei o telefone no bolso e, usando o corpo para esconder a luz do ecrã, verifiquei se tinha alguma rede. Ainda meia barra. As minhas mãos estavam a tremer tanto que mal conseguia premir os números no ecrã. *Um. Um.*

— Larga o telefone.

Olhei para cima. O Gabor estava ali, o cano da espingarda a uns centímetros da minha cara. O meu polegar estava sobre o último algarismo.

— Larga o telefone *agora* — rugiu ele, encostando a arma a mim. — Agora!

Obedeci. Ele pisou-o, estilhaçando o ecrã já rachado.

— Levanta-te. Mãos no ar.

Mais uma vez, obedeci. A faca estava no bolso de dentro mas, mesmo que eu fosse suficientemente rápido para a apanhar sem levar um tiro, que podia fazer com ela? A minha faca de cozinha contra uma espingarda. Também podia ter trazido uma colher de chá.

Agora ele sorria.

— Na verdade, até estou contente por me teres encontrado. És a última ponta solta. O último que sabe alguma coisa acerca do meu filho e do nosso negócio.

Fitei-o.

— No entanto, não sabes todos os pormenores, pois não? — Encolheu os ombros. — Desculpa, terás de morrer sem saber a história completa.

Apontou a espingarda à minha cara.

Levantei uma mão, como se pudesse parar um tiro de espingarda.

— Onde está a Laura? O que é que lhe fizeste? E o bebé Oscar?



Ele sorriu, se é que aquilo se podia chamar um sorriso. Era o sorriso de um crocodilo olhando para um animal selvagem.

— Não te preocupes com eles.

Voltou a apontar a espingarda. Estremeci, esperando pelo tiro. Mas ele hesitou, como se estivesse a saborear o momento. Será que eu podia prolongar o momento, mantê-lo a falar, tirar a faca do bolso e surpreendê-lo?

— Por favor — disse-lhe. — Responde-me só a uma pergunta.

Ele assentiu com a cabeça, o cano da espingarda ainda apontado à minha cara.

Respirei fundo.

— As fotografias? Foste tu? Quando é que as tiraste? — Fui movendo a mão na direção do bolso.

Outro gesto de assentimento.

— Quando estavam a verificar o passaporte da Alina. Introduzi-me no compartimento, vi-vos a ressonar como porcos e tirei um par de fotografias com o meu telefone. Mandeí-as para o meu filho, para ele saber exatamente quem devia procurar.

— Mas porquê mostrares-me essas fotos?

Ele encolheu um ombro.

— Estava a tentar espantar a Alina. Pensei que ias falar disto à tua namorada, que os dois percebessem que a Alina tinha voltado e me conduzissem a ela.

Os meus dedos roçaram a orla do bolso.

— Porque é que as apagaste?

— Porque me divertiu, Daniel.

Tirei a faca e investi de encontro à perna dele. Ele esquivou-se facilmente, saltando para o lado e batendo-me na mão para fazer a faca saltar. Riu-se.

— É uma pena que não possamos falar mais tempo — disse. — Vi e ouvi algumas coisas que adorava contar-te.

Apontou o cano da espingarda à minha cara.

Fechei os olhos. Ia morrer. Pior que isso, não tinha conseguido salvar a Laura nem o Oscar.

Merecia isto.

## CAPÍTULO 61



**T**ira-me a bota — disse Alina assim que ouviram os passos do velho afastar-se na escada. — A esquerda.

Gentilmente, Laura deitou Oscar, agora adormecido, no berço e fez o que Alina pedira. A bota deslizou facilmente e Laura foi atirada para um momento no passado, quando encontrara aquela mesma bota no caminho entre as árvores.

— Agora tira a... a parte de dentro.

— A sola interior?

Ela assentiu com a cabeça o melhor que podia. Laura introduziu os dedos em volta das orlas da sola interior. Ainda estava quente e emitia um leve odor

desagradável. Quando a puxou, fez barulho ao rasgar. Atrás dela, Oscar mexeu-se no berço mas continuou a dormir.

— Tem cuidado — disse Alina. — Debaixo da sola deve estar uma pequena peça de metal.

Laura inclinou a bota ligeiramente para cima e sentiu algo cair para a palma da sua mão, que depois ressaltou e caiu ao chão.

— Merda.

— Por favor, Laura, tens de a encontrar.

Laura pôs-se de gatas, espreitando debaixo da cama. Viu imediatamente a peça de metal. O seu coração batia com força ao enfiar a mão debaixo da cama para a recuperar, segurando-a firmemente entre o polegar e o indicador.

— Já a tenho.

Alina soltou a respiração.

— O que é isto? — perguntou Laura, pondo-se de pé. O objeto tinha a forma e o tamanho de uma pequena chave, mas sem dentes, apenas uma cabeça oval e um corpo longo e liso.

— Chama-se... Não conheço a palavra em inglês. Um *şaibă*. Primeiro tens de me desacorrentar as mãos. Segura a parte redonda e desliza-a para o punho, onde estão os dentes.

Laura ajoelhou-se na ponta da cama e inclinou-se sobre Alina. Segurou a algema na mão e inseriu o *şaibă* no espaço entre os dentes e o roquete.

— Agora empurra os dentes para baixo como se estivesses a apertar as algemas e empurra o *şaibă* ao mesmo tempo.

Laura fez como ela dizia e, para sua surpresa, ouviu um clique.

— Agora abre a algema.

Ela assim fez e libertou o braço esquerdo de Alina.

— Vieste preparada — disse Laura, dando a volta à cama para abrir a outra algema.

— Foi a primeira coisa que comprei quando vim para cá. Passei meses acorrentada a uma cama. Nunca arriscaria que isso voltasse a acontecer-me.

— Lamento tanto — disse Laura, com a voz a falhar. — Eu... nós pensámos que ele te tinha matado assim que saímos. Tentámos denunciar, mas...

— Eu sei.

— O velho...

— O nome dele é Nicolae Gabor. Descobri-o nuns documentos que estavam na casa. Juntamente com os nomes de todas as suas vítimas. Todas as mulheres que ele e o filho violaram e mataram naquele sítio. Elas estão aqui comigo agora. Incentivando-me. — Os seus olhos brilhavam.

Laura observou o ar em torno de Alina. Assentiu com a cabeça.

— Eu sinto-as.

— Tenho os nomes de todos os bebês, também, e das famílias a quem os venderam. Estão no meu bolso de trás. Tira-os. — Levantou as nádegas e Laura tirou uma folha de papel amarrotada do bolso dos seus *jeans*. — Cuida disso, Laura. É a única hipótese que essas crianças têm de justiça. Promete-me.

— Prometo. — Hesitou. — Lamento tanto. Termos-te deixado ali, naquela casa. Com *ele*.

Alina encolheu os ombros.

— O filho era pior.

Laura abanou a cabeça, continuando a trabalhar nas algemas. Esta era mais difícil, recusava-se a abrir.

— Estou contente por ter ido para aquela casa — disse Alina.

Laura fitou-a, boquiaberta.

— Eles teriam continuado a fazê-lo, se eu não tivesse ido.

Laura percebeu então. Sim. Eles estavam destinados a ir àquela casa. Voltou a trabalhar nas algemas.

— Quando penso o quão perto estivemos de *não* ir. — Alina abanou a cabeça. — O Gabor deu um grande sermão ao Dragoș por quase ter estragado tudo. Eu ouvi-os. Facilitámos-lhes a primeira parte. O Dragoș devia apanhar-nos na estação, fingir que era um estranho prestável ou forçar-nos a acompanhá-lo com ameaça de arma, não sei. Mas foi lento. Quando começou a dirigir-se para lá, nós já seguíamos pela linha ao encontro dele.

A segunda algaema abriu-se e Alina esfregou os pulsos. Laura entregou-lhe o *șaiibă* para que ela pudesse abrir as algemas dos tornozelos.

Enquanto trabalhava, Alina disse:

— Se eu não tivesse ido para dentro da floresta, calculo que ele nos teria intercetado na linha, o mais perto possível da casa. Foi aí que as coisas começaram a correr mal. Ele apanhou-me e levou-me para a casa... o Gabor ficou furioso por o Dragoș não me ter deixado ali amarrada para ir imediatamente ao vosso encontro. Mas ele estava demasiado entusiasmado, começou a puxar-me a roupa, a dizer-me o que ia fazer comigo. Nunca mais voltou a falar tanto.

A terceira algaema abriu e ela passou para a última.

— Estava tão ocupado a atormentar-me que não vos ouviu entrar na casa. Sabes o que aconteceu a seguir. Mas ele nunca disse ao pai que vocês estiveram lá e escaparam. Teve vergonha. O Gabor acreditava que vocês tinham pensado que eu fugira, e que não sabiam da existência da casa. Quando o Dragoș finalmente lhe contou a verdade, o Gabor ficou louco. Ouvi-o bater no Dragoș. Gritou-lhe, dizendo que tu e o Daniel podiam ter ido à

polícia internacional. Mas não foram, pois não?

Laura fechou os olhos, dominada pela vergonha.

— Vocês chegaram e partiram e, como tinham passado semanas quando o Dragoş lhe contou, o Gabor partiu do princípio de que estava em segurança. Tenho veneno — acrescentou Alina, olhando Laura nos olhos. — Comprimidos de cianeto.

— Tipo, um comprimido para o suicídio?

— Ou homicídio. — Alina deteve-se e olhou atentamente para Laura. — Planeava dá-los a ti e ao Daniel.

Laura fitou-a. Alina continuou a trabalhar na última algaema.

— O Gabor tinha razão. Eu queria castigar-vos por me terem deixado para trás, por não terem ido à polícia. À polícia verdadeira, quero dizer. Não àquela merda, ao Constantin. Além disso... não suportava a vergonha. Vocês sabiam o que me tinha acontecido. Eu não queria que ninguém soubesse disso. Pensei que, se eliminasse toda a gente que conhecia a minha tortura, ficaria livre. Poderia começar... limpa. Nascer outra vez. Compreendes, não compreendes?

As duas mulheres entreolharam-se.

— O meu plano era matar-vos, a ti e ao Daniel, e depois ir atrás do Gabor.

— Então, porque não o fizeste? — perguntou Laura, com voz trémula, enquanto Alina abria a última algaema e depois pegava na bota e a calçava.

— Ia fazê-lo. Mas depois vi o Gabor. No hospital.

— O quê?

— Estava à tua procura. O Constantin tinha-lhe dado o teu nome, não é? Julgo que andava a seguir-te, esperando que tu o conduzisses a mim.

Laura abanou a cabeça. Claro, ela sabia que Gabor — o diabo, como lhe chamava — a vigiava. Lembrou-se do dia em que quase caíra debaixo do comboio, no metro, de ter sentido alguém a observá-la na rua. Ele tinha-a empurrado? Ou teria sido Alina? Teve demasiado medo de perguntar.

— Andávamos todos a espiar, a fechar o círculo sobre os outros — disse Alina, lendo a mente de Laura. — Quando vi o Gabor, fiquei obcecada com a ideia de o matar. Pensei que, se ele continuasse a observar-te, se se mantivesse por perto, surgiria uma oportunidade para dar cabo dele. Mas depois a Camelia estragou tudo.

Porque, pensou ela, quando aquela mulher a raptara e tentara arrancar-lhe informação, forçara o Gabor a agir. E quando levava Laura de volta a casa, finalmente arrancara Alina do seu esconderijo, como sabia que aconteceria, e aproveitara a oportunidade para apanhar ambas. Com o bebé como bônus.

Ia falar quando ouviu outro estrondo à distância. Um tiro de espingarda.

Alina saltou da cama e correu para a porta, experimentando o puxador, apesar de saber que estava trancado. Correu para a janela, puxou as tábuas que estavam aí pregadas. Nem se moveram. Estas tinham sido bem presas.

— Pode ser a polícia, que veio para nos salvar — disse Laura, consciente de que a sua voz tremia.

Alina ignorou-a.

— Temos de sair daqui. Se calhar, podemos deitar fogo às tábuas.

— O quê? Estás louca?

Alina virou-se para ela.

— Sim. Estamos ambas, não estamos?

Laura não sabia o que responder àquilo. Para seu alívio, Alina desistiu rapidamente da ideia de atear um fogo e foi para junto da porta. Ficou de frente para esta por um momento, depois levantou a perna e bateu com a sola da bota no puxador. A porta estremeceu na moldura.

— Agarra-me — disse Alina. — Por trás, para eu não cair.

Laura prendeu os braços sob as axilas de Alina e pôs uma perna atrás do corpo para ficar mais estável. Alina levantou o pé e bateu novamente na porta. A força quase fez as duas caírem para trás. Laura inclinou-se para a frente, de encontro às costas de Alina, dando-lhe mais apoio.

— Tenta outra vez — disse.

Alina levantou novamente o pé e pontapeou a porta com toda a sua força.

## CAPÍTULO 62



O Gabor estava por cima de mim, o seu dedo tremendo no gatilho, desfrutando do terror nos meus olhos. Era isto. Eu estava morto. Por trás do Gabor, o Edward jazia imóvel no chão. Fechei os olhos, desejei acreditar em Deus e no Céu e que estava prestes a ir para um sítio melhor.

De dentro de casa, veio um estrondo. O Gabor olhou por cima do ombro e eu abri os olhos. Aproveitei a oportunidade para rolar. Ele virou-se e disparou, mas só levantou uma grande porção de terra ao meu lado. Praguejou e abriu a espingarda, procurando mais munições no bolso.

Atirei-me às suas pernas, lançando-o ao chão com uma placagem de rãguebi. Ele continuou a segurar a arma mas esta estava aberta e as balas caíram para o chão. Deu-me um pontapé por baixo do queixo e outro de um lado da cabeça. Caí direito no chão, a dor explodindo no meu crânio, e o Gabor pôs-se de pé e inclinou-se para apanhar as balas do chão. Resmungou para si mesmo em romeno.

Levantei a cabeça e vi uma figura vestida de preto contornar a esquina da casa, mal visível sob o luar, dirigindo-se a nós. Pestanejei, sem saber se estava a alucinar, se o golpe na cabeça me danificara o cérebro. Era a Alina. Baixou-se para apanhar algo enquanto corria e pisou um ramo caído que estalou. O Gabor, que acabara de carregar a espingarda e de a fechar, virou-se exatamente quando a Alina chegou junto de nós, mas ela já balançava a pedra na mão com todo o seu peso por trás. O som da pedra a colidir com a cabeça do Gabor foi surdo e molhado.

Ele dobrou-se, cambaleou mas não caiu, e então Alina bateu-lhe novamente com a pedra, usando ambas as mãos. Ouvi o crânio dele estalar sonoramente, um som de algo a estilhaçar. Ele caiu para a frente, de barriga, e a Alina virou-o com o pé. Ainda estava vivo. Tentou falar, mas apenas emitiu um gemido.

A Alina ofereceu-me a pedra.

— Queres tu fazê-lo?

Atrás dela, vi a Laura dobrar a esquina, caminhando devagar, um molho de cobertores nos braços. O molho fez um barulhinho e percebi que era o Oscar.

— Daniel? — perguntou a Alina. — Queres?

Abanei a cabeça.

— A escolha é tua.

Segurou a pedra com ambas as mãos e bateu com ela na cara do Gabor.

— Por nós — disse.

Bateu-lhe com a pedra novamente.

— *Por nós.*

E mais uma vez.

Desviei o olhar, tentando alhear-me dos doentios sons do crânio a esmagar. Foquei-me na Laura que vinha na minha direção, e fiquei com lágrimas nos olhos, lágrimas de alívio. Ela estava viva, o bebé estava vivo. E eu também. A Laura ficou ao lado do telheiro do carvão e fitou-me. Eu não conseguia ler a sua expressão mas podia ver lágrimas brilharem-lhe nos olhos.

Ao meu lado, a Alina tombou de joelhos ao lado do corpo do Gabor. Tirou-lhe a espingarda dos braços moles. Estendeu-ma e, ainda ajoelhada, olhou para cima, o seu rosto branco brilhando ao luar.

— Matei o teu amigo — disse-me.

— O meu amigo? Por amor de Deus, ele não era...

— O Jake. Matei o teu amigo Jake.

Abanei a cabeça com força, incapaz de compreender o que ela dizia.

Ela ofereceu-me novamente a espingarda e, sem pensar, peguei nela.

— Empurrei-o daquela ponte. Sabia que lhe tinhas contado da floresta, do



que me tinha acontecido. Estava a vigiar-te. A seguir, ia matar-te a ti. O Gabor, depois tu, depois a Laura. Deixaram-me naquele sítio, deixaram-me para morrer. Vim aqui para me vingar. Sou Mirela.

Eu não conseguia falar. Mirela? De que raio falava? Nem sequer me importei que ela dissesse que tinha vindo aqui para se vingar de mim e da Laura. Só conseguia pensar que ela tinha matado o Jake.

— Mas vocês os dois não merecem morrer. São boas pessoas.

Por trás dela, a Laura aproximou-se mais uns passos. Chamou o nome da Alina, mas a mulher romena ignorou-a.

— Odiava-vos por me terem deixado naquela casa. Mas compreendo porque o fizeram, e já não vos censuro. Fizeram o que tinham de fazer. E agora tens de fazer mais uma coisa. — Apontou a arma nas minhas mãos. — Quero que me mates.

A Laura disse:

— Não.

— Eu matei o Jake — disse a Alina. — Esperei por ele na ponte, fingi que ia saltar. Ele subiu para o parapeito, para me agarrar. Ofereceu-me o seu telefone, disse que eu podia ligar a alguém, que só precisava de alguém com quem falar. E, assim que ele me deu o telefone, empurrei-o. Vi-o cair e fugi, deixei ali o seu corpo destroçado. Mandeí uma mensagem para a última pessoa a quem ele tinha mandado mensagem. — Olhou-me nos olhos. — Por isso, agora, tens de me matar. Mereço morrer.

— Daniel, não — disse a Laura. Agora estava a tremer.

Conseguia visualizar o que a Alina tinha descrito. Conseguia ver o Jake, aquele Jake de bom coração, tentar ajudar aquela estranha perturbada. Ele não fazia ideia de quem ela era. Via o seu corpo na estrada por baixo da ponte. O meu melhor amigo. Um jovem prestes a alcançar tudo o que sempre tinha desejado. O seu futuro roubado por esta mulher.

Com as mãos a tremer, o coração disparado, aponteí-lhe a arma.

— Fá-lo — disse ela. Sorriu e abriu os braços. — Estou pronta para me juntar às minhas irmãs.

— Daniel — disse a Laura. — Não. Não faças isso.

O meu dedo tremeu quando rocei o gatilho. As lágrimas molhavam-me o peito da camisa. Ao meu lado, tinha noção do corpo do Gabor, o seu rosto uma confusão ensanguentada de ossos esmagados. A Alina fechou os olhos, um sorriso pacífico no rosto, como se estivesse de frente para o Sol. À distância, ouvi sirenes da polícia. Alguém devia tê-los chamado depois de ouvir os tiros. As sirenes tornavam-se mais audíveis, mais próximas. Estabilizei o cano da arma. A Alina não matara apenas o Jake, era também responsável pela morte do Edward.

E eu compreendia a sua motivação. Quando ela estivesse morta, mais ninguém saberia daquela noite na floresta, não haveria testemunhas do que eu e a Laura tínhamos feito — e não tínhamos feito. Apenas eu e a Laura restaríamos. Todos aqueles a quem eu contara estavam mortos e o Ion desconhecia o que acontecera depois de sermos postos fora do comboio. A Alina era a última. Ela desaparecendo, podíamos voltar ao normal, fingir que nada daquilo tinha acontecido. A terra seria queimada, a floresta arderia totalmente.

Como que de uma grande distância, ouvi a Laura dizer o meu nome. As sirenes estavam agora muito perto.

— Fá-lo — disse a Alina.

Apertei o gatilho.

## **PARTE SETE**



**LONDRES**

**Janeiro de 2014**

## CAPÍTULO 63



**T**oquei à campainha e esperei que me deixassem entrar. Estava a

chover desde o Natal e eu estava ali agora, durante uma rara trégua no dilúvio, vendo ominosas nuvens negras surgirem como navios de guerra.

Não me importava com a chuva. Tinha a minha vida de volta.

Assim que entrei no escritório, a Sophie deu-me um abraço.

— Puseram as decorações. — Da última vez que eu vira este escritório, estava em chamas.

— Sim. Ali o forreta até prometeu deixar-me comprar algumas pinturas para as paredes. — Deu um passo atrás e olhou-me. — Então, como tens passado?

— Estou bem — respondi.

— Ótimo. E... a Erin e o Rob? Por acaso vi-os no outro dia no parque, a passear o Oscar no carrinho. Reconheci-os dos jornais.

— Estão bem, julgo eu. Ainda abalados pelo que aconteceu, mas obviamente muitíssimo aliviados.

A Sophie deu-me um copo de água.

— Na verdade, eles não falam comigo. Mas terei de passar lá mais tarde, ajudar a Laura a tirar as suas coisas.

— Oh?

Foi a minha vez de sorrir.

— Vai viver outra vez comigo.

A Sophie bateu palmas.

— Ainda bem, porra!

— Sim, decidimos... bem, ela decidiu dar-nos mais uma oportunidade. Eu nunca quis que nos separássemos. Mas eu e a Laura temos tanta história, e nunca deixámos de nos amar. — Fiz uma pausa. — Agora vamos juntos a um terapeuta. Ele diz que temos de aceitar que o que nos aconteceu faz parte da nossa história. Que é algo que atravessámos juntos. E agora, que acabou, devemos ser capazes de avançar. Se bem que acho que se ele disser «encerrar assuntos» mais uma vez, vou saltar por cima da secretária e bater-lhe.

Ela riu-se.

— Então — disse eu. — Como está ele?

A Sophie não teve oportunidade de responder.

— Estou bem. Não graças a ti.

O Edward estava à porta do seu gabinete. Fiquei aliviado por ver um sorrisinho nos seus lábios. Ele avançou para mim, ainda muito vacilante. A bala tinha atingido o lado esquerdo do seu peito mas não atingira o coração, apenas danificara os ligamentos do braço. Mexera-se momentos depois de eu ter dado um tiro no corpo já morto de Nicolae Gabor e ter deixado cair a arma, recusando-me a fazer a vontade da Alina. Não conseguia matá-la.

Depois a polícia chegara, dois carros a guinchar ao entrar no pátio, agentes a saltarem e a tentarem perceber a cena diante deles. As ambulâncias chegaram minutos depois. Estava tudo enevoado na minha memória: a viagem para o hospital para fazer exames, as perguntas da polícia, ver o meu nome no ecrã da televisão da enfermaria enquanto os repórteres tentavam perceber o que acontecera.

Durante os dias seguintes, os jornais e os *websites* de notícia não largaram a história. Perfis de Nicolae Gabor, lições de História acerca do «passado negro da Roménia», histórias sobre os traficantes de droga leste-europeus nas ruas de Londres, bebés para venda, um detetive privado heroico

que descobrira o que estava a acontecer e recuperava agora no hospital de um ferimento de bala, o namorado da mulher raptada que ignorara a sua própria segurança para a salvar, assim como ao bebé desaparecido... Neste momento, também decorria uma operação na Roménia: a polícia estava a escavar os terrenos em redor da casa de Gabor, desenterrando os corpos de mulheres e bebés. Estavam também a tentar localizar os bebés que tinham sido vendidos, usando a lista que a Alina dera à Laura; havia debates renhidos na comunicação social, local e internacional, sobre o que devia ser feito. Algumas destas crianças já eram crescidas, e todas as suas mães biológicas estavam mortas. No entanto, os casais que as tinham comprado haviam infringido a lei... Era uma trapalhada.

Mas a polícia e a comunicação social não sabiam a história toda.

Não sabiam de Alina, que se escapulira para a floresta quando as sirenes da polícia se aproximavam.

Quando fomos interrogados, a Laura disse à polícia que tinha levado o Oscar para apanhar ar e o Gabor sequestrara ambos. Contou-lhes o que ele planeava fazer-lhe e ao bebé, como tencionava retomar a sua operação de produção de bebés aqui em Inglaterra. E eu fiquei com o «crédito» por matar o Gabor, disse que pegara na pedra e lhe batera com ela quando ele me apontara a espingarda. Depois batera-lhe várias vezes, pegara na espingarda e atingira-o, só para ter a certeza de que estava morto.

Contratei um advogado e falou-se de acusações, houve discussões sobre se eu tinha usado força razoável com a pedra, o que devia ser feito relativamente ao desnecessário tiro de espingarda. No final, penso que a opinião pública foi tomada em consideração. Era um desperdício do dinheiro dos contribuintes acusar-me do homicídio de um raptor de bebés e violador em massa.

A polícia sabia que a Alina acampara no jardim de Erin e Rob, mas a Laura negara que ela estivesse consigo nessa noite, disse que não a via há alguns dias. Eu temia que a polícia analisasse o interior do carro do Gabor, ou o quarto onde ele acorrentara a Alina à cama. Mas, com o velho morto, com o Oscar recuperado e com a Laura a manter a sua história, eles não tinham razões para investigar mais. O caso foi encerrado.

— O telefone tem tocado sem parar desde que voltei ao trabalho — disse o Edward.

— Bem, és um herói.

— Não sei se sou. — Fez-me um gesto para me juntar a ele no seu gabinete. Sentei-me diante dele.

As nuvens que eu vira lá fora taparam o Sol, escurecendo a sala.

— Sabes o que aconteceu ao Ion? — perguntei.

— Voltou para casa. Foi deportado.

Assenti lentamente.

— Ótimo.

— Eu e ele estivemos no mesmo hospital. Uma enfermaria diferente, mas... ele foi ver-me. Tinha visto as reportagens na televisão e queria falar comigo acerca disso. Ou é um grande ator, ou tinha genuinamente remorsos pelo que aconteceu. Disse que foi tudo por causa do dinheiro, por tentar arranjar uma vida melhor. Acho que ele tem origens muito pobres. E não tem grande inteligência.

Fiz um barulho do fundo da garganta. Era-me muito difícil perdoar, origens pobres ou não.

— No entanto, disse-me uma coisa interessante. Disse que tem quase a certeza de que a Camelia estava conluída com o Gabor. Acha que o velho a convenceu de que conseguia encontrar a droga.

— E ela deu-lhe a chave do meu apartamento?

— É o que o Ion pensa. E faz sentido. — Olhou para o tampo da sua secretária. — E depois o Gabor matou-a. — Olhou pela janela. — A Alina ainda anda por aí algures, não anda?

— Talvez.

Ele lançou-me um olhar curioso.

— Achas que também foi para casa?

Eu tinha pensado muito nisto. Uma parte de mim ainda acreditava que ela estava em Inglaterra, por vezes podia senti-la a observar-me. Mas, quando me virava, não estava lá ninguém. Então imaginava-a a voltar a casa, a trabalhar na sua novela gráfica, a tentar viver novamente uma vida normal. Ou talvez tivesse ido viajar, se tivesse reinventado. Afinal, era livre de começar de novo. Ninguém sabia do seu envolvimento, ninguém sabia onde estava.

Quando a Alina me entregara a arma e me ordenara que a matasse, eu imaginara a cara do Jake, e sentira a raiva e o ódio encherem-me. Quase puxara o gatilho.

Mas já houvera tanta morte. E, apesar do que ela tinha feito, apesar de a odiar por ter matado o meu melhor amigo, a Alina sofrera mais do que a maioria de nós podia imaginar. E acabara de me salvar a vida. Então aponteí a arma à pessoa que merecia mesmo morrer. No momento em que aperteí o gatilho, imaginei que ele ainda estava vivo, suplicando misericórdia. E descarregara a espingarda na cara dele.

Porque é que deixara a Alina desaparecer depois disso? Porque não a denunciara à polícia? Por causa da Laura. Ela suplicara-me que não falasse da Alina à polícia. Disse que não queria que ela fosse punida. Mas também foi por a Alina saber exatamente o que tinha acontecido naquela casa. Se ela

fosse interrogada pela polícia, havia a hipótese de tudo se tornar do conhecimento público. Nenhum de nós queria isso. Portanto, apesar de eu querer que a Alina fosse punida por roubar a vida ao Jake, aquiesci. Mas deixei claro à Laura que, se a Alina alguma vez voltasse a aparecer, teria de dizer à polícia. Não podia haver mais segredos, nem mais mentiras.

— Não sei mesmo para onde é que a Alina foi — disse eu, respondendo à pergunta do Edward.

Ficámos sentados num silêncio contemplativo por um minuto.

— Então tu e a Laura, eh? — disse ele por fim. — É uma excelente notícia.

— Obrigado.

— Tens sorte, Daniel. Mas vê se cuidas dela, está bem? Eis o meu conselho: se ela quer viajar em primeira classe, paga a primeira classe.

Ri-me.

— Não te preocupes.

Ele também se riu e estremeceu, segurando a parte de cima do peito.

— Caramba, ainda dói.

— Precisas de umas férias. — Vi as horas. — É melhor ir andando. Gostei muito de te ver. Eu ainda não... Tens de me dizer quanto te devo.

— Um milhão de libras.

— Bem, se vender esta nova aplicação em que comecei a trabalhar...

Ele riu-se.

— Sinceramente, não me deves nada. Compra um presente à Laura, ou algo assim.

— Obrigado, Edward.

Percebi que ele tinha algo em mente, outra coisa que me queria dizer.

— Que é?

— É só... esta coisa toda com o Gabor, o que ele fez. Sabes, dantes eu pensava, quando as pessoas falavam no mal, como alguns seres humanos o têm dentro de si, que não podia ser verdade. Que era só uma maneira de descrever comportamentos que a maioria de nós não quer analisar muito atentamente. Sabes, como uma forma simples de explicar as coisas. Ele é mau. Ela é má. Como a enfermeira que tem estado nos jornais, a que foi condenada por matar aquelas pessoas todas e depois foi libertada por causa de uma confusão com o ADN. Eu revirava os olhos quando a comunicação social dizia que ela o tinha feito por ser má. Mas agora...

— Acreditas que algumas pessoas nascem assim.

Ele fez uma careta.

— Não sei. Mas isto tem-me mantido acordado à noite.

Apertámos as mãos e eu saí para a chuva.



## CAPÍTULO 64



**F**ui para casa da Erin e do Rob, indiferente ao tempo, pensando no que tinha à minha frente. Sabia que não seria fácil nem simples com a Laura. Não íamos saltar para o futuro de mãos dadas, com uma banda sonora da Disney em crescendo à nossa volta. Tínhamos de trabalhar na reconstrução da nossa relação, voltar a um ponto em que O Que Tinha Acontecido não se sentava connosco na sala como um demónio a rosnar. Conhecia pessoas cuja relação fora abalada por uma traição e nunca tinham sido capazes de a ultrapassar completamente. O traidor esforçava-se demasiado, o traído não conseguia esquecer. Nós não podíamos ser assim.

O Rob recebeu-me à porta e acenou-me tensamente.

— Como está a Laura? — perguntou.

— Está bem, obrigado. O pai dela parece estar a recuperar bem.

— Ainda bem.

Ficámos embaraçadamente no corredor. Da última vez que eu aqui estivera, este sítio estava cheio de pessoas e de medo.

— Onde está a Erin? — perguntei.

— Levou o Oscar às compras. Ela ainda está... profundamente afetada pelo que aconteceu. Não perde o Oscar de vista por um segundo. Agora dorme connosco na cama e ela acorda quatro vezes por noite para confirmar que ele está ali.

— Lamento, Rob...

— Mas suponho que devo agradecer-te por o encontrares. E a polícia disse-nos que a Laura cuidou dele, manteve-o quente.

— É verdade.

Ele suspirou.

— Não te odiamos, Dan. É só que...

Pus uma mão no braço dele.

— Está tudo bem, amigo. Não precisas de o dizer.

Ele pigarreou.

— OK. Bem, sabes onde é o quarto da Laura. Como vais levar as coisas dela para casa? Precisas de uma boleia?

— Não, chamo um táxi. Não é muita coisa.

— Está à vontade, então.

Subi as escadas e fui para o quarto da Laura. A cama não estava feita porque a Laura partira apressadamente no dia anterior, ao saber que o pai tinha sofrido um ataque cardíaco no campo de golfe. Não fora muito grave, mas a Laura decidira imediatamente que precisava de o ver.

— Continuam a ser os meus pais — dissera ela. — E talvez não seja demasiado tarde para os fazer compreender como me trataram mal, como isso me fez sentir. Além disso, vou gostar de lhe dar um sermão acerca de mudar os seus maus hábitos, comer melhor, deixar os charutos e fazer exercício como deve ser.

Quando ela saiu para o comboio, disse-lhe que eu viria aqui buscar as coisas dela.

— Assim terás a mudança feita quando voltares.

— Não podes... não tens de fazer isso.

— Mas eu quero.

— Mas eu não tenho a certeza se te quero a mexer nas minhas coisas.

— Como assim?

— Percebes, a minha roupa interior, e isso. E tu és mesmo mau a fazer

malas... vai ficar tudo completamente desorganizado.

Beijei-a.

— Não sou assim tão mau! E prometo não analisar as tuas cuecas. Vou só atirar tudo para dentro de sacos e depois arrumas quando voltares, *OK*?

Ela ainda parecia preocupada, mas o comboio era dali a uma hora e não tinha tempo para discutir mais. Quando estava a sair, pôs os braços em redor de mim.

— Amo-te — disse. — E... obrigada.

— Pelo quê?

— Por não teres dito ao Edward a verdade sobre o que aconteceu naquela casa.

Puxei-a para mim.

— Não tens de me agradecer, Laura. Qualquer um teria feito o mesmo.

Ela tocou-me o rosto.

— Não teriam. E é por isso que te amo.

— Os teus segredos estão seguros comigo, Laura — disse eu. — Todos eles.

Ela franziu a testa e afastou-se, deixando-me um pouco confuso. Mas fiz por não ligar.

Não havia muita coisa para embalar; eram sobretudo roupas e cosméticos, alguns livros, um secador de cabelo e o seu *Kindle* e carregador. Havia algumas garrafas de vinho que decidi deixar para trás. De momento não bebia, estava a dar ao meu fígado uma hipótese de recuperar depois de todo o abuso que sofrera. Revelava-se mais fácil do que eu pensara.

A Laura tinha trazido tudo para aqui em sacos de viagem, que estavam dobrados debaixo da cama. Tirei-os, coloquei-os em cima da cama e comecei a enchê-los, pondo os artigos pesados primeiro, depois a roupa. Encontrei uma fotografia de nós os dois colada na parede de trás do roupeiro, o que me fez sorrir. Tínhamos as faces encostadas e semicerrávamos um pouco os olhos por causa do sol. Descolei-a da madeira, pousei-a e sentei-me na cama por um momento, recordando o nosso encontro embriagado neste quarto.

Dormíramos juntos pela primeira vez depois do funeral do Jake, no meu apartamento — que em breve seria, de novo, o nosso apartamento —, tendo o género de sexo em que nos colámos um ao outro, o quarto tremendo pela libertação de emoção, stresse e dor. Sexo intenso e poderoso que durou toda a noite, como tínhamos quando nos conhecemos e apaixonámos.

A cremação fora, num determinado sentido, maravilhosa. Cheia de pessoas que amavam o Jake, música a tocar, muita gente. Uma celebração da

sua vida. Ao mesmo tempo, contudo, fora terrível, uma das piores experiências da minha vida. Solucei quando o corpo dele deslizou para trás daquelas cortinas de veludo enquanto a Laura ficava sentada, de rosto lívido, ao meu lado. Depois disso, tinha sido anunciado que a Universal ia lançar um álbum de músicas que ele já tinha gravado. «Era o que ele teria desejado», disse toda a gente. Mas era uma treta. O que ele teria desejado era estar vivo, cantar aquelas músicas perante audiências e sentir os aplausos. De que servia a glória póstuma? Mas não disse nada disto. Mantive-me em silêncio.

Forcei-me a parar de pensar no Jake. Hoje devia ser um dia feliz. Um dia para pensamentos positivos.

Esvaziei uma cómoda do fundo ao cimo: *t-shirts* e coletes, depois *collants* e *leggings* e *jeans*. Finalmente, cheguei à gaveta da roupa interior. Ri-me quando me lembrei de que ela tinha dito não querer que lhes mexesse. Até parecia que nunca a tinha visto. No entanto, a Laura era uma pessoa privada. Não era o género de pessoa que se senta na retrete quando o companheiro lá se encontra.

Peguei num punhado de *soutiens* e cuecas e, enquanto os levava para cima da cama, algo caiu ao chão. Ressaltou na alcatifa e deslizou para debaixo da cómoda. Baixei-me para lhe pegar. Era um *iPhone*.

Isto era estranho. A Laura nunca tinha tido um *iPhone*. Não gostava de produtos da Apple, tinha-me dado sermões sobre a forma como eles tratavam os seus trabalhadores na China. Porque é que tinha um?

Pus o telefone num saco e continuei a embalar coisas. Quando ia a meio, a Laura telefonou para dizer que chegaria a casa mais cedo, que já estava no comboio. O seu pai estava bem. E ela queria estar em casa, comigo.

Ia perguntar-lhe sobre o telefone quando a chamada foi interrompida. Calculei que o comboio tivesse entrado num túnel. Encolhi os ombros. Não era muito importante. Perguntar-lhe-ia quando ela chegasse a casa.

Sorri para mim mesmo. Casa. A nossa casa.

O melhor sítio para se estar.

## EPÍLOGO



**L**aura estava sentada na tampa da retrete, tentando não pensar numa outra viagem de comboio. Segurava o tubo de plástico branco entre o indicador e o polegar, mal se atrevendo a olhar. Podia ser a tensão que atrasava tanto o seu período. A tensão, a preocupação e o medo com que vivia agora. Ou talvez tivesse sorte.

Talvez aqui estivesse a boa fortuna que ela não merecia.

Após o funeral de Jake, ela e Daniel tinham voltado para o seu apartamento juntos. Tinham acabado na cama. Ela mal se lembrava dos pormenores da noite, exceto que tinha chorado depois de fazerem amor, e Daniel abraçara-a e dissera que aquela era a segunda oportunidade deles. Isso

fizera-a chorar mais. E depois ele tinha-lhe dito que mentira por ela.

— Como assim? — perguntou ela, a sua voz alta no silêncio da noite.

— Quando contei ao Edward o que tinha acontecido naquela casa, alterei os pormenores.

Ela sentou-se na cama, olhando-o, puxando a colcha sobre o peito.

— Mas... porquê?

— Porque queria proteger-te, Laura. Não queria que ele pensasse mal de ti. Não quero que penses mal de ti mesma. Estávamos de cabeça perdida. Noutro dia, as coisas podiam ter corrido como eu lhe disse. E, no final, ambos fugimos.

— O que é que lhe contaste?

— Disse-lhe que foste tu que agarraste o bebé. Que foste tu quem insistiu em tirar o bebé daquele quarto.

Enquanto ele falava, Laura recordou tudo.

*Daniel desceu as escadas com o bebé debaixo de um braço e o castiçal no outro, Laura atrás dele, quase incapaz de fazer as suas pernas funcionarem, apenas conseguindo continuar porque ele a incentivava.*

*Laura suplicou a Daniel que entregasse o bebé a Dragoş, que fizesse o que aquele homem aterrorizador com a arma na mão mandava. Mas Daniel depositou o bebé nos braços de Laura, para poder atacar o monstro com o castiçal.*

— Disse ao Edward que o Dragoş te agarrou, que fui forçado a escolher entre ti e o bebé.

— Mas isso nunca aconteceu!

Ela fechou os olhos e viu tudo. Como, apesar de ter sido ela a insistir para que entrassem em casa, assim que fora confrontada com os horrores no quarto no piso de cima, a sua coragem se evaporara. Daniel tornara-se o corajoso.

*Enquanto os dois homens se defrontavam, Laura entrou em pânico. Empurrou o bebé para os braços de Dragoş. E fugiu. Atravessou a porta. Fugiu pela sua vida e Daniel não teve outra escolha a não ser segui-la, deixando Alina e o bebé para trás.*

*E então vieram os tiros.*

Era tudo culpa dela. Ela é que os tinha abandonado. Fora cobarde.

Depois disso, a vergonha enlouquecera-a. Ela, Laura, a mulher que tinha dedicado a sua vida a ajudar crianças, que tivera, ela mesma, uma infância tão terrível, falhara no teste. Naqueles momentos, a imagem que tinha de si própria fora destruída. A sua confiança, a sua crença em si mesma — arruinadas. Consumida pela culpa e pela vergonha, não fora capaz de viver com Daniel, porque agora ele sabia quem ela era realmente. Ele tinha sido bondoso, dissera que não tinha importância, que ela estava apenas assustada.

Que a maioria das pessoas teria feito a mesma coisa. Mas as suas palavras não tiveram efeito. Ela falhara a si mesma, falhara a Alina, falhara àquele pobre bebê e às mulheres lá em cima.

Suplicara a Daniel que não falasse com a polícia. Daniel pretendia prosseguir com a denúncia, apesar de estar convencido de que Constantin era corrupto. Laura persuadira-o a não o fazer. Ele tinha-lhe dito que não fazia mal, ninguém a julgaria, mas ele não compreendia. Era ela que se julgava a si mesma. E não queria que ninguém soubesse o que tinha feito.

Quando descobriu que Daniel falava daquela experiência com a psicóloga, ficou mortificada. E se lhe contasse tudo?

Mas depois a casa da psicóloga tinha ardido. Era como se os deuses estivessem a proteger Laura.

Durante algum tempo, Laura pensou que o problema desaparecera — até Daniel lhe mandar uma mensagem a dizer que ia falar com Jake. Laura ficara horrorizada, tomada pelo pânico. Zangada, francamente. Não podia negá-lo. Imaginou Daniel a contar a Jake tudo o que ela tinha feito. Agora, não só Jake saberia das suas falhas, saberia que era uma cobarde, uma assassina por procuração, como era a pior pessoa a quem Daniel podia contar. Jake era um coscuvilheiro, sempre incapaz de guardar para si próprio qualquer novidade interessante. Oh, céus, e se ele escrevesse uma canção acerca disso? Ou falasse do caso numa entrevista?

O mundo inteiro conheceria a verdadeira Laura.

Nessa noite, depois do funeral de Jake, Laura dissera a Daniel que tremia nos seus braços por causa do frio e da emoção. Ele estava tão feliz, em êxtase por a ter de volta. E estava convencido de que ela ficaria satisfeita com ele, grata por ter alterado a história quando falara com Edward.

— Então e o Jake? — perguntara ela, não se atrevendo a olhar para Daniel ao falar.

— Oh, só lhe contei uma pequena parte, até ao ponto em que ouvimos o bebê a chorar, e ele teve de se ir embora. Ele... ele morreu antes de eu poder contar-lhe mais. Mas ter-lhe-ia contado a mesma versão que contei ao Edward. Espero que não tivesses ficado preocupada com isso.

Ela tinha vontade de lhe gritar. Porque é que não lhe dissera isso na altura? Porque a deixara pensar que tinha contado tudo a Jake? Mas não podia gritar, não podia dizer nada.

Porque Daniel nunca poderia saber o que ela tinha feito.

Pouco depois de ter recebido a mensagem de Daniel dizendo-lhe que ia falar com Jake, Laura foi para o jardim de Erin e Rob. Alina brilhava entre duas

macieiras, camuflada pelas sombras. Não era um fantasma, agora Laura sabia disso. Apenas uma mulher. Uma mulher que tinha ido ali para se vingar do que ela e Daniel tinham feito.

— Aconteceu uma coisa — disse Laura.

Contou a Alina a mensagem que acabara de receber de Daniel.

— Tens de ir falar com o Jake — disse Alina. — Suplicar-lhe que guarde segredo.

Então ela partira imediatamente. Estava a ir apressadamente para o seu apartamento quando o viu à frente dela, na Ponte de Thornberry, dirigindo-se a casa. Pôs-se a par dele, chamando o seu nome. Ele parou. Era tarde e não havia mais ninguém por perto.

— Laura? Que fazes aqui?

— Olá, Jake.

Ele balançou um pouco e ela percebeu que estava bêbedo. Ele riu-se.

— *Ups*, estou um bocado com os copos. Tomámos champanhe. Montes de champanhe! Acho que vou assinar por eles, Laura. Depois destes anos todos. Vou finalmente vencer. — Avançou para a abraçar, mas ela recuou.

— Como podes suportar abraçar-me? — perguntou ela.

— O quê?

— O Daniel disse-te o que aconteceu na Roménia.

Ele estava tão bêbedo que mal se aguentava de pé.

— Sim, a Roménia. Foda-se, Laura. — Fitou-a. — Sabes o que eu acho? Apesar do que aconteceu, não devias ter fugido. Ele é um homem destroçado, Laura.

Isto foi como uma estalada na cara, mas ele tinha razão. Não havia fim para os danos que ela tinha causado, os danos que continuaria a causar. Antes de Jake poder reagir, subiu para o parapeito da ponte, fitando o trânsito lá em baixo, perguntando-se quanto tempo demoraria a chegar ao asfalto.

— Que raio estás a fazer? — perguntou Jake, subindo vacilantemente para o parapeito ao lado dela. — Uau! — disse, olhando para a estrada lá em baixo. Sentou-se no parapeito largo, de costas para a estrada. Laura sentou-se ao lado dele.

— Não podes dizer a ninguém, nunca — disse ela. — Preciso que me prometas que nunca vais contar.

Ele fitou-a. Parecia enjoado. Oh, céus, era porque ela o deixava doente. Uma rajada de ar frio atingiu-os e ambos balançaram. Carros a grande velocidade passavam por baixo deles, quase abafando as palavras de Jake.

— Temos de descer daqui, Laura.

Ela não se mexeu.

— Por favor, Laura.



— Promete-me!

— Sim, claro, os meus lábios estão selados. Palavra de escuteiro.

Mas os seus olhos reviraram-se, como quando alguém diz «Amo-te» mas não é verdade. E ela soube nesse instante que o segredo, a sua vergonha, não estava em segurança com ele.

Ele pegou no telefone dizendo que ia ligar a Daniel e ela tirou-lho. Essa era a última coisa que podia acontecer. Mais dor, mais sofrimento e confusão para Daniel. Não.

Houve um abrandamento temporário no trânsito; os semáforos deviam estar vermelhos mais à frente.

— Jura pela vida da tua sobrinha. Nunca contarás.

— Laura, isso é mórbido. É horrível. Não, não vou jurar pela vida da Cleo...

Ela empurrou-o.

Olhou para as mãos. Olhou sobre o parapeito da ponte, viu o corpo dele jazendo na estrada. Não o dela. Demasiado covarde para se juntar a ele, e incapaz de suportar a visão do que fizera, virou-se e saltou da ponte para o passeio.

Era uma assassina. Uma covarde, uma mentirosa, e agora uma homicida.

A pele que lhe voltara a crescer não era a pele antiga. Este era o seu novo corpo e não havia uma parede de seda atrás da qual se esconder.

*E ele nunca contará, pensou ela. Ninguém alguma vez conhecerá o teu verdadeiro eu.*

Com mãos trémulas, olhando à direita e à esquerda para ver se não vinha ninguém, escreveu rapidamente uma mensagem para a irmã de Jake:

*Decidi que não posso continuar. É tudo vazio e não vale a pena lutar por nada. Desculpa. Espero que não penses que sou um covarde. Por favor, dá um grande abraço à Cleo por mim. Amo-te. Jake xxx*

Enviou-a e foi imediatamente para casa, enfiando o telefone no bolso. Precisava de se livrar dele porque, se fosse encontrada com ele, toda a gente saberia que estava com Jake no momento da sua morte. Mas não podia deitá-lo fora agora. Estaria cheio das suas impressões digitais. Livrar-se-ia dele mais tarde. De momento, precisava de o esconder.

Agora, claro, sabia que quando Jake dissera «Não devias ter fugido», queria dizer que não devia ter rompido com Daniel. Mas como podia saber isso na altura? Porque é que ele não tinha sido mais claro? Quando lhe parecera enjoado, fora por estar bêbedo, não por ela o deixar doente.

Olhou para o teste de gravidez, ainda esperando que o resultado aparecesse, e tentou lembrar-se do que fizera ao telefone. Os dias a seguir à morte de Jake tinham sido tão confusos. Ela perdera a cabeça por algum

tempo, até à noite em que Gabor a raptara com Oscar.

Alguém bateu com força à porta da casa de banho exatamente quando o resultado do teste aparecia. Ela olhou-o, quase incapaz de respirar.

*Não mereço ter um bebé, pensou. Não mereço felicidade. Uma cobarde, uma mentirosa, uma assassina. Que espécie de mãe seria?*

— Vai sair daí ou não? — A voz da mulher era aguda, desesperada.

— Sim, espere.

Puxou o autoclismo e abriu a porta, tentando ignorar as demonstrações de censura da mulher ao passar. No bolso tinha o teste de gravidez e as suas duas linhas, um resultado positivo; ao avançar para o seu lugar, tomou uma decisão.

Agora ia ser uma mãe. Tinha de pôr isto atrás das costas. Nunca podia deixar Daniel descobrir o que tinha feito. Quando Alina mentira a Daniel acerca de matar Jake, concedera a Laura liberdade para avançar. Laura podia aprender com isso, e com a forma como Daniel também mentira por ela.

Estava na altura de mudar outra vez de pele. Perder a pele da assassina e começar de novo.

Não haveria mais cobardia, mais mentiras, nem mais medo. Assim que chegasse a casa, ia contar a Daniel a boa notícia acerca do bebé. O bebé deles! Aquilo que eles queriam quando tudo isto começara. Ele ficaria tão feliz. Iam ser uma família. E ela fez uma jura a si própria. Nunca confessaria. Daniel nunca poderia saber o que ela tinha feito.

Voltou para o seu lugar, viu o revisor aproximar-se dela e tirou o bilhete da mala, sorrindo docemente enquanto ele o carimbava, tentando ignorar a forma como o ar brilhava por trás dele, a fenda que ela se esforçara tanto por selar abrindo-se novamente, o mal a introduzir-se no mundo. Fechou os olhos, contou até três e abriu um olho. A fenda desaparecera.

Por agora.

Ela tinha outro segredo, escondido no seu saco. Chegara pelo correio há alguns dias, com um selo de França. Era o segundo volume de um livro de banda desenhada chamado *Mirela*, desenhado à mão, apenas com trinta e duas páginas. Mas essas trinta e duas páginas contavam uma história familiar: dois casais conheciam-se num comboio, uma rapariga vestida de preto era feita cativa e sujeita a coisas inomináveis, depois a sua fuga e, finalmente, vingança. Laura folheara-o rapidamente até encontrar a cena em que um jovem cai de uma ponte. O leitor não via as mãos que o tinham empurrado, apenas a expressão horrível do seu rosto, ao compreender.

Noutra imagem, Alina desenhara a heroína embalando um bebé, ambos olhando com desafio para o leitor. Laura tirou nessa altura o livro do saco e procurou essa ilustração, olhou para o bebé, afagou-o com o dedo.

Pousou as mãos na barriga e uma lágrima rolou-lhe pela face, atraindo a atenção da mulher à sua frente, que lhe ofereceu um lenço. Abalada por este gesto, pela generosidade de estranhos, Laura começou a chorar, depois a soluçar e por fim a uivar, até toda a gente da carruagem estar a olhar para ela ou reunida à sua volta, tentando confortá-la. O comboio percorria uma zona rural esquecida, atravessou um túnel escuro. Laura procurou arranjar coragem, olhos bem fechados, aguardando para reemergir na luz, e nesse momento lembrou-se, com uma guinada súbita que não tinha nada que ver com o movimento do comboio, do que tinha feito ao telemóvel de Jake.

## CARTA DO AUTOR



Caro Leitor

Obrigado por ler *Na Tua Sombra*. Adoro que os meus leitores me contactem e podem fazê-lo numa variedade de formas:

Encontrem-me em [Facebook.com/markedwardsauthor](https://www.facebook.com/markedwardsauthor);

Sigam-me no *Twitter* com o *username* @mredwards.

Atenção, o resto desta carta pode conter *spoilers*, por isso não a leia até ter terminado o livro.

Tal como os meus romances anteriores, *The Magpies* e *Because She Loves Me*, este foi inspirado por algo que me aconteceu quando era mais jovem, uma experiência em que peguei e transformei em algo muito mais assustador para entreter os meus leitores.

Quando eu tinha dezanove anos, com a minha namorada de então, juntámos o nosso pouco dinheiro para podermos fazer o *Interrail* através da Europa. Passámos meses a planear o nosso itinerário, tencionando desfrutar de

uma viagem pelo continente durante o verão inteiro e parando no máximo de lugares. O orçamento era apertado, mas seria o tempo das nossas vidas.

Três dias depois do início da viagem, apanhámos um comboio noturno para Avignon. Fomos para um compartimento privado e fechámos a porta. Exaustos depois de um dia a passear em Paris e uma noite sem dormir num parque de campismo barulhento, adormecemos. Quando acordámos, as bolsas que usávamos em volta do pescoço, contendo os bilhetes de *Interrail*, passaportes e dinheiro, tinham sido roubados. Percorremos o comboio de ponta a ponta, mas, claro, os ladrões tinham desaparecido há muito. Compreendemos a realidade da situação quando chegámos a Avignon de madrugada. Os bilhetes de *Interrail* não são substituíveis. O nosso *Grand Tour* acabou antes de ter começado.

Fomos à boleia para Marselha, para obter documentos que nos permitissem viajar de volta para o Reino Unido, chegando ao fim da tarde. Passámos a noite deitados no chão da estação de comboios, bebendo água das torneiras nas casas de banho públicas, sem comida... (espero que tenham os vossos violinos à mão). A certa altura um homem de aspeto manhoso aproximou-se e perguntou se queríamos que nos comprasse uma refeição quente... Recusámos e escondemo-nos.

Decidindo tirar o melhor partido da situação, fomos à boleia para casa, de Marselha até Calais, 1067 quilómetros. Levámos duas semanas. E, à parte as noites passadas a dormir ao lado da autoestrada, as viagens com homens que felizmente não se revelaram *serial killers* e um incidente infeliz com um pacote de laxantes num parque de campismo perto de Dijon, divertimo-nos imenso.

Quando voltámos para casa, os jornais ingleses estavam cheios de histórias acerca de bandidos franceses que gaseavam turistas nos comboios noturnos, pondo-os a dormir para lhes roubarem os bens. Contudo, talvez isto fosse apenas a paranoia inglesa típica em relação aos franceses.

Espero que este livro não desanime ninguém de visitar o país lindo e histórico onde, em parte, se passa. Os vilões desta história são tão ficcionais como os vampiros da lenda. Ou, para dizer as coisas de outra forma, os monstros não vivem só em florestas distantes. Com a mesma probabilidade, vivem na porta ao lado.

Mas, por favor, se derem por vós numa carruagem de comboio, longe de casa, façam o que fizerem, não adormeçam. E se se depararem com uma casa assustadora numa floresta escura, sigam o meu conselho.

Fujam.

Mais uma vez, obrigado por lerem.

Felicidades,



## AGRADECIMENTOS



**S**ou extremamente afortunado por estar rodeado por uma pequena mas perfeitamente constituída equipa de apoio, que me ajuda a escrever e a editar os meus livros, e a mostrá-los ao mundo.

A pessoa principal é a minha linda esposa, Sara, que mais uma vez fez o trabalho realmente duro (cuidar dos nossos três filhos) para eu poder escrever este livro, permitindo-me escapar dizendo: «Não posso fazer nada, o meu cérebro está numa floresta na Roménia», quando me telefonava com notícias sobre o caos lá de casa. A Sara também leu este romance antes de qualquer outra pessoa e fez várias sugestões astutas, como sempre.

Este é o meu quarto livro a solo com a Amazon Publishing no Reino

Unido e estou grato, como sempre, à sua incansável e entusiástica equipa, incluindo Emilie, Sana e Neil. Obrigado também a David Downing, o meu editor, pela sua perspicácia, honestidade e inteligência.

Agradeço ao meu agente, Sam Copeland. Alguém devia oferecer-lhe a *PlayStation 4* que ele quer. Ele merece.

Também a Louise Voss por aguardar pacientemente que eu acabasse de trabalhar neste livro quando devíamos estar a escrever um novo juntos.

À escritora Helen Fitzgerald pelos seus conselhos extremamente úteis que fizeram eco nos meus ouvidos enquanto escrevia este livro.

Duas personagens deste livro receberam o nome de leitores que ganharam este duvidoso privilégio em concursos no *Facebook*: Sophie Carpenter e Alina Ghinescu. Alina também me ajudou lendo o manuscrito e verificando a exatidão das partes romenas.

Agradeço a Jonathan Hill, que respondeu às minhas perguntas farmacêuticas.

Agradeço a toda a gente do café Latuske em Wolverhampton por me fornecer o combustível para a minha escrita: os melhores ovos mexidos e o melhor café de West Midlands (e possivelmente do mundo).

Por fim, mas o mais importante, agradeço aos muitos leitores que me contactaram nos últimos anos, por *e-mail*, *Twitter* e *Facebook*. As vossas palavras gentis fizeram-me continuar quando pensava que nunca conseguiria tirar-me, nem às minhas personagens, daquela floresta escura...



## BIOGRAFIA

Mark Edwards cresceu na costa sul de Inglaterra e começou a escrever com vinte anos, inspirado por escritores como Stephen King, Ira Levin, Ruth Rendell e Linwood Barclay. Tal como nos romances anteriores, em que coisas assustadoras acontecem a pessoas comuns, *Na Tua Sombra* foi inspirado por uma experiência da vida real, neste caso uma «viagem do inferno» pela Europa.

Vive em West Midlands, Inglaterra, com a mulher, os três filhos e um gato ruivo.

*Mais informações em*

[www.sde.pt](http://www.sde.pt)

## **PUBLICIDADE**

# TRAICÃO

V. S. Alexander



***Um romance apaixonante e comovente sobre o movimento Rosa Branca, que enfrentou os nazis e pagou o preço definitivo.***

No verão de 1942, quando a guerra alastra pela Europa, começam a surgir panfletos anônimos perto da Universidade de Munique que alertam para as atrocidades nazis. A estudante Natalya Petrovich sabe quem está por detrás dos panfletos — um grupo secreto chamado Rosa Branca.

Como enfermeira na frente russa, Natalya testemunhou os horrores da guerra em primeira mão. Quando decide entrar no círculo Rosa Branca, sabe que cada palavra sussurrada pode significar a morte às mãos da Gestapo. Mas a jovem decide arriscar tudo na esperança de que o poder dessas palavras encoraje outros a resistir. Infelizmente, o perigo pode esconder-se até entre aqueles em quem mais confia, e, quando tudo ameaça desmoronar, só há uma decisão a tomar.

Baseado na verdadeira história do Rosa Branca — o movimento de

resistência de jovens alemães contra o regime nazi —, *Traição* narra a história de uma mulher que, durante um dos períodos mais negros da História, arriscou tudo para enfrentar a tirania.

*Mais informações em*

[www.sde.pt](http://www.sde.pt)